

VIOLETAS DE MARÇO

Philip Kerr

"Um escritor brilhante e inovador." – Salman Rushdie



PRIMEIRO VOLUME
DA TRILOGIA BERLIM NOIR



VIOLETAS DE MARÇO

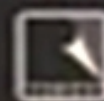
Philip Kerr

"Um escritor brilhante e inovador." – Salman Rushdie



COLEÇÃO NEGRA

PRIMEIRO VOLUME
DA TRILOGIA BERLIM NOIR



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



TÍTULO

PHILIP KERR

VIOLETAS DE MARÇO

(March Violets - 1989)

Investigador Particular Bernhard Gunther #01

Para minha mãe.

* * *

ÍNDICE

Capa

Título

Índice

O Autor

Série

Resumo

Capítulos

Prólogo

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Quatorze

Quinze

Dezesseis

Dezessete

Dezoito

Dezenove

* * *

O AUTOR

PPHILIP KERR, (Edimburgo, Escócia, 1956) é de uma família batista e foi educado no Melville College e em uma escola de gramática em Northampton. Estudou na Universidade de Birmingham em 1974-1980, onde conseguiu um mestrado em direito e filosofia. Trabalhou como redator de publicidade para várias companhias, entre elas a Saatchi and Saatchi antes de se tornar um escritor em tempo integral.

Consagrou-se em 1989 com **MARCH VIOLETS**, obra com a que iniciou uma série de novelas policiais históricas ambientados na Alemanha nazista e protagonizadas pelo detetive alemão Bernhard "Bernie" Gunther. Em 2009 obteve o III Prêmio RBA de Novela Negra, o de maior dotação de sua especialidade (125.000 euros), com **IF THE DEAD RISE NOT**, cuja historia se passa em uma Berlim no pleno apogeu do nazismo, pouco antes das Olimpíadas e da II Guerra Mundial. Também escreveu livros infantis sob o nome PB Kerr, principalmente a série Children of the Lamp.

Kerr tem escrito para o The Sunday Times, o Evening Standard e o New Statesman. É casado com a também escritora Jane Thynne; o casal vive em Wimbledon, Londres, e tem três filhos.

* * *

LIVROS DA SÉRIE INVESTIGADOR PARTICULAR BERNHARD GUNTHER

1. 1989; *March Violets*;
2. 1990; *The Pale Criminal*;
3. 1991; *A German Requiem*;
4. 2006; *The One From the Other*;
5. 2008; *A Quiet Flame*;
6. 2009; *If The Dead Rise Not*;
7. 2010; *Field Grey*;
8. 2011; *Prague Fatale*;
9. 2011; *A Man Without Breath*;
10. 2015; *The Lady From Zagreb*;
11. 2016; *The Other Side of Silence*; (Prevista)

* * *

RESUMO

BERLIM, Jogos Olímpicos de 1936. O nazismo vivia um período de glória, e a economia alemã caminhava a passos largos, impulsionada pela construção da máquina de guerra de Hitler. O investigador Bernie Gunther é contratado porque a filha de um poderoso magnata do aço da Alemanha Nazista foi morta a tiros na cama, ao lado do marido. Os corpos são carbonizados, e do cofre do quarto desaparece um valioso colar de diamantes. Na pista dos criminosos, Bernie circula pelo submundo berlinense, convivendo com toda espécie de criminosos e frequentando cabarés enfumaçados. A investigação, porém, revela surpresas. E nosso detetive se vê envolvido com figuras históricas do nazismo, como Goering e Heydrich, em uma trama com desdobramentos inesperados e uma atmosfera densa e inesquecível.

* * *

Prólogo

BERLIM
1936

PRIMEIRO HOMEM: Você percebeu como as Violetas de Março (gíria que designava os nazistas recém-convertidos) conseguiram surpreender completamente os veteranos do Partido, como você e eu?

SEGUNDO HOMEM: Você tem razão. É possível que, se Hitler também tivesse esperado um pouco mais, antes de subir no palanque nazista, teria se tornado Fuhrer mais depressa.

* * *

Um

SCHWARZE KORPS
Novembro de 1935

AS COISAS mais estranhas acontecem nos sonhos sombrios do Grande Persuasor... Naquela manhã, na esquina de Friedrichstrasse e Jägerstrasse, vi dois homens da SÁ desaparafusando um painel vermelho do Der Sturmer da parede de um edifício. Der Sturmer é o jornal antissemita dirigido pelo principal perseguidor de judeus do Reich, Julius Streicher. O impacto visual desses cartazes, com desenhos semipomográficos de virgens arianas voluptuosamente abraçadas por monstros com longos narizes, tendia a atrair o leitor de baixo nível cultural com vulgares apelos eróticos. As pessoas respeitáveis nada tinham a ver com aquilo. De qualquer forma, os dois homens da SÁ colocavam as Sturmerkâsten na traseira de sua caminhonete junto com diversas outras. Eles desempenhavam as suas obrigações despreocupadamente, pois ali perto pelo menos dois camaradas já haviam estilhaçado vidraças. Uma hora mais tarde, vi os mesmos dois homens removendo outra daquelas Sturmerkâsten de uma parada de bonde em frente à prefeitura. Desta vez, me aproximei e perguntei o que estavam fazendo.

— É por causa da Olimpíada, disse um deles. — Recebemos ordens de recolher todos eles para não chocar os visitantes estrangeiros que virão a Berlim para assistir aos jogos. De acordo com a minha

experiência, tamanha sensibilidade por parte das autoridades era sem precedentes.

Fui para casa em meu carro, um velho Hanomag preto, e vesti meu último terno apresentável, de flanela cinza-claro, que me custou 120 marcos quando o comprei há três anos e é de uma qualidade que está rapidamente se tornando rara neste país; tal como a manteiga, o café e o sabonete, os novos tecidos de lã são, cada vez mais frequentemente, meras imitações. O novo material é durável o suficiente, é certo, mas não suporta uso intenso e é bastante ineficiente quando se trata de afugentar o frio no inverno. Ou mesmo no verão. Examinei a minha aparência no espelho do quarto e peguei o meu melhor chapéu. É de feltro cinza-escuro, aba larga e cingida por uma faixa preta de tecido enrugado. Nada incomum. Mas, assim como a Gestapo, eu uso o chapéu de maneira diferente dos demais homens, com a aba mais baixa na frente do que atrás. Isto, em consequência, evidentemente escondia meus olhos, o que tornava mais difícil que as pessoas me reconhecessem. É um estilo que se originou na polícia criminal de Berlim, a Kripo, onde o adotei. Coloquei um maço de Murattis no bolso do paletó e, pondo uma peça de porcelana Rosenthal, embrulhada para presente, cuidadosamente sob o braço, saí.

O casamento teve lugar na Kirche luterana em Dennewitz Platz, ao sul da estação ferroviária de Potsdamer e a curta distância da casa dos pais da noiva. O pai, Herr Lehmann, era maquinista na estação Lehrter e dirigia o D-Zug, o trem expresso para Hamburgo, ida e volta, quatro vezes por semana. A noiva, Dagmarr, era minha secretária e eu não tinha ideia de como faria sem ela. Isso não quer dizer que não me preocupava: muitas vezes eu mesmo pensei em casar com Dagmarr. Era bonita e organizava a minha vida, e, na minha bizarra maneira de pensar, eu supunha que a amava; mas, aos trinta e oito anos, era provavelmente muito velho para ela e, talvez, um pouquinho maçante. Eu não me permito muitas diversões e Dagmarr era o tipo de moça que merecia alguma alegria. Assim, ali estava ela, se casando com um aviador. E,

diante disso, ele era tudo o que uma moça poderia desejar: jovem, elegante e, no uniforme azul-cinza da unidade aérea nacional-socialista, ele parecia o modelo do jovem e audaz macho ariano. Mas, quando fui apresentado, na recepção após o casamento, fiquei desapontado. Exatamente como muitos membros do Partido, Johannes Buerckel tinha o aspecto e o jeito de um homem que se levava excessivamente a sério. Foi Dagmarr quem nos apresentou. Johannes, condizente com seu tipo, bateu os calcanhares com sonoro estalido e inclinou bruscamente a cabeça antes de apertar a minha mão.

— Meus parabéns, cumprimentei-o. — Você é um rapaz bastante afortunado. Eu a teria pedido em casamento, porém não creio que ficasse tão bem, como você, de uniforme.

Examinei detidamente o uniforme: no bolso esquerdo, à altura do peito, usava a insígnia de esportes, de prata, da SÁ e o emblema de piloto; acima destes dois adornos a onipresente e assustadora insígnia do Partido; e no braço esquerdo, a braçadeira com a suástica.

— Dagmarr me disse que você foi piloto da Lufthansa temporariamente vinculado ao Ministério da Aeronáutica, mas eu não tinha ideia... Que foi que você disse que ele era, Dagmarr?

— Piloto esportivo.

— Sim, isso mesmo. Piloto esportivo. Bem, eu não sabia que vocês usavam uniforme.

Evidentemente, não se precisava ser detetive para saber que "piloto esportivo" era um dos eufemismos fantasiosos do Reich e que este, em particular, se relacionava com o treinamento secreto de pilotos de combate.

— Ele tem uma aparência esplêndida, não acha? Disse Dagmarr.

— E você está linda, minha querida, arrulhou o noivo obedientemente.

— Desculpe-me pela pergunta, Johannes, mas a força aérea alemã já está oficialmente reconhecida?

— Unidade aérea, respondeu Buerckel. — É uma unidade aérea. Foi só essa a explicação que ele deu. — E o senhor, Herr Gunther, é detetive particular, hem? Deve ser muito interessante.

— Investigador particular, retruquei, corrigindo-o. — Até que é divertido.

— Que tipo de coisa você investiga?

— Quase tudo, exceto divórcio. As pessoas agem de maneira estranha quando são enganadas pelos maridos ou pelas esposas ou quando são elas que traem. Certa vez, fui contratado por uma mulher para dizer ao marido que planejava deixá-lo. Tinha medo de que ele a matasse. Contei-lhe. Quer saber de uma coisa? O filho da mãe tentou me matar. Passei três semanas no Hospital St. Gertrauden com o pescoço num suporte ortopédico. Isso fez com que eu abandonasse casos matrimoniais para sempre. Atualmente, faço qualquer coisa, desde investigações para seguradoras até guardar presentes de casamento ou localizar pessoas desaparecidas, tanto aquelas que a polícia ainda não sabe que sumiram como os casos notificados. É, essa é uma área, no meu ramo de negócio, que cresceu muito, desde que os nacional-socialistas assumiram o poder. Sorri tão afavelmente quanto pude e ergui as sobrancelhas de forma sugestiva. — Creio que todos nós temos passado bem sob o nacional-socialismo, não é? Oportunas as Violetinhas de Março.

— Você não deve dar atenção a Bernhard, disse Dagmarr. — Ele tem um senso de humor muito peculiar.

Eu teria acrescentado alguma coisa, porém a orquestra começou a tocar e, sabiamente, Dagmarr conduziu Buerckel à pista de dança, onde foram calorosamente aplaudidos. Enjoado com o vinho espumante que estava sendo servido, desci até o bar à procura de uma bebida de verdade. Pedi uma cerveja tipo Bock e uma Klares, uma aguardente límpida e incolor extraída da batata, que eu apreciava; ingeri ambas as bebidas apressadamente e repeti o pedido.

— Casamentos dão sede, comentou o homenzinho ao meu lado; era o pai de Dagmarr. Deu as costas ao bar e olhou, orgulhoso, para a filha. — É uma visão encantadora, não acha, Herr Gunther?

— Não sei o que farei sem ela, disse eu. — Talvez o senhor a faça mudar de ideia e ficar comigo. Tenho certeza de que precisam de dinheiro. Os jovens sempre precisam de dinheiro quando se casam pela primeira vez. Herr Lehmann balançou a cabeça.

— Receio que exista apenas um tipo de trabalho para o qual Johannes e o governo nacional-socialista pensam que uma mulher tem qualificações; é aquele que termina ao fim de nove meses. Ele acendeu o cachimbo e aspirou a fumaça filosoficamente. — De qualquer forma, acrescentou, — Creio que eles irão requerer um daqueles empréstimos do Reich para casamentos e, com isso, Dagmarr vai parar de trabalhar, não acha?

— Sim, suponho que o senhor tem razão, respondi e, em seguida, entornei a aguardente. Percebi em seu rosto que ele jamais me vira como um bêbado e, por isso, disse: — Não se deixe enganar por isso, Herr Lehmann. Eu uso a bebida apenas para lavar a boca, mas sou extremamente preguiçoso para cuspir essa coisa toda.

Ele riu, deu um tapinha em minhas costas e pediu duas doses grandes. Bebemos e lhe perguntei onde o feliz casal ia passar a lua de mel.

— No Reno, respondeu ele. — Wiesbaden. Frau Lehmann e eu fomos para Kónigstein na nossa. É um lugar muito bonito. Mas ele não ficará muito tempo e, então, seguirá direto em uma viagem de lazer, cortesia do Departamento do Trabalho do Reich.

— É mesmo? Para onde?

— Mediterrâneo.

— Você acreditou nisso? O velho franziu as sobrancelhas.

— Não, respondeu, sério. — Não mencionei isso a Dagmarr, mas me parece que ele vai para a Espanha...

— ...E para a guerra.

— Sim, e para a guerra. Mussolini ajudou Franco, portanto Hitler não deixará de se divertir, não é? Ele não ficará feliz enquanto não nos enfiar em outra guerra sangrenta.

Depois disso bebemos um pouco mais e, logo a seguir, estava dançando com a simpática encarregada de compras de meias da Grunfeld, uma loja de departamentos. Seu nome era Carola e eu a convenci a sair comigo; fomos à procura de Dagmarr e Buerckel para lhes desejar felicidades. “Foi bastante estranho”, pensei, que Buerckel tivesse escolhido aquele momento para se referir à minha folha de serviço da guerra.

— Dagmarr me disse que você esteve na frente turca. Estaria ele, imaginei, algo preocupado em ir para a Espanha? — E que recebeu a Cruz de Ferro. Encolhi os ombros.

— Apenas a de segunda classe. Então era isso, o aviador ansiava por glórias.

— Ainda assim, prosseguiu ele, — Uma Cruz de Ferro. A Cruz de Ferro recebida pelo Fuhrer era de segunda classe.

— Bem, não posso falar por ele, porém, em minhas recordações pessoais, ela comprovava que o soldado era honesto... Relativamente honesto... E que servira no front; era realmente bastante fácil, ao final da guerra, ser agraciado com medalhas de segunda classe. Sabe, a maioria das medalhas de primeira classe foram concedidas a homens nos cemitérios. Consegui a minha Cruz de Ferro me mantendo fora de confusões. Eu estava esquentando a conversa. Quem sabe, completei, — Se as coisas funcionarem, você poderá conquistar uma. Ela ficaria muito bem numa túnica tão elegante quanto essa. Os músculos do rosto magro de Buerckel se retesaram. Ele se inclinou e aspirou o meu hálito.

— Você está bêbado! Exclamou.

— Sim, admiti. Trôpego, lhe dei as costas. — Adiós, hombre.

* * *

Dois

ERA TARDE, mais de uma hora da manhã, quando finalmente cheguei ao meu apartamento, na Trautenaustrasse, que fica em Wilmersdorf, uma vizinhança modesta, todavia muito melhor do que Wedding, o bairro de Berlim onde cresci. A rua vai em direção nordeste da Guntzelstrasse até a Nikolsburger Platz, onde existe uma espécie de fonte decorativa no centro da praça. Eu vivia, com certo conforto, no fim da Prager Platz.

Envergonhado comigo mesmo por ter implicado com Buerckel diante de Dagmarr e pelas liberdades que tomei com Carola, a compradora de meias, no Tiergarten, perto do lago com peixes dourados, permaneci sentado no carro, fumando um cigarro, pensativo. Precisava admitir que tinha sido mais afetado pelo casamento de Dagmarr do que poderia imaginar. Percebi que nada ganharia se ficasse remoendo aquilo. Não achava que poderia esquecê-la, porém seria mais seguro se eu pudesse encontrar muitas maneiras de afastá-la de meus pensamentos. Foi somente ao sair do carro que notei o grande Mercedes conversível, azul-escuro, estacionado cerca de vinte metros rua abaixo, com dois homens nele recostados, esperando por alguém. Fiquei onde estava, atento, até que um dos sujeitos jogou longe o cigarro e, a passos rápidos, veio em minha direção. À medida que ele se aproximava, percebi que era elegante demais para ser da Gestapo e que o outro usava uniforme de chofer, embora, com certeza, ele estaria se sentindo melhor vestindo uma malha de pele de leopardo, com seu corpo bem formado

de halterofilista de music-hall. Sua presença nada discreta emprestava ao homem mais jovem e bem vestido uma confiança óbvia.

— Herr Gunther? O senhor é Herr Bernhard Gunther? Ele parou à minha frente e eu lancei o meu olhar mais agressivo, da espécie que faria um urso piscar: “não gosto de gente que me aborda na rua, perto de minha casa, à uma hora da manhã”.

— Sou irmão dele. No momento ele está fora da cidade. O homem sorriu, tolerante. Não havia engolido a história.

— Her Gunther, o investigador particular? Meu patrão gostaria de trocar algumas palavras com você. Ele apontou para o enorme Mercedes. — Ele o espera no carro. Falei com a zeladora e ela me disse que o senhor voltaria para casa esta noite. Isso foi há três horas, portanto pode imaginar que o aguardamos há bastante tempo. É realmente muito urgente. Ergui o punho e focalizei meus olhos no relógio.

— Amigo, é uma e quarenta da madrugada e é você quem está tentando vender algo no qual não estou interessado. Estou cansado, bêbado e quero ir para a cama. Tenho um escritório na Alexanderplatz, portanto faça o favor de deixar isso para amanhã. O jovem, que tinha aparência agradável, rosto vigoroso e com covinhas, bloqueou a minha passagem.

— Não posso esperar até amanhã, retrucou, sorrindo depois de modo sedutor. — Por favor, fale com ele, apenas um minuto, eu lhe imploro.

— Falar com quem? Resmunguei, olhando para o carro.

— Eis o cartão dele. Estendeu-o para mim e o olhei, estupidificado, como se fosse um bilhete premiado. Ele inclinou a cabeça e leu o cartão. — “Dr. Fritz Schemm, advogado alemão, Schemm & Schellenberg, Unter den Linden, 67.” É um bom endereço.

— Claro que é, concordei. — Mas um advogado a esta hora e de uma firma de prestígio como essa? Você deve pensar que eu acredito em histórias da carochinha.

Mas, mesmo assim, acompanhei-o até o carro. O chofer abriu a porta. Mantendo um dos pés no estribo, espiei o interior. Um homem, cheirando a água-de-colônia, se inclinou, o rosto escondido nas sombras. Quando falou, a voz era fria e hostil, como a de alguém fazendo força no vaso sanitário.

— Você é Gunther, o detetive?

— Isso mesmo, respondi. — E o senhor deve ser... Fingi ler o cartão. — ...Dr. Fritz Schemm, advogado alemão.

Articulei a palavra alemão com ênfase deliberadamente sarcástica. Sempre detestei essa indicação em cartões e tabuletas devido à implicação de respeitabilidade racial e, agora, mais ainda, pelo menos no que se refere a advogados, visto que é redundante, pois os judeus estão proibidos de exercer a advocacia. Não me apresentaria como um “investigador particular alemão”, assim como não me intitularia “investigador particular luterano” ou “investigador particular antissocial” ou “investigador particular viúvo”, embora fosse ou tivesse sido, em determinadas ocasiões, todas estas coisas, atualmente não sou visto com frequência na igreja. É verdade que muitos dos meus clientes são judeus. Trabalhar com eles é muito lucrativo, eles pagam na hora, e é sempre o mesmo: pessoas desaparecidas. Os resultados também são os mesmos: um corpo jogado no Canal Landwehr, cortesia da SÁ ou da Gestapo; um suicida solitário num barco a remo no Wannsee; ou um nome na lista da polícia de presos enviados para um KZ, campo de concentração. Assim, desde logo, não gostei daquele advogado, daquele advogado alemão.

— Escute, Herr Doktor, conforme estava dizendo para o seu rapaz aqui, estou cansado e bebi o suficiente para esquecer que tenho um gerente de banco que se preocupa com o meu bem-estar. Schemm enfiou a mão no bolso do casaco e eu nem sequer me mexi, o que comprova o pileque em que me encontrava. Ele apenas retirou a carteira.

— Fiz indagações a seu respeito e fui informado que você oferece serviços de confiança. Preciso de você por algumas horas, pelas quais pagarei 200 marcos, na verdade o que você ganha em uma semana. Ele pousou a carteira sobre o joelho e separou duas cédulas azuis usando o polegar. Isso não devia ser fácil, pois ele tinha apenas um braço. — Depois Ulrich trará você de volta. Peguei o dinheiro.

— Diabo! Exclamei. — Queria simplesmente ir para a cama e dormir. Posso fazer isso em outra oportunidade. Abaixei a cabeça e entrei no carro. — Vamos, Ulrich. A porta foi fechada e Ulrich se instalou no assento do motorista, com Caralimpa ao lado. Dirigimo-nos para oeste.

— Aonde estamos indo? Perguntei.

— Tudo a seu tempo, Herr Gunther. Sirva-se de uma bebida ou de cigarros. Ele, com um estalido, abriu um armário de bebidas, que parecia ter sido resgatado do Titanic, e exibiu um maço de cigarros. — São americanos. Aceitei o cigarro e recusei a bebida: quando alguém está disposto a se separar de 200 marcos, como o Dr. Schemm, é melhor ficar atento. — Poderia fazer o favor de acendê-lo? Pedi-me o Dr. Schemm, com um cigarro entre os lábios. — O fósforo é uma das coisas que não consigo manipular. Perdi o braço com Ludendorff na tomada da fortaleza de Liège. Você serviu durante a guerra?

A voz era enfadonha, excessivamente delicada: macia e lenta, com um toque de crueldade. “O tipo de voz”, pensei, que levaria você a se autoincriminar com toda a gentileza, obrigado. O tipo de voz que seria muito apropriado para o seu dono, caso trabalhasse para a Gestapo. Acendi nossos cigarros e me recostei no amplo assento do Mercedes.

— Sim, estive na Turquia.

Meu Deus, repentinamente uma porção de gente estava tão interessada na minha folha de serviço de guerra, que cheguei a pensar se não teria sido melhor requerer o emblema de veterano. Olhei pela janela

e vi que íamos na direção de Grunewald, uma área florestal na região oeste da cidade, perto do Rio Havei.

— Oficial?

— Sargento. Ouvi-o sorrir.

— Eu era major, disse ele, o que me colocou firmemente em meu lugar. — E depois você se tornou policial, após a guerra?

— Não, não de imediato. Trabalhei um tempo como servidor civil, mas não pude suportar a rotina. Ingressei na força policial somente em 1922.

— E quando se desligou dela?

— Escute, Herr Doktor, não me lembro de ter feito algum juramento quando entrei no carro.

— Sinto muito, se desculpou. — Estava apenas curioso em saber se você saiu espontaneamente ou...

— Ou se fui demitido? É muita desfaçatez perguntar isso, Schemm.

— É mesmo? Disse ele, inocentemente.

— Mas vou responder à sua pergunta. Pedi demissão. Ouso afirmar que, se tivesse ficado o tempo suficiente, teria sido expulso. Não sou nacional-socialista, mas também não sou um maldito comunista; desprezo o bolchevismo tanto quanto o Partido despreza ou, pelo menos, quanto acho que despreza. Mas isso não é suficiente para a moderna Kripo, ou Sipo, ou seja lá como é chamada agora. De acordo com o livro de regras deles, se você não é a favor, tem de ser contra.

— Então, você, um Krimmalinspektcn; deixou a Kripo. Fez uma pausa e depois acrescentou, num tom de surpresa afetada: — Para se tornar detetive do Adlon Hotel.

— Você é muito esperto, disse eu, escarnecendo dele, — Fazendo todas estas perguntas quando já sabe as respostas.

— Meu cliente gosta de saber como são as pessoas que irão trabalhar para ele, respondeu presunçoso.

— Ainda não peguei o caso. Talvez eu rejeite a oferta apenas para ver com que cara você ficará.

— É possível. Mas terá agido como um idiota. Berlim tem dezenas de investigadores particulares iguais a você. Ele se referiu à minha profissão com algo mais do que simples repugnância.

— Então por que me procurou?

— Você trabalhou antes para o meu cliente, indiretamente. Há alguns anos dirigiu uma investigação para a Companhia de Seguros de Vida Germania, da qual meu cliente é um dos principais acionistas. Enquanto a Kripo tateava no escuro, você foi bem sucedido em recuperar algumas ações perdidas.

— Eu me lembro disso. E tinha uma boa razão para lembrar. Fora um dos meus primeiros casos após deixar o Adlon e me estabelecer como investigador particular. E acrescentei: — Tive sorte.

— Nunca subestime a sorte, pontificou Schemm pomposamente. Claro, pensei: basta ver o caso do Fuhrer.

Naquele momento, estávamos à beira da floresta Grunewald, em Dahlem, onde residiam algumas das personalidades mais ricas e influentes do país, como os Ribbentrops. Paramos diante de um imponente portão de ferro batido entre muros sólidos; Caralimpa teve de saltar e praticamente lutar para mantê-lo aberto. Ulrich entrou com o carro.

— Continue, ordenou Schemm. — Não espere. Já estamos suficientemente atrasados.

Trafegamos ao longo de uma alameda arborizada durante cerca de cinco minutos antes de chegar a um amplo pátio com piso de cascalho ao redor do qual se viam as laterais de um extenso prédio central e as duas alas que abrangiam a casa. Ulrich parou ao lado de uma pequena fonte e saltou para abrir as portas. Saímos. Circulando o pátio havia um ambulatório, com o telhado sustentado por vigas grossas e colunas de madeira. O local era patrulhado por um homem com um par de dobermanns de aparência diabólica. Não havia muita iluminação além da luminária na porta da frente, porém, tanto quanto pude perceber, a

casa era branca com paredes revestidas de argamassa misturada com cascalho e um enorme telhado de mansarda, tão grande quanto o de um hotel de tamanho decente, do tipo que eu não podia pagar. Em alguma parte, por entre as árvores nos fundos da casa, um pavão gritava por socorro.

Já mais perto da porta, dei a minha primeira espiada no advogado. Creio que ele era um homem bastante elegante. Visto que tinha no mínimo cinquenta anos, acredito que você diria “um homem de aparência distinta”. Mais alto do que parecia quando sentado no carro, se trajando com rigor, porém com total desprezo pela moda. Usava colarinho rijo com o qual se poderia cortar uma fatia de pão, terno listrado em tom cinza-claro, colete bege e polainas curtas; sua única mão estava enluvada em pelica cinza e em sua cabeça, com os cabelos grisalhos e curtos esmeradamente cortados, usava largo chapéu cinzento com aba que lhe circundava a alta e bem pregueada copa, tal como o fosso de um castelo. Ele parecia uma antiga armadura.

Schemm me conduziu na direção da enorme porta de mogno que, ao ser aberta, expôs um mordomo de rosto pálido que se colocou de lado quando cruzamos o portal e entramos no amplo vestíbulo. Era o tipo de vestíbulo que fazia você feliz simplesmente por ter ultrapassado a porta. Dois lances de escada com brilhantes corrimãos brancos levavam ao andar superior; do teto pendia um candelabro maior do que um sino de igreja e mais enfeitado do que brincos de dançarina de strip-tease. Anotei mentalmente que deveria aumentar os meus honorários. O mordomo, que era árabe, se curvou, sério, e me pediu o chapéu.

— Ficarei com ele, se não se importa, disse eu, apertando a aba entre meus dedos. — Isso me ajudará a manter as mãos longe da prataria.

— Conforme queira, senhor.

Schemm entregou ao mordomo o chapéu, como se fosse um senhor feudal. Talvez fosse, mas, quanto a advogados, sempre parto do princípio de que alcançaram riqueza e posição através da avaréza e de meios abomináveis. Jamais conheci um em quem pudesse confiar. Ele retirou habilmente a luva com uma dupla contorção dos dedos e a jogou dentro do chapéu. A seguir, ajeitou a gravata e pediu que o mordomo nos anunciasse. Esperamos na biblioteca. Não era grande, pelos padrões de um Bismarck ou de um Hindenburg, e você não poderia estacionar mais do que seis carros entre a mesa do tamanho do Reichstag e a porta. Era decorada em estilo Lohengrin primitivo, com grandes vigas, lareira de granito na qual uma acha queimava silenciosamente e uma parede decorada com armamentos. Havia muitos livros, daqueles que são comprados a metro: muitos poetas alemães, filósofos e juristas com os quais eu poderia declarar ter alguma familiaridade, mas somente como nomes de ruas, bares e cafés. Dei uma volta pela sala.

— Se eu não voltar em cinco minutos, envie uma equipe de resgate, comentei.

Schemm suspirou e se sentou em um dos dois sofás de couro que estavam posicionados na direção do fogo. Apanhou uma revista num porta-revistas e fingiu lê-la.

— Esses chalés pequenos não lhe dão claustrofobia? Schemm suspirou com impaciência, tal como uma solteirona sentindo cheiro de gim no hálito do pastor.

— Sente-se, Herr Gunther, disse ele.

Ignorei-o. Tocando com os dedos os 200 marcos que estavam no bolso da calça, a fim de ajudar a me manter alerta, continuei a vaguear e dei uma olhada no revestimento de couro verde da mesa. Havia um exemplar do Berliner Tageblatt, bastante lido, e um par de óculos meia-lua; uma caneta; um cinzeiro de bronze pesado contendo um toco de charuto bem mastigado e, perto dele, a caixa de havanas Black Wisdom

de onde fora retirado; uma pilha de correspondência e algumas fotografias com moldura de prata. Dei uma olhada em Schemm, que cabeceava de sono segurando a revista, e, então, peguei uma das fotografias emolduradas. Ela era morena e bonita, corpo que chamava a atenção, o que é o que mais gosto nelas, embora ela pudesse achar pouco interessante a minha conversa depois de um jantar: a sua beca de graduação me dizia isso.

— Ela é linda, não acha? Perguntou uma voz que vinha da direção da porta da biblioteca e fez com que Schemm pulasse do sofá.

Era um modo de falar monótono com ligeiro sotaque berlinense. Voltei-me para encarar o dono daquela voz e me deparei olhando para um homem de estatura desprezível. O rosto era brilhante e inchado e expressava tamanho desespero que quase não o reconheci. Enquanto Schemm se desmanchava em medidas, murmurei alguma coisa elogiosa a respeito da jovem na fotografia.

— Herr Six, disse Schemm, mais subserviente do que a concubina de um sultão, — Permita-me que lhe apresente Herr Bernhard Gunther. Ele se voltou para mim, a voz mudando para se adaptar ao meu saldo no banco. — Este é Herr Doktor Hermann Six.

“É engraçado”, pensei, como nos círculos mais elevados todos são malditos doutores. Apertei-lhe a mão e ela ficou, por desconfortável longo tempo, presa à minha, enquanto os olhos do meu novo cliente se fixavam em meu rosto. Existe uma porção de clientes que agem assim: eles se veem como juizes do caráter de um homem e, acima de tudo, não iriam revelar seus probleminhas embaraçosos a um homem com aparência de safado e desonesto, portanto, é sorte minha ter o aspecto de alguém seguro e de confiança. Em todo o caso, no que se refere aos olhos do meu novo cliente, eram azuis, grandes e saltados e com uma estranha espécie de brilho aquoso, como se ele tivesse acabado de sair de uma nuvem de gás mostarda. Fiquei um pouco chocado ao perceber que

o homem estivera chorando. Six soltou a minha mão e pegou a fotografia que eu acabara de ver. Olhou-a fixo por alguns segundos e suspirou profundamente.

— Era minha filha, disse, a voz embargada. Aquiesci, paciente, com um movimento de cabeça. Ele recolocou a fotografia, virada para baixo, sobre a mesa e afastou os cabelos grisalhos, aparados de um jeito simiesco, caídos sobre a testa. — Era, porque ela está morta.

— Sinto muito, disse eu, cerimoniosamente.

— Mas não deveria, replicou ele. — Pois, se ela estivesse viva, você não estaria aqui com chances de ganhar bastante dinheiro. Eu o escutava atento: ele estava falando a minha língua. — Ela foi assassinada. Ele fez uma pausa para obter efeito dramático: os clientes fazem muito isso, mas este era realmente bom.

— Assassinada, repeti apatetado.

— Assassinada.

Ele deu um puxão em uma de suas orelhas frouxas, semelhantes às de um elefante, antes de enfiar as mãos ásperas nos bolsos do terno azul-marinho amarrotado. Não pude deixar de perceber que os punhos de sua camisa estavam sujos e puídos. Nunca havia conhecido um milionário do aço antes, ouvira falar de Hermann Six; era um dos mais importantes industriais do Ruhr, mas isso chamou a minha atenção pela peculiaridade. Ele pareceu oscilar nos calcanhares e eu dei uma espiada em seus sapatos. É possível saber muita coisa pelos sapatos do cliente. Essa é a única coisa que aproveitei de Sherlock Holmes. Os sapatos de Six estavam prontos para a campanha de inverno, isto é, a Organização Nacional Socialista para o Bem-Estar do Povo, para onde você manda todas as suas roupas velhas. No entanto, naquela época, os sapatos alemães não eram muito bons. O couro de imitação parece papelão, assim como a carne, o café, a manteiga e as roupas. Mas, voltando a Herr Six, não o achei tão abatido pela tristeza que estivesse dormindo de roupa. Não; decidi que ele era um desses milionários excêntricos a

respeito dos quais, algumas vezes, lemos nos jornais: não gastam com coisa alguma, o que explica de saída por que ficaram ricos.

— Ela foi morta a tiros e a sangue-frio, disse amargurado. Logo percebi que aquela seria uma longa noite. Peguei meus cigarros.

— Importa-se se eu fumar? Perguntei. Ele pareceu se recompor.

— Desculpe-me, Herr Gunther, suspirou ele. — Esqueci as minhas boas maneiras. Aceitaria uma bebida ou alguma outra coisa? “Alguma outra coisa” parecia bem, tal como um acolhedor leito com dossel, talvez, mas pedi, em lugar disso, um café. Schemm se remexeu no sofá.

— Obrigado, apenas um copo d'água, respondeu, submisso.

Six puxou a sineta e depois selecionou um charuto, gordo e preto, da caixa sobre a mesa. Ele me indicou um lugar onde sentar e eu me acomodei no sofá oposto ao de Schemm. Six pegou uma pequena vela de cera e levou-a até as chamas da lareira. A seguir, acendeu o charuto e se sentou ao lado do homem vestido de cinza. Atrás dele, a porta da biblioteca se abriu e um homem de cerca de trinta e cinco anos entrou na sala. Óculos sem aro pendiam cuidadosamente na ponta de um nariz largo, quase negroide, desfigurando sua postura atlética. Ele os retirou, me olhou desajeitadamente e, em seguida, se virou para o seu patrão.

— Quer que eu fique nesta reunião, Herr Six? Disse. O sotaque lembrava, vagamente, Frankfurt.

— Não, está tudo em ordem, Hjalmar, respondeu Six. — Vá para a cama, meu bom amigo. Talvez você possa pedir a Farraj que nos traga café e um copo d'água, bem como a minha bebida de sempre.

— Imediatamente, Herr Six. Voltou a me olhar, e eu não conseguia entender se a minha presença ali o incomodava ou não. Tomei nota, mentalmente, de que deveria falar com ele tão logo tivesse oportunidade.

— Há mais uma coisa, disse Six, se virando no sofá. — Por favor, me lembre de tratar com você os arranjos para o funeral, a primeira

coisa amanhã. Quero que você tome conta de tudo enquanto eu estiver fora.

— Muito bem, Herr Six, disse ele, e, nos desejando boa-noite, saiu.

— Então, Herr Gunther, disse Six, depois que a porta foi fechada. Ele falava com o Black Wisdom no canto da boca, parecendo um feirante, e soava como uma criança comendo bombom. — Devo lhe desculpas por trazê-lo até aqui a esta hora despropositada; sou um homem muito ocupado. Mais importante do que isso, todavia, é que você precisa compreender que também sou extremamente reservado.

— Apesar disso, Herr Six, ouvi falar muito a seu respeito.

— Isso é bastante provável. Em minha posição, tenho de participar de muitas causas e patrocinar muitas obras de caridade... Você sabe do que estou falando. A riqueza traz obrigações. “Bem como uma roupa limpa”, pensei. Antecipando-me ao que viria, contive um bocejo, porém disse:

— Acredito nisso.

Falei com tamanha convicção da compreensão que isso fez com que ele hesitasse por um instante antes de prosseguir com as frases bem-feitas que ouvi tantas vezes antes. “Necessidade de discrição” e “não quero envolver as autoridades em meus negócios” e “respeito total ao sigilo” etc. etc. É assim que funciona o meu trabalho. As pessoas estão sempre lhe dizendo como atuar em seu caso, quase que parecendo que não confiam em você, quase como se você tivesse de melhorar a qualidade de seu trabalho a fim de trabalhar para elas.

— Se eu pudesse viver melhor, não sendo um investigador nem tanto particular assim, eu o teria tentado há muito tempo confidenciei a Six. — Mas, em meu ramo, uma boca grande não é bom para os negócios. Os boatos circulam por toda a parte, e uma ou duas sólidas companhias de seguros e bancas de advocacia, as quais posso considerar como clientes regulares, poderão ir para um concorrente. Escute, sei que

tomou informações a meu respeito, portanto creio que podemos ir direto aos negócios, não?

O que é interessante, quanto aos ricos, é que eles adoram ser instruídos quanto ao momento de parar. Confundem isso com honestidade. Six concordou, agradecido. Nesse momento, o mordomo entrou silenciosamente, como se fosse uma roda de borracha deslizando sobre um piso encerado, e, recendendo discretamente a suor e a alguma coisa picante, serviu o café, a água e o conhaque de seu patrão, com a pasma expressão de um homem que troca, seis vezes por dia, o protetor de ouvido. Tomei um gole de café e pensei que, se tivesse dito a Six que minha avó nonagenária fugira com o Fuhrer, mesmo assim o mordomo continuaria a servir as bebidas sem mover sequer um folículo capilar. Quando ele saiu, juro que não o percebi.

— A fotografia que você estava olhando foi tirada há poucos anos, na formatura de minha filha. Logo depois, ela se tornou professora na escola primária Arndt, em Berlim-Dahlem. Peguei a caneta e me preparei para tomar notas no verso do convite de casamento de Dagmarr. — Não, pediu ele, — Por favor, não faça anotações, apenas escute. Herr Schemm fornecerá a você um dossiê informativo completo ao final desta reunião. Na verdade, ela era uma excelente professora, embora, para ser honesto, deva lhe dizer que eu desejava que ela tivesse feito outra coisa da vida. Grete, esqueci de lhe dizer o nome dela, tinha uma belíssima voz e eu queria que ela cantasse profissionalmente. Mas, em 1930, casou com um jovem advogado designado para o tribunal provincial de Berlim. Seu nome era Paul Pfarr.

— Era? Perguntei. Ao interrompê-lo, provoquei outro profundo suspiro.

— Sim. Eu devia ter mencionado isso. Receio que também esteja morto.

— Dois assassinatos, portanto.

— Sim, disse ele, contrafeito. — Dois assassinatos. Ele puxou a carteira e tirou dela uma fotografia. — Esta foto foi batida no

casamento deles.

Não havia muito que dizer a respeito, exceto que, à semelhança de muitos casamentos da alta sociedade, fora realizado no Adlon Hotel. Reconheci o inconfundível pagode da Fonte Murmurante, com elefantes entalhados, no Jardim de Goethe do Adlon. Reprimi um bocejo. Não era uma boa fotografia, e eu já estivera envolvido em casamentos demais para um só dia e meio. Devolvi-a.

— Belo casal, comentei, acendendo outro Muratti. O charuto preto de Six jazia apagado, no cinzeiro redondo de bronze.

— Grete lecionou até 1934, quando, conforme aconteceu com muitas outras mulheres, perdeu o emprego. Uma vítima da discriminação generalizada do governo contra as mulheres trabalhadoras competindo por um emprego. Nesse ínterim, Paul conseguiu um trabalho no Ministério do Interior. Pouco tempo depois, minha primeira esposa, Lisa, faleceu e Grete ficou extremamente deprimida. Começou a beber e a ficar fora de casa até muito tarde. Mas, há algumas semanas, ela parecia ser a mesma de sempre. Six olhou para o conhaque melancolicamente e o bebeu de um só gole. — Há três noites, porém, Paul e Grete morreram em um incêndio na casa deles em Lichterfelde-Ost. Mas, antes que o fogo consumisse a casa, receberam vários tiros e o cofre foi saqueado.

— Alguma ideia sobre o que havia no cofre?

— Disse ao pessoal da Kripo que não tinha nenhuma noção do que havia no cofre. Li as entrelinhas do que ele dizia e perguntei:

— O que não era exatamente a verdade, certo?

— Nada sabia quanto à maioria do conteúdo do cofre. Havia, no entanto, um item que era do meu conhecimento e que deixei de lhes informar.

— Por que fez isso, Herr Six?

— Porque prefiro que eles não saibam.

— E eu?

— O item em questão possibilitará a você excelentes chances de localizar o assassino antes da polícia.

— E depois? Esperava que ele não planejasse uma execução particular, pois não queria entrar em conflito com a minha consciência, especialmente quando havia muito dinheiro envolvido.

— Antes de entregar o assassino às autoridades, você me devolverá o que era meu. De forma alguma elas poderão botar as mãos nisso.

— Sobre o que, exatamente, o senhor está se referindo? Six esfregou as mãos, pensativo, depois as estendeu e então se abraçou tal como uma garota de programa ao se envolver num xale. Olhava-me de maneira esquisita. — Confidencialmente, é claro, resmunguei.

— Joias. Minha filha morreu sem deixar testamento e, sem isso, todos os seus bens vão para o marido. Paul deixou testamento, legando tudo para o Reich. Ele balançou a cabeça. — Pode imaginar tamanha estupidez, Herr Gunther? Deixou tudo. Tudo. Ninguém acreditaria nisso.

— Então ele era um patriota. Six não percebeu a ironia embutida em meu comentário. Ele bufou, zombeteiro.

— Meu caro Herr Gunther, ele era um nacional-socialista. Todos eles pensam que têm a primazia no amor à terra natal. Ele sorriu, desanimado. — Amo o meu país. E não existe ninguém que lhe dê mais do que eu. Mas simplesmente não posso admitir que o Reich enriqueça ainda mais à minha custa. O senhor me entende?

— Acho que sim.

— Não se trata apenas disso, pois as joias eram da mãe dela, portanto, além do valor intrínseco que, posso garantir, é considerável, elas têm valor sentimental.

— Quanto valem as joias? Schemm se animou para apresentar fatos e números.

— Creio que posso ser útil quanto a isso, Herr Six, disse ele, esmiuçando uma pasta que estava aos seus pés, retirando um portfólio cor de couro que pousou no tapete entre os dois sofás. — Tenho aqui as últimas avaliações das seguradoras, bem como algumas fotografias. Ele apanhou uma folha de papel e leu o valor total com a mesma expressão

que teria para informar o valor de sua despesa mensal com jornais. — Setecentos e cinquenta mil marcos.

Soltei um assovio involuntário. Schemm se assustou e me passou algumas fotografias. Eu já havia visto pedras maiores, porém apenas em fotografias das pirâmides. Six se encarregou de narrar a história das joias.

— Em 1925, o mercado mundial de joias foi inundado com pedras vendidas pelos eLivross russos ou postas à venda pelos bolcheviques, que descobriram um tesouro emparedado no palácio do príncipe Youssouпов, marido da sobrinha do czar. Comprei algumas peças, na Suíça, naquele mesmo ano: um broche, um bracelete e, o mais precioso de tudo, um colar de diamantes com vinte brilhantes. Foi feito por Cartier e tem mais de cem quilates. Desnecessário dizer, Herr Gunther, que não será fácil vender essa peça.

— Não, realmente não. Pode parecer cinismo de minha parte, porém o valor sentimental das joias, a partir de agora, parecia insignificante confrontado com o valor monetário. — Fale-me sobre o cofre.

— Eu o comprei, disse Six. — Assim como comprei a casa. Paul não tinha muito dinheiro. Quando a mãe de Grete morreu, eu lhe dei as joias e, ao mesmo tempo, instalei um cofre a fim de que pudesse guardá-las quando não estivessem na caixa-forte de um banco.

— Então ela as usou bem recentemente?

— Sim. Ela me acompanhou e à minha esposa em um baile poucas noites antes de ser assassinada.

— Que tipo de cofre era?

— Um Stockinger. Embutido na parede, fechadura com segredo.

— Quem conhecia a combinação?

— Minha filha e Paul, é claro. Não tinham segredos um para o outro. Acredito que ele também guardava determinados documentos relacionados com o seu trabalho.

— Ninguém mais?

— Não. Nem mesmo eu.

— O senhor sabe como o cofre foi aberto e se usaram explosivos?

— Parece-me que não usaram explosivos.

— Um quebra-nozes, então.

— Como assim?

— Um arrombador de cofres profissional. Note que é preciso ser alguém muito bom para abri-lo. Six se debruçou em minha direção.

— Talvez, disse ele, — O ladrão tenha obrigado Grete ou Paul a abri-lo, depois mandou-os de volta à cama, onde foram mortos a tiros. A seguir, colocou fogo na casa, a fim de eliminar qualquer indício e tirar da polícia qualquer pista.

— Sim, isso é possível, admiti. Cocei uma área perfeitamente circular de pele macia em meu rosto mal barbeado: foi onde um mosquito me picou, quando estava na Turquia, e desde então jamais tive de barbeá-la. Mas, com frequência, me surpreendo coçando-a quando me sinto incomodado com alguma coisa. E, se existe alguma coisa que certamente me deixa incomodado, é um cliente brincando de detetive. Eu não queria excluir que sua hipótese poderia ter ocorrido, mas era a minha vez de representar o especialista: — Possível, mas confuso, prossegui. — Não consigo imaginar outra maneira melhor para atrair a atenção do que tocar fogo no Reichstag. Fingir que é Van der Lubbe e incendiar a casa não me parece a espécie de coisa que um ladrão profissional faria, nem sequer as mortes.

Havia um bocado de furos nesse raciocínio, era evidente; eu não sabia se era um profissional; não apenas isso, porém minha experiência demonstrava ser raro um serviço profissional envolver mortes. Eu apenas queria ouvir a minha voz para mudar de assunto.

— Quem poderia saber que ela mantinha joias no cofre? Perguntei.

— Eu, respondeu Six. — Grete não mencionaria isso para qualquer um. Não sei se Paul revelou isso a outros.

— Eles poderiam ter inimigos?

— Não posso responder quanto a Paul, mas posso garantir que Grete não possuía um só inimigo no mundo.

Embora eu pudesse aceitar a possibilidade da filhinha do papai sempre escovar os dentes e rezar à noite, achei difícil ignorar quão vago Six se mostrava a respeito do genro. Isso aconteceu quando, pela segunda vez, ele demonstrou incerteza quanto ao que Paul poderia ter feito.

— E o senhor? Um homem rico e poderoso como o senhor deve ter uma boa quantidade de inimigos. Ele fez um sinal de assentimento. — Existe alguém que o odeie tanto e que queira atingi-lo através da sua filha? Ele reativou o Black Wisdom, soltou uma baforada e depois manteve-o preso entre as pontas dos dedos.

— Inimigos são o corolário inevitável da riqueza, Herr Gunther. Mas estou me referindo a rivais nos negócios, não a gângsteres. Não creio que um deles seja capaz de algo tão frio e sanguinolento como isso.

Ele se levantou e se dirigiu para a lareira. Com um atizador de bronze comprido mexeu vigorosamente na acha de lenha que ameaçava tombar da grelha. Enquanto Six estava relaxado, ataquei-o com uma pergunta sobre o genro.

— O senhor e o marido de sua filha se davam bem?

Ele se virou para me encarar, com o atizador ainda em suas mãos, o rosto ligeiramente corado. Era a resposta de que eu precisava, mas ainda assim ele tentou se desviar.

— Por que o senhor fez essa pergunta?

— Com efeito, Herr Gunther, reclamou Schemm, aparentando estar chocado diante da falta de tato da minha pergunta.

— Tínhamos as nossas diferenças de opinião, respondeu Six. — Qual é o homem que, por vezes, não concorda com o genro? Ele pousou o atizador. Fiquei calado por um minuto. Finalmente Six prosseguiu: — Por outro lado, com referência às investigações, prefiro que o senhor se

limite especificamente a procurar as joias. Não gosto da ideia de o senhor meter o bedelho em assuntos da minha família. Pagarei os seus honorários, quaisquer que sejam...

— Setenta marcos por dia, mais despesas, menti, esperando que Schemm não tivesse verificado isso antes.

— Além disso, a Companhia de Seguros de Vida Germania lhe pagará, como taxa de recuperação, cinco por cento do valor das joias. Isso lhe agrada, Herr Gunther?

Mentalmente, calculei que seriam 37.500 marcos. Com essa quantidade de dinheiro, eu estava feito. Concordei com um aceno de cabeça, embora não desse a mínima às regras que ele estipulara: entretanto, por quase 40.000 marcos, Six era o dono do jogo.

— Eu lhe aviso, porém, que não sou um homem paciente. Quero resultados, e os quero rapidamente. Fiz um cheque para atender às suas necessidades imediatas.

Ele acenou para o seu lacaios, que me passou um cheque de 1.000 marcos do Privat Kommerz Bank. Schemm voltou a remexer em sua pasta e me entregou uma carta com o papel timbrado da Companhia de Seguros de Vida Germania.

— Este documento declara que você foi contratado pela nossa companhia para investigar o incêndio, atendendo a uma reivindicação dos herdeiros. A casa estava segurada conosco. Se você tiver algum problema, deve entrar em contato comigo. De forma alguma deverá incomodar Herr Six ou mencionar o seu nome. Eis uma pasta contendo todas as informações de que você precisa.

— Parece que você pensou em tudo, disse com certa aspereza. Six se levantou, seguido por Schemm e, por fim, cerimoniosamente, por mim.

— Quando o senhor começará as investigações? Perguntou Six.

— Amanhã cedo.

— Excelente. Deu uma palmadinha em meu ombro. — Ulrich o levará à sua casa. A seguir, se dirigiu para a mesa e se pôs a remexer em alguns papéis. E não me deu mais atenção.

Enquanto esperava no modesto saguão, aguardando que o mordomo retomasse com Ulrich, ouvi outro carro manobrar no lado de fora. Era muito barulhento para ser uma limusine e imaginei que seria algum tipo de carro esportivo. Ouvi a batida da porta do carro, passos no cascalho e uma chave sendo introduzida na fechadura da porta da frente. Por ela entrou uma mulher que imediatamente reconheci: Use Rudel, estrela dos estúdios cinematográficos UFA. Vestia um casaco escuro de zibelina e um vestido de noite de organza acetinada azul. Ela olhou para mim intrigada e eu, boquiaberto, me virei para vê-la. Ela valia isso. Tinha o tipo de corpo que somente via em meus sonhos, no tipo de sonho que eu sempre sonhava em ter novamente. Não havia muita coisa que eu não pudesse imaginar que ele poderia fazer, exceto coisas comuns, como trabalhar e me comportar como homem.

— Bom dia, cumprimentei-a, mas o mordomo, com seus passos furtivos de gato, apareceu desviando a atenção dela e ajudou-a a sair do piso com cascalho.

— Farraj, onde está meu marido?

— Herr Six está na biblioteca, madame.

Meus olhos azuis ficaram arregalados diante disso e fiquei de queixo caído. Que essa deusa pudesse se casar com o gnomo que ficara sentado na biblioteca era o tipo de coisa que sustentava nossa fé no dinheiro. Observei-a a caminhar na direção da porta da biblioteca. Frau Six, eu não podia ignorar isso, era alta, loura e de aparência tão saudável quanto a conta bancária de seu marido na Suíça. A boca denotava enfado e meus conhecimentos de fisiognomonía fizeram-me ver que ela estava acostumada a negociar à sua própria maneira: em dinheiro vivo. Brincos de brilhantes fulguravam em suas orelhas perfeitas e, à medida que ela se aproximava, a atmosfera ficava dominada pelo perfume da

colônia 4711. Exatamente quando pensei que me ignoraria, ela olhou em minha direção e, friamente, disse:

— Boa noite, seja lá quem você for. Então a biblioteca engoliu-a totalmente, o que me impediu de fazer o mesmo. Engoli a língua. Olhei o relógio. Três e meia da manhã. Ulrich reapareceu.

— Não admira que ele fique acordado até esta hora, disse eu, e o segui porta afora.

* * *

Três

ODIA AMANHECEU cinzento e úmido. Acordei com gosto de anágua de puta na boca, bebi uma xícara de café e passei os olhos no Beruner Borsenzeitung, um jornal matutino cada vez mais difícil de entender do que normalmente, com frases tão longas e incompreensíveis quanto um discurso de Hess. Barbeado e vestido e carregando minha sacola de roupa suja, menos de uma hora mais tarde eu estava na Alexanderplatz, a principal área de tráfego de Berlim oriental. Vista da Neue Königsstrasse, a praça é flanqueada por dois grandes edifícios de escritórios: Berolina Haus à direita e Alexander Haus à esquerda, onde eu ocupava uma sala no quarto andar. Deixei a roupa para lavar na lavanderia Adler, no térreo, antes de subir. Esperando pelo elevador era difícil ignorar o pequeno quadro de avisos, que ficava bem ao lado dele, no qual fora afixado um pedido de contribuições para o Fundo de Amparo à Mãe e à Criança, uma exortação do Partido para assistir a um filme antissemita e uma inspiradora película sobre o Führer.

O quadro de avisos era de responsabilidade do zelador do prédio, Herr Gruber, um astuto agente funerário. Não apenas é o monitor da defesa aérea do prédio, com poderes de polícia, cortesia da Orpo, a polícia uniformizada, mas também informante da Gestapo. Há muito tempo decidi que seria ruim para os negócios qualquer desentendimento com Gruber; assim, como todos os demais ocupantes do Alexander Haus, eu lhe dava três marcos por semana, que supostamente cobrem minhas contribuições a seja lá qual for o novo esquema de fazer dinheiro

que a DAF, a Frente Germânica para o Trabalho, possa criar. Amaldiçoei a vagareza do elevador assim que vi a porta de Gruber entreaberta o suficiente para permitir que sua rubicunda cara de peixe vigiasse o corredor.

— Ah, Herr Gunther, é o senhor, disse ele, saindo de seu escritório. Ele se aproximava de mim como se fosse um caranguejo com um sério problema de calos.

— Bom dia, Herr Gruber, cumprimentei-o, evitando encará-lo. Havia algo nele que me lembrava o ator Max Schreck no filme *Nosferatu*, impressão que era acentuada pelos movimentos de suas mãos esqueléticas, como se ele fosse um roedor lavando-as.

— Há uma jovem senhora que veio à sua procura. Mande-a subir. Espero ter agido corretamente, Herr Gunther.

— Sim...

— Se ela ainda estiver lá... Quero dizer que ela subiu há meia hora, pelo menos. Como eu sabia que Fräulein Lehmann não está mais trabalhando para o senhor, tive de lhe dizer que não sabia quando voltaria, pois o senhor tem horários irregulares. Para meu alívio, o elevador chegou, abri a porta e entrei.

— Obrigado, Herr Gruber, disse eu, ao fechar a porta.

— Heil Hitler! Saudou-me. O elevador começou a subir. Eu retribuí:

— Heil Hitler!

Não se deixa de fazer a saudação hitlerista com gente como Gruber. Não vale a pena. Mas, algum dia, quebrarei a cabeça desse canalha, simplesmente por puro prazer. Eu divido o quarto andar com um dentista “alemão”, um corretor de seguros “alemão” e uma agência de empregos “alemã”, sendo que esta última me conseguiria uma secretária temporária que, eu presumia, deveria ser a mulher sentada na sala de espera. Saindo do elevador, esperava que ela não fosse tão feia quanto uma cicatriz de combate. Não pensei, por um momento sequer, que

encontraria alguém interessante, mas também não estava disposto a contratar nenhuma jararaca. Abri a porta.

— Herr Gunther?

Ela se levantou e examinei-a de alto a baixo: bem, não era tão jovem quanto Gruber me levara a crer, acho que teria ao redor de 45 anos, mas não era nada má. Talvez um tanto ardente e aconchegante, ela tinha um traseiro impressionante, mas eu as preferia assim. O cabelo ruivo, com um toque grisalho nas têmporas e no alto da cabeça, estava preso à nuca por uma laçada. Usava uma saia cinzenta e blusa de gola alta branca; um chapéu negro, com aba bretã, lhe cobria a cabeça.

— Bom dia, cumprimentei-a, tão afavelmente quanto pude, no auge do mal-estar que era a minha ressaca. — A senhora deve ser a minha secretária temporária. De qualquer modo, me sentia satisfeito por ter conseguido uma mulher, e esta até parecia bem razoável.

— Frau Protze, se apresentou, apertando a minha mão. — Sou viúva.

— Sinto muito, respondi, abrindo a porta do meu escritório. De que parte da Baviera a senhora veio? — O sotaque da mulher era inconfundível.

— Regensburg.

— É uma cidade agradável.

— Ah, o senhor deve ter encontrado um tesouro enterrado por lá. Esperta, também, pensei, o que era bom; ela precisaria ter senso de humor para trabalhar comigo.

Falei-lhe sobre o meu negócio. Ela comentou que tudo lhe parecia muito emocionante. Mostrei-lhe o cubículo adjacente no qual ela ficaria.

— Na verdade, não será tão ruim se a senhora deixar a porta para a sala de espera aberta, expliquei. Depois lhe mostrei o banheiro, que

ficava no corredor, e pedi desculpas pelos restos de sabonete e toalhas sujas. — Pago 75 marcos por mês e me dão uma lixeira como esta. Maldição, vou reclamar com o safado do zelador. Mas, ao mesmo tempo em que falava, eu sabia que jamais faria isso.

De volta ao escritório, abri a agenda e verifiquei que o único compromisso do dia era com Frau Heine, às onze horas.

— Tenho uma reunião dentro de vinte minutos. Uma mulher que quer saber se consigo localizar o filho dela, desaparecido. Ele é um submarino judeu.

— O quê?

— Um judeu que vive às escondidas.

— O que fez ele que o levou a se esconder?

— Além de ser judeu? Perguntei.

Desde logo, podia ver que ela levava uma vida bastante discreta, até mesmo para alguém de Regensburg, e me pareceu vergonhoso ter de expor a pobre mulher à experiência perturbadora de ver o rabo de seu próprio país feder a maldade. Além do mais, ela já era adulta e eu não tinha tempo para me preocupar com isso.

— Ele apenas ajudou um velho que estava sendo espancado por alguns arruaceiros e matou um deles.

— Mas foi levado a isso, se estava ajudando o velho...

— Ah, mas o velho era judeu, expliquei. — E os dois arruaceiros pertenciam à SA. É estranho como isso muda tudo, não é? Sua mãe me pediu para descobrir se ainda está vivo e em liberdade. Quando um homem é preso e executado ou enviado para um campo de concentração, as autoridades nem sempre se preocupam em avisar a família. Há muitas PDs (pessoas desaparecidas) de famílias judaicas hoje em dia. Tentar encontrá-las constitui a maior parte do meu trabalho. Frau Protze pareceu preocupada.

— O senhor ajuda os judeus?

— Não se preocupe. É perfeitamente legal. E o dinheiro deles é tão bom quanto o de qualquer outro.

— Acho que sim.

— Escute, Frau Protze, expliquei. — Judeus, ciganos, índios, tudo é a mesma coisa para mim. Não tenho nenhuma razão para gostar deles, mas também não tenho razões para odiá-los. Quando um judeu ultrapassa a porta de entrada, o procedimento é o mesmo que com qualquer outro. Mesmo que o cliente seja primo do Kaiser. Mas isso não significa que eu me dedique ao bem-estar deles. Negócio é negócio.

— Certamente, concordou Frau Protze, um tanto ruborizada.

— Espero que o senhor não pense que eu tenha algo contra os judeus.

— Claro que não, respondi. Mas, é evidente, aquilo era o que todos diziam. Até mesmo Hitler.

* * *

— Bom Deus! Exclamei, quando a mãe do submarino judeu deixou o meu escritório. — É assim que um cliente satisfeito se comporta.

A ideia me deprimiu tanto que resolvi sair um pouco. Na Loeser & Wolff comprei um pacote de Murattis e, depois, descontei o cheque de Six. Depositei metade na minha conta e me presenteei com um robe de seda, caro, comprado na Wertheim, apenas para me sentir suficientemente feliz, tanto quanto um atraente vencedor como Six. Depois tomei a direção sudoeste, além da estação ferroviária, da qual um trem saía ruidosamente rumo à Ponte Jannowitz, e parei na esquina de Königstrasse, onde tinha deixado o carro.

Lichterfelde-Ost é uma próspera área residencial na região sudoeste de Berlim, muito procurada por funcionários públicos do escalão superior e membros das forças armadas. Normalmente não estaria ao alcance de recém-casados, porém nem todos os jovens que casavam

tinham um pai multimilionário como Hermann Six. A Ferdinandstrasse corria para o sul, a partir da linha férrea. Havia um policial, um jovem Anwárter da Orpo, montando guarda em frente ao número 16, que perdera a maior parte do teto e todas as janelas. O madeiramento e as paredes enegrecidas do bangalô contavam o que acontecera com suficiente eloquência. Estacionei o Hanomag e caminhei até o portão do jardim, onde exibí minha identidade ao cão de guarda, um jovem com cerca de vinte anos, ainda com marcas de acne no rosto. Ele examinou-a cuidadosa e ingenuamente e, redundante, disse:

— Investigador particular, hem?

— Isso mesmo. Fui contratado pela companhia de seguros para investigar o incêndio.

Acendi um cigarro e fiquei olhando, sugestivamente, o fósforo queimar entre meus dedos. Ele acenou com a cabeça, porém seu rosto expressava certa perplexidade. Repentinamente, ao me reconhecer, o rosto se desanuviou.

— Ei, você trabalhava na Kripo, lá na Alex? Confirmei com um movimento de cabeça, enquanto expelia fumaça pelas narinas como se fosse uma chaminé de fábrica. — Claro, reconheço o nome... Bernhard Gunther. Você pegou Gormann, o estrangulador, não foi? Lembro de ter lido a respeito nos jornais. Você era famoso.

Dei de ombros, modestamente. Mas ele tinha razão. Quando peguei Gormann, fiquei famoso por algum tempo. Eu era um bom tira naquela época. O jovem Anwárter tirou o quepe e coçou o topo da cabeça quadrada.

— Bem, bem, disse ele. E prosseguiu: — Vou para a Kripo. Isto é, se eles me aceitarem.

— Você parece ser um rapaz inteligente. Você deve se dar bem.

— Obrigado. Ei, que tal me dar uma dica?

— Tente Scharhom no Hoppegarten das três horas. Encolhi os ombros. — Diabo, não sei. Qual é o seu nome, meu jovem?

— Eckhart. Wilhelm Eckhart.

— Então, Wilhelm, me fale sobre o incêndio. Antes de mais nada, quem é o legista deste caso?

— Algum sujeito da Alex. Creio que se chama Upmann ou Illmann.

— Um velhote com um pequeno cavanhaque e óculos sem aros? Ele confirmou.— É Illmann. Quando ele esteve aqui?

— Anteontem. Ele e o Kriminalkammissar Jost.

— Jost? Não é do estilo dele sujar as mãos. Pensei que seria necessário mais do que, apenas, o assassinato da filha de um milionário para fazer com que ele mexesse aquela bunda gorda. Joguei o cigarro fora, na direção oposta à casa destruída: não havia a necessidade de provocar o destino. — Ouvi falar que foi um incêndio criminoso. É verdade, Wilhelm?

— Aspire o ar, disse ele. Inspirei profundamente e nada senti. — Não sentiu o cheiro de gasolina?

— Não. Berlim sempre cheira assim.

— Talvez eu tenha ficado muito tempo aqui. Bem, eles encontraram uma lata de gasolina no jardim, portanto creio que isso encerra o caso.

— Escute, Wilhelm, você se importaria se eu desse uma olhada por aí? Isso me pouparia de ter de preencher formulários. Eles terão de permitir, mais cedo ou mais tarde, que eu examine o local.

— Vá em frente, Herr Gunther, disse ele, abrindo a porta. — Não há muito que ver. Eles levaram sacos de coisas. Duvido que haja algo que possa ser de seu interesse. Nem mesmo sei por que estou aqui.

— Acho que é para o caso de o assassino retornar ao local do crime, disse eu, ironicamente.

— Meu Deus, o senhor acha que ele voltaria? Resfolegou o jovem. Contraí os lábios.

— Quem sabe? Respondi, embora, pessoalmente, jamais tivesse ouvido falar nisso. — De qualquer maneira, darei uma olhada e...

Obrigado.

— Não precisa agradecer.

Ele tinha razão. Não havia muito para que ver. O homem com os fósforos fez um bom serviço. Olhei para o interior da casa pela porta da frente, mas havia tanto entulho que sequer pude ver um lugar onde pudesse pisar. Nas proximidades de um dos lados encontrei uma janela que dava acesso a outro aposento para o qual não era difícil caminhar. Esperando que, pelo menos, pudesse encontrar o cofre, pulei para dentro. Não que fosse indispensável chegar lá. Apenas queria formar, em minha mente, um quadro geral. Trabalho melhor dessa maneira: meu cérebro é como uma revista em quadrinhos. Assim, não fiquei muito desapontado quando descobri que a polícia já havia levado o cofre e tudo o que restara fora um buraco na parede. Illmann era sempre o mesmo, disse para mim mesmo. De volta ao portão de entrada, encontrei Wilhelm tentando consolar uma mulher idosa, com cerca de sessenta anos, cujo rosto estava coberto de lágrimas.

— A faxineira, explicou ele. — Ela acabou de chegar. Aparentemente esteve fora, de férias, e nada soube a respeito do fogo. Pobre senhora, levou um choque enorme. Wilhelm perguntou onde ela morava.

— Neuenburger Strasse, fungou ela. — Estou bem agora, obrigada, meu jovem.

Do bolso do casaco, ela retirou um pequeno lenço rendado que parecia tão deslocado em suas grandes mãos de camponesa quanto um xale nas de Max Schmelling, o boxeador, e bastante inadequado para a tarefa que o esperava: ela assoou o nariz, que parecia uma noz na salmoura, com tamanha ferocidade e barulho que tive o impulso de segurar o chapéu em minha cabeça. Depois limpou o rosto largo e grande com o retalho empapado. Farejando a possibilidade de alguma informação sobre a residência dos Pfarr, ofereci à velhota carona até a casa dela.

— Fica no meu caminho, disse.
— Não quero lhe causar transtornos.
— Não haverá transtorno algum, insisti.
— Bem, se o senhor tem certeza disso, é muita gentileza de sua parte. Sofri um choque enorme.

Ela apanhou a caixa que estava aos seus pés, cada um deles se espremendo e se projetando para fora dos sapatos de passeio, pretos, primorosamente engraxados, como se fosse o polegar de um açougueiro em um dedal. O nome dela era Frau Schmidt.

— O senhor é um sujeito legal, disse Wilhelm.
— Bobagem, respondi, o que era verdade.

Não havia qualquer indício quanto ao tipo de informação que poderia arrancar da velha a respeito de seus falecidos patrões. Peguei a caixa que estava em suas mãos.

— Deixe-me ajudá-la com isso, disse eu.

Era uma caixa própria para embalar ternos, da Stechbarth, os alfaiates oficiais dos serviços de segurança; deduzi que ela a trazia para os Pfarr. Acenei silenciosamente com a cabeça para Wilhelm e me dirigi para o carro.

— Neuenburger Strasse, repeti, enquanto manobrava o automóvel.
— Fica perto da Lindenstrasse, não é? Ela confirmou, me deu alguma orientação e, por um momento, ficou em silêncio. Depois recomeçou a chorar.

— Que tragédia terrível, disse, soluçando.
— Sim, sim, foi um grande infortúnio.

Eu estava curioso em saber o que Wilhelm lhe contara. “Quanto menos, melhor”, pensei, imaginando que, quanto menos chocada estivesse, pelo menos naquele momento, mais informações poderia extrair dela.

— O senhor é policial? Indagou a mulher.

— Estou investigando o incêndio, respondi, evasivo.

— Tenho certeza de que o senhor deve estar muito ocupado para conduzir uma velha como eu por Berlim. Por que não me deixa do outro lado da ponte e eu faço o resto do caminho a pé? Estou bem agora, realmente estou bem.

— Não há nenhum problema. Além do mais, gostaria de lhe falar sobre os Pfarr, isto é, se isso não a aborrecer. Atravessamos o Canal Landwehr e chegamos à Belle-Alliance Platz, no centro da qual se ergue a grande Coluna da Paz. — Haverá um inquérito, e seria muito útil para mim que eu soubesse o máximo sobre eles.

— Sim... Eu não me importo, se o senhor acha que posso ser de alguma utilidade.

Quando chegamos a Neuenburger Strasse, acompanhei a velha senhora ao segundo andar de um prédio de apartamentos com vários pavimentos. O apartamento de Frau Schmidt era típico da velha geração desta cidade. A mobília era sólida e elaborada, os berlinenses gastam muito dinheiro com suas mesas e cadeiras, e havia um enorme fogão revestido de azulejos na sala de estar. A reprodução de uma gravura de Durer, que era tão comum nos lares berlinenses quanto um aquário na sala de espera de um médico, pendia insípida acima de um aparador Biedermeier vermelho-escuro sobre o qual foram colocadas diversas fotografias, incluindo a do nosso bem-amado Fuhrer, e uma pequena suástica montada numa grande moldura de bronze. Havia também uma bandeja com bebidas da qual peguei uma garrafa de schnapps e servi uma dose.

— A senhora se sentirá melhor depois que beber isto, disse, lhe passando o copo, pensando se deveria ou não tomar a liberdade de servir. Com inveja, eu a vi virar a bebida em um só gole. Estalando os lábios grossos, ela se sentou numa cadeira revestida com brocado perto da janela. — Pronta para responder a algumas perguntas? Ela fez que sim.

— O que o senhor quer saber?

— Bem, para começar, há quanto tempo conhecia Herr e Frau Pfarr?

— Hum... Deixe-me ver. Um filme silencioso, cheio de incerteza, bruxuleou no rosto da mulher. A voz desembocou vagarosamente da boca de Boris Karloff, os dentes ligeiramente protuberantes como os dentes de uma draga. — Creio que ao redor de um ano.

Ela se levantou e tirou o casaco, deixando ver um guarda-pó desbotado estampado com flores. Depois tossiu por alguns segundos, dando, ao mesmo tempo, tapinhas no peito. Durante todo esse tempo, permaneci em meu lugar, no centro da sala, o chapéu puxado para trás e as mãos nos bolsos. Perguntei-lhe que tipo de casal eram os Pfarr.

— Eram felizes? Discutiam muito? Ela concordou com ambas as alternativas.

— Quando vim trabalhar para eles, estavam muito apaixonados disse ela. — Porém, logo depois, ela perdeu o emprego de professora. Ficou bastante transtornada. E logo passaram a discutir. Raramente ele estava em casa quando eu me encontrava lá. Quando isso ocorria, quase sempre brigavam, mas não eram simples desentendimentos, conforme acontece com muitos casais. Não, eles discutiam acaloradamente, irados, como se se detestassem. Algumas vezes eu a encontrei chorando, depois de uma dessas brigas, em seu quarto. Bem, eu realmente não sei o que os tornava infelizes. Tinham uma casa adorável. Era um prazer limpá-la. O senhor sabe, eles não eram espalhafatosos. Jamais a vi gastando um monte de dinheiro com futilidades. Ela possuía muitas roupas bonitas, porém nada ostentador.

— E joias?

— Acho que ela tinha algumas joias, mas não posso dizer se me lembro de vê-la usando-as, além disso só ficava lá durante o dia. Por outro lado, houve uma ocasião, quando fui guardar o paletó dele, e alguns brincos caíram ao chão. Não era o tipo de brincos que ela usaria.

— O que quer dizer com isso?

— Eram brincos para orelhas furadas e Frati Pfarr apenas usava os de pressão. Assim, cheguei às minhas próprias conclusões, porém não disse nada. Não era da minha conta o que ele fazia. Mas acredito que ela tinha as suas suspeitas. Frau Pfarr não era uma mulher estúpida. Longe disso. Creio que foram esses problemas que a levaram a beber tanto.

— Ela bebia?

— Como uma esponja.

— E quanto a ele? Trabalhava no Ministério do Interior, não é? Ela deu de ombros.

— Era algum lugar do governo, mas não sei dizer como se chama. Tinha alguma coisa a ver com a lei... Tinha um certificado na parede de seu escritório. Apesar disso, era muito discreto a respeito de seu trabalho. E muito cuidadoso para não deixar papéis espalhados de forma que eu pudesse vê-los. Não que eu quisesse lê-los, entenda. Mas ele não arriscava.

— Ele trabalhava muito em casa?

— Às vezes. E soube, também, que passava muito tempo naquele enorme edifício de escritórios na Bulowplatz... O senhor sabe, onde ficava o quartel-general dos bolcheviques.

— A senhora se refere ao prédio da DAF, sede da Frente Germânica para o Trabalho. Isso é o que ele é agora, depois que os comunas foram expulsos.

— Isso mesmo. De vez em quando, Herr Pfarr me dava uma carona até lá. Minha irmã mora em Brunenstrasse e, normalmente, eu pego o 99 para Rosenthaler Platz depois do trabalho. Ocasionalmente, Herr Pfarr tinha a gentileza de me levar até Bulowplatz, onde eu o via entrar no prédio da DAF.

— Quando a senhora os viu... Pela última vez?

— Ontem fez duas semanas. Eu estava de férias. Uma excursão à ilha Rugen, patrocinada pela KDF. Eu a vi, mas não a ele.

— Como estava ela?

— Ela parecia bastante feliz, para variar. Não apenas isso, mas ela não tinha uma bebida nas mãos quando falou comigo. Disse que planejava umas férias curtas numa estação de águas. Fazia isso com frequência. Creio que tinha parado de beber.

— Entendo. Então, esta manhã, a senhora foi à Ferdinandstrasse, passando antes pelo alfaiate. Correto, Frau Schmidt?

— Sim, isso mesmo. Eu sempre fazia pequenos serviços para Herr Pfarr. Ele, normalmente, não tinha tempo para ir às lojas e, portanto, me pagava para que eu apanhasse coisas para ele. Antes de sair de férias, recebi um bilhete pedindo que deixasse seu terno no alfaiate, que já estava a par de tudo.

— Quanto ao terno?

— Sim. Bem, era o que eu pensava. Peguei a caixa.

— Importa-se se eu der uma espiada?

— Não vejo por que não. Afinal, ele está morto, não está?

Antes mesmo de remover a tampa, tive um pressentimento bastante interessante do que havia na caixa. Não estava errado. Não havia engano no profundo negror que reproduzia os antigos regimentos de cavalaria elitistas do exército do Kaiser, o wagneriano relâmpago duplo no colarinho direito e a águia, em estilo romano, com a suástica na manga esquerda. As três estrelas no lado esquerdo do colarinho denotavam que o dono do uniforme era capitão ou qualquer outra graduação extravagante pela qual os capitães eram chamados na SS. Havia um pedaço de papel preso com alfinete na manga esquerda. Era uma fatura destinada ao Hauptsturmführer Pfarr, no montante de 25 marcos. Assobiei.

— Então Paul Pfarr era um anjo negro.

— Jamais teria acreditado nisso, disse Frau Schmidt.

— A senhora quer dizer que nunca o viu vestindo isto? Ela negou com a cabeça.

— Nunca vi isso nem pendurado em seu guarda-roupa.

— Então era assim.

Eu não tinha certeza se acreditava nela ou não, mas não consegui encontrar algum motivo que a levasse a mentir. Não era incomum entre advogados, advogados alemães que trabalhavam para o Reich, serem da SS. Imaginei Pfarr envergando o uniforme apenas em ocasiões cerimoniais. Era a vez de Frau Schmidt se mostrar intrigada.

— Eu gostaria de saber como o fogo começou.

Pensei por um minuto e decidi pô-la a par do que acontecera, sem meias palavras, na esperança de que o choque fizesse com que ela parasse de fazer perguntas embaraçosas para as quais eu não tinha resposta.

— Foi um incêndio criminoso, disse eu, calmamente. — Ambos foram assassinados. O queixo dela caiu como se fossem orelhas de gato e os olhos ficaram novamente úmidos como se ela tivesse ingerido uma boa quantidade de bebida de um só gole.

— Bom Deus, disse ela, ofegante. — Que terrível. Quem teria feito uma coisa dessas?

— Essa é uma boa pergunta, retruquei. — A senhora sabe se eles tinham inimigos? Ela suspirou profundamente e fez que não com a cabeça. — Alguma vez a senhora os ouviu discutindo com alguém que não um com o outro? Ao telefone, talvez? Alguém à porta? Qualquer coisa. Ela continuou a balançar a cabeça.

— Espere um minuto, disse Frau Schmidt, vagarosamente. Sim, houve uma ocasião, há alguns meses. Ovi Herr Pfarr discutindo com outro homem em seu escritório. Era um bate-boca acalorado e, posso lhe afirmar, parte da linguagem que usavam não era própria para ser ouvida por pessoas decentes. Eles discutiam política. Herr Six dizia coisas terríveis a respeito do Fuhrer que...

— A senhora disse Herr Six?

— Sim, confirmou ela. — Ele era o outro homem. Em seguida saiu impetuosamente do escritório e atravessou a porta com o rosto parecendo fígado de porco. Por pouco não me derrubou.

— A senhora consegue se lembrar o que mais eles disseram?

— Apenas que um acusava o outro de tentar arruiná-lo.

— Onde estava Frau Pfarr quando isso aconteceu?

— Estava fora, em uma de suas viagens, creio.

— Obrigado. A senhora foi muito útil. Agora preciso retornar para Alexanderplatz. Voltei-me e tomei a direção da porta.

— Desculpe-me, disse Frau Schmidt. Ela apontou para a caixa do alfaiate. — O que faço com o uniforme de Herr Pfarr?

— Mande-o pelo correio, respondi, pondo algumas moedas sobre a mesa. — Ao Reichsfuhrer Himmler, Prinz Albrecht Strasse, 9.

* * *

Quatro

SIMEONSTRASSE fica a poucas ruas da Neuenburger Strasse, mas se nesta última as janelas dos prédios precisam ser pintadas, em Simeonstrasse elas precisam de vidros. Chamá-la de área degradada é como dizer que Joey Goebbels tem problemas para encontrar sapatos com o tamanho certo.

Prédios residenciais com cinco ou seis andares cercavam uma estreita ruela pavimentada com pedras arredondadas enegrecidas como se fossem dois rochedos íngremes, ligados apenas por pontes de cordas com roupas secando. Jovens sombrios e ressentidos, cada um deles com um cigarro feito a mão na boca, se desfazendo em cinzas, que pendia de seus lábios finos como uma trilha de merda feita por um entediado peixe dourado de aquário, pareciam amparar as esquinas arruinadas de vielas melancólicas, olhando inexpressivamente para o grupo de crianças com o nariz escorrendo, que pulavam e saltavam pelas calçadas. As crianças brincavam ruidosamente, indiferentes à presença dos mais velhos, e não prestavam atenção aos grosseiros desenhos de suásticas, foices e martelos e obscenidades diversas que caracterizavam as paredes e que eram os símbolos dos dogmas que dividiam os adultos. Abaixo do nível das ruas cobertas de lixo e sob a sombra projetada pelos edifícios que eclipsavam o sol que os cercavam, havia 50 porões que abrigavam as pequenas lojas e escritórios que atendiam àquela área.

Não que ela precisasse de muita coisa em matéria de serviços. Não há dinheiro num bairro como aquele e, para a maioria dessas firmas, os

negócios eram tão ativos quanto o piso de carvalho de uma igreja luterana. Foi para uma dessas pequenas lojas, uma de penhores, que me dirigi, ignorando a enorme estrela-de-davi rabiscada nas folhas de janelas de madeira que protegiam as vidraças nos quebra-quebras. Uma sineta soou quando abri e fechei a porta. Duplamente privada da luz do dia, a única fonte de iluminação da loja era uma lâmpada a óleo pendurada no teto rebaixado; o efeito geral era o de estar em um velho veleiro. Remexi aqui e ali, à espera de que Weizmann, o proprietário, surgisse do fundo da loja.

Havia um velho capacete Pickelhaube, uma marmota empalhada numa redoma que parecia ter morrido de antracnose e um velho aspirador de pó Siemens; havia alguns estojos cheios de medalhas militares, principalmente a Cruz de Ferro de segunda classe, iguais à minha, vinte volumes curiosos do Calendário Naval, de Kohler, repletos de navios há muito afundados ou enviados para o ferro-velho, um rádio Blaupunkt, um busto lascado de Bismarck e uma velha Leica. Eu estava examinando o mostruário de medalhas quando o cheiro de tabaco e a peculiar tosse de Weizmann anunciaram a sua presença.

— Você deveria se cuidar, Weizmann.

— E o que faria com uma vida longa?

A ameaça da tosse sibilante de Weizmann estava sempre presente em seu modo de falar. Ela ficava à espreita para surpreendê-lo como um militar adormecido. Algumas vezes ele conseguia controlar a respiração, mas, dessa vez, foi dominado por um acesso de tosse que sequer parecia humano, se assemelhando mais a alguém tentando dar a partida no carro com a bateria quase descarregada e, como de hábito, dava a impressão de não lhe propiciar qualquer alívio. Nem exigia que ele tirasse o cachimbo da bolsa de fumo que era sua boca.

— Você deveria inalar, de vez em quando, um pouco de ar, lhe disse. — Ou, pelo menos, algo a que, antes, você não tenha de atear

fogo.

— Ar, disse ele. — Vai direto à minha cabeça De qualquer maneira, estou treinando: nunca se sabe quando proibirão os judeus de respirar. Ele abriu uma passagem no balcão. — Vamos para a sala dos fundos, meu amigo, e me diga em que posso ajudar você. Eu o segui, dando a volta pelo balcão, passando por uma estante de livros vazia.

— Os negócios estão indo bem? Perguntei. Ele se voltou para me olhar. — O que aconteceu com todos os livros? Weizmann balançou a cabeça entristecido.

— Infelizmente, tive de tirá-los. As Leis de Nuremberg, disse ele, com um riso de desprezo, — Proíbem os judeus de vender livros. Mesmo de segunda mão. Ele retornou e prosseguiu até a sala nos fundos. — Nestes dias eu acredito na lei assim como acredito no heroísmo de Horst Wessel.

— Horst Wessel? Nunca ouvi falar nele. Weizmann sorriu e apontou para um velho sofá Jacquard com o tubo de seu cachimbo enfumaçado.

— Sente-se, Bernie, e me deixe preparar uma bebida para nós.

— Eles ainda deixam os judeus beberem? Eu estava quase lamentando por você ao retornar, quando me falou a respeito desses livros. As coisas nunca são tão más quanto parecem, contanto que haja uma bebida por perto.

— É verdade, meu amigo. Ele abriu um armário de canto, retirou uma garrafa de schnapps e a serviu, cuidadosa porém generosamente. Entregando-me o meu copo, ele disse: — Vou lhe dizer uma coisa. Se não fosse pelas pessoas que bebem, este país seria realmente um inferno. E ergueu o copo. — Faço votos de que tenhamos mais bêbados e a frustração de uma administração eficiente da Alemanha nacional-socialista.

— A mais bêbados, disse eu, vendo-o beber agradecido.

Tinha um rosto perspicaz, a boca exibia um sorriso estranho, mesmo com o cachimbo. Um nariz grande e carnudo separava os olhos que ficavam um tanto perto demais e sustentava óculos com lentes

grossas e sem aro. O cabelo, ainda escuro, era meramente escovado para o lado direito de uma testa alta. Vestindo um terno azul listrado bem passado, Weizmann se parecia com Lubitsch, o ator cômico que tinha se tornado diretor cinematográfico. Sentou-se numa velha mesa com tampo de correr e ficou de lado a fim de me encarar.

— Então, o que posso fazer por você? Mostrei-lhe a fotografia do colar de Six. Ele respirou ruidosamente, enquanto a examinava, depois tossiu, para fazer um comentário.

— Se for verdadeiro... Ele sorriu e balançou a cabeça de um lado para o outro. — É verdadeiro?

— Claro que é. Ou por que você estaria me mostrando uma fotografia tão interessante? Bem, ele parece ser uma peça de excelente qualidade.

— Foi roubado, comentei.

— Bernie, com você sentado aqui eu não pensei que ele estivesse preso no alto de uma árvore à espera do corpo de bombeiros. Ele encolheu os ombros. — Mas, com um colar tão interessante o que posso lhe dizer que você já não saiba?

— Ora, Weizmann. Até ser apanhado roubando, você era um dos melhores palheiros de Friedlaender.

— Ah, você expõe os fatos com tanta delicadeza.

— Após vinte anos no ramo, você conhece joias tão bem quanto o bolso do seu sobretudo.

— Vinte e dois anos, disse ele, calmamente, e voltou a encher os nossos copos. — Muito bem. Faça as suas perguntas, Bernie, e veremos o que for possível ver.

— Como alguém poderia se desembaraçar dele?

— Outra maneira além de simplesmente jogá-lo no canal Landwehr? Por dinheiro? Depende.

— De quê? Perguntei, paciente.

— Se o dono dele é judeu ou gentio.

— Vamos, Weizmann, você não precisa continuar a espremer o yarmulke para me beneficiar.

— Não, estou falando seriamente. Hoje, o mercado de pedras preciosas está em seu nível mais baixo. Há inúmeros judeus deixando a Alemanha que, para financiar a emigração, precisam vender as joias da família. Pelo menos aqueles que são felizes o bastante em ter algo para vender. E, como era de se esperar, são os que conseguem os menores preços. Um gentio pode esperar que o mercado demonstre alguma tendência de alta. Um judeu não.

Tossindo em pequenas cargas explosivas, ele deu outra longa olhada, mais demorada, na fotografia de Six e encolheu os ombros, manifestando certa indiferença.

— Está muito acima do meu padrão, eu posso garantir. É verdade que eu compro algumas peças pequenas. Mas nada suficientemente grande para interessar os rapazes da Alex. Assim como você, eles me conhecem, Bernie. Para começar, eu passei um tempo em cana. Se eu sair muito da linha, eles me botam num campo de concentração mais rapidamente do que uma stripper tira as calcinhas. Ofegante como um órgão velho cheio de vazamentos, Weizmann sorriu e me devolveu a fotografia. — Amsterdã é o melhor lugar para vendê-lo, disse ele. — Quer dizer, se você conseguir tirá-lo da Alemanha. Os agentes alfandegários alemães são o pesadelo dos contrabandistas. Isso não quer dizer que não haja muitas pessoas em Berlim que poderiam comprá-lo.

— Quem, por exemplo?

— Os que negociam com... Por cima e por baixo do balcão... Poderiam se interessar. Gente como Peter Neumaier. Ele tem uma lojinha simpática em Schluterstrasse, especializada em joias antigas. Isto pode ser o tipo de coisa que o interesse. Ouvei dizer que ele está cheio de clientes e pode pagar o que for preciso, na moeda que o vendedor quiser. Sim, acho que ele merece ser investigado. Weizmann escreveu o nome em um pedaço de papel. — Depois temos Werner Seldte. Ele pode ter um jeito meio Potsdam, mas não se recusa a comprar mercadoria quente.

Potsdam era uma injúria suave para pessoas que, como os antiquados monarquistas dessa cidade, eram hipócritas, presunçosas e se baseavam em ideias intelectuais e sociais ultrapassadas.

— Francamente, ele tem menos escrúpulos do que uma aborteira de fundo de quintal. Sua loja fica em Budapester Strasse ou Ebertstrasse ou Hermann Goering Strasse ou seja lá como o Partido passou a chamá-la. Depois vêm os negociantes de diamantes que compram e vendem em escritórios luxuosos onde dispor de bons momentos para negociar um anel de casamento é tão comum quanto uma costeleta de porco no bolso do casaco de um rabino. São um tipo de gente que fecha a maioria de seus negócios rapidamente. Ele escreveu mais alguns nomes. — Este, Laser Oppenheimer, é judeu. Isso é para lhe mostrar que estou sendo justo e que nada tenho contra os gentios. Oppenheimer tem um escritório na Joachim-sthaler Strasse. De qualquer forma, a última notícia que tive dele era de que continuava no ramo. Temos Gert Jeschonnek. Novo em Berlim. Costumava ter a sua base em Munique. Pelo que soube, ele é o pior tipo de Violeta de Março... Você sabe como é: entrar no barco do Partido e trabalhar para conseguir um lucro rápido. Ele ocupa um agradável conjunto de salas naquela monstruosidade de aço em Potsdamer Platz. Como é que se chama...?

— Columbus Haus, respondi.

— Isso mesmo. Columbus Haus. Dizem que Hitler não dá muito valor à arquitetura moderna, Bernie. Você sabe o que isso significa? Weizmann deu um risinho. — Significa que ele e eu temos alguma coisa em comum.

— Alguém mais?

— Talvez. Não sei. É possível.

— Quem?

— Nosso ilustre primeiro-ministro.

— Goering? Comprando joias roubadas? Você está falando sério?

— Estou sim, respondeu ele com firmeza. — Esse homem tem paixão por possuir coisas caras. E nem sempre se preocupa com detalhes tanto quanto deveria em relação à maneira de obtê-las. Sei que ele tem

um fraco por joias. Quando eu estava em Friedlaender, ele costumava vir com frequência à loja. Era pobre naquela época... Pelo menos pobre para comprar muita coisa. Mas você pode ter certeza de que ele compraria em grande quantidade, se dispusesse de recursos.

— Jesus Cristo, Weizmann. Você pode imaginar isso? Eu chegando, inesperadamente, em Karinhall e perguntando. Desculpe-me, primeiro-ministro, mas por acaso o senhor sabe alguma coisa sobre um valioso colar de diamantes que alguém surriprou de uma casa na Ferdinandstrasse há alguns dias? Acredito que o senhor não fará nenhuma objeção a que eu examine o vestido de Emmy, sua esposa, e verificar se ela não as escondeu em alguma parte?

— Você terá um trabalho dos diabos para encontrar alguma coisa ali, respirou Weizmann, excitado. — Aquela porca gorda é quase tão grande quanto ele. Aposto que ela é capaz de amamentar toda a juventude nazista e ainda terá leite suficiente para o jejum de Hermann.

Ele começou um acesso de tosse que teria derrubado outro homem. Esperei até que ele conseguisse engrenar a primeira marcha e saquei uma nota de cinquenta. Ele recusou com um aceno.

— O que foi que eu lhe disse?

— Deixe-me comprar algo, então.

— Qual é o problema? De repente você ficou sem grana?

— Não, mas...

— Espere, disse ele. — Há algo que você vai gostar de comprar. Um ladrão se apossou dele num grande desfile em Unter den Linden. Ele se levantou e foi até a pequena cozinha atrás do escritório. Quando voltou, trazia um pacote de Persil.

— Obrigado, disse eu, — Mas mandei minha roupa suja para a lavanderia.

— Não, não, não, insistiu ele, enfiando a mão no pacote de sabão em pó. — Eu o escondi aqui apenas para o caso de receber visitas indesejadas. Ah, aqui está.

Ele retirou do pacote um objeto prateado, pequeno e liso, e limpou-o na lapela antes de colocá-lo em minha mão. Era um disco oval do tamanho de uma caixa de fósforos. Em um lado, a onipresente águia alemã mantendo presa a coroa de louros que envolvia a suástica; do outro lado, as palavras “Polícia Secreta do Estado” e o número de série. Na parte superior havia um pequeno furo pelo qual o portador do distintivo poderia prendê-lo na parte interna de seu paletó. Era um emblema da Gestapo.

— Isto poderá abrir algumas portas para você, Bernie.

— Você não brinca em serviço. Meu Deus, se eles pegam você com isso...

— É, eu sei. Poupará muito dinheiro a você, não acha? Assim, se o quiser, peço cinquenta marcos pelo distintivo.

— Bem razoável, concordei, embora não estivesse seguro quanto a carregá-lo comigo. O que ele disse era verdade: iria economizar em suborno; mas, se fosse apanhado com ele, seria colocado no primeiro trem para Sachsenhausen. Paguei os cinquenta marcos que Weizmann pedia.

— Um imbecil ficou sem o seu passe para a cerveja gratuita. Eu gostaria de ter visto a cara do filho da puta. Isso é como um corneteiro sem bocal. Levantei-me para sair.

— Obrigado pela informação, declarei. — E, caso você não saiba, é verão lá fora.

— Sim, percebi que a chuva está um pouco mais quente do que de costume. Pelo menos, não poderão culpar os judeus por esse verão de merda.

— Não tenha tanta certeza disso.

* * *

Cinco

O CAOS IMPERAVA em Alexanderplatz, onde um bonde havia descarrilado. O relógio, na alta torre de tijolos vermelhos da igreja de São Jorge, estava batendo três horas, me lembrando que não havia comido nada desde a tigela com flocos de aveia Quaker, “Para a Juventude da Nação”, no desjejum. Fui ao Café Stock, que ficava perto da loja de departamentos Wertheim e à sombra do viaduto ferroviário da S-Bahn.

O Café Stock era um restaurante pequeno e modesto, com um bar ainda mais modesto num canto nos fundos. A barriga de cerveja do proprietário que lhe dera o nome era tão grande que ele mal conseguia se espremer atrás do balcão; quando entrei, foi lá que o vi, servindo cervejas e dando brilho nos copos, enquanto sua mulher, pequena e bonita, servia as mesas. Essas mesas eram ocupadas, principalmente, por membros da Kripo, da Alex, e isto fez com que Stock fosse obrigado a expressar seu compromisso com o nacional-socialismo. Havia um enorme retrato do Fuhrer na parede, bem como uma faixa onde se lia “Sempre Faça a Saudação Hitlerista”. O Stock nem sempre fora assim e, antes de março de 1933, tinha sido meio comunista. Ele sabia que eu sabia disso, o que o deixava sempre preocupado de que existissem outras pessoas que também se lembrassem. Mas eu não o culpava pelo retrato e pela faixa. Todos na Alemanha eram diferentes antes de março de 1933. E, como eu sempre dizia: “Quem não seria nacional-socialista com uma arma apontada para a cabeça?”

Ocupei uma mesa vazia e examinei o restante da clientela. Algumas mesas adiante estavam dois detetives do Esquadrão Homossexual, o departamento criado para a supressão do homossexualismo: um bando que era um pouco melhor do que chantagistas. Em outra mesa, próxima à deles, sentado sozinho, estava um jovem Kriminalossistent da delegacia de Wedersche Market, cujo rosto horrivelmente marcado pela varíola me veio à mente principalmente por ter, certa vez, prendido meu informante, Neumann, sob suspeita de roubo. Frau Stock anotou meu pedido de pé de porco com chucrute rispidamente e sem nenhum sinal de cortesia. A megera sabia e desaprovava os pagamentos que eu fazia a Stock pelos fragmentos de boatos interessantes sobre o que estava acontecendo na Alex. Com tantos policiais entrando e saindo do restaurante, ele, com frequência, escutava muitas coisas. Ela evitou o garçom taciturno e gritou meu pedido pelo poço da cozinha. Stock se espremeu para sair de trás do balcão e se aproximou com passos lentos. Tinha um exemplar do jornal do Partido, o Beobachter, em sua mão gorda.

— Alô, Bernie. Que tempo péssimo, hem?

— Molhado como um poodle, Max, respondi. — Vou querer uma cerveja quando você estiver pronto.

— Num instante. Quer dar uma olhada no jornal?

— Alguma coisa que valha a pena?

— O Sr. e a Sra. Charles Lindbergh estão em Berlim. Ele é o sujeito que cruzou o Atlântico de avião.

— Isso me parece realmente fascinante. Suponho que o grande aviador inaugurará algumas fábricas de bombas enquanto estiver aqui. Talvez um teste de voo com um brilhante e novo avião de caça. Talvez queiram que ele pilote um, sem escalas, até a Espanha. Stock olhava nervosamente por cima do ombro e gesticulava para que eu diminuísse o tom de voz.

— Não tão alto, Bernie, disse ele, estremeando como se fosse um coelho. — Você vai me arranjar problemas. Resmungando e infeliz, se afastou para apanhar a minha cerveja.

Dei uma olhada no jornal que ele deixou em minha mesa. Havia um pequeno parágrafo sobre a “investigação de um incêndio em Ferdinandstrasse, em que duas pessoas perderam a vida”, porém não fazia menção aos seus nomes ou a suas relações com o meu cliente ou a que a polícia o investigasse como homicídio. Arremessei-o, enojado, em outra mesa. Havia mais notícias verdadeiras numa caixa de fósforos do que no Beobachter. Nesse ínterim, os detetives do Esquadrão das Bichas saíram e Stock retornou com a minha cerveja. Ele exibiu a caneca, para chamar a minha atenção, antes de colocá-la sobre a mesa.

— Com bastante colarinho, como sempre, disse ele.

— Obrigado. Tomei um longo gole e retirei um pouco da espuma de meu lábio superior com as costas da mão. Frau Stock recebeu meu almoço das mãos do garçom abestalhado e o trouxe. Dirigiu ao marido um olhar que teria aberto um buraco em sua camisa, mas ele fingiu que nada percebeu. Depois ela foi limpar a mesa que fora deixada vaga com a saída do Kriminalassistent com marcas de varíola. Stock se sentou e ficou me olhando comer.

Passado algum tempo, perguntei:

— O que você tem ouvido por aí?

— Pescaram o corpo de um homem no Landwehr.

— Isso é tão comum quanto um maquinista de trem gordo, lhe disse. — O canal é a latrina da Gestapo, você sabe disso. Tornou-se tão comum que, se alguém desaparece nesta maldita cidade, é mais rápido recorrer ao pessoal das barcas do que à polícia ou ao necrotério.

— Sim, mas este tinha um taco de bilhar enfiado no nariz. Eles acham que penetrou até a base do cérebro. Pousei a faca e o garfo.

— Você se importaria em deixar esses detalhes nojentos para depois que eu terminar de comer?

— Sinto muito, se desculpa Stock, — Mas isso é tudo o que tenho. Normalmente, eles não fazem esse tipo de coisa na Gestapo,

fazem?

— Não existem informações sobre o que é considerado normal na Prinz Albrecht Strasse. Talvez ele estivesse metendo o nariz onde não era chamado. Eles podem ter pretendido fazer algo poético. Limpei a boca e deixei algumas moedas sobre a mesa, que Stock não se deu ao trabalho de contar.

— É curioso lembrar que lá era a escola de arte... Onde hoje fica o quartel-general da Gestapo.

— Hilariante. Aposto que os filhos da puta que trabalham na Gestapo vão dormir tão felizes quanto o homenzinho de neve, ao saber disso. Levantei-me e me dirigi para a porta. — Obrigado, assim mesmo, pela informação sobre os Lindbergh.

Fui a pé para o escritório. Frau Protze estava dando um brilho no vidro da gravura amarelada de Tilly pendurada na parede da minha sala de espera, contemplando com alguma satisfação os apuros do infeliz burgomestre de Rothenburg. Tão logo entrei, o telefone começou a tocar. Frau Protze sorriu para mim e, a seguir, se dirigiu com vivacidade para o cubículo que ocupava, a fim de atendê-lo, me deixando olhar mais uma vez para a gravura limpa. Fazia muito tempo que eu não olhava para ela.

O burgomestre, tendo apelado a Tilly, o comandante, no século XVI, do exército imperial alemão, para que a sua cidade fosse poupada da destruição, foi obrigado pelo conquistador a beber seis litros de cerveja sem respirar. Conforme me lembro da história, o burgomestre obteve sucesso nessa prodigiosa façanha de bebedice e a cidade foi salva. Era, como sempre achei, caracteristicamente alemão. E exatamente o tipo de truque sádico que alguns matadores da SÁ gostavam de praticar. Na verdade, nada havia de fato mudado.

— É uma senhora, me informou Frau Protze. — Ela não quer dar o nome, mas insiste em falar com o senhor.

— Ponha-a na linha, disse, caminhando para o meu escritório. Peguei a base e o receptor do telefone.

— Encontramo-nos ontem à noite, disse a voz. Fiquei danado, pensando que era Carola, a moça no casamento de Dagmarr. Queria esquecer tudo sobre aquele episódio insignificante. Mas não era Carola. — Ou talvez possa dizer esta manhã. Era bastante tarde. Você estava saindo e eu acabava de chegar de uma festa. Você se lembra?

— Frau... Hesitei, ainda sem acreditar.

— Por favor, disse ela, — Nada de Frau. Ilse Rudel, se você não se importa, Herr Gunther.

— Não me importo de forma alguma. Como não fui me lembrar?

— Isso acontece. Você parecia muito cansado. A voz dela era tão doce quanto as panquecas do Kaiser. — Hermann e eu muitas vezes esquecemos que outras pessoas não têm o mesmo horário.

— Se me permite dizê-lo, ontem você estava fascinante.

— Bem, obrigada, agradeceu ela em voz baixa, parecendo genuinamente lisonjeada. A experiência me ensinou que nunca se consegue lisonjear demais uma mulher, assim como não se consegue dar biscoitos demais a um cachorro.

— Em que posso ser útil?

— Gostaria de lhe falar sobre um assunto com certa urgência disse ela. — Por outro lado, não gostaria de falar por telefone.

— Venha me ver em meu escritório.

— Receio que não possa. Estou, agora, nos estúdios em Babelsberg. Talvez você possa vir ao meu apartamento esta noite.

— Seu apartamento? Bem, sim, ficarei encantado. Onde fica?

— Badenschestrasse, número 7. Às nove horas, está bem?

— Muito bem.

Ela desligou. Acendi um cigarro e fumei-o distraidamente. Ela provavelmente trabalhava em um filme, imaginei-a telefonando do camarim, usando apenas um robe, pouco depois de ter concluído uma cena em que tinha sido necessário nadar nua num lago na montanha. Isso me ocupou durante alguns minutos. Eu tinha boa imaginação.

Depois, imaginei se Six sabia do apartamento. Achei que sim. Não se fica tão rico quanto Six sem saber que a esposa tem o seu próprio apartamento. Ela o mantinha, provavelmente, para manter um certo grau de independência. Concluí que havia pouquíssimas coisas que ela não poderia possuir, se realmente as desejasse. Usando o seu corpo, possivelmente conseguiria a lua com algumas galáxias por cima. Assim mesmo, creio que não seria provável que Six soubesse ou aprovasse que ela me visse. Sobretudo depois que me advertiu que não bisbilhotasse em assuntos de sua família. Seja lá o que fosse que ela queria me dizer com urgência, não era para chegar aos ouvidos do gnomo. Liguei para Muller, repórter policial do Beruner Morgenpost, que era o único pasquim relativamente decente encontrado nas bancas de jornais. Muller era um bom repórter antes de se entregar à preguiça. Não havia muito espaço para o velho estilo de reportagem criminal; o Ministério da Propaganda havia cuidado disso.

— Escute, disse eu, depois das preliminares, — Preciso de algumas informações biográficas de seus arquivos, o máximo que você possa conseguir dentro do menor espaço de tempo, sobre Hermann Six.

— O milionário do aço? Trabalhando na morte da filha dele, hem, Bernie?

— Fui contratado pela seguradora para investigar a causa do incêndio.

— O que você descobriu até agora?

— Posso escrever tudo o que sei numa passagem de bonde.

— Bem, disse Muller, — É mais ou menos o tamanho da matéria que será publicada amanhã no jornal. O Ministério determinou que ficássemos fora. Apenas registrar os fatos e não lhes dar destaque.

— Por que isso?

— Six tem alguns amigos poderosos, Bemie. O dinheiro que ele tem compra uma quantidade enorme de silêncio.

— Você sabe de alguma coisa?

— Ouvi dizer que foi um incêndio criminoso, é tudo. Para quando precisa do material?

— Pago cinquenta se recebê-lo amanhã. E qualquer coisa que você possa desencavar sobre o resto da família.

— Eu sempre tenho o que fazer com algum dinheiro extra. Falo com você amanhã.

Desliguei. Depois enfiei alguns papéis dentro de alguns jornais velhos e os meti numa das gavetas da mesa que ainda tinha um pouco de espaço. Depois disso, fiz alguns rabiscos no mata-borrão; peguei um dentre os diversos pesos para papel que estavam sobre a mesa. Fiquei rolando aquela massa fria entre as mãos quando bateram à porta. Frau Protze entrou na sala.

— Queria saber se há alguma coisa para ser arquivada. Eu apontei para a pilha de pastas de arquivo desordenada que estavam no chão, atrás da minha mesa.

— Esse é o meu sistema de arquivamento. Acredite ou não, eles estão numa espécie de ordem. Ela sorriu, sem dúvida divertida, e acenou atenta, como se o que eu lhe explicava fosse algo que mudaria a sua vida.

— Todos eles são de investigações em andamento? Dei uma risada.

— Este não é um escritório de advocacia, expliquei. — Quanto a alguns deles, não sei se estão em andamento ou não. Investigação não é um trabalho apressado, com resultados rápidos. É preciso ter muita paciência.

— Sim, posso entender isso. Havia apenas uma fotografia sobre a minha mesa. Ela deu a volta a fim de melhor apreciá-la. — Ela é muito bonita. É sua esposa?

— Foi. Morreu no dia do Kapp Putsch. Eu devo ter usado essa resposta uma centena de vezes. Ligando a sua morte a outro acontecimento como esse, expressava o quanto ainda sentia a sua morte, mesmo já decorridos dezesseis anos. Entretanto, nunca fui bem-sucedido. — Foi a gripe espanhola, expliquei. — Ficamos juntos apenas dez meses.

Fraw Protze meneou a cabeça, compreensiva. Ambos, por um momento, ficamos em silêncio. Depois dei uma olhada em meu relógio.

— Se quiser, pode ir para casa.

Quando ela se foi, permaneci, de pé, diante de minha janela, durante longo tempo, observando as ruas molhadas, brilhando tal como couro com revestimento de verniz à luz do sol poente. A chuva havia parado e tudo indicava que teríamos uma noite agradável. Os que trabalhavam nos escritórios já tomavam o caminho de casa, fluindo de Berolina Haus e desaparecendo no labirinto de túneis e calçadas que levavam à estação do U-Bahn em Alexander Platz.

Berlim. Eu costumava amar esta velha cidade. Mas isso foi antes que ela perdesse de vista as suas próprias características e passasse a usar espartilhos tão apertados que era difícil respirar. Eu amava as filosofias despreocupadas e agradáveis, o jazz vagabundo, os cabarés vulgares e todos os excessos culturais que deram forma à era de Weimar e fizeram de Berlim uma das cidades mais excitantes do mundo. Atrás do meu escritório, a sudoeste, ficava o quartel-general da polícia, e eu tentava imaginar o duro trabalho que estava sendo feito para acabar com a criminalidade em Berlim. Vilanias como se referir desrespeitosamente ao Fuhrer, afixação de cartazes com a frase “sem estoque” nas vitrinas dos açougues, não fazer a saudação hitlerista e o homossexualismo. Essa era a Berlim sob o governo nacional-socialista: uma casa grande e assombrada, com cantos escuros, escadas melancólicas, adegas sinistras, aposentos trancados e um sótão inteiro cheio de pokergeists à solta, jogando livros ao chão, batendo portas, quebrando vidraças, gritando durante a noite e, geralmente, assustando os proprietários de tal forma que, por vezes, estes se viam dispostos a vendê-la. Mas, na maior parte do tempo, tampavam os ouvidos, cobriam os olhos enegrecidos e tentavam fingir que nada havia de errado. Intimidados pelo medo, falavam muito pouco, ignorando o movimento do carpete sob seus pés; suas risadas eram tímidas, nervosas, do tipo que sempre acompanha a piadinha do chefe.

O policiamento, assim como a construção de autobahns e a delação, é uma das novas indústrias alemãs em fase de crescimento; por isso a Alex está sempre ocupada. Mesmo quando o horário de expediente já se encerrou para a maioria dos departamentos que lidam com o público, ainda havia grande quantidade de pessoas circulando como gado ao redor das várias entradas do edifício quando cheguei. A Entrada 4, para o serviço de passaportes, estava particularmente cheia. Berlinenses, muitos dos quais judeus, que tinham ficado em filas durante todo o dia à espera de um visto de saída, agora emergiam desta parte da Alex, os rostos tristes ou felizes, de acordo com o resultado de sua tentativa. Caminhei pela Alexanderstrasse e passei pela Entrada 3, diante da qual dois policiais de trânsito, apelidados de “ratos brancos” devido ao inconfundível jaquetão branco, desciam de suas motocicletas BMW azul-esmalte. Uma Minna verde, a caminhonete usada pela polícia, veio correndo pela rua, com a sirene ligada, tomando a direção da Ponte Jannowitz. Alheios ao barulho, os dois ratos brancos atravessaram, com ar de superioridade, a Entrada 3, a fim de entregar seus relatórios.

Conhecendo o lugar o suficiente para escolher o caminho onde teria menos possibilidades de ser abordado por alguém, utilizei a Entrada 2. Se fosse interceptado, diria que estava a caminho do Departamento de Achados e Perdidos, sala 32a. Mas a Entrada 2 também dava acesso ao necrotério da polícia. Caminhei despreocupadamente pelo corredor, desci até o subsolo, passei por uma pequena cantina e cheguei à saída de incêndio. Empurrei a barra da porta e me vi num pátio enorme, com piso de paralelepípedos, onde alguns carros da polícia estavam estacionados. Um destes era lavado por um homem usando botas de borracha, que não deu a menor atenção a mim enquanto eu atravessava o pátio e sumia por outra porta, que me levou à sala de aquecimento, onde parei por alguns momentos, envolvido na revisão mental das minhas possibilidades. Não trabalhei durante dez anos na Alex para não saber aonde ir. Minha única

preocupação era de que poderia encontrar alguém que me conhecesse. Abri a única porta que me conduzia para fora da sala de aquecimento e subi a escadinha que chegava a um corredor ao final do qual ficava o necrotério.

Quando entrei na antessala do necrotério, senti o cheiro azedo que era uma reminiscência de carne de galinha molhada e morna. Esse cheiro misturado ao do formol fazia um coquetel repugnante que eu sentia no estômago ao mesmo tempo em que o inalava pelas narinas. O escritório, com mobília simples, com duas cadeiras e uma mesa, nada possuía para chamar a atenção dos incautos quanto ao que se encontrava após as duas portas de vidro, com exceção do cheiro e um aviso no qual se lia simplesmente: “Necrotério: Entrada Proibida”. Abri uma fresta na porta e olhei o interior da sala.

No centro de um cômodo úmido e sinistro, havia uma mesa cirúrgica que também era uma espécie de cuba. Nos lados opostos a um sulco de cerâmica manchada havia duas placas de mármore, colocadas em determinado ângulo, de modo que os fluidos de um cadáver escorressem para o centro, onde podiam ser lavados pelo ralo com a água de uma das duas torneiras altas e murmurantes e que ficavam em cada uma das extremidades. A mesa era suficientemente grande para abrigar dois cadáveres postos lado a lado, um em cada lado do ralo; havia apenas um cadáver, de homem, o qual estava sendo submetido ao bisturi e à serra cirúrgica. Estes eram manipulados por um homem curvado e frágil, cabelos finos escuros, testa alta, óculos, comprido nariz aquilino, bigode bem aparado e um pequeno cavanhaque. Usava botas de borracha, um pesado avental, luvas de borracha, colarinho duro e gravata. Dei um passo, ultrapassei as portas e contemplei o cadáver com curiosidade profissional. Chegando mais perto, tentei ver o que havia causado a morte do homem. Era evidente que o corpo tinha ficado dentro d'água, visto que a pele estava encharcada e se soltando nas mãos e nos pés, como se fossem luvas e meias. Por outro lado, se apresentava em condições bastante razoáveis, exceto pela cabeça. Esta estava negra e

completamente sem traços identificadores, parecendo uma bola de futebol enlameada; a parte superior do crânio fora serrada e o cérebro retirado. Como um nó górdio ensopado d'água, o cérebro agora jazia num prato, no formato de rim, aguardando a dissecação.

Confrontado com a morte violenta em todas as suas horríveis nuances, corpos contorcidos e carne semelhante à de porcos, minha reação era igual à que teria tido ao olhar a vitrina do açougueiro “alemão” no qual fazia compras, com a diferença de que aqui havia mais carne em exposição. Por vezes, ficava surpreendido com a abrangência da minha indiferença ao ver um esfaqueado, um afogado, um esmagado, um baleado, um queimado e um morto a cacetadas, embora eu soubesse muito bem como essa insensibilidade tinha surgido. Vendo tantas mortes na frente turca e em minhas funções na Kripo, quase que parei de ver um cadáver como sendo, de alguma forma, humano. Essa familiaridade com a morte persistiu até que me tornei investigador particular, quando a busca de uma pessoa desaparecida levava frequentemente ao necrotério do St. Gertrauden, o maior hospital de Berlim, ou a uma cabana perto de um dique no Canal Landwehr. Permaneci por alguns minutos, olhando a cena repulsiva diante de mim, intrigado quanto ao que tinha levado a cabeça àquela condição e à diferença em relação ao corpo, antes, finalmente, que o Dr. Illmann olhasse à sua volta e me visse.

— Bom Deus! Exclamou ele. — Bernhard Gunther! Você ainda está vivo? Aproximei-me da mesa e expirei enojado.

— Meu Deus. A última vez que senti cheiro tão ruim, um cavalo estava sentado em minha cara.

— Ele é uma figuraça, não é?

— Você é quem acha. O que ele estava fazendo? Chupando uma urso polar? Ou talvez Hitler o tenha beijado.

— Incomum, não é? Quase como se a cabeça fosse queimada.

— Ácido?

— Sim. Illmann parecia satisfeito, como se eu fosse um aluno atento. — Muito bem. É difícil dizer qual o tipo, porém muito provavelmente ácido sulfúrico ou clorídrico.

— Como se alguém não quisesse que você soubesse quem ele era.

— Exatamente. Veja só, não tentaram disfarçar a causa da morte. Ele teve um taco de bilhar, quebrado, enfiado em uma das narinas. Atingiu o cérebro, matando-o instantaneamente. Não é uma forma muito comum de matar alguém; na verdade, pela minha experiência, é a primeira. No entanto, se aprende a não se surpreender diante das várias maneiras que os assassinos escolhem para matar suas vítimas. Mas, tenho certeza, você não está surpreso. Você sempre teve imaginação para um tira, Bemie. Isto sem falar em sua coragem. Você teve sangue-frio para vir caminhando até aqui. É apenas a minha natureza sentimental que me impede de expulsar você daqui.

— Preciso falar com você sobre o caso Pfarr. Você fez o relatório pericial, não foi?

— Você está bem-informado, disse ele. — Na realidade, a família reclamou os corpos esta manhã.

— E o seu relatório?

— Escute, não podemos conversar aqui. Já estou acabando com o seu amigo aqui na mesa. Dê-me uma hora.

— Onde?

— Que tal o Kunstler Eck em Alt Kólln? É bastante calmo e não seremos perturbados.

— Kunstler Eck, repeti. — Eu o encontrarei. Virei e me dirigi às portas de vidro.

— Bernie, não se esqueça de levar alguma coisinha para as minhas despesas.

* * *

O distrito independente de Alt Kólln, há muito absorvido pela capital, é uma pequena ilha no Rio Spree. Cheia de museus, isso lhe valeu a alcunha de “ilha dos museus”. Mas devo confessar que nunca

entrei em nenhum deles. Não me interessa muito pelo passado e, se me perguntarem, direi que a obsessão deste país com a sua história é que, em parte, nos colocou onde estamos agora: na merda. Não se pode ir a um bar sem um idiota divagando sobre as fronteiras pré-1918 ou retomando à época de Bismarck e quando acabamos com os franceses e os reduzimos a nada. Estas são velhas mágoas e, para mim, não é nada bom continuar recorrendo a elas. Do lado de fora não havia nada quanto ao lugar que pudesse atrair o pedestre para entrar e tomar um drinque: nem a pintura imunda na porta, nem as flores desidratadas na janela e, muito menos, o cartaz pessimamente manuscrito, preso à janela suja, onde se lia: “Escute aqui o discurso desta noite”. Soltei uma imprecisão, pois isso significava que Joey, o Manco, iria dirigir uma reunião do Partido naquele dia e, em consequência, haveria o habitual caos no trânsito. Desci os degraus e abri a porta.

Havia ainda menos, dentro do Kunstler Eck, do que em seu exterior que pudesse persuadir o bebedor casual a ficar por algum tempo. As paredes eram cobertas com esculturas fantasmagóricas em madeira, modelos em miniatura de canhões, cabeças de cadáveres, esqueletos e urnas fúnebres. Na parede mais distante havia um órgão enorme, pintado de forma a parecer um cemitério, com criptas e túmulos velando por seus mortos; no órgão um corcunda executava uma peça de Haydn. Isso tanto era para o deleite do corcunda quanto de quaisquer outros, visto que um grupo das tropas de assalto cantava “Minha Prússia Continua Orgulhosa e Poderosa” com suficiente ímpeto para abafar quase que completamente a música do corcunda. Em minha época, vi algumas coisas estranhas em Berlim, mas isso parecia algo extraído de um filme de Conrad Veidt, e não de um dos bons. Eu esperava que o capitão de polícia de um só braço chegasse a qualquer momento. Em vez disso, descobri Illmann sentado sozinho a uma mesa de canto, ninando uma garrafa de Engelhardt. Pedi mais duas da mesma marca e me sentei no exato momento em que os SÁ paravam de cantar e o corcunda iniciava o massacre de uma das minhas sonatas de Schubert preferidas.

— Você escolheu um lugar dos diabos, comentei, de cara fechada.

— É que eu acho este lugar curiosamente fantasmagórico.

— O lugar ideal para se encontrar com o amável ladrão de túmulos da vizinhança. Você não lida com a morte suficientemente, durante o dia, para me convidar para beber num ossuário como este? Ele encolheu os ombros, imperturbável.

— É somente com a morte à minha volta que sou constantemente lembrado de que estou vivo.

— Existe muito a ser dito a respeito da necrofilia. Illmann sorriu, como se concordasse comigo.

— Então você quer saber alguma coisa a respeito do infeliz Hauptsturmführer e sua mulherzinha? Assenti com um movimento de cabeça. — Este é um caso muito interessante e, não se esqueça do que lhe estou dizendo, os casos interessantes estão se tornando cada vez mais raros. Com toda a gente que está morrendo nesta cidade, você poderia pensar que estou muito ocupado. Mas, é claro, normalmente há pouco ou nenhum mistério acerca de como a maioria deles tomou este ou aquele caminho. Metade do meu tempo é gasto apresentando as provas periciais de um homicídio às pessoas que o cometeram. Este é o mundo posto de cabeça para baixo em que vivemos. Ele abriu a sua pasta e retirou uma pasta de arquivo azul. — Trouxe as fotografias. Achei que você gostaria de ver o feliz casal. Receio que eles mais pareçam churrasco queimado. Só consegui chegar à identificação através das alianças, dele e dela.

Folheei a pasta. Os ângulos de câmera variavam, mas o tema permanecia o mesmo: dois corpos cinza-escuros, carecas como os faraós do Egito, jaziam sobre as molas enegrecidas do que antes fora uma cama, como se fossem salsichas deixadas muito tempo na grelha.

— Álbum interessante. O que estavam fazendo? Trocavam socos? Perguntei, intrigado com a maneira como cada corpo tinha os punhos erguidos como os de um boxeador que lutasse sem luvas.

— Uma observação bastante comum em um tipo de morte como esta.

— E quanto aos cortes na pele? Parece ferimentos feitos a faca.

— Mais uma vez, algo comum, disse Illmann. — O calor provoca a abertura da pele como se fosse banana madura, isto é, caso você se lembre de como é uma banana.

— Onde você encontrou as latas de gasolina? Ele ergueu as sobrancelhas inquisitivamente.

— Ora, você já sabe delas, não? É, encontramos duas latas vazias no jardim. Eu não acredito que elas tivessem ficado ali por muito tempo. Não estavam enferrujadas e ainda havia um resto de gasolina, que não evaporou, no fundo de uma delas. E, de acordo com o corpo de bombeiros, havia um forte cheiro de gasolina no local.

— Incêndio criminoso?

— Sem dúvida.

— Então por que você andou procurando projetis?

— Experiência. Com a morte se sucedendo ao fogo, sempre se tem em mente a possibilidade de que houve alguma tentativa de destruir provas. É um procedimento padrão. Encontrei três balas na mulher, duas no homem e três no espaldar da cama. A mulher foi morta antes que o fogo começasse. Ela foi atingida na cabeça e na garganta. Com o homem foi diferente. Havia partículas de fumaça nas vias respiratórias e monóxido de carbono no sangue. Os tecidos ainda estavam rosados. Ele foi atingido no peito e no rosto.

— A arma já foi encontrada? Perguntei.

— Não, mas posso afirmar que, muito provavelmente, era uma 7.65mm automática e com um municionador bastante trabalhoso, como o de uma velha Mauser.

— Eles receberam o tiro de que distância?

— Ousaria dizer que o assassino estava a cerca de 150cm das vítimas quando disparou a arma. Os ferimentos provocados pela entrada e saída dos projetis eram coerentes com o fato de o pistoleiro estar ao pé da cama e, claro, de que havia projetis na guarda da cama.

— Apenas uma arma, o que você acha? Illmann balançou a cabeça.
— Oito projetis. Completei. — É todo o tambor de uma pistola pequena, não é? Alguém queria ter muita certeza. Ou estava muito zangado. Por Deus, a vizinhança não ouviu nada?

— Aparentemente não. E, se ouviram, pensaram que era só a Gestapo fazendo alguma festinha. O incêndio só foi comunicado às 3h10 da madrugada, horário em que não havia a mínima chance de controlá-lo.

O corcunda abandonou o recital de órgão quando os SÁ começaram a interpretar “Alemanha, tu és o nosso orgulho”. Um deles, um sujeito corpulento com uma cicatriz no rosto da extensão e consistência de couro de uma fatia de bacon, se pôs a caminhar pelo bar, se exibindo com a cerveja e estimulando os demais frequentadores do Kunstler Eck para que o acompanhassem na cantoria. Illmann pareceu não se importar e cantou tão alto quanto lhe permitia sua voz de barítono. O meu próprio cantar demonstra considerável necessidade de vivacidade e estilo. Canções estrondosas não transformam ninguém em patriota. O problema com os nacional-socialistas, especialmente os jovens, é que eles pensam ter o monopólio do patriotismo. E, mesmo que não o tenham agora, da forma como as coisas andam, logo o terão. Quando a canção terminou, fiz a Illmann mais algumas perguntas.

— Ambos estavam despídos, ele me disse, — E tinham bebido bastante. Ela havia consumido alguns coquetéis Ohio e ele, considerável quantidade de cerveja e schnapps. Muito provavelmente, ambos estavam bem bêbados quando receberam os tiros. Colhi, além disso, líquido vaginal na mulher e encontrei sêmen recente, que era do mesmo tipo sanguíneo do homem. Creio que eles tiveram uma noite movimentada. Ah, ela estava grávida de oito semanas. A vida é uma pequena vela que se queima rapidamente.

— Grávida. Repeti a palavra pensativo. Illmann se espreguiçou e bocejou.

— É. Quer saber o que eles comeram no jantar?

— Não, respondi firmemente. — Em lugar disso, me fale sobre o cofre. Estava aberto ou fechado?

— Aberto. Illmann fez uma pausa. — Sabe, é interessante que você não tenha me perguntado como ele foi aberto. Isso me leva a supor que você já sabia que, além de chamuscado, o cofre estava intacto; que, se ele foi aberto ilegalmente, isso teria sido feito por alguém que sabia o que estava fazendo. Um cofre Stockinger não é nada fácil.

— Impressões digitais? Illmann negou com a cabeça.

— Ele estava queimado demais para reter impressões digitais respondeu ele.

— Vamos supor, sugeri, — Que, pouco antes da morte dos Pfarr, o cofre contivesse... O que continha e que isso estava, como deveria estar, bem trancado, naquela noite.

— Muito bem.

— Temos, portanto, duas possibilidades: uma, a de que um arrombador profissional fez o serviço e depois os liquidou; outra, a de que alguém os forçou a abri-lo, em seguida mandou que retornassem ao leito e atirou neles. Entretanto, não é comum que um profissional deixe aberta a porta do cofre.

— A menos que ele esteja, com empenho, tentando se passar por amador, retrucou Illmann. — Minha opinião é a de que ambos estavam dormindo quando foram baleados. Certamente, partindo do ângulo de entrada do projétil, eu afirmaria que ambos estavam deitados. Agora, se você estivesse consciente e alguém lhe apontasse uma arma, é mais do que provável que estaria sentado na cama. Assim, a minha conclusão é a de que a sua teoria de intimidação é improvável. Olhou para o relógio e acabou de beber a cerveja. Dando um tapinha em minha perna, acrescentou calorosamente: — Foi muito bom, Bernie. Como nos velhos tempos. É muito agradável conversar com alguém cuja concepção do trabalho de detetive não inclui holofotes e socos ingleses. Entretanto não vou ter mais que aguentar a Alex por muito tempo. Nosso ilustre Reicfiskriminaldirektor, Arthur Nebe, está me aposentando, exatamente como aposentou os velhos conservadores que me precederam.

— Eu não sabia que você se interessava por política, disse eu.

— Não me interessa, explicou ele. — Mas não foi assim que Hitler conseguiu ser eleito: muitíssimas pessoas que não se interessavam nem um pouco com quem estava dirigindo o país? O curioso é que me incomodo menos do que antes. Convença-me a me juntar às Violetas de Março e subir no palanque. Mas eu não lamentarei sair. Estou cansado de todas as disputas entre a Sipo e a Orpo para saber quem controla a Kripo. Torna-se muito confuso, quando se trata de preencher um formulário, quem deve ou não ser envolvido quando se trata de nossos amigos uniformizados da Orpo.

— Pensei que a Sipo e a Gestapo estavam dirigindo, juntas, a Kripo.

— Nos escalões de comando mais elevados isso acontece, confirmou Illmann. — Mas, nos níveis médios e inferiores, as antigas conexões de comando ainda funcionam. No nível municipal, os que dirigem a polícia, e que são parte da administração da Orpo, são também responsáveis pela Kripo. Mas correm rumores de que a alta administração da Orpo está dando apoio furtivo a qualquer chefe de polícia que esteja disposto a frustrar os torturadores da Sipo. Em Berlim, isso acontece com o próprio chefe de polícia. Ele e o Reichskriminaldirektor, Arthur Nebe, se odeiam. Ridículo, não? E agora, se você não se importa, preciso realmente ir.

— Que maneira louca de administrar uma arena de touros.

— Acredite em mim, Bernie, é melhor você ficar fora disso. Ele sorriu, satisfeito. — E isso ainda pode ficar bem pior.

A informação de Illmann me custou cem marcos. Nunca achei que informação fosse barato, mas ultimamente os custos da investigação particular parecem estar exagerados. Não é difícil entender por quê. Todos, nesta época, estão realizando uma espécie de mudança. A corrupção, de uma forma ou de outra, é o aspecto mais característico da vida sob o nacional-socialismo. O governo fez algumas revelações a respeito da corrupção nos vários partidos de Weimar, mas estas não eram nada em comparação à corrupção que existe hoje. Ela floresce no topo e todos nós sabemos disso. Assim, muitas pessoas formam a ideia

de que também merecem a sua parte. Não conheço ninguém que seja tão crítico em relação a isso quanto antes. Eu me incluo nesse grupo. A verdade, de fato, é que a sensibilidade do povo em face da corrupção, seja no mercado negro de alimentos ou obtendo favores de um burocrata do governo, é tão aguçada quanto um toco de lápis de carpinteiro.

* * *

Seis

NAQUELA noite, parecia que quase toda Berlim estava a caminho de Neukölln para presenciar Goebbels conduzir a orquestra de violinos suaves e persuasivos e de trombetas sarcásticas e irritadiças que era a sua voz. Mas, para os infelizes que não viam o Iluminista do Povo, havia inúmeras facilidades disseminadas por Berlim a fim de assegurar que, pelo menos, eles poderiam ouvir o som. Além dos aparelhos de rádio que bares e restaurantes, por lei, eram obrigados a ter, em muitas ruas havia alto-falantes montados em colunas próprias para afixação de cartazes publicitários e nos postes de iluminação pública; uma força de guardiães do rádio recebeu a incumbência de bater de porta em porta e obrigar ao cumprimento do dever cívico de escutar a emissão de rádio do Partido.

Dirigindo pela Leipzigerstrasse, na direção oeste, deparei com o desfile, à luz de tochas, das legiões dos camisas-pardas, que marchavam na direção sul, descendo a Wilhelmstrasse; fui obrigado a sair de meu carro e fazer a saudação hitlerista aos que passavam. Não fazer equivalia ao risco de ser espancado. Acredito que havia outros como eu naquela multidão, com o braço direito estendido exatamente como os guardas de trânsito, assim procedendo para evitar problemas e se sentindo um tanto ridículos. Quem poderia saber? Mas, por falar nisso, os partidos políticos, na Alemanha, sempre foram pródigos em saudações: os socialdemocratas têm o punho cerrado erguido acima da cabeça; os comunistas do KPD tinham o punho cerrado erguido à altura do ombro; os centristas adotaram como símbolo dois dedos simulando a

forma de uma pistola, tendo o polegar armando o cão da arma; os nazistas a inspeção das unhas. Lembro-me que, quando costumávamos pensar a respeito, tudo nos parecia ridículo e melodramático e, talvez por isso, nenhum de nós os levamos a sério. E, agora, aqui estamos nós, saudando-os. Loucura.

Badenschestrasse, saindo de Berliner Strasse, fica apenas a um quarteirão de Trautenau Strasse, onde tenho meu apartamento. Proximidade é o seu único traço em comum. Badenschestrasse 7 é um dos prédios de apartamentos mais modernos da cidade e quase tão exclusivo quanto um banquete para a nobreza egípcia. Estacionei meu carro, pequeno e imundo, entre um enorme Deussenberg e uma Bugatti que rebrilhava e me dirigi para o saguão que parecia ter deixado algumas catedrais com falta de mármore. Um porteiro gordo e um elemento da SÁ me viram e, abandonando a mesa e o rádio que tocava Wagner um pouco antes do programa do Partido, formaram uma barreira humana, preocupados com que eu quisesse insultar um dos residentes com meu terno amarrotado e as unhas malfeitas.

— Conforme diz o aviso lá fora, grunhiu o gorducho, — Este é um edifício particular. Não fiquei impressionado com o esforço que os dois faziam para me intimidar. Estou acostumado a não ser bem recebido e não me deixo atemorizar com facilidade.

— Não vi aviso algum, retruquei desafiadoramente.

— Não queremos problemas, senhor, disse o sujeito da SÁ. Ele tinha um queixo delicado que eu poderia quebrar como um graveto com apenas uma rápida troca de cumprimentos com o meu punho.

— Não estou vendendo coisa nenhuma, disse a ele. O gorducho se aproximou.

— Bem, seja lá o que o senhor esteja vendendo, os moradores daqui não querem. Sorri discretamente para ele.

— Escute, gorducho, a única coisa que está me impedindo de tirá-lo do meu caminho é o seu mau hálito. Sei que será complicado para

você, mas veja se consegue fazer o telefone funcionar e ligue para Fräulein Rudel. Você descobrirá que ela está esperando por mim.

O gorducho cofiou o bigode enorme, preto e marrom que se apegava a seu lábio como um morcego no teto de uma cripta. Seu hálito era bem pior do que eu havia imaginado.

— Para seu próprio bem, seu metido a besta, é melhor que você tenha razão, disse ele. — Será um prazer jogá-lo lá fora. Praguejando e resfolegando, ele foi se balançando de volta à sua mesa e discou furiosamente. — Fräulein Rudel está aguardando alguém? Perguntou, moderando a voz. — Só que ela nada me disse.

Ele mudou de cara quando verificou que o que eu dizia conferia com a verdade. Desligou o telefone e, com a cabeça, indicou a porta que levava aos elevadores.

— Terceiro andar, resmungou.

Havia apenas duas portas nas duas extremidades do terceiro andar. Havia um velódromo de piso de parque entre ambas e, como eu era esperado, uma das portas estava entreaberta. A criada me conduziu até a sala de estar.

— É melhor que se sente um pouco, disse, enfadada. — Ela ainda está se vestindo e não sei dizer quanto tempo vai demorar. Sirva-se de uma bebida, se desejar.

A mulher desapareceu a seguir e eu me dediquei a examinar o local onde estava. O apartamento não era maior que uma pista de pouso particular e parecia tão insignificante quanto um cenário de Cecil B. de Mille, de quem havia uma fotografia buscando o lugar de honra entre outras sobre o piano de cauda. Comparado com a pessoa que havia decorado e mobiliado o cômodo, o Arquiduque Ferdinando deve ter

sido amaldiçoado com o gosto de uma trupe de anões de circo turcos. Olhei as demais fotografias. A maioria era de fotos de cena de Use Rudel tiradas de seus diversos filmes. Em muitas delas ela vestia muito pouca coisa, nadando nua ou olhando recatadamente, escondida atrás de uma árvore que ocultava as suas melhores partes. Rudel era famosa pelos papéis em que aparecia escassamente vestida. Em outra foto ela se sentava à mesa de um simpático restaurante com o bondoso Dr. Goebbels; em outra fingia treinar boxe com Max Schmelling. Havia outra em que era carregada nos braços de um operário, só que o “operário” era Emil Jannings, o famoso ator. Eu reconheci que era uma foto de cena do filme “A Cabana do Construtor”. Eu gostei muito mais do livro do que do filme. Ao sentir a fragrância da colônia 4711, me voltei e me vi apertando a mão da belíssima estrela do cinema.

— Vejo que andou examinando minha pequena galeria, disse ela, rearrumando as fotografias que eu havia apanhado e apreciado. — Você deve pensar que sou terrivelmente fútil por ter tantas fotografias minhas expostas, mas eu, simplesmente, não suporto álbuns.

— De forma alguma, respondi. — É muito interessante. Ela lançou em mim o olhar faiscante que fazia com que milhares de alemães, inclusive eu, ficássemos de queixo caído.

— Fico satisfeita com a sua aprovação.

Ela trajava um conjunto de passeio de veludo verde, trespassado por uma faixa longa e dourada, com franjas, e sandálias de salto alto de marroquim verde. O cabelo louro fora arranjado em tranças guarnecidas com fitas que se uniam na nuca, conforme estava em moda; diversamente, porém, da maioria das mulheres alemãs, ela usava maquiagem e fumava cigarros. Esse tipo de comportamento era censurado pela Liga Feminina, como sendo incompatível com o ideal nazista de mulher alemã; sou, no entanto, um homem da cidade: rostos limpos e rosados podem ser adoráveis em uma fazenda, mas como quase todos os alemães, eu prefiro minhas mulheres empoadas e pintadas. Era evidente que Use Rudel vivia em um mundo à parte. Ela,

provavelmente, pensava que a Liga Feminina Nazista era uma associação de hóquei.

— Lamento muito pelos dois sujeitos na entrada, se desculpou ela,
— Mas Josef e Magda Goebbels têm um apartamento no andar de cima, portanto a segurança foi redobrada, como você pode imaginar. E isso me lembra que eu prometi a Josef que tentaria ouvir o seu discurso ou, pelo menos, uma parte. Você se importa? Não era esse o tipo de pergunta que se fizesse, a menos que se mantivessem ótimas relações com o ministro da Propaganda e Educação Popular e sua esposa. Encolhi os ombros.

— Por mim está bem.

— Ouviremos apenas uns poucos minutos, disse ela, ligando o aparelho de rádio Philco que fora colocado no topo do armário de bebidas em noqueira. — E agora? Que deseja beber?

Preferi uísque e ela me serviu uma dose grande o suficiente para pôr de molho uma dentadura. Ela se serviu de uma dose de Bowle, a bebida favorita daquele verão berlinense, de um jarro comprido, de vidro azul, vindo se juntar a mim no sofá que tinha a cor e os contornos de um abacaxi que não amadurecera de todo. Trocamos saudações com o copo e, enquanto as válvulas do rádio se aqueciam, as inflexões verbais, macias e agradáveis, do homem que morava no andar de cima, se infiltravam vagarosamente pela sala.

Goebbels, inicialmente, se concentrou nos jornalistas estrangeiros, devido às suas críticas, e reprovou as reportagens “tendenciosas” sobre a vida na nova Alemanha. Algumas de suas observações eram bem inteligentes, suficientes para provocar o riso de sua plateia predisposta a agradá-lo. Rudel sorria como que a desconfiar, mas continuava silenciosa e eu me perguntava se ela entendia o que o seu vizinho coxo do andar de cima estava dizendo. A seguir, ele ergueu o tom de voz e se pôs a vituperar os traidores, quem quer que fossem, eu não sabia, que tentavam sabotar a revolução nacional. Neste ponto ela pareceu reprimir

um bocejo. Por fim, quando Joey se dedicou ao seu tema favorito, a glorificação do Fuhrer, ela se levantou e desligou o rádio.

— Meu Deus, creio que escutamos bastante Goebbels para uma só noite. Ela se dirigiu para o gramofone e escolheu um disco. — Você gosta de jazz? Perguntou, mudando de assunto. — Ora, tudo bem, não é jazz de negros. Eu adoro. E você?

Agora na Alemanha somente é permitido jazz que não seja negro, porém muitas vezes eu tento entender como eles percebem a diferença.

— Gosto de qualquer tipo de jazz, respondi.

Ela deu corda no gramofone e colocou a agulha na ranhura. Era uma peça agradável e relaxante com um clarinete que se impunha e um saxofonista que poderia dirigir uma companhia de italianos, na terra de ninguém, sob fogo de barragem.

— Importa-se se eu perguntar por que mantém este apartamento? Indaguei. Dançando, ela retornou ao sofá e se sentou.

— Bem, Herr Investigador Particular, Hermann considera os meus amigos um pouco desagradáveis. Ele leva um bocado de trabalho para a nossa casa em Dahlem, a qualquer hora. Aqui, eu posso me distrair à vontade, sem perturbá-lo.

— Parece bastante lógico, disse eu.

Lançou uma coluna de fumaça de cada uma de suas delicadas narinas e eu as inspirei profundamente; fiz isso não apenas porque gosto do cheiro dos cigarros americanos, mas porque aquela fumaça saía daquele peito, e isso me bastava. Pelos movimentos sob a blusa, eu já observara que seus seios eram volumosos e que ela não usava sutiã.

— Então, perguntei, — Sobre o que você queria falar comigo? Para minha surpresa, ela me tocou de leve no joelho.

— Calma. Não está com pressa, está? — Sorriu ela.

Balancei a cabeça e observei-a apagar o cigarro. Já havia algumas guimbas no cinzeiro, todas fortemente manchadas de batom; nenhum deles, porém, fora tragado mais de algumas vezes, me ocorrendo que ela precisava descansar, relaxar, que talvez estivesse nervosa a respeito de alguma coisa. Eu, quem sabe. Como que confirmando a minha teoria, ela se levantou do sofá, se serviu de outra dose de Bowle e mudou o disco.

— Tudo bem com a sua bebida?

— Sim, disse eu.

Tomei um gole. Era um bom uísque, suave e turfoso, que descia sem queimar. Depois perguntei a ela o quanto conhecia Paul e Grete Pfarr. Não creio que a pergunta a tenha surpreendido. Em lugar disso, ela se aproximou de mim, de forma que nossos corpos se tocassem, e sorriu de maneira estranha.

— Ah, sim, exclamou excentricamente. — Eu esqueci. Você é o homem que está investigando o incêndio para Hermann, não é? Ela sorriu e acrescentou. — Suponho que a polícia esteja desconcertada. Havia um tom de sarcasmo em sua voz. — E então surge você, o Grande Detetive, e encontra a pista que resolve todo o mistério.

— Não há mistério, Fräukin Rudel, retruquei, provocador. Isso a atingiu apenas superficialmente.

— Ora, certamente existe um mistério: quem fez isso? Disse ela.

— Um mistério é algo que está além do conhecimento humano e de sua compreensão, o que significa que eu estaria perdendo o meu tempo só em tentar investigá-lo. Não, este caso nada mais é do que um quebra-cabeça, e por acaso eu adoro quebra-cabeças.

— Eu também, disse ela, como se me imitasse, pensei. — E, por favor, você pode me chamar de Use enquanto estiver aqui. E eu o chamarei pelo seu primeiro nome. Qual é?

— Bernhard.

— Bemhard, repetiu ela. Primeiro por extenso e, depois, reduzindo-o: — Bernie. Ela engoliu um grande gole da mistura de champanha e sauteme que estava bebendo; pegou um morango preso à borda de seu copo. — Bem, Bernie, você deve ser um investigador particular muito bom para estar trabalhando para Hermann em algo tão importante quanto isto. Pensei que você fosse um daqueles homenzinhos descarados que seguem maridos e espiam o que eles estão fazendo através de buracos de fechadura e, a seguir, contam para as esposas.

— Casos de divórcio são justamente o tipo de negócio que eu não aceito.

— É verdade? Perguntou ela, sorrindo silenciosa para si própria. Isso me irritou um pouco, o sorriso; em parte eu sentia que Rudel estava me tratando com condescendência, mas também porque eu queria acabar com aquilo tudo com um beijo. Se não, com as costas da minha mão. — Diga-me uma coisa. Você ganha muito dinheiro nesse negócio? Dando um tapinha em minha coxa, a fim de indicar que não havia concluído a pergunta, ela acrescentou: — Não quero parecer grosseira. Mas o que desejo saber é se você vive com conforto. Revi a opulência que me cercava antes de responder.

— Eu, confortável? Exatamente como uma cadeira Bauhaus. Ela riu diante de minha resposta, — Você não respondeu às minhas perguntas quanto aos Pfarr, disse eu.

— Não?

— Você sabe muito bem que não. Ela encolheu os ombros.

— Eu os conhecia.

— Bem o suficiente para saber o que Paul tinha contra o seu marido?

— É nisso que você está realmente interessado?

— Para começar. Ela suspirou, impaciente.

— Muito bem. Jogaremos o seu jogo, mas até que eu fique enfadada.

Ela ergueu as sobrancelhas inquisitivamente, e embora eu não tivesse ideia do que ela estava falando, dei de ombros e disse:

— Para mim está bem.

— É verdade, eles não se entendiam, mas nunca tive alguma ideia do porquê. Quando Paul e Grete se conheceram, Hermann foi contra o casamento. Ele pensava que Paul queria dar o golpe do baú; você sabe, arranjar uma esposa rica. Tentou persuadir Grete a se afastar dele. Grete, entretanto, não o temia. Depois disso, para todos os efeitos, eles se entendiam. Pelo menos até a morte da primeira esposa de Hermann. Naquela época eu já o via há algum tempo. Foi quando nos casamos que as coisas realmente começaram a esfriar entre os dois. Grete começou a beber. E o casamento deles passou a ser apenas de aparência, em nome da decência... Paul estando no Ministério e tudo o mais.

— Você sabe o que ele fazia lá?

— Não tenho nenhuma ideia.

— Ele tinha aventuras?

— Com outras mulheres? Ela riu. — Paul tinha boa aparência, mas tinha um defeito. Era muito dedicado ao trabalho, não a outra mulher. E, se teve alguma aventura, se comportou muito discretamente.

— E quanto a ela? Rudel balançou os cabelos louros e tomou um bom gole de sua bebida.

— Não era o estilo dela. Todavia, ela fez uma pausa por alguns instantes e pareceu mais pensativa. — Apesar de que... Ela deu de ombros. — Provavelmente não representou nada.

— Prossiga, disse eu. — Dê os detalhes.

— Bem, houve uma época em Dahlem, quando surgiu uma tênue suspeita de que Grete tinha algo a ver com Haupthändler. Ergui uma sobrancelha. — O secretário particular de Hermann. Isso deve ter acontecido na época em que os italianos invadiram Adis-Abeba. Lembro disso porque fui a uma recepção na embaixada italiana.

— Isso deve ter sido no começo de maio.

— Sim. De qualquer maneira, Hermann viajava a negócios, portanto fui sozinha. Eu iria filmar no dia seguinte na UFA e teria de

acordar cedo. Decidi passar a noite em Dahlem, o que me daria um pouco mais de tempo pela manhã. É muito mais fácil chegar a Babelsberg de lá. Quando cheguei em casa, dei uma espiada na sala de visitas à procura de um livro que havia deixado ali, e quem encontrei, sentados no escuro, senão Hjalmar Haupthändler e Grete?

— O que estavam fazendo?

— Nada. Nada mesmo. Por isso era tão suspeito. Eram duas horas da manhã e lá estavam eles, sentados nas extremidades opostas do mesmo sofá tal como um casal de adolescentes em seu primeiro encontro. Posso afirmar que ficaram constrangidos quando me viram. Trocaram algumas banalidades comigo a respeito do que falavam àquela hora. Mas não me deixei levar.

— Você contou isso para seu marido?

— Não. Na realidade, esqueci. E, mesmo que me lembrasse, nada teria dito a ele. Hermann não é da espécie de homem que possa ser deixado sozinho para pôr determinado problema em ordem. Muitos homens ricos são assim. Desconfiados e cheios de suspeitas.

— Atrevo-me a dizer que ele deve confiar muito em você para deixá-la manter o seu próprio apartamento. Ela riu desdenhosamente.

— Grande piada. Se você soubesse o que preciso fazer... Mas, provavelmente, você sabe tudo a nosso respeito, sendo um investigador particular. Ela não me deixou responder. — Tive de dispensar a maior parte das minhas criadas porque estavam sendo compradas por ele para me espionar. Na verdade, Hermann é um homem muito ciumento.

— Sob tais circunstâncias, eu agiria da mesma maneira, disse eu.
— A maioria dos homens teria ciúmes de uma mulher como você.

Ela me olhou nos olhos e, depois, de alto a baixo. Era o tipo de olhar provocante de que só as prostitutas e as estrelas de cinema muito ricas podem lançar. Era para me fazer escalar seus ossos como uma planta trepadeira numa treliça. Um olhar que me fez querer furar o tapete.

— Francamente, você provavelmente gosta de deixar um homem ciumento. Parece o tipo de mulher que sinaliza com a mão para a esquerda e entra para a direita, apenas para deixá-lo tentar adivinhar a sua intenção. Você já está pronta para dizer por que me chamou aqui esta noite?

— Mandei a criada para casa, disse ela, — Portanto pare de desperdiçar palavras e me beije, seu grande idiota.

Normalmente, não sou muito bom em obedecer ordens, mas naquela ocasião não perdi tempo em discutir. Não é todo dia que uma estrela de cinema pede a você para ser beijada. Ela me ofereceu a parte interna, macia e adocicada de seus lábios e me deixei equiparar à sua competência, apenas para ser gentil. Um minuto depois, senti seu corpo excitado e, quando ela afastou sua boca de meu beijo que parecia uma enguia, sua voz era quente, ofegante.

— Puxa, essa é a verdadeira combustão lenta.

— Prático em meu braço.

Ela sorriu e ergueu a boca até a minha, me beijando como se quisesse perder o controle de si mesma e, assim, eu poderia parar de segurá-la pelas costas. Ela respirava pelo nariz, como se necessitasse de mais oxigênio, gradualmente ficando séria, fazendo com que eu respirasse no mesmo ritmo dela, até que disse:

— Quero que você me foda, Bernie. Eu ouvi cada palavra em minha braguilha. Ficamos em silêncio e, tomando-me pela mão, ela me conduziu para o quarto.

— Preciso ir ao banheiro antes, disse eu.

Ela tirou a blusa pela cabeça, os seios bamboleando; estas eram as verdadeiras estrelas de cinema, e por um momento não pude desviar meus olhos deles. Cada bico castanho se parecia com o capacete de um soldado britânico.

— Não demore muito, Bernie, disse ela, primeiro tirando a faixa, depois as calças, e ali ficou, só de calcinha.

No banheiro, me examinei longa e honestamente no espelho que ocupava toda a parede e me perguntei por que uma deusa do cinema como aquela, que agora despia as meias de cetim branco, precisava de mim para ajudá-la a justificar a elevada despesa com a lavanderia. Não era a minha cara de menino de coro ou a minha disposição radiante. Com o nariz quebrado e meu queixo parecendo um para-choque, somente poderia ser considerado bonito pelos padrões de um ringue de boxe. Nem por um minuto imaginei que meus cabelos louros e olhos azuis pudessem me tornar interessante. Ela queria alguma coisa a mais que um encontro, e eu tinha uma boa ideia do que era. O problema é que eu tinha uma ereção que, pelo menos temporariamente, estava no comando das operações.

De volta ao quarto, ela me aguardava, para que eu viesse e me servisse à vontade. Impaciente, tirei sua calcinha e a joguei na cama, onde afastei suas coxas bronzeadas, como um erudito excitado abrindo um livro raro. Durante algum tempo, me dediquei ao texto, virando as páginas com os dedos e concedendo a meus olhos um festim que jamais sonhei possuir. Mantivemos a luz acesa, até que, finalmente, tive a perfeita visão de mim plugado na penugem encaracolada entre as suas pernas. Depois ela se deitou em cima de mim, respirando como um cãozinho sonolento, mas contente, em movimentos ritmados, como se tivesse medo de mim.

— Meu Deus, você é um homem bem estruturado.

— Mamãe era ferreira, respondi. — Ela costumava martelar um cravo na ferradura de um cavalo com a mão. Fiquei assim por causa dela. Ela deu uma risadinha.

— Você não fala muito, mas quando o faz, gosta de fazer piadas, não é?

— Há um grande número de alemães mortos que parecem muito sérios.

— E é muito cínico. Por quê?

— Eu já fui padre. Ela passou o dedo na pequena cicatriz em minha testa, onde um fragmento de metralha a formou.

— Como você conseguiu isso?

— Após a igreja, aos domingos, eu ia boxear com o coro juvenil na sacristia. Você gosta de boxe? Lembrei-me da fotografia de Schmelling sobre o piano.

— Adoro boxe, respondeu ela. — Amo homens violentos, que valorizam o físico. Gosto de ir ao Circo Busch e vê-los treinar antes de uma grande luta, apenas para ver se são defensivos ou agressivos como eles golpeiam, se eles têm colhões.

— Exatamente como as aristocratas da antiga Roma, disse eu examinando seus gladiadores a fim de verificar se têm possibilidades de vencer, antes de fazerem as apostas.

— E claro. Gosto de vencedores. E quanto a você...

— Sim?

— Diria que você tem um soco e tanto. Talvez agüente apanhar um pouco. Você parece ser do tipo resistente e paciente. Metódico. Preparado para encaixar mais que um leve castigo. Isso o torna muito perigoso.

— E você? Ela se jogou excitada em meu peito, os seios bamboleando, insinuantes, embora naquele momento, pelo menos, eu não tivesse mais apetite pelo seu corpo.

— Oh, sim, sim! Gritou ela, excitada. — Que tipo de lutadora eu sou? Olhei-a pelo canto de um dos meus olhos.

— Creio que você deve dançar em volta de um homem e deixá-lo despender um bocado de energia, antes de retornar até ele com um bom murro e vencê-lo por nocaute. A vitória por pontos não representa um bom desafio para você. Você sempre gostou de jogá-los à lona, Há apenas uma coisa que me intriga a respeito desse combate.

— O quê?

— O que a leva a pensar que me jogarei de cabeça nisso? Ela se sentou na cama.

— Eu não entendo.

— Claro que entende. Agora que a havia possuído, era bastante fácil dizer. — Você acha que seu marido me contratou para espioná-la, não é isso? Você não acredita que estou investigando o incêndio. É por isso que você planejou este encontro durante toda a noite e, agora, imagino que devo bancar o poodle, assim, quando você me mandar cair fora do trabalho, faço exatamente o que você mandar, pois do contrário não serei mais convidado para as festinhas. Bem, você perdeu o seu tempo. Conforme lhe disse, não trabalho em casos de divórcio. Ela suspirou e cobriu os seios com as mãos.

— Você certamente sabe escolher os momentos certos, Senhor Cão Farejador.

— É verdade o que eu disse, não é?

Ela saiu da cama e eu sabia que estava vendo seu corpo inteiro, tão despido quanto um alfinete sem chapéu, pela última vez; daqui por diante eu teria de ir ao cinema para captar aquelas aparições rápidas e vagas, nada menos que atormentadoras, como todas as outras pessoas. Ela foi até o armário e apanhou um vestido no cabide. Do bolso, ela retirou um maço de cigarros. Acendeu-o e tragou-o raivosamente, com um dos braços em torno do peito.

— Eu poderia ter oferecido dinheiro a você, disse ela. — Mas, em lugar disso, eu lhe dei a mim mesma. Ela voltou a tragar nervosamente. — Quanto você quer? Exasperado, dei uns tapas em minhas coxas e disse:

— Merda, você não está me ouvindo. Eu já lhe disse. Eu não fui contratado para espiar pelo buraco da fechadura e descobrir o nome do seu amante. Ela, não acreditando, deu de ombros.

— Como você soube que eu tinha um amante? Perguntou Rudel. Saí da cama e comecei a me vestir.

— Eu não precisei de uma lente de aumento e de um par de pinças para descobrir isso. Se você não tivesse um amante, não teria ficado tão nervosa diante de mim. Ela me deu um sorriso tão fino e dúbio quanto o látex de um preservativo de segunda mão.

— Não? Aposto que você é o tipo de gente capaz de encontrar piolhos numa cabeça careca. Além disso, quem disse que eu estava nervosa diante de você? Eu realmente não me incomodo pela interrupção da minha privacidade. Escute, eu acredito que você possa fazer melhor. Ela me deu as costas enquanto falava.

— Estou indo embora. Ajustei o suspensório e vesti o paletó. À porta do quarto, fiz uma última tentativa para me entender com ela. — Pela última vez, não fui contratado para vigiar você.

— Você me fez de idiota. Balancei a cabeça.

— Não há bom senso no que você disse que seja suficiente para encher a cárie de um dente. Com todas as suas maquinações de entregadora de leite, você não precisa da minha ajuda para fazer papel de tola. Obrigado pela noite inesquecível. Tão logo deixei o quarto, ela começou a me xingar com a mesma eloquência que eu esperaria ouvir de um homem que acabara de martelar o dedo.

Dirigi de volta para casa me sentindo como uma afta de ventríloquo. Eu estava chateado com o rumo que as coisas tomaram. Não é todo dia que uma das maiores estrelas do cinema alemão leva você para a cama e depois lhe dá o fora. Eu gostaria de ter tido mais tempo para me familiarizar com aquele famoso corpo. Eu era o homem que havia obtido o primeiro prêmio na feira, e logo depois ouvia que tinha sido um engano. De qualquer forma, disse para mim mesmo, eu deveria ter esperado algo assim. Nada se parece mais com um cachorro vira-lata do que uma mulher rica. Uma vez em casa, me servi de uma bebida e liguei o aquecedor para tomar banho. Depois, vesti o robe que havia comprado na Wertheim e voltei a me sentir bem. O apartamento estava abafado, portanto abri algumas janelas. Depois tentei ler um pouco. Devo ter caído no sono, pois algumas horas se passaram quando ouvi batidas na porta.

— Quem é? Perguntei, me dirigindo para o saguão.

— Abra. É a polícia, disse uma voz.

— O que é que você quer?

— Fazer algumas perguntas sobre Use Rudel. Ela foi encontrada em seu apartamento, morta, há uma hora. Assassinada. Abri a porta e vi o cano de uma Parabellum cutucando meu estômago.

— Para trás, disse o homem com a pistola. Recuei, erguendo as mãos instintivamente.

Ele vestia um casaco esportivo da Baviera de linho azul-claro e uma gravata amarelo-canário. Havia uma cicatriz em seu rosto jovem e pálido, mas era perfeita e limpa, provavelmente autoinfligida com uma lâmina, na esperança de ser confundida com uma cicatriz obtida em um duelo estudantil. Acompanhado por um forte cheiro de cerveja, ele avançou pelo saguão, fechando a porta atrás de si.

— Você é quem manda, garoto, disse eu, aliviado ao perceber que ele parecia desconfortável com a Parabellum. — Você me enganou com essa história a respeito de Fraulein Rudel. Eu não devia ter caído nela.

— Filho da puta, rosnou ele.

— Importa-se se eu abaixar as mãos? É que a minha circulação não é a mesma de antes. Abaixei-as ao longo do corpo. — O que isso significa?

— Não negue nada.

— Negar o quê?

— Que você a estuprou. Ele ajustou na mão o cabo da arma e engoliu em seco nervosamente, o pomo-de-adão se movimentando como um casal em lua-de-mel sob finos lençóis rosados. — Ela me contou o que você fez com ela. Portanto, você não precisa tentar qualquer negativa. Encolhi os ombros.

— O que adiantaria negar? No seu lugar, eu saberia em quem acreditar. Mas escute, você tem certeza do que está fazendo? A sua respiração acenava com uma bandeira vermelha quando você entrou

aqui nas pontas dos pés. Os nazistas podem ser relativamente liberais em certos pontos, mas ainda não baniram a pena capital. Mesmo que você seja considerado adulto o suficiente para beber o drinque que tem em mãos.

— Vou matá-lo, disse ele, lambendo os lábios secos.

— Bem, siga em frente, mas você não pensou em outro lugar, que não a minha barriga? Apontei para a pistola dele. — De maneira alguma é certo que você me matará e eu terei de passar o resto de minha vida bebendo leite. Não, eu, se fosse você, optaria por um tiro na cabeça. Entre os olhos, se você conseguir. Um tiro difícil que, com toda a certeza, me matará. Francamente, do jeito como me sinto agora, você estará me fazendo um favor. Deve ter sido algo que comi, pois meus intestinos parecem a máquina de lavar do Luna Park. Soltei um peido extenso e ruidoso, consistente como um trombone peidando de satisfação. — Meu Deus, disse eu, passando a mão em meu rosto. — Entendeu o que isso significa?

— Cale-se, animal! Exclamou o jovem. Vi-o, porém, levantar o cano da pistola e apontá-lo para a minha cabeça.

Lembrei-me da Parabellum dos meus tempos de exército, quando era a pistola padrão de serviço. A pistola .08 confia no coice para acionar o percussor, mas com o primeiro tiro o mecanismo de disparo está sempre comparativamente rígido. Minha cabeça formava um alvo menor do que meu estômago, e esperei que tivesse tempo suficiente para me esquivar. Arremessei-me à cintura dele e, ao fazê-lo, vi a chama e senti o zunido da bala de 9mm passar por cima da minha cabeça e acertar algo atrás de mim. Meu peso nos levou a colidir contra a porta da frente. Mas se eu havia esperado que ele fosse incapaz de opor uma dura resistência, estava enganado. Agarrei o pulso com a arma e descobri o braço dele se torcendo na minha direção com mais força do que esperaria. Eu o senti agarrar o colarinho do meu robe e torcê-lo. Depois ouvi o pano se rasgar.

— Merda, só faltava essa.

Empurrei a arma na direção dele e consegui pressionar o cano contra o seu esterno. Colocando todo o meu peso nesta ação, esperava quebrar uma costela, mas em vez disso houve uma detonação abafada e carnuda, enquanto a arma disparava de novo, e me vi coberto com seu sangue quente. Contive seu corpo flácido por vários segundos antes de deixá-lo rolar para longe de mim. Levantei-me e dei uma olhada nele. Não havia dúvida de que estava morto, embora o sangue continuasse a borbulhar do buraco em seu peito. A seguir, vasculhei seus bolsos. É sempre bom saber quem está tentando matá-lo. Havia uma carteira contendo uma identidade em nome de Walther Kolb e duzentos marcos. Não fazia sentido deixar o dinheiro para os rapazes da Kripo, portanto tirei 150 para pagar o meu robe. Havia também duas fotografias; uma delas era um cartão-postal obsceno, no qual um homem fazia coisas no traseiro de uma garota com uma extensão de tubo de borracha; a outra era uma foto publicitária de Ilse Rudel, autografada “com muito amor”. Queimei a foto de minha ex-parceira de cama, me servi uma dose e, assombrado com a foto da lavagem erótica, chamei a polícia.

Uma dupla de tiras veio da Alex. O policial superior, o Oberinspektor Tesmer, era um homem da Gestapo; o outro, o Inspektor Stahlecker, era um amigo, um dos meus poucos amigos remanescentes da Kripo, mas com Tesmer por perto não havia chance de uma escapada fácil.

— E tudo o que tenho a dizer, concluí, após ter repetido a história três vezes.

Estávamos sentados em torno de minha mesa de jantar, sobre a qual jaziam a Parabellum e o conteúdo dos bolsos do morto. Tesmer sacudia a cabeça lentamente, como se eu tivesse oferecido lhe vender um artigo que ele não teria a menor chance de negociar.

— Você sempre poderia trocar isso por alguma outra coisa. Vamos, tente de novo. Talvez agora consiga me fazer rir.

Com lábios finos e quase inexistentes, a boca de Tesmer era como um rasgão no meio de uma cortina barata. E tudo o que se via através do buraco eram as pontas de seus dentes de roedor e o ocasional vislumbre da ostra raivosa e branco-acinzentada que era a sua língua.

— Olhe, Tesmer, disse eu, — Sei que parece um pouco como desculpa esfarrapada, mas aceite minha palavra, que é realmente muito confiável. Nem tudo o que reluz é ouro.

— Tente então espanar um pouco da porra dessa poeira. O que sabe sobre o presunto? Dei de ombros.

— Só o que achei nos seus bolsos. E que ele e eu não íamos nos entender.

— O que vale para ele uns pontinhos extras no meu conceito, disse Tesmer.

Stahlecker se sentava pouco à vontade ao lado do chefe e puxava nervoso a venda do seu olho. Ele perdera uma vista quando servira na infantaria prussiana e, ao mesmo tempo, ganhara a ambicionada “pour lè mérite” por sua bravura. Eu teria preferido ficar com o olho, embora a venda parecesse um tanto vistosa nele. Combinando com seu bigode preto e basto, servia para lhe dar um ar de pirata, se bem que suas maneiras fossem inteiramente apáticas. Mas era um policial bondoso e um amigo leal. Ainda assim, não ia se arriscar a pôr a mão no fogo enquanto Tesmer fazia todo o possível para ver se eu me inflamava. Sua franqueza o levava anteriormente a expressar uma ou duas opiniões irrefletidas sobre o Partido Nacional-Socialista durante as eleições de 1933. Desde então, vinha tendo o bom senso de manter a boca fechada, mas eu e ele sabíamos que a direção da Kripo só estava procurando um pretexto para exonerá-lo. Era apenas o seu destacado desempenho na guerra que o mantinha esse tempo todo na força policial.

— E suponho que ele tentou matá-lo porque não gostou da sua colônia, continuou Tesmer.

— Também notou isso? Disse eu, e Stahlecker sorriu de leve a isso, tal como Tesmer, mas este não gostou da piada.

— Gunther, você pode ter uma lábia melhor do que a de um crioulo com um trompete. Seu amigo aqui pode até achá-lo engraçado, mas simplesmente o acho um babaca, portanto não me encha o saco. Não sou do tipo com senso de humor.

— Eu lhe contei a verdade, Tesmer. Abri a porta e lá estava Herr Kolb com a ferramenta apontada para o meu jantar.

— Uma Parabellum em cima do seu estômago, e ainda conseguiu tomá-la dele. Não vejo a porra de nenhum buraco em você, Gunther.

— Estou fazendo um curso de hipnotismo por correspondência. Como eu disse, tive sorte, ele errou. Você viu a lâmpada quebrada.

— Ouça aqui, eu não sou hipnotizado facilmente. Esse camarada era um profissional. Não era do tipo a quem você tomaria a arma como se fosse uma casquinha de sorvete.

— Um profissional de quê... De armarinho? Não fale por palpite, Tesmer. Era apenas um garoto.

— Bem, isso piora as coisas para você, porque ele não vai mais crescer.

— Jovem ele pode ter sido, disse eu, — Mas não era nenhum fracote. Só não perco as estribeiras porque acho você muito simpático. Isto aqui é sangue de verdade, você sabe. E o meu robe está rasgado, ou ainda não notou? Tesmer riu com escárnio.

— Pensei que você fosse apenas desleixado com suas roupas.

— Ei, este é um robe de cinquenta marcos. Não acha que eu ia rasgá-lo só para seu benefício, acha?

— Se tem condições de comprá-lo, então não lhe fará falta. Sempre achei que gente do seu tipo ganha muito dinheiro.

Recostei-me na cadeira. Lembrei que Tesmer era um dos verdugos do chefe de polícia Walther Wecke, incumbidos de erradicar

conservadores e bolchevistas da instituição. Um canalha da pior espécie. Imaginei como Stahlecker conseguia sobreviver.

— Quanto você ganha, Gunther? Três, quatro mil marcos por semana? Provavelmente ganha mais do que eu e Stahlecker juntos, não é, parceiro? Meu amigo deu de ombros sem se comprometer.

— Não sei.

— Está vendo? Disse Tesmer. — Nem mesmo Stahlecker faz a menor ideia de quantos milhares de marcos você ganha por ano.

— Você está no emprego errado, Tesmer. Do modo como exagera as coisas, deveria trabalhar no Ministério da Propaganda. Ele não disse nada. — Tudo bem, tudo bem, já entendi. Quanto é que isto vai me custar? Tesmer encolheu os ombros, tentando conter o sorriso que ameaçava irromper em seu rosto.

— De um homem que tem um robe de cinquenta marcos? Digamos, por volta de cem.

— Cem? Por aquele pé-de-chinelo insignificante? Dê outra olhada nele, Tesmer. Ele não tem um bigodinho de Charlie Chaplin nem o braço direito estendido. Tesmer se levantou.

— Você fala demais, Gunther. Tomara que sua boca comece a se rasgar nos cantos antes que se meta numa encrenca séria. Ele olhou para Stahlecker e depois de volta para mim. — Vou dar uma mijada. Seu velho parceiro vai ficar aqui até que eu volte para convencê-lo, do contrário... Ele franziu os lábios e sacudiu a cabeça. Gritei atrás dele, enquanto saía:

— Vê se levanta a tampa do vaso! A seguir, sorri para Stahlecker. — Como está passando, Bruno?

— O que é isso, Bernie? Andou bebendo? Ficou doido ou algo assim? Pare com isso. Você sabe como Tesmer poderia dificultar as coisas. Primeiro, você atíça o homem com toda aquela conversa esperta, agora quer fazer jogo duro. Pague logo ao sacana!

— Olhe, se não jogar duro com ele um pouco e pechinchar antes de lhe pagar aquele tipo de suborno, então ele vai achar que eu valho muito mais. Bruno, tão logo botei os olhos no filho da puta, sabia que

esta noite ia me custar alguma coisa. Antes de eu deixar a Kripo, ele e Wecke tinham me marcado. Eu não me esqueci e nem ele. Ainda lhe devo um pouco de agonia.

— Bem, você tornou a coisa mais cara para si mesmo ao mencionar o preço do robe.

— Não mesmo. Ele me custou quase cem.

— Meu Deus! Suspirou Stahlecker. — Tesmer tem razão. Você está ganhando dinheiro demais. Ele enterrou as mãos nos bolsos e olhou francamente para mim. — Pode me dizer o que realmente aconteceu aqui?

— Mais uma vez, Bruno. Falei a pura verdade.

— Exceto por um ou dois pequenos detalhes.

— Certo. Escute, preciso de um favor. Podemos nos encontrar amanhã? Na matinê do Kammerlichtespiele, na Haus Vaterland. Última fila, às quatro horas. Bruno suspirou, depois assentiu.

— Tentarei.

— Antes disso, veja se pode descobrir algo sobre o caso de Paul Pfarr. Ele franziu o cenho e estava prestes a falar quando Tesmer voltou do banheiro. — Espero que tenha esfregado o chão, falei.

Tesmer apontou um rosto para mim no qual a beligerância estava moldada como num trabalho de cornija de uma extravagância gótica. A conformação de sua mandíbula e a extensão do nariz lhe davam quase o mesmo perfil de um pedaço de cano de chumbo. O efeito geral era do Paleolítico anterior.

— Espero que você tenha decidido ser mais sábio, resmungou. Teria sido mais fácil argumentar com um búfalo-d'água.

— Parece que não tenho muita escolha, disse eu. — Seria demais esperar que me desse um recibo?

* * *

Sete

LOGO DEPOIS de Clayallee, na extremidade de Dahlem, se situava o enorme portão de ferro batido da propriedade de Six. Fiquei sentado no carro por um tempo e observei a estrada. Fechei os olhos várias vezes e notei que cabeceava. Era fim de noite. Após um cochilo ligeiro, saltei e abri o portão. Depois caminhei de volta ao carro e dobrei na estrada particular, descendo um extenso e suave declive e entrando na sombra fria projetada pelos pinheiros perfilados junto à pista de cascalho. À luz do dia, a casa de Six era até mais impressionante, embora eu pudesse ver agora que não era uma, mas duas casas, uma ao lado da outra: lindas casas de fazenda da época do Imperador Guilherme I, solidamente construídas.

Parei à porta da frente, onde Use Rudel havia estacionado seu BMW na noite em que a vi pela primeira vez, e saltei do carro, deixando a porta aberta só para o caso de os dois dobermanns darem o ar de sua graça. Cachorros não gostam muito de investigadores particulares, e a antipatia é inteiramente recíproca. Bati à porta. Ouvi a batida ecoar no hall e, ao ver as persianas fechadas, especulei se não teria perdido a viagem. Acendi um cigarro e fiquei de pé ali, encostado à porta, fumando e ouvindo. O lugar estava quase tão silencioso quanto a seiva de uma seringueira embrulhada para presente. Então, ouvi alguns passos e me aprumei enquanto a porta se abria para revelar a cabeça levantina e os ombros roliços de Farraj, o mordomo.

— Bom dia, cumprimentei, efusivo. — Espero que Herr Haupthändler esteja em casa. Farraj olhou para mim com a aversão clínica de um pedicuro olhando para uma unha encravada.

— Tem hora marcada? Perguntou.

— De fato, não, respondi, entregando a ele o meu cartão. — Esperava, porém, que ele me concedesse cinco minutos. Estive aqui na outra noite, para ver Herr Six. Farraj assentiu em silêncio. Devolveu meu cartão.

— Minhas desculpas por não tê-lo reconhecido, senhor. Ainda segurando a porta, ele recuou para o Holl, me convidando a entrar. Após fechar a porta, olhou para o meu chapéu com ar ligeiramente divertido. — Não tenho dúvida de que desejará ficar novamente com seu chapéu.

— Acho que já tive o bastante, não? Ficando mais perto dele, pude detectar o bem definido cheiro de álcool, e não do tipo que servem em clubes seletos de cavalheiros.

— Muito bem, senhor. Se aguardar aqui por um momento, encontrarei Herr Haupthändler e perguntarei se pode recebê-lo.

— Obrigado, falei. — Tem um cinzeiro? Eu segurava o cigarro com a cinza para cima, como se fosse uma seringa hipodérmica.

— Sim, senhor.

Ele surgiu com um cinzeiro de ônix preto do tamanho de uma Bíblia de igreja, que segurou com ambas as mãos enquanto eu me livrava da guimba. Depois que apaguei o cigarro, ele se virou e, ainda carregando o cinzeiro, desapareceu no corredor, me deixando a imaginar o que eu diria a Haupthändler se ele me recebesse. Não tinha pensado em nada de especial, e nem por um minuto imaginei que ele estaria preparado para discutir a história de Use Rudel sobre ele e Grete Pfarr. Eu estava simplesmente bisbilhotando. Você faz dez perguntas tolas a dez pessoas e às vezes atinge um nervo sensível em algum lugar. Às vezes, se você não estivesse entediado demais para notar, conseguiria reconhecer que estava chegando a alguma coisa. Era um pouco como garimpar ouro. A cada dia você ia até o rio e bateava lodo sem parar. E

apenas ocasionalmente, desde que ficasse com os olhos atentos, você encontrava uma pedrinha suja que era na verdade uma pepita. Fui até o fundo das escadas e olhei pelo poço acima. Uma enorme claraboia circular iluminava as pinturas nas paredes pintadas de escarlate. Eu apreciava uma natureza morta de uma lagosta e uma caçarola quando ouvi passos no piso de mármore, atrás de mim.

— É de Karl Schuch, disse Haupthändler. — Vale um dinheirão. Ele fez uma pausa e acrescentou: — Mas é muito, muito sem graça. Por favor, me acompanhe.

Ele me conduziu até a biblioteca de Six.

— Receio que não possa lhe conceder muito tempo. Como vê, ainda tenho de providenciar muitas coisas para o funeral de amanhã. Tenho certeza de que compreende.

Sentei-me a um sofá e acendi um cigarro. Haupthändler cruzou os braços, o couro de seu casaco esporte marrom rangendo através dos ombros largos. Ele se recostou na mesa do seu patrão.

— Bem, sobre o que desejava me ver?

— Na verdade, é a respeito do funeral, disse eu, improvisando a partir da deixa que ele me dera. — Estava especulando onde seria.

— Peço-lhe desculpas, Herr Gunther, disse ele. — Acho que não me ocorreu que Herr Six desejaria que comparecesse. Ele me encarregou de todos os preparativos enquanto se encontra no Ruhr, mas não pensou em deixar quaisquer instruções a respeito da lista de pranteadores. Tentei parecer embaraçado.

— Oh, bem, falei, me levantando. — Naturalmente, em se tratando de um cliente como Herr Six, eu gostaria de poder prestar condolências por sua filha. É o costume. Mas estou certo de que ele entenderá.

— Herr Gunther, disse Haupthändler, após um breve silêncio. — Consideraria grosseiro de minha parte se lhe desse um convite exatamente agora, escrito a mão?

— De modo algum. Se tiver certeza de que não causará nenhum inconveniente aos seus preparativos.

— Isto não é problema. Tenho alguns cartões aqui. Ele contornou a mesa e abriu uma gaveta.

— Trabalha para Herr Six há muito tempo? Perguntei.

— Há uns dois anos, respondeu, desligado. — Antes disso fui diplomata no serviço consular alemão. Ele tirou um par de óculos do bolso de lapela e colocou-os na ponta do nariz antes de escrever o convite.

— E conheceu bem Grete Pfarr? Ele me olhou de relance.

— Na verdade, não a conheci nem superficialmente. Nada mais que “olá, como vai?”.

— Sabe se ela tinha inimigos, amantes ciumentosos, esse tipo de coisa? Ele terminou de escrever o cartão e pressionou-o com o mata-borrão.

— Estou quase certo de que não tinha, disse, energicamente, retirando os óculos e devolvendo-os ao bolso.

— É mesmo? E quanto a ele? Paul.

— Posso lhe dizer menos ainda sobre ele, receio, disse, pondo o convite num envelope.

— Ele e Herr Six se davam bem?

— Não eram inimigos, se é isso que está sugerindo. Suas diferenças eram puramente políticas.

— Bem, isso representa algo bastante fundamental nesses dias, não diria?

— Não neste caso. Agora, Herr Gunther, me dê licença. Realmente preciso entrar.

— Sim, claro. Ele me entregou o convite. — Bem, muito obrigado, falei, seguindo-o até o hall. — Reside aqui também, Herr Haupthändler?

— Não, tenho um apartamento na cidade.

— É mesmo? Onde? Ele hesitou por um momento.

— Kurfurstenstrasse, disse, por fim. — Por que pergunta? Encolhi os ombros.

— Faça perguntas demais, Herr Haupthändler, disse eu. Perdoe-me. E força do hábito. Uma natureza desconfiada acompanha a profissão. Por favor, não se sinta ofendido. Bem, devo ir andando. Ele sorriu debilmente e pareceu relaxar enquanto me mostrava a porta. Mas eu esperava ter dito o suficiente para deixá-lo com a pulga atrás da orelha.

O Hanomag parece levar uma eternidade para alcançar qualquer tipo de velocidade, portanto foi com certa dose de otimismo desconfiado que tomei a “via expressa” Avus para voltar ao centro da cidade. Paga-se um marco de pedágio para usar esta rodovia, mas a Avus vale o preço: são dez quilômetros de reta, todo o caminho de Potsdam a Kurfurstendamm. É a única estrada da cidade em que o motorista, fingindo ser um Carraciola, o grande piloto de corrida, mete o pé na tábua e pode atingir velocidades acima de 150 quilômetros por hora. Pelo menos podia nos dias anteriores ao BV Arai, o substituto de gasolina de baixa octanagem que não é muito melhor do que álcool metilado. Agora, noventa quilômetros por hora era tudo o que eu podia obter do motor 1.3 do Hanomag.

Estacionei no cruzamento da Kurfurstendamm com a Joachimsthaler Strasse, conhecido como “Esquina Grunfeld”, por causa da loja de departamentos do mesmo nome ali situada. Quando Grunfeld, um judeu, ainda era dono da loja, costumavam servir limonada grátis no balcão do subsolo. Mas desde que o Estado o desapropriou, como fez com todos os judeus proprietários de grandes lojas, como Wertheim, Hermann Teitz e Israel, os dias de limonada grátis acabaram. Como se não bastasse, a limonada pela qual se pagava agora não tinha um gosto nem a metade tão bom, e você não precisava ter as papilas gustativas mais apuradas do mundo para perceber que estavam racionando o açúcar. Tal como faziam agora com tudo o mais. Sentei-me para beber a

limonada e observar o elevador subir e descer no poço de vidro tubular, que permitia que você apreciasse a loja enquanto viajava de um andar para outro. Pensei se devia subir até o setor de meias e ver Carola, a garota do casamento de Dagmarr. Foi o gosto azedo da limonada que me lembrou de meu próprio comportamento devasso e que me fez decidir contra. Em vez disso, deixei a Grunfeld e caminhei a curta distância da Kurfurstendamm até a Schluterstrasse.

Uma joalheria é um dos poucos lugares em Berlim onde você pode encontrar pessoas em fila para vender em vez de comprar. A joalheria de Peter Neumaier não era exceção. Quando cheguei lá, a fila ainda não tinha alcançado a rua, mas já roçava no vidro da porta; e tinha aparência mais velha e mais triste do que as filas que eu costumava enfrentar. As pessoas à espera eram de variadas procedências, mas a maioria tinha duas coisas em comum: seu judaísmo e, como um corolário inevitável, sua falta de trabalho, motivo pelo qual vinham vender os seus bens, em primeiro lugar. Diante da fila, por trás de um comprido balcão de vidro, estavam dois funcionários de expressão pétrea e trajando ternos finos. Eles tinham um conciso procedimento de avaliação, que consistia em dizer ao potencial vendedor o quão pobre a peça realmente era e como seria difícil colocá-la no mercado.

— Vemos coisas como essa o tempo todo, dizia um deles, enrugando os lábios e sacudindo a cabeça para as pérolas e broches espalhados sobre o balcão. — Entenda, não podemos estabelecer preço para o valor sentimental. Estou certo de que compreende isso.

Era jovem ainda, com a metade da idade da mulher decepcionada diante dele. Tinha boa aparência também, embora talvez estivesse precisando fazer a barba. Seu colega era menos acessível na sua indiferença: torcia o nariz com escárnio, encolhia metade de seus ombros tamanho cabide e resmungava sem entusiasmo. Silenciosamente, ele contou cinco notas de cem marcos no maço em sua mão descarnada de usurário, pagando por algo que valeria trinta vezes

mais. O velho de quem ele estava comprando parecia indeciso se aceitava ou não a proposta, que devia ter sido irrisória. Com mão trêmula, ele apontou para o bracelete que jazia sobre o pedaço de pano no qual viera embrulhado.

— Mas olhe aqui, disse o velho, — Vocês têm um igualzinho na vitrine que custa três vezes o que está me oferecendo. Cabide franziu os lábios.

— Fritz, disse para o colega, — Há quanto tempo o bracelete de safira está na vitrine? Era uma eficiente encenação em dupla, tinha que se reconhecer.

— Deve fazer uns seis meses, respondeu o outro. — Não compre mais um. Você sabe que isso aqui não é casa de caridade. Ele provavelmente dizia isto várias vezes por dia. Cabide piscou, entediado.

— Vê o que eu quis dizer? Olhe, procure por aí, se acha que pode obter mais por isso.

Mas a visão do dinheiro foi demais para o velho e ele cedeu. Caminhei até a frente da fila e falei que estava procurando Herr Neumaier.

— Se tiver alguma coisa para vender, terá de esperar na fila, como todos os outros, resmungou Cabide.

— Não tenho nada para vender, disse eu vagamente, acrescentando: — Estou procurando por um colar de diamantes. Ao ouvir isto, Cabide me sorriu como se eu fosse seu tio rico há muito ausente.

— Se puder esperar um momento, disse, todo untuoso, — Verei se Herr Neumaier está disponível. Ele desapareceu atrás de uma cortina por um minuto. Quando voltou, fui introduzido a um pequeno escritório no fim do corredor.

Peter Neumaier se sentava a sua mesa, fumando um charuto que se adequaria melhor à caixa de ferramentas de um encanador. Ele era

moreno, com olhos azuis brilhantes, tal como o nosso amado Fuhrer, e dono de uma barriga protuberante como uma caixa registradora. As faces tinham um tom rosado, descascado, como se ele sofresse de eczema, ou simplesmente tivesse forçado demais a navalha ao se barbear de manhã. Apertou-me a mão quando me apresentei. Foi como apertar um pepino.

— Encantado em conhecê-lo, Herr Gunther, disse, afetuosamente.
— Ouvi dizer que está procurando por diamantes.

— Isso mesmo. Mas deveria lhe dizer que estou agindo como intermediário para alguém.

— Entendo. Neumaier sorriu. — Tem algo especial em mente?

— Oh, sim. Um colar de diamantes.

— Bem, o senhor veio ao lugar certo. Há vários colares de diamantes que posso lhe mostrar.

— Meu cliente sabe exatamente o que exige, repliquei. — Deve ser um colar de diamantes engastado, feito por Cartier. Neumaier pousou o charuto no cinzeiro e expeliu uma mistura de fumaça, nervosismo e diversão.

— Bem, disse ele. — Isso certamente estreita o campo.

— Com os ricos é assim, Herr Neumaier. Eles sempre parecem saber exatamente o que querem, não acha?

— Oh, realmente sabem, Herr Gunther. Ele se inclinou à frente em sua cadeira e, pegando o charuto, disse: — Um colar como esse que descreve não é o tipo de peça que aparece todo dia. E é claro que custará um bom dinheiro. Era a hora de fazê-lo arriar as calças.

— É claro que meu cliente está preparado para pagar um bom dinheiro. Vinte por cento do prêmio do seguro, sem fazer perguntas. Ele franziu o cenho.

— Não sei se entendi o que está dizendo.

— Ora, deixe disso, Neumaier. Ambos sabemos que existe muito mais no seu negócio do que o teatrinho piegas que exhibe na frente da loja. Ele bafejou mais fumaça e olhou para o que restava do charuto.

— Está sugerindo que compro mercadoria roubada, Herr Gunther? Porque, se estiver...

— Apure os ouvidos, Neumaier, pois ainda não terminei. A grana do meu cliente é sólida. Dinheiro vivo. Empurrei para ele a fotografia do colar de diamantes de Six. — Se algum gatuno entrar aqui tentando vendê-lo, ligue para mim. O número está no verso. Neumaier olhou para a foto e para mim com desagrado e depois se levantou.

— O senhor é uma piada, Herr Gunther. Parece que tem um parafuso a menos na cachola. Agora saia, antes que eu chame a polícia.

— Até que não seria má ideia, repliquei. — Tenho certeza de que os tiras ficarão muito impressionados com seu espírito público quando se oferecer para abrir seu cofre e convidá-los a inspecionar o conteúdo. É a confiança da honestidade, suponho.

— Caia fora daqui.

Levantei-me e saí do seu escritório. Eu não pretendia chegar a esse ponto, mas não gostei do modo como Neumaier operava seu negócio. Na loja, Cabide estava a ponto de oferecer a uma velha, por sua caixa de joias, um preço inferior ao que ela conseguiria num albergue do Exército da Salvação. Vários dos judeus que esperavam atrás dela me fitaram com uma expressão que era um misto de esperança e desamparo. Isso me deixou tão confortável quanto uma truta num piso de mármore e, sem nenhum motivo aparente, senti algo parecido com vergonha.

Gert Jeschonnek era uma proposta diferente. Seus domínios ficavam no oitavo andar no Columbus Haus, um edifício de nove andares na Potsdamer Platz com uma forte ênfase na linha horizontal. Parecia algo que um condenado à prisão perpétua poderia ter feito, com um suprimento infinito de fósforos, e ao mesmo tempo me trazia à mente o edifício quase epônimo perto do Aeroporto Tempelhof, que é o Columbia Haus, a prisão da Gestapo em Berlim. Este país exhibe sua admiração pelo descobridor da América das mais estranhas maneiras. O oitavo andar abrigava um completo clube de campo de médicos, advogados e editores que ganhavam no mínimo trinta mil por ano.

As portas duplas na entrada do escritório de Jeschonnek eram de mogno polido, nas quais estava escrito em letras douradas: GERT JESCHONNEK. COMERCIANTE DE PEDRAS PRECIOSAS. Atrás delas estava um escritório em forma de L com paredes que tinham um tom agradável de rosa, nas quais pendiam várias fotos emolduradas de diamantes, rubis e várias quinquilharias que teriam estimulado a cobiça de mais de um Salomão. Peguei uma cadeira e esperei que um rapaz anêmico diante de uma máquina de escrever acabasse de falar ao telefone. Um minuto depois, ele disse:

— Ligo para você depois, Rudi. Repôs o fone no gancho e me fitou com uma expressão que estava a milímetros do mau humor. — Sim? Disse ele.

Podem me chamar de ultrapassado, mas jamais gostei de secretários masculinos. A vaidade de um homem se inibe na maneira de servir a outro homem, e este espécime em particular não estava a ponto de me convencer.

— Quando acabar de lixar as unhas, poderia talvez dizer a seu patrão que eu gostaria de falar com ele? O nome é Gunther.

— Tem entrevista marcada?

— Desde quando um homem querendo comprar diamantes precisa marcar entrevista? Diga-me, você marcaria? Pude notar que ele não achou a menor graça.

— Poupe o fôlego para soprar sua sopa, disse ele, e contornou a mesa para ir até a única outra porta. — Verei se ele pode recebê-lo.

Enquanto ele estava ausente da sala, peguei um exemplar recente de Der Sturmer da pilha de revistas. Na capa havia um desenho de um homem em trajes de anjo segurando uma máscara de anjo diante do rosto. Atrás dele estava seu rabo de demônio, sobressaindo debaixo de sua sobrepeliz, e sua sombra de “anjo”, só que agora revelava que o perfil

por trás da máscara era o de um inconfundível judeu. Aqueles cartunistas do Der Sturmer adoravam desenhar um narigão, e este aqui era um autêntico bico de pelicano. “Uma coisa estranha para se encontrar em um respeitável escritório comercial”, pensei. O jovem anêmico, emergindo do outro escritório, forneceu a explicação sucinta:

— Ele já vai recebê-lo, disse e acrescentou: — Ele só compra isso aí para impressionar a gringalhada.

— Creio que não entendi.

— Temos um monte de clientes judeus aqui, explicou. — Claro, eles só querem vender, nunca comprar. Herr Jeschonnek acha que se eles souberem que é assinante do Der Sturmer, isso irá ajudá-lo a vencer uma barganha mais penosa.

— Muito esperto da parte dele, comentei. — E funciona?

— Acho que sim. É melhor perguntar a ele.

— Talvez o faça.

Não havia muito que se ver na sala do patrão. Do outro lado de um amplo tapete havia um cofre cinzento de aço que parecia já ter sido um navio de guerra e uma mesa tamanho Panzer com o tampo forrado de couro escuro. Quase não havia nada sobre a mesa, exceto um quadrado de feltro, sobre o qual jazia um rubi grande o bastante para enfeitar o elefante preferido de um marajá e os pés de Jeschonnek, calçando imaculadas polainas brancas, e estes deslizaram para debaixo da mesa quando entrei. Gert Jeschonnek era um homem corpulento, com olhinhos suínos e barba castanha aparada rente ao rosto queimado de sol. Trajava um terno trespassado cinza-claro, mais adequado a um homem dez anos mais novo, e na lapela ostentava a Insígnia do Medo. Ele se besuntava de Violeta de Março como se fosse um repelente de insetos.

— Herr Gunther, disse, animadamente, e por um momento ficou quase de pé em posição de sentido.

Depois atravessou a sala para me cumprimentar. Sua mão arroxeadada de açougueiro esmagou a minha, que exibiu marcas esbranquiçadas quando ele a soltou. Quando pequeno, devia ter tido sangue em vez de melado. Deu um sorriso doce e depois olhou além de meu ombro para o secretário anêmico, que já ia fechar a porta.

— Helmut, disse, — Um bule de café bem forte, por favor. Duas xícaras, e sem delongas. Ele falava rápida e precisamente, marcando o compasso com a mão como um professor de oratória.

Conduziu-me a sua mesa e ao rubi, que imaginei estivesse ali para me impressionar, tal como os exemplares do *Der Sturmer* estavam lá fora para impressionar a clientela judia. Fingi ignorá-lo, mas Jeschonnek não queria ser privado de sua pequena encenação. Segurou o rubi contra a luz nos seus dedos gordos e sorriu de modo obsceno.

— Um rubi cabochon extremamente fino. Gosta? Perguntou.

— Vermelho não é minha cor preferida, retruquei. — Não combina com meu cabelo.

Ele riu e repôs o rubi sobre o veludo, que dobrou e recolocou no cofre. Sentei-me numa grande cadeira de braços diante de sua mesa.

— Estou procurando por um colar de diamantes, anunciei. Ele se sentou de frente para mim.

— Bem, Herr Gunther, sou o especialista reconhecido em diamantes. Sua cabeça fez um pequeno floreio de orgulho, como um cavalo de corrida, e captei uma forte exalação de colônia.

— É mesmo? Disse eu.

— Duvido que exista em Berlim um melhor conhecedor de diamantes do que eu. Ele espichou o queixo hirsuto para mim, como se me desafiando a contradizê-lo. Quase vomitei.

— Fico contente em saber, falei. O café chegou e Jeschonnek relanceou desconfortável para seu secretário enquanto ele saía.

— Não consigo me acostumar com um secretário homem, disse.
— Claro, sei que o lugar mais adequado para uma mulher é o lar, cuidando de uma família, mas tenho uma grande queda pelas mulheres, Herr Gunther.

— Eu arranjaría um sócio antes de arranjar um secretário homem, repliquei. Ele sorriu polidamente.

— Bem, então posso crer que esteja procurando por um diamante.

— Diamantes. Corrigi.

— Entendo. Ao natural ou num conjunto?

— Na verdade, estou tentando rastrear uma peça em particular que foi roubada de meu cliente, expliquei. Entreguei-lhe meu cartão. Ele o examinou, impassível. — Um colar, para ser exato. Tenho aqui uma fotografia dele. Peguei outra foto e passei a ele.

— Magnífico! Exclamou ele.

— Cada baguette é de um quilate, expliquei.

— Inteiramente, disse ele. — Mas não vejo como eu possa ajudá-lo, Herr Gunther.

— Se o ladrão por acaso tentar lhe oferecer a peça, ficaria grato se entrasse em contato comigo. Claro que há uma polpuda recompensa. Meu cliente me autorizou a oferecer vinte por cento do valor do seguro, sem perguntas.

— Posso saber o nome do seu cliente, Herr Gunther? Hesitei.

— Bem, a identidade de um cliente costuma ser confidencial. Mas posso ver que é do tipo de homem que sabe respeitar a privacidade.

— É muito amável, disse ele.

— O colar é indiano, e pertence a uma princesa que está em Berlim para a Olimpíada, como convidada do Governo. Jeschonnek começou a franzir o cenho enquanto ouvia minhas mentiras. — Não conheço a princesa pessoalmente, mas me disseram que é a criatura mais linda que Berlim jamais viu. Está hospedada no Adlon Hotel, de onde o colar foi roubado há alguns dias.

— Roubado de uma princesa indiana, ha? Disse ele, adicionando um sorriso às suas feições. — Bem, por que não saiu nada nos jornais a

respeito? E por que a polícia não está envolvida? Beberiquei meu café para prolongar uma pausa dramática.

— A gerência do Adlon está ansiosa para evitar um escândalo, expliquei. — Não faz muito tempo, o Adlon sofreu uma série de roubos desafortunados, praticados pelo célebre ladrão de joias Faulhaber.

— Sim, me lembro de ter lido sobre isso.

— É claro que o colar está segurado, mas o problema aí reside na reputação do Adlon, como estou certo de que entenderá.

— Bem, certamente entrarei em contato imediato com o senhor se souber de qualquer informação que lhe possa ser útil, disse Jeschonnek, tirando um relógio de ouro do bolso. Olhou deliberadamente para ele. — E agora, se me dá licença, preciso realmente dispensá-lo. Ele se levantou e estendeu a mão rechonchuda.

— Obrigado pelo seu tempo, falei. — Fique à vontade. Sairei sozinho.

— Ao sair, faria a gentileza de pedir ao secretário que venha aqui?

— Claro. Ele fez a saudação nazista.

— Heií Hitler, repeti tolamente.

Lá fora, o secretário anêmico lia uma revista. Meus olhos tiveram um vislumbre das chaves antes que eu terminasse de lhe dizer que o patrão exigia sua presença: estavam sobre a mesa junto ao telefone. Ele resmungou e se ergueu da cadeira. Hesitei à porta.

— Oh, teria um pedaço de papel? Ele apontou para o bloco sobre o qual estavam as chaves.

— Sirva-se, disse ele e entrou na sala de Jeschonnek.

— Obrigado, eu o farei.

O chaveiro tinha o rótulo “Escritório”. Tirei uma cigareira do bolso e a abri. Na superfície lisa do molde de argila fiz três impressões, duas laterais e uma vertical, de ambas as chaves. Suponho que você poderia dizer que o fiz por impulso. Eu mal tivera tempo de digerir tudo o que Jeschonnek tinha dito; ou antes, o que não tinha dito. Mas

sempre carrego aquele molde de argila e seria uma vergonha não usá-lo quando a oportunidade se apresenta. Você se surpreenderia com a frequência com que me tem sido útil uma chave que fiz com este molde. Na rua, procurei um telefone público e liguei para o Adlon. Eu ainda me recordava bastante dos bons tempos do Adlon, e do monte de amigos que tinha lá.

— Alô, Hermine? Falei. — Aqui é Bernie. Hermine era uma das telefonistas do hotel.

— Alô, estranho, disse ela. — Faz séculos que não nos vemos.

— Tenho andado um bocado ocupado.

— O Fuhrer também, mas ele sempre arranja um tempo de aparecer e acenar para nós.

— Talvez eu devesse comprar para mim um Mercedes conversível com dois batedores. Acendi um cigarro. — Preciso de um favorzinho, Hermine.

— Fale.

— Se um homem telefonar e perguntar a você ou a Benita se há uma princesa indiana hospedada no hotel, poderiam, por favor, confirmar? Se ele quiser falar com ela, digam que não atende telefonemas.

— Isso é tudo?

— Sim.

— Essa princesa tem nome?

— Sabe o nome de alguma garota indiana?

— Bem, disse ela, — Na semana passada vi um filme que tinha uma indiana. Chamava-se Mushmi.

— Que seja princesa Mushmi, então. E obrigado, Hermine. Falarei com você em breve.

Fui até o restaurante Pschorr Haus, comi um prato de bacon com favas e tomei duas cervejas. Ou Jeschonnek nada sabia sobre diamantes, ou então tinha algo a esconder. Eu lhe disse que o colar era indiano, quando ele devia tê-lo reconhecido como um produto de Cartier. Não

apenas isso, mas ele não me contestara quando descrevi as pedras incorretamente como baguettes, que são quadradas ou oblongas, com beirada reta; mas o colar de Six consistia em brilhantes, que são redondos. E houve também a quilatagem; eu dissera que cada pedra pesava um quilate, quando eram obviamente muito maiores. Não era muito para prosseguir; e erros acontecem: nem sempre é possível fazer tudo certo. Mas, de qualquer forma, eu tinha a sensação de que teria de visitar Jeschonnek mais uma vez.

* * *

Oito

APÓS SAIR do Pschorr Haus, fui até Haus Vaterland, que, além de abrigar o cinema onde eu ia me encontrar com Bruno Stahlecker, era também o lar de uma infinidade de bares e cafés. O local é popular entre os turistas, mas é também fora de moda para o meu gosto: os grandes vestíbulos feios, a pintura prateada, os bares com suas miniaturas de tempestades e trens em movimento; tudo isso pertence a um velho e antiquado mundo europeu de brinquedos mecânicos e music-hall, homens fortes em camisetas de malha e canários adestrados. A outra coisa que torna o lugar incomum é que se trata do único bar da Alemanha que cobra entrada. Stahlecker não gostou nem um pouco disso.

— Tive que pagar duas vezes, reclamou. — Primeiro na porta, e de novo para entrar no cinema.

— Devia ter exibido o seu passe da policial, disse eu. — Para que você o tem? Esta é toda a vantagem de possuir um passe, não é? Stahlecker olhou estupidamente para a tela.

— Muito engraçado, comentou. — O que é essa merda, afinal?

— Ainda estamos no cinejornal, expliquei-lhe. — E então, o que descobriu?

— Ainda temos que lidar com o pequeno assunto da noite passada.

— Palavra de honra, Bruno, nunca vi o garoto antes. Stahlecker suspirou entediado.

— Aparentemente, esse Kolb era um ator nas horas vagas. Uma ou duas pontas em filmes, corista em um ou dois espetáculos teatrais. Não

exatamente um Richard Tauber. Agora, por que um cara como esse queria matar você? A não ser, talvez, que você tenha virado crítico e escrito algumas matérias pichando-o.

— Entendo menos de teatro do que um cachorro de acender um fogo.

— Mas sabe por que ele tentou matá-lo, certo?

— Tem essa dama, expliquei. — O marido dela me contratou para um serviço. Ela pensou que eu tinha sido contratado para olhá-la pelo buraco da fechadura. Então, na noite passada, ela me vê perto de seu quarto, me pede para deixá-la em paz e me chama de mentiroso quando lhe digo que não estou preocupado com quem ela está dormindo. Aí ela me expulsa. A próxima coisa que sei é que apareceu aquele idiota na minha porta, apontando a ferramenta para o meu bucho, me acusando de estuprar a dama. Lutamos um pouco e aí a arma disparou. Meu palpite é que o garoto estava enrabichado por ela, e que ela sabia disso.

— E assim ela o usou, certo?

— É como eu vejo as coisas. Mas tente ir mais longe e veja o que você descobre.

— Suponho que não vai me dar o nome dessa dama ou do marido dela, vai? Sacudi a cabeça. — Achei que não.

O filme estava começando. Chamava-se A ORDEM SUPREMA e era um daqueles pequenos espetáculos patrióticos com que os rapazes do Ministério da Propaganda haviam sonhado num dia ruim. Stahlecker grunhiu.

— Vamos, disse ele. — Vamos sair e tomar um drinque. Acho que não vou aguentar assistir a essa merda.

Fomos para o Wild West Bar, no primeiro andar, onde um bando de cowboys estava tocando HOME ON THE RANGE. Pinturas de pradarias com búfalos e índios cobriam as paredes. Pedimos duas cervejas no balcão.

— Posso supor que alguma coisa disso tenha algo a ver com o caso Pfarr, Bernie?

— Fui contratado para investigar o incêndio, expliquei. — Pela companhia de seguros.

— Certo, disse ele. — Eu lhe direi isto uma única vez, e depois pode me mandar para o inferno. Saia dessa. Você pode se queimar, se me perdoa a expressão.

— Bruno, vá para o inferno. Tenho uma percentagem.

— Depois não diga que não o avisei quando jogarem você num campo de concentração.

— Prometo. Agora, desembuche.

— Bernie, você consegue mais promessas do que um devedor tem para o oficial de justiça. Ele suspirou e sacudiu a cabeça. — Bem, lá vai. Esse Paul Pfarr voava alto. Formou-se em direito em 1930, serviu nas cortes provinciais de Stuttgart e Berlim. Em 1933, esse típico Violeta de Março se junta às SÁ e em 1934 é juiz-assistente no tribunal da polícia de Berlim, julgando casos de corrupção policial, essas coisas. No mesmo ano é recrutado pelas SS e em 1935 também entra para a Gestapo, supervisionando associações, sindicatos econômicos e, é claro, o DAF, o Departamento do Trabalho do Reich. Mais tarde, naquele ano, é transferido de novo, desta vez para o Ministério do Interior, se reportando diretamente a Himmler, com seu próprio departamento para investigar corrupção entre os servidores do Reich.

— Estou surpreso por terem notado.

— Aparentemente, Himmler faz vista grossa a isso. De qualquer modo, Paul Pfarr foi incumbido de prestar especial atenção ao DAF, onde a corrupção é endêmica.

— Portanto, ele era um garoto de Himmler, certo?

— Isso mesmo. E o seu ex-chefe faz vista mais grossa ainda de seus subordinados sendo encanados do que faz da própria corrupção. Assim, dois dias atrás, o Reichskriminaldirektor aponta um esquadrão especial para investigar. É uma turma de respeito: Gohrmann, Schild, Jost, Dietz. Se arrumar encrenca com eles, Bernie, você não vai durar mais do que uma vidraça de sinagoga.

— Eles têm alguma pista?

— A única coisa que ouvi foi que estavam procurando por uma garota. Parece que Pfarr pode ter tido uma amante. Nenhum nome, lamento. Como se não bastasse, ela está desaparecida.

— Quer saber de uma coisa? Disse eu. — Desaparecimento está na moda. Todo mundo está fazendo isso.

— Foi o que ouvi. Espero, então, que você não seja do tipo de andar na moda.

— Eu? Devo ser a única pessoa nesta cidade a não possuir uniforme. Eu diria que me deixa muito fora de moda.

Voltando à Alexanderplatz, procurei um chaveiro e lhe dei o molde para fazer cópias das chaves do escritório de Jeschonnek. Já tinha usado seus serviços muitas vezes e ele nunca faz perguntas. Depois, juntei minhas roupas para a lavanderia e segui para o escritório. Mal cruzei a porta e um distintivo da Sipo reluziu diante de meu rosto. No mesmo instante, captei uma visão da pistola Walther dentro do paletó de flanela desabotoado do homem.

— Você deve ser o enxerido, disse ele. — Estivemos esperando para falar com você.

Ele tinha cabelo cor de mostarda, cortado como se para uma competição de tosquia de ovelha, e um nariz parecido com rolha de champanhe. Seu bigode era mais largo que a aba de um chapéu mexicano. O outro sujeito era o arquétipo racial com o tipo de queixo e malares exagerados que eram uma cópia de um cartaz de eleição prussiano. Ambos tinham olhos frios e pacientes, como mexilhões em salmoura, e sorrisos de mofa, como alguém que tivesse peidado ou contado uma piada de mau gosto.

— Se eu tivesse adivinhado, teria visto dois filmes. O de cabelo cortado me olhou sem entender.

— Este aqui é o Kríiminalinspektor Dietz, disse ele. O que se chamava Dietz, e que presumi ser o chefe, se sentava na ponta da minha mesa, balançando a perna e parecendo desagradável.

— Vai me desculpar se eu não achar meu caderno de autógrafos, disse eu, e caminhei até o canto junto à janela onde Frau Protze estava de pé. Ela fungou e, puxando um lenço da manga de sua blusa, assoou o nariz. Através do tecido, disse:

— Desculpe, Herr Gunther. Eles simplesmente invadiram e começaram a bagunçar tudo. Eu lhes disse que não sabia onde o senhor estava, ou quando voltaria, e eles ficaram muito desagradáveis. Nunca imaginei que policiais pudessem se comportar tão mal.

— Eles não são policiais, falei. — Mais parecem gorilas de terno. Seria melhor ir para casa agora. Eu a verei amanhã. Ela fungou mais uma vez.

— Obrigada, Herr Gunther, disse ela. — Mas acho que não voltarei. Não tenho nervos para aguentar esse tipo de coisa. Sinto muito.

— Está tudo bem. Mandarei pelo correio o que lhe devo. Ela assentiu e, passando por mim, saiu quase correndo do escritório. O de cabelo cortado desatou a rir e chutou a porta depois que ela saiu. Abri a janela.

— Há um pouco de mau cheiro aqui, falei. — O que fazem vocês, rapazes, quando não estão assustando viúvas e procurando propina? Dietz pulou de minha mesa e veio até a janela.

— Ouvi falar de você, Gunther, disse ele, observando o tráfego. — Já foi um tira, portanto sei que sabe até onde o regulamento me permite ir. E ainda tenho um bocado de caminho pela frente. Posso ficar olhando a tarde toda para a porra de sua cara sem sequer lhe explicar a razão. Então, por que não deixa de merda e me conta o que sabe sobre Paul Pfarr e nos libera para cuidar de nossa vida?

— O que sei é que era um fumante descuidado, declarei. — Olhe, se você não tivesse revirado este lugar como um terremoto, eu conseguiria achar uma carta da Companhia de Seguros Germania, me incumbindo de investigar o incêndio, na iminência de alguma reclamação.

— Oh, nós achamos a carta, replicou Dietz. — Também achamos isto. Ele tirou minha arma do bolso do paletó e apontou-a de brincadeira para a minha cabeça.

— Tenho porte de arma.

— Claro que tem, disse ele, sorrindo. A seguir, falou para o parceiro: — Você sabe, Martins, eu diria que essa pistola foi limpa, e recentemente, também.

— Sou um cara asseado, repliquei. — Dê uma olhada nas minhas unhas, se não acredita.

— Walther PPK, nove milímetros, disse Martins, acendendo um cigarro. — Tal como a pistola que matou o pobre Herr Pfarr e sua esposa.

— Não foi isso o que ouvi. Fui até o bar e fiquei surpreso ao constatar que não haviam se servido do meu uísque.

— Claro, respondeu Dietz. — Estávamos esquecendo de que ainda tem amigos lá na Alex. Servi um drinque para mim. O suficiente para engolir em menos de três goles.

— Pensei que eles tivessem se livrado de todos aqueles reacionários, disse Martins. Sorvi o último gole de uísque.

— Eu ofereceria um drinque a vocês, rapazes, só que não quero ter que jogar os copos fora depois. Martins apagou seu cigarro e, cerrando os punhos, se adiantou dois passos.

— Este vagabundo é especialista em conversa fiada como um judeu é em nariz, rosnou. Dietz permaneceu onde estava, debruçado à janela. Mas quando se voltou, havia fogo em seus olhos.

— Estou perdendo a paciência com você, seu boquirroto.

— Não entendo, repliquei. — Vocês viram a carta da companhia de seguros. Se acharem que é falsa, vão conferir.

— Já o fizemos.

— Então por que essa encenação?

Dietz se adiantou e me olhou de cima a baixo como se eu fosse merda em seu sapato. Depois, pegou minha última garrafa de scotch bom, sopesou-a em sua mão e arremessou-a contra a parede acima da

mesa. Ela se espatifou com o som de uma baixela de talheres caindo de um poço de escada, e o ar ficou de repente impregnado de álcool. Dietz ajeitou o paletó depois da exibição.

— Só queríamos impressioná-lo com a necessidade de nos manter informados do que está fazendo, Gunther. Se descobrir alguma coisa, qualquer coisa, é melhor falar conosco. Porque se eu descobrir que esteve nos embromando, mandarei você para um campo de concentração tão rapidamente que irá assobiar pela porra das orelhas. Ele chegou tão perto de mim que pude sentir o odor do seu suor. — Entendeu, boquirroto?

— Não espiche tanto a queixada, Dietz, falei, — Ou me sentirei obrigado a socá-la. Ele sorriu.

— Eu gostaria disso a qualquer hora. Realmente gostaria. Ele se virou para o parceiro. — Vamos, disse. — Vamos sair daqui antes que eu chute os bagos dele.

Eu mal tinha acabado de arrumar a bagunça quando o telefone tocou. Era Muller, do BerUner Margenpost, para dizer que lamentava, mas que, além do tipo de material que o pessoal dos obituários colecionava ao longo dos anos, não havia realmente muita coisa nos arquivos sobre Hermann Six que me interessasse.

— Conferiu tudo de cabo a rabo, Eddie? Puxa, esse cara é um milionário. É dono de metade do Ruhr. Se ele enfiar o dedo no cu vai jorrar petróleo. Alguma vez alguém já deve tê-lo espionado pelo buraco da fechadura.

— Faz algum tempo, teve uma repórter que fez uma matéria um tanto ousada sobre todos aqueles figurões do Ruhr: Krupp, Voegler, Wolff, Thyssen. Ela perdeu o emprego quando o governo resolvia o problema do desemprego. Verei se posso descobrir onde ela está vivendo.

— Obrigado, Eddie. E quanto aos Pfarr? Alguma coisa?

— Ela esteve realmente em estação de águas. Nauheim, Wiesbaden, Bad Homburg. Ela frequentou algumas. Até mesmo

escreveu um artigo a respeito para Die Frau. Era chegada a medicina alternativa. Sobre ele não há nada, lamento.

— Obrigado pelos mexericos, Eddie. Da próxima vez lerei a coluna social para lhe poupar o incômodo.

— Isso não vale uns cem, certo?

— Não vale nem cinquenta. Descubra essa repórter para mim, e verei o que posso fazer.

Depois disso, fechei o escritório e voltei ao chaveiro para pegar meu novo conjunto de chaves e meu molde de argila. Admitirei que parece um pouco teatral; mas, honestamente, há vários anos que venho carregando este molde, que, além de evitar que eu tenha de roubar a chave verdadeira, é a melhor maneira que conheço de abrir portas trancadas. Um delicado mecanismo de fino aço com o qual se possa abrir qualquer tipo de fechadura, eu não tenho. A verdade é que com as fechaduras mais modernas você pode esquecer isso: não existem ferramentas mágicas e prodigiosas. Esse tipo de coisa é para os cineastas da UFA. Com mais frequência do que se imagina, um ladrão simplesmente serra ou perfura a cabeça de cavilha e remove um pedaço da maldita porta. O que me fez recordar: mais cedo ou mais tarde, eu ia ter de verificar quem na comunidade de arrombadores possuiria o talento para abrir o cofre de Pfarr. Se tivesse que ser feito. O que significava que havia um certo tenorzinho que há muito estava me devendo uma lição de canto.

Eu não esperava encontrar Neumann no pardieiro onde ele morava na Admiralstrasse, no distrito de Kottbusser Tor, mas tentei assim mesmo. Kottbusser Tor era o tipo de área que se desgastara tanto quanto um cartaz de music-hall, e o 43 da Admiralstrasse era o tipo de lugar onde os ratos usavam protetores de ouvidos e as baratas tinham tosse irritante. O quarto de Neumann ficava no porão, nos fundos. Era úmido. Sujo. Poluído. E Neumann não estava lá. A zeladora era uma prostituta já passada da meia-idade e descendo a ladeira. Seu cabelo era em tudo tão natural quanto um desfile em passo de ganso pela

Wílhelm-strasse, e ela evidentemente estava usando uma luva de boxe quando passou o batom na sua boca de clipe de papel. Seus seios eram como traseiros de cavalos de carga após um longo dia puxando carroças. Talvez ela ainda tivesse uns poucos fregueses, mas eu achava mais fácil ver um judeu encabeçando a fila para comprar carne de porco num açougue de Nuremberg. Ela ficou parada à porta de seu apartamento, nua sob o robe encardido que deixou aberto, e acendeu o toco de um cigarro.

— Estou procurando por Neumann, declarei, fazendo o possível para ignorar os dois cabides de casaco e a barba de soldado russo que se exibiam para mim através do robe aberto. Podia-se sentir a coceira da sífilis só de olhar para ela. — Sou amigo dele. A mulher bocejou e, decidindo que eu já tinha visto muita coisa de graça, fechou o robe e atou o laço.

— Você é tira? Fungou.

— Como eu disse, sou um amigo. Ela cruzou os braços e se apoiou no batente da porta.

— Neumann não tem amigos, retrucou, olhando para as unhas e depois de volta para meu rosto. Tive que dar-lhe razão. — Exceto eu, talvez, continuou, — E só porque sinto pena do pobre coitado. Se fosse amigo dele, lhe diria para procurar um médico. Ele não anda bem da cabeça, você sabe. Ela deu uma longa tragada no cigarro e depois jogou a guimba por sobre meu ombro.

— Ele não é louco de pedra, repliquei. — Ele só tem uma tendência de falar sozinho. Um pouco esquisito, isso é tudo.

— Se não é loucura, então não sei que diabo é, disse ela. Havia algo de loucura nisso também.

— Sabe quando ele voltará? Ela deu de ombros. Uma mão cheia de veias azuis agarrou minha gravata; ela tentou sorrir timidamente, só que pareceu uma careta.

— Talvez não se importe de esperar por ele, disse ela. — Você sabe, vinte marcos compram um bocado de tempo. Recuperando minha gravata, puxei minha carteira e tirei uma nota de cinco.

— Eu bem que gostaria, mas preciso ir. Talvez você possa dizer a Neumann que estou procurando por ele. O nome é Gunther. Bernhard Gunther.

— Obrigada, Bernhard. É um perfeito cavalheiro.

— Faz ideia de onde ele poderia estar?

— Bernhard, seu palpite é tão bom quanto o meu. Você poderia procurá-lo pela cidade de cabo a rabo e ainda assim não encontrá-lo. Ela deu de ombros e sacudiu a cabeça. — Se ele estiver duro, deverá encontrá-lo em algum lugar como o X Bar, ou o Rucker. Se tiver uma mixaria no bolso, estará tentando arranjar uma gostosona no Femina ou no Café Casanova. Comecei a descer as escadas. — E, se ele não estiver em nenhum desses lugares, estará nas corridas.

Ela me seguiu até o patamar e desceu alguns degraus. Entrei no meu carro com um suspiro de alívio. E sempre difícil se livrar de uma meretriz. Elas não gostam nada de ver uma presa fugindo das mãos. Não faço muita fé em especialistas; ou, por falar nisso, em depoimentos de testemunhas. Ao longo dos anos, optei por pertencer à escola de investigação favorável à velha e boa prova circunstancial, da espécie que diz que um sujeito não fez tal coisa porque não é do tipo que o faria. Isso e a informação recebida. Manter um informante como Neumann é algo que requer confiança e paciência; e, assim como a primeira dessas qualidades não é inerente a Neumann, a segunda não me vem naturalmente, exceto quando se refere a ele. Neumann é o melhor informante que já tive, e suas indicações costumam ser acuradas. Vou até onde for preciso para protegê-lo. Por outro lado, isso não significa que se possa confiar nele. Como todos os informantes, ele venderia a própria irmã. Conseguir um informante em que se confie é que é a parte difícil; mas a chance de confiar nele inteiramente é a mesma que acertar o grande prêmio na loteria.

Comecei a procura pelo X Bar, um clube ilegal de jazz em que a banda recheava com sucessos americanos o intervalo entre a abertura e o encerramento de qualquer número ariano inócuo e culturalmente

aceitável para seus músicos; e eles o faziam bem o bastante para não chocar nenhuma consciência nazista em relação à assim chamada música inferior. Apesar de seu comportamento ocasionalmente estranho, Neumann era uma das pessoas mais anônimas e discretas que eu já tinha visto, o que fazia dele um informante de primeira. Era preciso se esforçar para vê-lo, mas, naquela noite em particular, nem sinal dele no X. Nem no Allaverdi, nem no Rucker Bar, na parte mais barra pesada da zona de meretrício.

Ainda não escurecera, mas os traficantes já estavam à vista. Ser apanhado vendendo cocaína equivalia a ir parar num campo de concentração, e se dependesse do meu dinheiro nenhum deles seria apanhado; mas, como eu sabia por experiência própria, isso não era fácil, pois os traficantes nunca carregavam a droga; eles a deixavam escondida nas proximidades, num beco isolado ou vão de porta. Alguns fingiam ser mutilados de guerra vendendo cigarros; e alguns eram mesmo mutilados de guerra vendendo cigarros, usando a braçadeira amarela com os três pontos pretos, remanescente dos dias de Weimar. Porém, esta braçadeira não lhes conferia status oficial; somente o Exército da Salvação tinha permissão para vender nas esquinas, mas as leis contra o comércio ambulante só eram estritamente exercidas nas áreas mais nobres da cidade, onde os turistas gostavam de ir.

— Charutos e cigarros, sibilava uma voz. Os mais familiarizados com esta “senha da coca” responderiam com uma fungada alta; e com frequência descobriam depois que tinham comprado sal e aspirina.

O Femina, na Nurnberger Strasse, era o tipo de lugar a que você ia quando estava a fim de companhia feminina, caso não se importasse se as mulheres fossem grandes, borradas de maquiagem e cobrassem trinta marcos pelo privilégio. Os telefones das mesas tornavam o Femina especialmente adequado para os tímidos, de modo que era o lugar ideal para Neumann, presumindo que ele tivesse dinheiro. Ele podia pedir uma garrafa de bebida e convidar uma garota para acompanhá-lo sem

precisar sair de sua mesa. Havia até mesmo tubos de ar através dos quais pequenos presentes podiam ser soprados para a mão de uma garota na outra extremidade do clube. Tirando o dinheiro, a única coisa que um homem precisava no Femina era de uma boa visão. Sentei-me a uma mesa de canto e examinei o cardápio com negligência. Além da lista de bebidas, havia uma lista de presentes que podiam ser comprados do garçom e ser soprados pelos tubos: um pó compacto por um marco e meio; uma porta-caixa de fósforos por um marco; e perfume por cinco. Não era preciso dizer que dinheiro costumava ser o tipo de presente mais popular que você podia enviar para a garota que despertasse sua atenção. Como não havia o menor sinal de Neumann, decidi ficar só um pouco, para o caso dele aparecer. Fiz sinal para o garçom e pedi uma cerveja.

Havia um show de cabaré medíocre: uma cantora com cabelo alaranjado e voz metálica como uma harpa judaica; e uma atriz magrinha de sobrancelhas unidas, que era quase tão comum quanto biscoito champanhe num sundae. Era menos provável a plateia se divertir com o show; do que reconstruírem o Reichstag. Ria-se durante as canções e se cantava durante os monólogos da atriz. A plateia queria distância daquilo como de um cão raivoso. Olhando em torno, descobri que havia tantos cílios postiços oscilando para mim que estava começando a sentir o vento. A várias mesas de distância, uma mulher gorda agitou os dedos da mão rechonchuda para mim e, interpretando o meu esgar desdenhoso como um sorriso, começou a forcejar para se levantar. Dei um grunhido.

— Pois não? Respondeu o garçom. Puxei uma nota amarrotada do bolso e a deposei em sua bandeja. Sem me incomodar em esperar o troco, me virei e caí fora.

Só existe uma coisa que me irrita mais do que a companhia de uma mulher feia à noite: a companhia da mesma mulher feia na manhã seguinte. Entrei no carro e dirigi até a Potsdamer Platz. Era uma

tardinha seca e mormacenta, mas os trovões no céu púrpura me diziam que o tempo ia mudar para pior. Estacionei na Leipziger Platz, em frente ao Palast Hotel. Em seguida, entrei e telefonei para o Adlon. Falei com Benita, que disse que Hermine lhe deixara uma mensagem: cerca de meia hora depois de eu ter falado com ela, um homem tinha ligado perguntando sobre uma princesa indiana. Era tudo o que eu precisava saber.

Recolhi minha capa de chuva e uma lanterna do carro. Segurando a lanterna debaixo da capa, caminhei cinquenta metros de volta à Potsdamer Platz, passei pela Companhia de Bondes de Berlim e pelo Ministério da Agricultura, rumo ao Columbus Haus. Havia luzes nos quinto e sétimo andares, mas nenhuma no oitavo. Olhei através das pesadas portas de vidro laminado. Havia um guarda de segurança sentado à mesa, lendo um jornal; mais distante no corredor, uma mulher passava a enceradeira no piso. Começou a chover quando dobrei a esquina da Hermann Goering Strasse, e entrei à esquerda na estreita ruela de serviço que levava ao estacionamento subterrâneo nos fundos do Columbus Haus.

Só havia dois carros estacionados, um DKW e um Mercedes. Parecia improvável que qualquer um deles pertencesse ao segurança ou à faxineira; era mais certo que seus proprietários ainda estivessem trabalhando nos escritórios nos andares acima. Atrás dos dois carros e debaixo de uma lâmpada, havia uma porta cinzenta de aço com a palavra SERVIÇO pintada; não tinha maçaneta e estava trancada. Decidi que provavelmente era o tipo de fechadura que tinha um pino de mola que podia ser retraído por um puxador do lado de dentro, ou por meio de uma chave pelo lado de fora. Achei que haveria uma boa chance de que a faxineira deixasse o prédio por essa porta. Verifiquei quase distraidamente as portas dos dois carros estacionados e descobri que o Mercedes não estava trancado. Sentei-me no assento do motorista e tateei procurando o botão dos faróis. A luz dos enormes faróis varou as sombras como os refletores de um comício nazista em Nuremberg.

Esperei. Passaram-se vários minutos. Entediado, abri o porta-luvas. Havia um mapa rodoviário, uma caixa de pastilhas e uma caderneta de membro do Partido com carimbo atualizado. Identificava o portador como um tal Henning Peter Manstein. Ele tinha um número de inscrição comparativamente baixo, que desmentia a juventude do homem na fotografia à página nove da caderneta. Havia quase um mercado negro de venda de números iniciais de inscrição no Partido, e sem dúvida Manstein conseguiu o seu assim. Um número baixo era essencial para rápido progresso político. Seu rosto jovem e bonito tinha o ar cobiçoso de um Violeta de Março estampado em todo ele, tão claramente quanto a insígnia do Partido carimbada no canto da fotografia. Quinze minutos se passaram antes que eu ouvisse a fechadura da porta de serviço se abrindo. Pulei fora do assento. Se fosse Manstein, eu teria que me apressar. Um amplo fecho de luz se espalhou no chão da garagem e a faxineira atravessou a porta.

— Segure a porta, gritei. Desliguei os faróis e bati a porta do carro.
— Esqueci uma coisa lá em cima, falei. Por um minuto, pensei que teria de contornar todo o prédio até a porta da frente.

Ela ficou ali parada, muda, segurando a porta aberta enquanto eu me aproximava. Quando cheguei, ela deu um passo para o lado, dizendo:

— E eu tenho que caminhar todo o caminho até a Nollendorf Platz. E não tenho nenhum carrão para me levar em casa. Sorri encabulado, como o idiota que eu achava que Manstein seria.

— Muito obrigado, disse eu, e murmurei algo acerca de ter esquecido minha chave no escritório.

A faxineira hesitou um pouco e depois liberou a porta. Entrei, a porta se fechou atrás de mim e ouvi o alto estalido da fechadura enquanto o pino batia na câmara. Portas duplas com escotilhas levavam a um corredor comprido e iluminado com caixas de papelão empilhadas

nos cantos. No final havia um elevador, mas não havia como usá-lo sem alertar o guarda. Assim, me sentei nas escadas e tirei sapatos e meias, calçando-os depois na ordem inversa, com as meias por cima dos sapatos. É um velho truque utilizado por ladrões, para abafar o rangido do couro do sapato numa superfície dura. Levantei-me e iniciei a longa subida.

Quando cheguei ao oitavo andar, meu coração disparava com o esforço da subida e tive de tomar fôlego. Esperei à beira das escadas, mas não vinha nenhum som dos escritórios de Jeschonnek. Apontei o facho da lanterna para ambos os lados do corredor, depois fui até a porta dele. Ajoelhando-me, procurei por fios indicativos de algum alarme, mas não encontrei; experimentei primeiro uma chave, depois a outra. A segunda estava quase girando, portanto a retirei e aparei as pontas com uma pequena lima. Experimentei de novo, desta vez com sucesso. Abri a porta e entrei, fechando-a atrás de mim para o caso do segurança resolver fazer uma de suas rondas. Apontei o facho para a mesa, por cima dos quadros e até o outro lado, para a porta do escritório privativo de Jeschonnek. Sem a menor resistência das alavancas, a chave girou suavemente em meus dedos. Abençoando mentalmente o meu chaveiro, fui até a janela. O letreiro de néon no topo do Pschorr Haus lançava um brilho vermelho sobre o opulento escritório de Jeschonnek, de modo que não havia muita necessidade da lanterna. Apaguei-a.

Sentei-me à mesa e comecei a procurar sem saber o quê. As gavetas não estavam trancadas, mas pouco continham de interesse para mim. Fiquei totalmente empolgado quando encontrei uma agenda forrada de couro vermelho, mas, após lê-la de cabo a rabo, só reconheci um nome: o de Hermann Goering, só que aos cuidados de um tal Gerhard Von Oreis, num endereço da Derfflingerstrasse. Lembrei-me de Weizmann, o penhorista, dizendo algo sobre Goering ter um testa-de-ferro que às vezes comprava pedras preciosas para ele. Portanto, anotei o endereço de Von Oreis e pus no meu bolso. O arquivo também não estava trancado, mas novamente fui malsucedido; estava cheio de catálogos de pedras

preciosas e semipreciosas, uma tabela de voos da Lufthansa, um monte de papéis relativos a câmbio de dinheiro, algumas faturas e apólices de seguro, uma das quais da Germania.

Enquanto isso, o grande cofre, inexpugnável num canto, parecia zombar de minhas débeis tentativas de descobrir os segredos de Jeschonnek, se ele tivesse algum. Não foi difícil ver por que o escritório não era equipado com alarme. Só se abriria aquele cofre com um caminhão carregado de dinamite. Não restava muita coisa a não ser a cesta de lixo. Esvaziei seu conteúdo sobre a mesa e comecei a vasculhar os papéis amassados: achei um invólucro de goma de mascar, o Beobachter daquela manhã, dois canhotos de ingresso de teatro, um recibo da loja de departamentos KDW e algumas bolas de papel. Aliseias. Uma delas tinha o número telefônico do Adler, e abaixo o nome “princesa Mushmi”, que havia sido marcado com um ponto de interrogação e depois riscado várias vezes. Perto dele estava escrito o meu nome. Havia outro número telefônico perto do meu nome, e tinha sido garatujado de modo a parecer a iluminura de uma página em uma Bíblia medieval. O número era um mistério para mim, embora eu reconhecesse que ficava na zona oeste de Berlim. Peguei o telefone e esperei pela telefonista.

— Qual o número, por favor? Disse ela.

— JI-90-33.

— Tentando a ligação. Houve um breve silêncio na linha e depois o telefone começou a tocar.

Tenho excelente memória para reconhecer um rosto ou uma voz, mas levei vários minutos para situar a voz culta e com leve sotaque de Frankfurt que atendeu. O homem se identificou imediatamente tão logo acabou de confirmar o número.

— Desculpe, foi engano, murmurei indistintamente.

Mas, ao repor o fone no gancho, eu sabia que era tudo menos isso.

* * *

Nove

OS CORPOS foram enterrados um sobre o outro num túmulo junto à muralha norte do Cemitério Nikolai, na Prenzlauer Allee, e apenas a uma curta distância do memorial do mártir mais venerado do nacional-socialismo, Horst Wessel. Seguiu-se uma breve cerimônia na Nikolai Kirche, nas proximidades do Mercado Molken Market.

Usando um colossal chapéu preto que parecia um piano de cauda com a tampa erguida, Use Rudel estava mais bonita ainda de luto do que era na cama. Por duas vezes captei seu olhar, mas, de lábios apertados, como se tivesse o meu pescoço entre seus dentes, ela olhava direto para mim como se eu fosse um espelho sujo. O próprio Six mantinha uma expressão que era mais furiosa do que pesarosa: com o cenho franzido e a cabeça baixa, ele olhava fixamente para o túmulo, embora estivesse tentando, com uma força de vontade sobrenatural, fazer com que lhe fosse restituído o corpo com vida da filha. Haupthändler também estava lá, parecendo meramente pensativo, como um homem para quem havia outros assuntos mais prementes, tais como o desaparecimento de um colar de diamantes. O surgimento, na cesta de lixo de Jeschonnek, da mesma folha de papel com o telefone da casa de Haupthändler, juntamente com aquele do Adlon onde aparecia o meu nome e o da falsa princesa, demonstrava um possível elo de ligação: alarmado pela minha visita e ainda intrigado com a história que contei, Jeschonnek havia telefonado para o Adlon a fim de confirmar a existência da princesa indiana, e depois, sendo isto confirmado,

telefonara a Haupthändler para confrontá-lo com uma série de fatos relativos à propriedade e roubo das joias que divergiam do que lhe teria sido explicado originalmente.

Talvez. Pelo menos, bastava para seguir adiante. A esta altura, Haupthändler me fitou impassível por vários segundos; mas nada pude ler nas suas feições: nenhuma culpa ou medo, nenhuma ignorância da ligação que eu estabelecera entre ele e Jeschonnek, nem qualquer suspeita disso, tampouco. Eu não via nada que me convencesse de que ele fosse incapaz de ter cometido um duplo assassinato. Mas com certeza não era um arrombador; portanto, de alguma maneira, convencera Frau Pfarr a abrir o cofre para ele? Tinha feito amor com ela a fim de obter as joias? Dada a suspeita de Use Rudel de que eles podiam ter tido um caso, isto tinha de ser levado em conta como uma possibilidade. Havia alguns outros rostos que reconheci. Velhos rostos da Kripo: o Reichskriminaldirektor Arthur Nebe; Hans Lobbe, o diretor-geral da Kripo; e um rosto que, com seus óculos sem aro e um pequeno bigode, mais parecia pertencer a um mestre-escola meticuloso do que ao chefe da Gestapo e Reichsführer das SS. A presença de Himmler no funeral confirmava a impressão de Bruno Stahlecker que Pfarr tinha sido o pupilo predileto do Reichsführer, e que ele não ia deixar o assassino escapar impune. Não havia sinal de uma mulher que poderia ter sido a amante mantida por Paul Pfarr, mencionada por Bruno. Não que eu esperasse de fato vê-la, mas nunca se sabe. Após o funeral, Haupthändler estava pronto com umas poucas palavras de advertência do seu e meu empregador.

— Herr Six vê pouca necessidade de o senhor ter se preocupado com o que é essencialmente um assunto de família. Quero também lembrar que está sendo pago na base de diárias. Observei os pranteadores entrando nos seus enormes carros pretos; a seguir, Himmler e os principais tiras da Kripo embarcaram nos seus.

— Olhe, Haupthändler, falei. — Esqueça o deslize. Diga ao seu patrão que se ele pensa que está comprando gato por lebre, pode me

dispensar agora mesmo. Não estou aqui porque gosto de ar fresco e de ouvir panegíricos.

— Então por que está aqui, Herr Gunther?

— Já leu A CANÇÃO DOS NIBELUNGOS?

— É claro.

— Então lembrará que os guerreiros nibelungos queriam vingar o assassinato de Siegfried. Mas eles não podiam dizer quem deveriam agarrar para o ajuste de contas. Assim, o teste do sangue começou. Os guerreiros borgonheses passaram um por um diante do esquite do herói. E quando chegou a vez do assassino Hagen, os ferimentos de Siegfried voltaram a sangrar, revelando assim a culpa de Hagen. Haupthändler sorriu.

— Isso dificilmente é o método moderno de investigação, é?

— A investigação deveria levar em conta as pequenas cerimônias, Herr Haupthändler, por mais anacrônicas que pareçam. Deveria ter notado que eu não fui a única pessoa envolvida na apuração deste caso que compareceu ao funeral.

— Está sugerindo seriamente que alguém aqui poderia ter matado Paul e Grete Pfarr?

— Não seja tão burguês. Claro que isso é possível.

— E ridículo, isso é que é. A propósito, já tem alguém em mente para o papel de Hagen?

— Está sendo avaliado.

— Então posso esperar que muito em breve será capaz de relatar a Herr Six a sua descoberta. Tenha um bom dia. Uma coisa tenho que admitir. Se Haupthändler tivesse matado os Pfarr, então ele era tão frio quanto uma arca de tesouro submersa a cinquenta braças.

Desci a Prenzlauer Strasse até a Alexanderplatz. Recolhi minha correspondência e subi para o escritório. A faxineira tinha aberto a janela, mas o cheiro de bebida permanecia. Ela deve ter pensado que eu havia enchido a cara. Havia dois cheques, uma conta e um bilhete de Neumann, pedindo para encontrá-lo no Café Kranzler às doze horas. Consultei o relógio. Eram quase 11:30.

Em frente ao Memorial de Guerra, uma companhia do Reichswehr estava garantindo o sustento dos calistas ao marchar acompanhada de uma banda de metais. Às vezes eu achava que na Alemanha devia haver mais bandas de metais do que automóveis. A banda atacou com a **MARCHA DE CAVALARIA DO GRANDE ELEITOR** e saiu para se exhibir nos lados de Brandenburger Tor. Todo mundo que observava estava empenhado em algum exercício de braço, portanto recuei, parando à porta de uma loja para não ter que me juntar aos espectadores.

Retomei o meu caminho, seguindo o desfile a uma distância discreta, refletindo sobre as últimas alterações na mais famosa avenida da capital: mudanças que o governo considerou necessário fazer para tornar a Unter den Linden mais adequada aos desfiles militares como aquele a que eu estava assistindo. Não contentes em remover a maioria das limeiras que deram o nome à avenida, haviam erigido colunas dóricas brancas, no topo das quais se assentavam águias alemãs; tinham plantado novas limeiras, mas estas não eram tão altas quanto as lâmpadas de rua. A alameda central havia sido alargada, de modo que doze colunas militares pudessem marchar lado a lado, e estava salpicada com saibro para que suas botas não escorregassem. E altos mastros brancos já estavam sendo erguidos para a Olimpíada iminente. A Unter den Linden sempre foi resplandecente, sem muita harmonia na sua mistura de desenhos e estilos arquitetônicos; mas aquela resplandecência era agora tornada brutal. O chapéu de feltro dos boêmios se transformava em um capacete.

O Café Kranzler, na esquina da Friedrichstrasse, era popular entre os turistas e tinha preços altos, de acordo com essa popularidade; portanto, não era o tipo de lugar que eu esperaria que Neumann escolhesse para um encontro. Encontrei-o às voltas com uma xícara de café e um pedaço de bolo deixado de lado.

— O que houve? Perguntei, me sentando. — Perdeu o apetite? Neumann olhou com desdém para seu prato.

— Tal como este governo, disse ele. — A aparência é uma beleza, mas não tem gosto de absolutamente nada. Um creme de segunda, desprezível. Acenei para o garçom e pedi dois cafés. — Olhe, Herr Gunther, podemos resolver isso rápido? Estou seguindo para Karlshorst esta tarde.

— Oh, é mesmo? Conseguiu uma viagem?

— Bem, para ser franco... Eu ri.

— Neumann, eu não apostaria num cavalo indicado por você, nem se ele fosse mais veloz do que o Expresso de Hamburgo.

— Que se foda, então, disse ele.

Se ele pertencia afinal à raça humana, Neumann era o seu espécime menos atraente. Suas sobrancelhas, repuxadas e enroscadas como duas lagartas envenenadas, se uniam por um irregular rabisco de cabelo pobremente combinado. Por trás de óculos grossos que estavam quase opacos com manchas de dedos gordurosos, seus olhos cinzentos eram evasivos e nervosos, vasculhando o chão como se ele esperasse que a qualquer momento pudesse estar enterrado nele. Fumaça de cigarro saía de entre seus dentes, que de tão manchados de tabaco pareciam duas cercas de madeira.

— Você não está em apuros, está? O rosto de Neumann assumiu uma expressão fleumática.

— Devo uma grana a um pessoal, só isso.

— Quanto?

— Duzentos.

— Então está indo para Karlshorst tentar ganhar algum nas corridas, não é isso? Ele deu de ombros.

— E se for? Ele jogou fora o cigarro e procurou nos bolsos por outro. — Tem um crivo aí? Os meus acabaram. Passei-lhe um maço por sobre a mesa.

— Fique com ele, disse e acendi nossos cigarros. — Duzentas pratas, certo? Sabe, eu simplesmente poderia ajudá-lo a sair dessa. Talvez até mesmo lhe dê mais algum por fora. Isto é, se eu conseguir a informação certa. Neumann ergueu as sobrancelhas.

— Que tipo de informação? Traguei meu cigarro e mantive a fumaça bem fundo nos pulmões.

— O nome de um arrombador. Um quebra-nozes profissional de primeira classe que pudesse ter feito um serviço cerca de uma semana atrás; roubado algumas joias. Ele franziu os lábios e sacudiu lentamente a cabeça.

— Não ouvi falar de nada, Herr Gunther.

— Bem, se ouvir, não esqueça de me contar.

— Por outro lado, disse ele, baixando a voz, — Eu poderia lhe dizer algo que o deixaria bem com a Gestapo.

— O que é?

— Sei onde está escondido um judeu foragido. Ele sorriu presunçoso.

— Neumann, você sabe que não estou interessado neste lixo. Mas, enquanto falava, pensei em Frau Heine, minha cliente, e no seu filho. — Espere aí, disse eu. — Qual é o nome do judeu? Neumann me deu um nome e sorriu, algo desagradável de se ver. Seu sorriso era uma espécie de vida não muito superior à de uma esponja calcária. Apontei o dedo direto no seu nariz.

— Se eu souber que esse foragido foi apanhado, não vou nem querer saber quem o delatou. Prometo-lhe, Neumann, que virei atrás de você para arrancar a porra das suas pestanas.

— O que deu em você? Gemeu ele. — Desde quando se tornou um cavaleiro andante?

— A mãe dele é minha cliente. Antes de você esquecer da existência dele, quero o endereço de onde se encontra para poder contar a ela.

— Tudo bem, tudo bem. Mas isso bem que vale alguma coisa, não? Abri a carteira e lhe dei uma nota de vinte. A seguir, anotei o endereço que ele me deu.

— Você enojaria uma barata repelente, comentei. — Bem, e quanto ao arrombador? Exasperado, ele franziu o cenho para mim.

— Olhe, eu já disse que não sei de nada.

— Você é um mentiroso.

— Honestamente, Herr Gunther, não sei mesmo. Se soubesse, lhe diria. Preciso de dinheiro, não preciso?

Ele engoliu em seco e limpou o suor da testa com um lenço que era um risco à saúde pública. Evitando meu olhar, apagou o cigarro que só fumara pela metade.

— Você não age como alguém que não sabe de nada, insisti. Acho que está com medo de alguma coisa.

— Não, disse ele, categórico.

— Já ouviu falar no Esquadrão das Bichas? Ele sacudiu a cabeça. — Poderia até dizer que costumavam ser colegas meus. Estive pensando: se descobrir que você está me enrolando, vou ter uma conversa com eles. Dizer-lhes que você é um invertidinho repelente. Ele me olhou num misto de ódio e ultraje.

— Eu pareço um engole-vara? Não sou viado, você sabe disso.

— Sim, mas eles não sabem. E em quem acha que vão acreditar?

— Você não faria isso. Ele agarrou meu pulso.

— Pelo que ouvi falar, os efeminados não levam boa vida nos campos de concentração. Neumann olhou taciturno para o seu café.

— Seu sacana sujo, resmungou. — Você falou em duzentas pratas, e um pouco mais.

— Tem cem agora, e mais duzentas se falar a verdade. Ele começou a se abrir.

— Você não sabe no que está se metendo, Herr Gunther. Há um círculo envolvido. Eles me matam se souberem que os dedurei, com certeza.

Os círculos eram associações de ex-detentos, dedicados oficialmente à reabilitação de criminosos; tinham respeitáveis nomes de

clubes e seus regulamentos falavam de atividades esportivas e reuniões sociais. Não raramente, um círculo patrocinava um pródigo jantar, eles eram todos muito ricos, no qual defensores públicos e policiais apareciam como convidados de honra. Mas por trás de suas fachadas semirespeitáveis, os círculos eram nada mais que instituições do crime organizado na Alemanha.

— Qual deles é? Perguntei.

— A Força Alemã.

— Bem, eles não vão descobrir. De qualquer modo, nenhum deles é tão poderoso quanto costumavam ser. Só há um círculo que vem fazendo bons negócios atualmente: o Partido.

— A prostituição e as drogas podem ter tomado uma paulada disse ele, — Mas os círculos ainda controlam o jogo, a loteria de números, o mercado negro, passaportes novos, agiotagem e receptação. Ele acendeu outro cigarro. — Acredite em mim, Herr Gunther, eles ainda são poderosos. Não vai querer se meter no caminho deles. Baixou a voz e se inclinou para mim. — Corre um boato muito forte de que eles empacotaram um velho aristocrata que estava trabalhando para o primeiro-ministro. O que acha disso? Os tiras nem sabem ainda que ele está morto. Fiz um esforço de memória e cheguei ao nome que copiara da agenda de Jeschonnek.

— O nome deste aristocrata... Não seria por acaso Von Oreis?

— Não ouvi nenhum nome. Tudo o que sei é que está morto e que os tiras ainda estão procurando por ele. Ele bateu a cinza negligentemente no cinzeiro.

— Agora me fale sobre o arrombador.

— Bem, parece que ouvi alguma coisa. Há cerca de um mês, um cara chamado Kurt Mutschmann terminou seus dois anos de cana na Prisão Tegel. Pelo que ouvi falar, Mutschmann é um verdadeiro artista. Poderia abrir as pernas de uma freira com rigor mortis. Mas os babacas não sabem nada sobre ele. Você vê, ele foi encanado por arrombar um carro. Nada a ver com sua linha de trabalho. De qualquer modo, ele é homem da Força Alemã e, quando foi solto, o círculo estava lá para zelar

por ele. Depois de algum tempo, enviaram-no para seu primeiro serviço. Não sei o que foi. Mas aqui vai a parte interessante, Herr Gunther. O chefe da Força Alemã, Red Dieter, tem agora um contrato para caçar Mutschmann, que não é encontrado em lugar nenhum. Dizem que passou a perna em Dieter.

— Mutschmann era um profissional, diz você.

— Um dos melhores.

— Diria que assassinato fazia parte do currículo dele?

— Bem, replicou Neumann, — Não o conheço pessoalmente. Mas, pelo que ouvi dizer, é um artista. Isso não faz parte do seu show.

— E quanto a esse Red Dieter?

— É um tremendo escroto. Mataria um homem tal como alguém coçaria o nariz.

— Onde posso achá-lo?

— Não vai dizer a ele que fui eu que lhe contei, vai, Herr Gunther? Nem que ele lhe encoste uma arma na cabeça.

— Não, menti. Lealdade só vai até certo ponto.

— Bem, você poderia tentar o Restaurante Rheingold, na Potsdamer Platz. Ou o Germania Roof. E, se quer meu conselho, vá armado.

— Sinto-me tocado por sua preocupação com meu bem-estar, Neumann.

— Está esquecendo do dinheiro, disse ele, me corrigindo. Você disse que daria mais duzentos se a informação valesse. Fez uma pausa e acrescentou: — E cem agora. Abri a carteira de novo e lhe dei duas de cinquenta. Ele segurou as duas contra a janela para verificar as marcas d'água.

— Você deve estar de gozação. Neumann me olhou, confuso.

— O que foi? Ele embolsou rapidamente o dinheiro.

— Esqueça. Levantei-me e larguei alguns trocados sobre a mesa. — Mais uma coisa. Pode se lembrar de quando ouviu falar sobre o contrato para Mutschmann? Neumann pareceu ficar o mais pensativo que conseguia.

— Bem, agora que penso nisso, foi na semana passada, mais ou menos na hora em que ouvi falar que o tal aristocrata tinha sido morto.

Desci a Unter den Linden rumo à Pariser Platz e ao Adlon. Passei pela elegante porta do hotel e entrei no saguão suntuoso com suas pilastras quadradas de mármore escuro e amarelo enevoadado. Por toda a parte havia finos objete d'art; e em cada canto o brilho de mais mármore. Fui até o bar, repleto de jornalistas estrangeiros e gente de embaixada. Pedi ao barman, um velho amigo meu, uma cerveja e permissão para usar o telefone. Liguei para Bruno Stahlecker, na Alex.

— Alô? Aqui é Bernie.

— O que você quer?

— Gerhard Von Oreis? Perguntei. Houve uma longa pausa.

— O que há sobre ele? A voz de Bruno soou vagamente desafiadora, como se me incitando a saber mais do que eu deveria.

— Até agora, para mim ele não passa de um nome numa folha de papel.

— Isso é tudo?

— Bem, ouvi que ele está desaparecido.

— Você se importaria em me explicar como?

— Vamos lá, Bruno, por que está tão cabreiro? Olhe, o meu passarinho já me contou, tá? Talvez eu pusesse ser útil se soubesse um pouco mais.

— Bemie, há dois casos quentes neste departamento exatamente agora, e você parece estar envolvido em ambos. Isso me deixa preocupado.

— Se isso o faz se sentir melhor, dormirei cedo esta noite. Dê-me uma chance, Bruno.

— Com essa já são duas numa semana.

— Fico lhe devendo.

— Pode ter certeza que fica.

— Então, qual é a história? Stahlecker baixou a voz.

— Já ouviu falar de Walther Funk?

— Funk? Não, acho que não. Espere aí, não é um figurão no mundo empresarial?

— Ele era o consultor econômico de Hitler. Agora é vice-presidente da Câmara de Cultura do Reich. Parece que ele e Herr Von Oreis eram muito chegados. Von Oreis era o namorado de Funk.

— Pensava que o Fuhrer não suportasse bichas.

— Ele também não suporta aleijados. Portanto, o que fará quando descobrir o pé deformado de Joey Goebbels? A piada era velha, mas ri assim mesmo.

— Então, o motivo para tanto cuidado é que isso poderia ser embaraçoso para Funk, e, de tabela, para o próprio governo, certo?

— Não é só isso. Von Oreis e Goering são velhos amigos. Serviram juntos na guerra. Goering ajudou Von Oreis a arranjar seu primeiro emprego nas Indústrias Químicas I. G. Farben. E ultimamente ele tem servido como agente de Goering. Compra de obras de arte, esse tipo de coisa. O Reichskriminaldirektor está ansioso para que encontremos Von Oreis o mais rápido possível. Mas já faz mais de uma semana e nem sinal dele. Ele e Funk têm um ninho de amor secreto na Privatstrasse que a mulher de Funk ignora. Mas ele não aparece lá há vários dias.

Tirei do bolso o pedaço de papel no qual havia copiado um endereço na agenda de Jeschonnek: era um número na Derfflingerstrasse.

— Privatstrasse, certo? Existe algum outro endereço?

— Não até onde sabemos.

— Você esta no caso, Bruno?

— Não estou mais. Dietz assumiu.

— Mas ele está trabalhando no caso Pfarr, não está?

— Acho que sim.

— Bem, isso não lhe diz alguma coisa?

— Não sei, Bernie. Estou ocupado demais, tentando pôr um nome num cara com meio taco de bilhar enfiado até o nariz para ser um detetive de verdade como você.

— É o tal que pescaram do rio? Bruno suspirou irritado.

— Você sabe. Algum dia ainda vou lhe dizer alguma coisa que ainda não sabe.

— Illmann esteve falando comigo a respeito. Dei de cara com ele uma noite dessas.

— É? E onde foi isso?

— Na morgue. Encontrei seu cliente lá. Um cara de boa aparência. Talvez seja Von Oreis.

— Não, já pensei nisso. Von Oreis tinha uma tatuagem no antebraço direito: uma águia imperial. Olhe, Bernie, tenho que ir. Como eu disse um monte de vezes, não me esconda nada. Se souber de alguma coisa, me conte. Do jeito como o chefe está montando em mim, eu poderia usar uma hora livre.

— Como disse, Bruno, eu lhe devo uma.

— Duas. Você me deve duas, Bernie.

Desliguei e fiz outra ligação, desta vez para o diretor da Prisão Tegel. Marquei hora para vê-lo e pedi outra cerveja. Enquanto estava bebendo, fiz uns rabiscos num pedaço de papel, do tipo algébrico que você espera que ajude a clarear os pensamentos. Quando terminei, estava mais confuso do que nunca. A álgebra nunca foi meu forte. Eu sabia que estava chegando a algum lugar, mas decidi que só me preocuparia com esse lugar quando chegasse lá.

* * *

Dez

ADERFFLINGERSTRASSE era conveniente para Ministério da Aeronáutica novo em folha situado no extremo sul da Wilhelm-strasse e na esquina da Leipzigerstrasse, para não falar no Palácio Presidencial na Leipzigerplatz, ali perto: conveniente para Von Oreis visitar seu mentor nas suas qualidades de chefe da Luftwaffe e primeiro-ministro da Prússia. O apartamento de Von Oreis ficava no terceiro andar de um vistoso edifício. Não havia sinal de um porteiro, portanto fui subindo. Bati na porta e esperei. Após decorrido cerca de um minuto, me abaixei para olhar através da caixa de correio. Para minha surpresa, descobri a porta se abrindo quando empurrei para dentro a aba de sua mola rígida. Não precisei pensar muito para perceber que o local tinha sido revirado de alto a baixo. O vestíbulo comprido com assoalho de parquet estava coberto de livros, jornais, envelopes e pastas de arquivo vazias, bem como de uma considerável quantidade de vidro quebrado que devia pertencer às portas escancaradas de uma ampla estante-mesa.

Atravessei duas portas e me imobilizei ao ouvir o arrastar de uma cadeira num dos cômodos à minha frente. Instintivamente, procurei minha arma. Que pena. Tinha deixado no carro. Já ia em direção a um pesado sabre da cavalaria montado num suporte de parede quando ouvi atrás de mim um pedaço de vidro sendo esmagado debaixo do pé de alguém. Então, uma pancada na nuca me enviou em mergulho através de um buraco na terra. Pelo que pareceram horas, embora não deva ter passado de uns poucos minutos, jazi no fundo de um poço escuro.

Tateando meu caminho de volta à consciência, me tornei ciente de algo nos meus bolsos e depois de uma voz que vinha de muito longe. A seguir, senti alguém me levantar pelas axilas, me arrastar por dois quilômetros e banhar meu rosto debaixo de uma cachoeira.

Sacudi a cabeça e apertei os olhos para ver o homem que tinha me golpeado. Era quase um gigante, com uma fartura de boca e bochechas, como se tivesse estofado cada uma delas com fatias de pão. Havia uma camisa em volta do seu pescoço, mas era do tipo que pertencia mais adequadamente a uma cadeira de barbeiro; e seu pescoço era do tipo que deveria ser atrelado a um arado. As mangas do seu paletó haviam sido recheadas com vários quilos de batata e terminavam abruptamente, revelando pulsos e punhos do tamanho e cor de duas lagostas cozidas. Respirando fundo, sacudi a cabeça dolorosamente. Sentei-me devagar, agarrando meu pescoço com ambas as mãos.

— Caramba, me bateu com o quê? Com um pedaço de trilho de bonde?

— Desculpe o mau jeito, disse meu agressor, — Mas quando vi você se encaminhando para o sabre, decidi retardá-lo um pouco.

— Acho que tive sorte por você não ter decidido me nocautear, senão... Acenei para meus documentos que o gigante segurava nas imensas patas. — Parece que já sabe quem eu sou. Importaria de me dizer quem é? Parece-me que eu deveria conhecê-lo.

— Rienacker, Wolf Rienacker. Gestapo. Você já foi um tira, não é? Lá na Alex.

— Isso mesmo.

— E agora é um particular. O que o trouxe aqui?

— Vim à procura de Herr Von Oreis.

Olhei em torno da sala. Era uma bagunça só, mas não parecia estar faltando muita coisa. Um adorno prateado para centro de mesa permanecia imaculado sobre um aparador, as gavetas tendo sido esvaziadas do que se espalhava pelo chão; e dezenas de pinturas a óleo

estavam enfileiradas contra as paredes. Quem quer que tivesse vasculhado o apartamento, não viera atrás do tipo habitual de pilhagem, mas de alguma coisa em especial.

— Entendo. Assentiu de leve. — Sabe quem é o dono deste apartamento? Dei de ombros.

— Imagino que seja Herr Von Oreis. Rienacker sacudiu a cabeça tamanho caçamba.

— Apenas parte do tempo. Não, o apartamento pertence a Hermann Goering. Poucas pessoas sabem disso, muito poucas. Ele acendeu um cigarro e me atirou o maço. Acendi um e traguei, agradecido. Notei que minha mão tremia. — Portanto, o primeiro mistério, continuou Rienacker, — É como você fez. O segundo é por que queria afinal falar com Von Oreis. Poderia ser que estivesse atrás da mesma coisa que a primeira quadrilha. O terceiro mistério é onde Von Oreis está agora. Talvez esteja escondido, talvez alguém o tenha apanhado, talvez esteja morto. Não sei. Este lugar foi revistado há uma semana. Voltei aqui esta tarde para bisbilhotar se deixei escapar algum detalhe na primeira vez e fazer alguma especulação, quando você chegou. Ele deu uma longa tragada no cigarro. Na sua mão enorme que parecia um presunto, o cigarro era como um dente de bebê. — Esta é a primeira brecha que tenho no caso. Portanto, que tal começar a falar? Sentei-me ereto, apertei a gravata e tentei ajeitar meu colarinho ensopado.

— Deixe me situar, falei. — Tenho um amigo lá na Alex que me disse que a polícia não sabe sobre este lugar e, mesmo assim, você está plantado aqui. O que me leva a supor que você, ou seja lá para quem esteja trabalhando, prefere que seja assim. Você preferiria encontrar Von Oreis, ou pelo menos botar as mãos naquilo que o torna tão popular, antes que eles o façam. Bem, a prata não era, os quadros também não, pois continuam ali.

— Prossiga.

— Este apartamento é de Goering, daí concluo que você é cão de caça de Goering. Não há razão pela qual Goering deveria ter alguma

consideração por Himmler. Afinal, Himmler tomou dele o controle da polícia e da Gestapo. Assim, faria sentido Goering querer evitar o envolvimento dos homens de Himmler mais do que o estritamente necessário.

— Não está esquecendo alguma coisa? Eu trabalho para a Gestapo.

— Rienacker, eu posso ser fácil de nocautear, mas não sou trouxa. Ambos sabemos que Goering tem um monte de amigos na Gestapo. O que não é nada surpreendente, já que ele montou a instituição.

— Você deveria ter sido detetive, sabe?

— Meu cliente pensa da mesma maneira que o seu a respeito do envolvimento dos tiras nessa questão. O que significa que posso me equiparar a você, Rienacker. Meu cliente perdeu um quadro, uma pintura a óleo, que adquiriu fora de qualquer dos canais credenciados, portanto, como vê, seria melhor se a polícia não soubesse de nada sobre isso. O grandalhão não disse nada, portanto continuei: — De qualquer modo, duas semanas atrás, o quadro foi roubado de sua casa. E é aí que eu entro. Estive investigando alguns marchands, e o que ouvi é que Goering é um ávido comprador de obras de arte, que guarda em algum lugar das profundezas de Karinhall uma coleção dos velhos mestres, nem tudo adquirido legitimamente. Ouvi dizer que tinha um agente, Herr Von Oreis, notoriamente ligado à compra de obras de arte. Assim, decidi vir aqui e ver se podia falar com ele. Quem sabe? O quadro que estou procurando bem que poderia ser um desses amontoados na parede.

— Talvez seja, disse Rienacker. — Sempre supondo que acredito em você. Quem é o pintor? E qual é o tema da obra?

— Rubens, disse eu, satisfeito com minha inventividade. Duas mulheres nuas à beira de um rio. É chamado AS BANHISTAS, ou coisa parecida. Tenho uma fotografia lá no escritório.

— E quem é o seu cliente?

— Receio que não possa lhe dizer. Rienacker ergueu lentamente um punho.

— Talvez eu pudesse persuadi-lo. Encolhi os ombros.

— Mesmo assim eu não lhe diria. Não que eu seja do tipo honrado, protegendo a reputação do meu cliente, essa besteira toda. É só que vou receber uma comissão muito substancial pela recuperação. Este caso é a minha grande chance de fazer um pé-de-meia, e se me custar uns machucados e umas costelas quebradas, é assim que terá de ser.

— Tudo bem, disse Rienacker. — Dê uma olhada nos quadros, se quiser. Mas se estiver ali, terei de conferir primeiro.

Apoiei-me nas pernas trêmulas e fui até as pinturas. Não entendo nada de arte. Ao mesmo tempo, sei reconhecer a qualidade quando a vejo, e a maioria dos quadros no apartamento de Goering eram artigo genuíno. Para meu alívio, não havia nenhum nu feminino, por isso não precisei adivinhar se era ou não de Rubens.

— Não está aqui, disse eu, por fim. — Mas obrigado por me deixar dar uma olhada. Rienacker assentiu.

No corredor, peguei meu chapéu e coloquei-o sobre a cabeça latejante. Ele disse:

— Estou lotado na Charlottenstrasse, esquina da Französische Strasse.

— Sim, sei onde fica, respondi. — Em cima do Restaurante Lutter e Wegner, não é? Rienacker assentiu. — Ah, sim, se souber de alguma, eu lhe conto.

— Cuidarei para que o faça, resmungou ele e me deixou sair. Quando voltei à Alexanderplatz, encontrei uma visitante na minha sala de espera.

Ela era bem-feita de corpo, trajando um costume preto que emprestava às suas curvas impressionantes os contornos de um violão espanhol de excelente fabricação. A saia era curta, estreita e justa no seu amplo traseiro, e o casaco cortado para dar um perfil de cintura alta,

com a plenitude agrupada a fim de se ajustar ao seu busto generoso. Na cabeça de reluzentes cabelos negros ela usava um chapéu preto com a aba virada para cima em toda a volta. Nas mãos segurava uma bolsa de tecido preto com alça e fecho brancos, além de um livro que pôs de lado assim que entrei na sala de espera. Os olhos azuis e a boca perfeitamente pintada sorriam com afabilidade desconcertante.

— Herr Gunther, suponho, disse ela, e assenti, embasbacado. — Sou Inge Lorenz. Uma amiga de Eduard Muller, do Berliner Morgenpost. Trocamos um aperto de mãos e abri a porta do meu escritório.

— Entre e fique à vontade. Convidei. Ela deu uma olhada em torno e farejou o ar umas duas vezes. O lugar ainda cheirava a avental de garçom.

— Desculpe pelo cheiro. E o resquício de um pequeno acidente. Fui abrir a janela e, quando me voltei, a descobri parada a meu lado.

— Uma vista impressionante, observou ela.

— Não é má.

— A Alexanderplatz de Berlim. Leu o romance de Dóblin?

— Hoje em dia não tenho muito tempo para leitura. De qualquer modo, há muito pouca coisa que mereça ser lida.

— Claro que é um livro proibido, disse ela, — Mas deveria lê-lo, enquanto está de novo em circulação.

— Não entendo.

— Oh, ainda não entendeu? Os escritores banidos estão de volta às livrarias. É por causa da Olimpíada. Para que os turistas não pensem que as coisas aqui são tão repressivas como pintam. É claro que desaparecerão de novo tão logo acabe tudo. Apenas porque são proibidos, você deveria lê-los.

— Obrigado. Lembrarei disso.

— Tem um cigarro?

Peguei a caixa de prata sobre a mesa, ergui a tampa para ela, que apanhou um e deixou que eu o acendesse.

— No outro dia, num café em Kurfurstendamm, acendi um distraidamente e uma velha intrometida veio até mim para me lembrar do meu dever como esposa ou mãe alemã. “Chance difícil”, pensei. Estou com quase trinta e nove anos, uma idade que não dá mais para começar a produzir recrutas para o Partido. Sou o que chamam de nulidade eugênica. Ela se sentou numa das poltronas e cruzou as lindas pernas. Não pude ver qualquer nulidade nela, exceto talvez os cafés que frequentava. — A coisa chegou a um ponto que uma mulher não pode mais sair usando um pouco de maquiagem por medo de ser chamada de prostituta.

— Você não me parece ser do tipo de se preocupar muito com o que as pessoas dizem, comentei. — E, a propósito, gosto de mulher que pareça uma dama, não uma ama-de-leite do Hesse.

— Obrigada, Herr Gunther, disse ela, sorrindo. — Muito gentil.

— Herr Muller disse que você foi repórter no DAZ.

— Sim, é verdade. Perdi o emprego durante a campanha do Partido: “Tirem as Mulheres da Indústria”. Um meio engenhoso de resolver o problema do desemprego, não acha? E só dizer a uma mulher que ela já tem um emprego, que é cuidar do lar e da família. Se ela não tiver marido, que trate de arranjar, se sabe o que é melhor para ela. A lógica é assustadora.

— Como se sustenta agora?

— Faço alguns freelances. Mas, falando francamente, Herr Gunther, neste exato momento estou quebrada, motivo que me trouxe aqui. Muller diz que está cavando alguma informação sobre Hermann Six. Eu gostaria de tentar e vender o que sei. Está investigando-o?

— Não. Na verdade, ele é meu cliente.

— Oh. Isto a deixou levemente confusa.

— Existe alguma coisa na maneira como me contratou que me fez querer saber um bocado mais sobre ele, expliquei. — E não se refere apenas à escola que frequentou. Suponho que você poderia dizer que ele me irritou. Não gosto que me digam o que fazer, entende?

— Não é uma atitude muito saudável nestes dias.

— Aposto que não. Sorri para ela. — Que tal então cinquenta marcos pelo que você sabe?

— Digamos cem, para não ficar desapontado depois?

— Que tal setenta e cinco mais um jantar?

— Negócio fechado. Ela me estendeu a mão e selamos o acordo.

— Existe um arquivo ou coisa parecida, Fraukin Lorenz?

— Por favor, me chame de Inge. Ela bateu na cabeça. — E está tudo aqui, até o último detalhe. E então ela me contou.

— Hermann Six nasceu, filho de um dos homens mais ricos da Alemanha, em abril de 1881, nove anos antes do dia em que o nosso amado Fuhrer entrou neste mundo. Já que mencionou escola, ele estudou no Ginásio Kónig Wilhelm, em Berlim. Depois disso entrou no mercado de ações e daí para o negócio do pai, ou seja, as Indústrias Siderúrgicas Six. Juntamente com Fritz Thyssen, o herdeiro de outra grande fortuna familiar, Six foi um nacionalista ardoroso, organizando a resistência passiva contra a ocupação francesa do Ruhr, em 1923. Tanto ele quanto Thyssen foram presos por isso. Mas acaba aí a similaridade, pois, ao contrário de Thyssen, Six nunca foi protegido por Hitler. Ele era um nacionalista conservador, nunca um nacional-socialista, e qualquer apoio que possa ter dado ao Partido foi puramente pragmático, para não dizer oportunista. Nesse meio-tempo, ele casou com Lisa Voegler, uma ex-atriz do Teatro Estatal de Berlim. Tiveram uma filha, Grete, nascida em 1911. Lisa morreu de tuberculose em 1934, e Six casou com Use Rudel, a atriz.

Inge Lorenz se levantou e começou a caminhar pela sala enquanto falava. Observá-la dificultava a concentração: quando ela se virou, meus olhos estavam no seu traseiro; e quando voltou os olhos para mim, os meus estavam em sua barriga.

— Eu disse que Six não se importa com o Partido. É verdade. Ele igualmente se opunha, contudo, à causa sindicalista e apreciou o modo como o Partido a neutralizou quando subiu ao poder. Mas é o assim chamado socialismo do Partido que realmente está entalado em sua

garganta. E a política econômica do Partido. Six foi um dos vários líderes empresariais presentes a uma reunião secreta no início de 1933 no palácio presidencial, na qual a futura política econômica foi explicada por Hitler e Goering. De qualquer modo, estes empresários responderam contribuindo com vários milhões de marcos para os cofres do Partido em apoio à promessa de Hitler de eliminar os bolcheviques e reequipar o exército. Foi um namoro que não durou muito. Como tantos industriais alemães, Six é favorável à expansão do mercado e do volume de negócios. Especificamente, com relação à indústria do aço, ele prefere comprar sua matéria-prima no exterior, porque é mais barato. Goering não concorda, porém, e acredita que a Alemanha deveria ser autossuficiente em jazidas de ferro, como em tudo mais. Ele acredita num nível controlado de consumo e exportações. É fácil ver por quê. Ela fez uma pausa, esperando que eu lhe fornecesse a explicação que era tão fácil de ver.

— É? Falei. Ela ficou impaciente; suspirou e sacudiu a cabeça, tudo de uma vez.

— Bem, claro que é. A verdade nua e crua é que a Alemanha está se preparando para a guerra, e uma política econômica tão convencional é de pouca ou nenhuma relevância. Assenti, entendendo.

— Sim, percebo o que quer dizer. Ela se sentou no braço da poltrona e cruzou os braços.

— Estive falando com alguém que ainda trabalha no DAZ, revelou ela, — E ele diz que corre um boato de que, daqui a dois meses, Goering assumirá o controle do segundo plano econômico quadrienal. Dado o seu declarado interesse em construir fábricas estatais de material de base para garantir o suprimento de recursos estratégicos, tais como jazidas de ferro, pode se imaginar que Six não está nada feliz com a possibilidade. Você sabe, a indústria do aço sofreu de considerável excesso de produção durante a depressão. Six está relutante em sancionar o investimento que é exigido para que a Alemanha se torne autossuficiente em jazidas de ferro, porque sabe que, tão logo termine o surto de rearmamento, ele se verá maciçamente supercapitalizado, produzindo aço e ferro caros, como consequência do alto custo de

produção, e usando o ferro produzido no país. Ele será incapaz de vender o aço alemão no exterior por causa do preço elevado. Sem falar, é claro, que Six deseja que o empresariado assuma a iniciativa na economia alemã. E meu palpite é de que ele dará o melhor de si para convencer as demais lideranças empresariais a se juntarem a ele na oposição a Goering. Se falharem em acompanhá-lo, não é preciso dizer do que ele é capaz. Ele não reluta em jogar sujo. Desconfio, e é apenas uma suspeita, de que tem contatos no submundo.

“A essência na política econômica alemã era de efeito marginal”, pensei; mas Six e o mundo do crime, bem, isto realmente me interessava.

— O que a faz dizer isso?

— Bem, primeiro houve a repressão aos grevistas que ocorreu durante as greves na indústria siderúrgica, disse ela. — Alguns dos homens que espancaram operários tinham ligação com o mundo do crime. Muitos deles eram ex-presidiários, membros de um círculo, você sabe, uma daquelas associações de reabilitação de criminosos.

— Pode lembrar o nome deste círculo? Ela sacudiu a cabeça. — Não era Força Alemã, era?

— Não me lembro. Ela pensou um pouco mais. — Eu poderia provavelmente desencavar os nomes das pessoas envolvidas, se isso ajudasse.

— Se você puder, disse eu. — E tudo o mais que conseguir descobrir sobre a repressão aos grevistas, caso não se importe.

Havia muito mais, porém meus 75 marcos já tinham valido a pena. Conhecendo mais sobre o meu cliente particular, secreto, eu me sentia mais propriamente no comando. E agora que eu a tinha ouvido, me ocorreu que poderia utilizá-la.

— Gostaria de vir trabalhar para mim? Estou precisando de um assistente, alguém para pesquisar em registros públicos e ficar aqui vez

por outra. Acho que você cairia como uma luva. Poderia pagar, digamos, sessenta marcos por semana. Em dinheiro, de modo que o pessoal trabalhista não fique sabendo. Talvez mais, se as coisas funcionarem. O que me diz?

— Bem, se está mesmo disposto... Ela deu de ombros. — Eu certamente saberia o que fazer com o dinheiro.

— Então está combinado. Pensei um instante. — Presumivelmente, você ainda tem alguns contatos nos jornais, nos órgãos do governo, não? Ela assentiu. — Por acaso conhece alguém no DAF, o Departamento do Trabalho Alemão? Ela pensou por um minuto, brincando com os botões do casaco.

— Existe alguém, disse ela, pensativa. — Um ex-namorado, um membro das SÁ. Por que pergunta?

— Dê um telefonema para ele, peça-lhe para sair com você esta noite.

— Mas há meses que não o vejo nem falo com ele, disse ela. — E já foi ruim o bastante fazer com que me deixasse em paz da última vez. É um chato. Seus olhos azuis me fitaram ansiosos.

— Quero que descubra tudo que puder acerca do que o genro de Six, Paul Pfarr, estava tão interessado para ir lá várias vezes por semana. Ele também tinha uma amante, portanto descubra o que puder sobre ela. Tudo, estou dizendo.

— Então acho melhor eu vestir duas calcinhas, disse ela. — O homem usa as mãos como se achasse que foi parteira na outra encarnação.

Por um breve momento, me permiti um pequeno acesso de ciúme, enquanto o imaginava bolinando Inge. Talvez, com o tempo, eu pudesse fazer o mesmo.

— Pedirei a ele que me leve para ver um show, disse ela, interrompendo minha fantasia erótica. — Talvez até o deixe um pouco bêbado.

— Boa ideia, apoiei. — E, se não der certo, ofereça dinheiro ao sacana.

* * *

Onze

A PRISÃO TEGEL fica a noroeste de Berlim, junto a um pequeno lago e às instalações da Companhia de Locomotivas Borsig. Enquanto eu dirigia pela Seidelstrasse, seus muros de tijolo vermelho se erguiam à vista como os flancos lamacentos de algum dinossauro de couraça calosa; e quando o pesado portão de madeira bateu atrás de mim, e o céu escureceu como se tivessem desligado um comutador de luz elétrica, comecei a sentir certa simpatia pelos internos daquela que é uma das prisões mais duras da Alemanha. Uma infinidade de guardas vagava em torno da entrada principal, e um deles, um homem com cara de buldogue cheirando fortemente a sabão carbólico e carregando um molho de chaves quase do tamanho de um pneu de automóvel, me conduziu por um labirinto cretense de corredores azulejados de um amarelo de toailete até um pequeno pátio de paralelepípedos no centro do qual ficava a guilhotina. É um objeto de aspecto assustador, e sempre me envia um arrepio espinha abaixo a cada vez que o vejo. Desde que o Partido assumiu o poder, ela vinha tendo um bocado de atividade e naquele instante estava sendo testada, sem dúvida em preparação para as várias execuções previstas para a madrugada seguinte, conforme os anúncios no portão.

O carcereiro me levou através de uma porta de carvalho e por uma escada acarpetada até um corredor. No final do corredor parou diante de uma porta de mogno e bateu. Esperou um ou dois segundos e então me introduziu. O diretor da prisão, Dr. Konrad Spiedel, se ergueu da sua mesa para me receber. Fazia vários anos desde que eu o conhecera,

quando ele tinha sido diretor da Prisão Brauweiler, perto de Colônia, mas ele não esquecera aquela ocasião:

— Você esteve buscando informações sobre o companheiro de cela de um prisioneiro, recordou ele, indicando uma poltrona. — Algo a ver com um assalto a banco.

— Tem boa memória, Herr Doktor, disse eu.

— Confesso que minha lembrança não é inteiramente fortuita, replicou. — O mesmo homem está agora prisioneiro entre estes muros, por outra acusação.

Spiedel era alto e de ombros largos, com cerca de cinquenta anos. Usava uma gravata Schiller e paletó bávaro verde-oliva; na sua botoeira ostentava a laçada preta e branca de seda e as espadas cruzadas que indicavam um veterano de guerra.

— Por muito estranho que pareça, estou aqui com o mesmo tipo de missão, expliquei. — Creio que até recentemente teve um prisioneiro aqui chamado Kurt Mutschmann. Tinha esperanças de que pudesse me dizer alguma coisa sobre ele.

— Mutschmann, sim, me lembro dele. O que posso lhe dizer senão que se comportou bem enquanto esteve aqui e que parecia ser um sujeito bastante sensato? Spiedel se levantou e foi até seu armário de arquivo. Procurou entre várias seções. — Sim, aqui temos nós. Mutschmann, Kurt Hermann, 36 anos de idade. Condenado por roubo de carro em abril de 1934, sentenciado a dois anos de prisão. Endereço fornecido como Cicerostrasse, 29, Halensee.

— É para onde foi depois que foi solto?

— Receio que seu palpite seja tão bom quanto o meu. Mutschmann tinha uma esposa, mas durante sua reclusão, segundo este prontuário, ela só o visitou uma vez. Parece que ele não teria muito a esperar lá fora.

— Teve outros visitantes? Spiedel consultou a pasta.

— Só um, da União de Ex-Presidiários, uma pretensa organização de apoio, embora eu tenha minhas dúvidas quanto à sua autenticidade. Um homem chamado Kasper Tulesen. Ele visitou Mutschmann duas vezes.

— Mutschmann tinha um companheiro de cela?

— Sim, ele a dividia com o 7888319, Bock, H. J. Retirou outra pasta da gaveta. — Hans Jurgen Bock, 38 anos. Condenado por agredir e mutilar um homem no antigo Sindicato dos Siderúrgicos em março de 1930, sentenciado a seis anos de prisão.

— Quer dizer que ele era um fura-greve?

— Sim, era.

— Não teria por acaso os detalhes do caso? Spiedel sacudiu a cabeça.

— Receio que não. A pasta foi mandada de volta para os Arquivos Criminais, lá na Alex. Fez uma pausa. — Hum, mas talvez isto possa ajudá-lo. Ao ser solto, Bock deu o endereço onde pretendia ficar como sendo “Aos cuidados da Pensão Tillessen, Chamissoplatz, 17, Kreuzberg”. Não há dúvida de que é o mesmo Kasper Tillessen que fez uma visita a Mutschmann representando a União de Ex-Presidiários. Ele olhou para mim de modo vago. — Receio que seja tudo o que tenho.

— Creio que é o suficiente para mim, repliquei, animado. — Foi muito amável de sua parte me dedicar uma parte do seu tempo. Spiedel assumiu uma expressão de grande sinceridade e, com um tom solene, disse:

— Senhor, foi um grande prazer ajudar o homem que entregou Gormann à justiça. Calculo que, ainda por mais dez anos, estarei faturando em cima daquele caso do Gormann.

Quando a esposa de um homem só o visita uma vez em dois anos de cana, não é de se esperar que ela vá assar um pão-de-ló para comemorar sua liberdade. Mas era possível que Mutschmann tivesse ido procurá-la após sua soltura, ao menos para lhe dar umas porradas, portanto decidi verificar. A gente sempre elimina o óbvio. É fundamental para a investigação. Nem Mutschmann nem sua esposa

moravam mais naquele endereço de Cicerostrasse. A mulher com quem falei me disse que Frau Mutschmann tinha casado de novo e estava morando na Ohm-strasse, na vila operária da Siemens. Perguntei se mais alguém a procurara e a mulher disse que não.

Eram sete e meia quando cheguei à vila operária da Siemens, que tem mais de mil casas, cada qual construída com os mesmos tijolos caiados de branco, fornecendo acomodações para as famílias dos empregados da companhia de eletricidade. Eu não conseguia imaginar nada menos agradável do que viver numa casa que mais parecia um torrão de açúcar; mas sabia que no Terceiro Reich, em nome do progresso, estavam sendo feitas coisas muito piores do que padronizar as moradias dos trabalhadores. Ao parar diante da porta, meu nariz captou o cheiro de carne cozinhando; porco, imaginei, e de repente percebi o quanto estava faminto e cansado. Eu gostaria de estar em casa agora, ou assistindo a algum espetáculo leve e descontraído com Inge. Queria estar em qualquer lugar só para não ter de olhar a cara emburrada da morena que me abriu a porta. Ela limpou as mãos manchadas de rosa no seu avental encardido e me olhou desconfiada.

— Frau Buverts? Indaguei, usando o seu novo nome de casada e quase desejando que não fosse ela.

— Sim, confirmou ela asperamente. — E quem seria você? Não que eu precise perguntar. Você tem a palavra “tira” estampada na testa. De modo que vou lhe dizer mais uma vez e depois pode ir caindo fora. Não vejo ele há mais de um ano e meio. E se o encontrar, lhe diga para não vir atrás de mim. Ele é tão bem-vindo aqui quanto uma pica judia enfiada no cu de Goering. E isso serve para você também.

São essas pequenas manifestações de bom humor cotidiano e cortesia comum que tornam este serviço tão gratificante. Mais tarde naquela noite, entre onze e onze e meia, soou uma batida alta na minha porta. Eu não tinha bebido, mas o sono era tanto que me fazia sentir como se tivesse. Andei tropegamente até o hall, onde a tênue silhueta a

giz do corpo de Walther Kolb no chão me despertou da sonolência e me fez voltar para buscar minha arma de reserva. Houve outra batida, mais alta desta vez, seguida por uma voz de homem.

— Ei, Gunther, sou eu, Rienacker. Vamos, abra. Quero falar com você.

— Ainda estou dolorido desde a nossa última conversa.

— Ora, você não está ainda zangado, está?

— Comigo tudo bem. Mas até onde diz respeito ao meu pescoço você é estritamente persona non grata. Especialmente a esta hora da noite.

— Ei, sem ressentimentos, Gunther, disse Rienacker. — Olhe, isto é importante. Tem dinheiro na jogada. Houve uma longa pausa. Quando Rienacker voltou a falar, havia uma ponta de irritação em sua voz de barítono. — Deixe disso, Gunther, abra, por favor. De que porra você tem medo? Se eu tivesse vindo prendê-lo teria derrubado a porta.

“Havia alguma verdade nisso”, pensei, e portanto abri, revelando sua figura maciça. Ele deu uma olhada disfarçada para a arma em minha mão e assentiu, como se admitindo que no momento eu ainda tinha uma vantagem.

— Você não estava esperando por mim, então, disse ele secamente.

— Oh, eu sabia direitinho que era você, Rienacker. Ouvi os nós de seus dedos se arrastando nas escadas. Ele soltou uma risada que foi principalmente fumaça de cigarro. Depois, disse:

— Vista-se, vamos dar um passeio. E é melhor levar a ferramenta. Hesitei.

— Do que se trata? Ele riu ao meu embarço.

— Não confia em mim?

— Por que diz isso agora? O homem gentil da Gestapo bate em minha porta à meia-noite e pergunta se eu gostaria de dar um passeio no seu grande e reluzente carro preto. Naturalmente, sinto os joelhos trêmulos porque sei que nos reservou a melhor mesa no Horcher's.

— Alguém importante quer vê-lo, bocejou ele. — Alguém muito importante.

— Convocaram-me para a equipe olímpica de arremesso de merda, não é?

O rosto de Rienacker mudou de cor e suas narinas se inflavam e contraíam rapidamente como dois sacos de água quente. Estava começando a se impacientar.

— Tudo bem, tudo bem, disse eu. — Suponho que terei de ir, goste ou não. Vou me vestir. Segui para o quarto. — E nada de ficar espiando.

O carro era um grande Mercedes preto. Subi sem uma palavra. Havia dois gárgulas no assento dianteiro e, jazendo no chão atrás, com as mãos algemadas às costas, estava o corpo de um homem semi-inconsciente. Estava escuro, mas pelos seus gemidos eu podia dizer que levava uma boa surra. Rienacker subiu atrás de mim. Com o sacolejar do carro, o homem se agitou no chão e fez uma pequena tentativa de se erguer. Ganhou a ponta da bota de Rienacker na sua orelha.

— O que ele fez? Deixou a braguilha aberta?

— Ele é um comuna safado, disse Rienacker, ultrajado, como se tivesse prendido um estuprador de crianças. — Uma porra de um carteiro da madrugada. Nós o pegamos com a mão na massa, enfiando panfletos bolcheviques para o KPD nas caixas de correio desta área. Sacudi a cabeça.

— Vejo que o serviço continua arriscado como sempre foi. Ele me ignorou e gritou para o chofer:

— Vamos nos livrar deste escroto e depois seguir direto para a Leipzigstrasse. Não se deve deixar Sua Majestade esperando.

— Livrar dele onde? Na Ponte Schöneberger? Rienacker riu.

— Talvez. Ele tirou um frasco do bolso do casaco e tomou um generoso gole.

Eu tinha encontrado um desses panfletos enfiado em minha própria caixa de correio na noite passada. Dedicava-se na maior parte a ridicularizar nada menos que a figura do primeiro-ministro prussiano. Eu sabia que, com a Olimpíada começando dentro de poucas semanas, a Gestapo envidava todos os esforços para esmagar os militantes comunistas em Berlim. Milhares deles tinham sido presos e mandados para campos de concentração como Oranienburg, Columbia Haus, Dachau e Buchenwald. Somando dois mais dois, fui atingido de repente por um choque ao perceber a quem me levavam para ver. O carro parou no posto policial de Grolmanstrasse e um dos gárgulas arrastou o preso debaixo de nossos pés. Não pensei muito nas suas chances. Se eu já vi um homem destinado a uma aula de natação tarde da noite, foi aquele. A seguir, rodamos para leste pela Berlinerstrasse e Charlottenburgchaussee, o eixo leste-oeste de Berlim, que estava decorado com muito preto, branco e vermelho em celebração à iminente Olimpíada. Rienacker olhou carrancudo para a decoração.

— Fodam-se os Jogos Olímpicos, escarneceu. — Uma porra de dinheiro jogado fora.

— Sou forçado a concordar com você, falei.

— Para que serve tudo isso, é o que eu gostaria de saber. Nós somos o que somos, para que fingir o que não somos? Toda essa simulação me enoja. Estão até trazendo marafonas de Munique e Hamburgo porque o comércio carnal em Berlim foi duramente atingido pelos Poderes de Emergência. E o jazz dos crioulos é legal novamente. O que acha disso, Gunther?

— Diga uma coisa, faça outra. Assim é este governo. Ele me fitou atentamente.

— Se fosse você não sairia dizendo esse tipo de coisa por aí, aconselhou. Sacudi a cabeça.

— Não importa o que eu diga, Rienacker, você sabe. Enquanto eu puder servir a seu patrão, ele não vai se importar se eu for um misto de Karl Marx e Moisés, se achar que posso ser útil.

— Então é melhor aproveitar. Você nunca encontrará outro cliente tão importante como este.

— É o que todos dizem.

A curta distância do Portal de Brandenburgo, o carro virou ao sul para a Hermann Goering Strasse. Todas as luzes estavam acesas na embaixada britânica e havia dezenas de limusines paradas em frente. Enquanto o carro reduzia a marcha e dobrava na entrada de veículos do grande edifício ao lado, o chofer baixou o vidro para deixar que o guarda das SÁ nos identificasse e ouvimos o som de uma grande festa que tinha lugar do outro lado do gramado. Eu e Rienacker esperamos numa sala do tamanho de uma quadra de tênis. Após um breve momento, um homem alto e magro, usando o uniforme de oficial da Luftwaffe, nos disse que Goering estava trocando de roupa e que em dez minutos nos receberia. Era um palácio sombrio: altivo, grandioso e com um ar bucólico que desmentia sua localização urbana. Rienacker se sentava em uma cadeira de aparência medieval, sem nada dizer enquanto eu dava uma olhada em torno, mas observando-me atentamente.

— Aconchegante, comentei.

Parei diante de uma tapeçaria Gobelin que descrevia várias cenas de caçada que poderia tão facilmente ter acomodado uma cena que exigisse uma versão em escala natural do dirigível Hindenburg. A única iluminação da sala provinha de um abajur na enorme mesa de estilo renascentista que se compunha de dois candelabros de prata com quebra-luz de pergaminhos; iluminava um pequeno santuário de fotografias: havia uma de Hitler usando a camisa parda e o talabarte de couro de um SÁ e mais parecendo um escoteiro; e havia fotografias de duas mulheres, que imaginei seriam a falecida esposa de Goering, Karin, e a atual, Emmy. Junto às fotografias estava um enorme livro encadernado em couro, na frente do qual havia um brasão de armas que, presumi, era o de Goering. Este era um punho de ferro segurando uma clava, e imaginei que teria sido bem mais apropriado como símbolo dos

nazistas do que a suástica. Sentei-me ao lado de Rienacker, que fez surgir alguns cigarros. Esperamos por uma hora, talvez mais, até que ouvimos vozes do outro lado da porta e nos levantamos quando ela se abriu. Dois homens em uniformes da Luftwaffe seguiram Goering sala adentro. Para meu assombro, vi que ele carregava um filhote de leão nos braços. Beijou-o na cabeça, puxou suas orelhas e depois jogou-o no tapete de seda.

— Vá brincar, Mucki, aí está um bom companheiro. O filhote rosnou feliz e cabriolou até a janela, onde começou a brincar com as borlas de uma das pesadas cortinas.

Goering era mais baixo do que eu imaginava, o que o fazia parecer muito mais corpulento. Usava uma jaqueta de caça feita de couro verde sem mangas, uma camisa branca de flanela, calças de exercício brancas e tênis brancos.

— Olá, disse ele, apertando minha mão e dando um amplo sorriso. Havia nele alguma coisa levemente animalesca, e seus olhos eram de um azul intenso e inteligente. Na mão tinha diversos anéis, um deles com um grande rubi. — Agradeço por ter vindo. Lamento tê-lo feito esperar. Assuntos de Estado, você compreende.

Respondi que por mim estava tudo bem, embora na verdade eu mal soubesse o que dizer. De perto, fiquei impressionado com a maciez quase de bebê da sua pele e imaginei se ele se empoava. Sentamo-nos e por vários minutos ele continuou a dar a impressão de estar contente por eu estar lá, de um modo quase infantil, até que ele se sentiu obrigado a se explicar.

— Eu sempre quis conhecer um detetive particular em carne e osso, disse ele. — Conte-me: já leu alguma vez as histórias de detetive de Dashiell Hammett? Ele é americano, mas eu o acho maravilhoso.

— Não posso dizer que tenha lido, senhor.

— Oh, mas deveria ler. Eu lhe enviarei uma edição alemã de Red Harvest. Vai adorar. Usa arma, Herr Gunther?

— Às vezes, senhor, quando considero necessário. Goering exultou como um colegial empolgado.

— Está portando uma agora? Fiz que não com a cabeça.

— O Rienacker aqui achou que poderia assustar o filhotinho.

— Uma pena, disse Goering. — Eu gostaria de ter visto a arma de um autêntico detetive particular. Ele se recostou na cadeira, que parecia como se um dia tivesse pertencido a um papa da família Médici tamanho grande. Fez um gesto com a mão. — Bem, vamos aos negócios, disse ele.

Um dos assistentes se adiantou com uma pasta e depositou-a diante do seu chefe. Goering abriu-a e examinou seu conteúdo por vários segundos. Imaginei que fosse sobre mim. Havia tantas pastas ao meu redor nos últimos dias que comecei a me sentir como um prontuário médico.

— Diz aqui que você já foi da polícia, disse ele. — Com um currículo de respeito, também. E agora trabalha por conta própria. Por que saiu? Ele tirou uma caixinha de sua jaqueta e despejou duas pílulas cor-de-rosa na palma gorda da mão enquanto aguardava minha resposta. Engoliu-as com um copo d'água.

— Não gostava muito da cantina da polícia, senhor, respondi. Ele riu alto. — Mas, com todo o respeito, senhor primeiro-ministro estou certo de que sabe muito bem por que saí, já que na ocasião o senhor mesmo estava no comando da polícia. Não me lembro de ter feito segredo de minha oposição ao expurgo dos assim chamados agentes de polícia não confiáveis. Muitos daqueles homens eram meus amigos. Muitos deles perderam suas pensões. Dois deles até mesmo suas cabeças.

Goering sorriu. Com sua testa larga, olhos frios, voz baixa e resmungante, sorriso predador e barriga indolente, ele me recordava nada mais que um tigre enorme, gordo e devorador de gente; e, como se

telepaticamente consciente da impressão que causava em mim, ele se inclinou à frente na cadeira, pegou o filhote de leão no tapete e o aninhou no seu colo tamanho sofá. O filhote piscou sonolento, mal se agitando enquanto o dono lhe afagava a cabeça e coçava as orelhas. Ele parecia como se estivesse admirando seu próprio filho.

— Você entende, disse. — Ele não fica à sombra de ninguém. E não tem medo de me falar o que pensa. Esta é a grande virtude da independência. Não existe nenhuma razão por que este homem não deveria estar ao meu serviço. Ele tem peito de me lembrar de coisas quando outro homem teria ficado em silêncio. Posso confiar num homem assim. Acenei para a pasta em sua mesa.

— Eu apostaria que foi Diels quem compilou isso aí.

— E estaria certo. Herdei esta pasta, a sua pasta, junto com muitas outras, quando ele perdeu seu cargo de chefe da Gestapo para aquele merdinha criador de galinhas. Foi o último grande serviço que fez para mim.

— Importa-se se eu perguntar o que aconteceu com ele?

— Claro que não. Ele continua trabalhando para mim, embora ocupando uma posição de menor destaque, como administrador de embarque para o interior das Fábricas Hermann Goering, em Colônia. Goering repetiu o próprio nome sem o menor traço de hesitação ou embaraço; ele devia achar que era a coisa mais natural do mundo que uma fábrica levasse o seu nome. — Você entende disse, orgulhoso. — Eu cuido das pessoas que me prestaram serviços. Não é, Rienacker? A resposta do grandalhão veio com a velocidade da rebatida de uma bola de tênis.

— Sim, senhor primeiro-ministro, com toda a certeza que cuida.

Na mosca, pensei, enquanto um criado entrava com uma enorme bandeja de café, vinho Mosela e ovos à Benedict para o primeiro-ministro. Goering se empanturrou como se estivesse o dia inteiro sem comer.

— Posso não ser mais o chefe da Gestapo, disse ele, — Mas tem muita gente lá, como o nosso Rienacker aqui, que continua leal a mim, mais do que a Himmler.

— Muita gente mesmo, ecoou lealmente Rienacker.

— Eles me mantêm informado sobre o que a Gestapo está fazendo. Limpou delicadamente a boca larga com um guardanapo.

— Bem, continuou, — Rienacker me diz que você apareceu no meu apartamento na Derfflingerstrasse. Como ele já lhe disse, se trata de um apartamento que coloquei à disposição de um homem que é meu agente confidencial em certos assuntos. Seu nome é, como acredito que já saiba, Gerhard Von Oreis, e está desaparecido há mais de uma semana. Rienacker diz que você achou que ele poderia ter sido abordado por alguém tentando vender uma tela roubada. Um nu de Rubens, para ser exato. Não faço a menor ideia do que o levou a pensar que meu agente valia a pena ser contatado e como conseguiu rastreá-lo até aquele endereço. Mas você me impressiona, Herr Gunther.

— Muito obrigado, senhor primeiro-ministro. “Quem sabe?” pensei. Com um pouco de prática, eu podia soar igualzinho a Rienacker.

— Seu currículo como agente de polícia fala por si só, e não tenho dúvida de que seja tão competente como investigador particular.

Ele terminou de comer, tomou um copo cheio de Mosela e acendeu um enorme charuto. Não dava mostras de cansaço, ao contrário dos dois ajudantes-de-ordem e Rienacker, e eu começava a especular que pílulas tinham sido aquelas. Ele soprou um enorme anel de fumaça.

— Gunther, disse, — Quero me tornar seu cliente. Quero que encontre Gerhard Von Oreis, de preferência antes que a Sipp o faça. Não que ele tenha cometido algum crime, você entende. E só que ele é depositário de uma informação confidencial que não desejo ver cair nas mãos de Himmler.

— Que tipo de informação confidencial, senhor primeiro-ministro?

— Temo não poder lhe contar.

— Olhe, senhor. Se eu vou remar o barco, gostaria de saber se há algum vazamento nele. Esta é a diferença entre mim e um tira comum. Ele não pergunta por quê. É esse o privilégio da independência. Goering assentiu.

— Eu admiro a franqueza. Não digo simplesmente que vou fazer alguma coisa; eu faço e faço da maneira correta. Não creio que exista qualquer problema em contratá-lo, desde que confie plenamente em você. Mas deve entender que isto lhe impõe certas obrigações, Herr Gunther. O preço por trair minha confiança costuma ser alto.

Não duvidei nem por um minuto. Eu dormira muito pouco aqueles dias; achei que perder um pouco mais de sono por conta do que sabia sobre Goering não ia fazer qualquer diferença. Não podia voltar atrás. Além disso, era provável haver um bom dinheiro nisso, e tento não me afastar do dinheiro, a não ser que seja possível evitar. Goering tomou mais duas das pílulas cor-de-rosa. Parecia tomá-las com a mesma frequência com que eu fumava cigarros. Tomei a palavra:

— Senhor, Rienacker lhe dirá que, quando nos encontramos no seu apartamento esta tarde, ele me pediu para lhe dar o nome do homem para quem eu trabalhava, o homem que é dono do nu de Rubens. Eu não revelei. Ele me ameaçou de arrancar o nome à força. Mesmo assim, eu não lhe disse. Rienacker se inclinou para frente e falou.

— É verdade, senhor primeiro-ministro. Continuei com meu papo de vendedor:

— Cada um dos meus clientes obtém o mesmo procedimento. Discrição e segredo. Eu não continuaria no negócio por muito tempo se agisse de outra maneira. Goering assentiu.

— Está sendo bastante franco, disse ele. — Então me permita ser igualmente franco. Muitas posições na burocracia do Reich têm minha proteção. Em consequência, sou frequentemente abordado por um ex-colega, um contato comercial, pedindo um pequeno favor. Bem, não condeno as pessoas por tentar. Se for possível, eu as ajudo. Mas é claro

que pedirei um favor em troca. É assim que funciona o mundo. Ao mesmo tempo, montei uma ampla reserva de informação. É um reservatório de conhecimento que utilizo para que coisas aconteçam. Sabendo o que sei, é mais fácil convencer as pessoas a partilhar minha opinião. Tenho que assumir o ponto de vista mais amplo, para o bem da pátria. Mesmo agora, há muitos homens de influência e poder que não concordam com o que eu e o Fuhrer identificamos como as prioridades para o crescimento adequado da Alemanha, de modo que este nosso maravilhoso país possa assumir seu lugar de direito no mundo.

Ele fez uma pausa. Talvez estivesse esperando que eu pulasse, fizesse a saudação de Hitler e cantasse uma estrofe de Horst Wéssel; mas fiquei quieto, assentindo pacientemente, esperando que ele chegasse ao xis do problema.

— Von Oreis era o instrumento da minha vontade, disse ele suavemente, — Bem como meu ponto fraco. Ele era tanto o meu agente comprador quanto meu provedor de fundos.

— Quer dizer que ele era um especulador no mercado de arte. Goering estremeceu e sorriu ao mesmo tempo.

— Herr Gunther, você merece muito crédito por ser tão honesto e tão objetivo, mas por favor tente não fazer disso uma compulsão. Eu mesmo sou um homem sem papas na língua, mas não faço disso uma virtude. Entenda o seguinte: tudo se justifica para servir o Estado. Às vezes alguém precisa ser duro. Acho que foi Goethe quem disse que alguém tem que conquistar e governar, ou servir e perder, sofrer ou triunfar, ser a bigorna ou o martelo. Entende?

— Sim, senhor. Olhe, seria útil se eu soubesse com quem Von Oreis negociava. Goering sacudiu a cabeça.

— Realmente não posso lhe dizer. É a minha vez de subir no palanque e discursar sobre Discrição e Segredo. Em vista disso, terá que trabalhar no escuro.

— Muito bem, farei o melhor que puder. Tem uma fotografia do cavaleiro? Ele abriu uma gaveta e retirou um pequeno instantâneo, que

me entregou.

— Foi tirada há cinco anos atrás, disse. — Ele não mudou muito.

Olhei para o homem na fotografia. Como muitos alemães, usava o cabelo claro inflexivelmente cortado rente ao crânio, exceto por um absurdo pega-rapaz que decorava sua ampla testa. O rosto enrugado em muitos lugares como um velho maço de cigarros, ostentava um bigode encerado, e o efeito geral era do clichê alemão aristocrata encontrado nas páginas de um exemplar atrasado da Jugend.

— Ele também tem uma tatuagem, acrescentou Goering. — No braço direito. Uma águia imperial.

— Muito patriótico, comentei. Coloquei a fotografia no bolso e pedi um cigarro. Um dos ajudantes-de-ordens me ofereceu um da grande caixa de prata e o acendeu com seu próprio isqueiro. — Acredito que a polícia esteja trabalhando sobre a ideia de que seu sumiço poderia ter algo a ver com sua tendência homossexual.

Eu não disse nada sobre a informação que Neumann me dera acerca do círculo Força Alemã ter assassinado um aristocrata anônimo. Até que eu pudesse verificar sua história, não havia como desperdiçar o que poderia se transformar num bom trunfo.

— É de fato uma possibilidade. A admissão de Goering souo desconfortável. — É verdade. Seu homossexualismo o levava a alguns lugares perigosos e, certa ocasião, até mesmo despertou a atenção da polícia sobre ele. Mas consegui fazer com que a acusação fosse retirada. Gerhard não se refreou com o que teria sido uma experiência salutar. Houve até um relacionamento com um preeminente burocrata para fazer frente a isso. Tolamente, permiti que a coisa continuasse na esperança de forçar Gerhard a ser mais discreto.

Peguei esta informação com várias pitadas de sal. Achei ser muito mais provável que Goering tivesse permitido a continuação do

relacionamento a fim de que ele pudesse comprometer Funk um rival político menor, com o objetivo de tê-lo no bolso. Isto é, se já não o tivesse.

— Von Oreis tinha outros amiguinhos? Goering deu de ombros e olhou para Rienacker, que se agitou e disse:

— Nenhum em especial, até onde sabemos. Mas é difícil dizer com certeza. A maior parte dos rapazes de programa já foi retirada de circulação pelas Forças de Emergência. E a maioria dos clubes de pederastas, como o Eldorado, foi fechada. Mesmo assim, Herr Von Oreis não desistiu de procurar ligações fortuitas.

— Existe uma possibilidade, opinei. — De que, numa visita ocasional a um ponto barra-pesada da cidade em busca de sexo, o nosso cavalheiro tenha sido preso pela Kripo local, surrado e jogado num campo de concentração. Você poderia não ouvir falar disso por várias semanas.

A ironia da situação não me passou despercebida: a de que estivesse discutindo o desaparecimento do servidor do homem que era ele próprio o responsável por tantos outros desaparecimentos. Imaginei se ele havia percebido também.

— Francamente, senhor, uma a duas semanas não é um tempo longo demais para alguém desaparecer na Berlim atual.

— Já estão sendo realizadas investigações neste sentido, disse Goering. — Mas você está certo em mencionar. Afora isto, está por sua conta agora. Pelas investigações que Rienacker fez a seu respeito, pessoas desaparecidas seriam sua especialidade. Meu ajudante-de-ordem aqui lhe proverá de dinheiro e qualquer coisa que possa exigir. Há mais alguma coisa? Pensei por um momento.

— Eu gostaria de pôr uma escuta num telefone.

Eu sabia que o Forschungsamt, o Diretório de Pesquisa Científica, que se incumbia de grampear telefones, era subordinado a Goering.

Alojado no edifício do Ministério da Aeronáutica, se dizia que até mesmo Himmler precisava da permissão de Goering para pôr um grampo no aparelho de alguém, e eu suspeitava fortemente de que era através desse expediente particular que Goering continuava a ampliar o “reservatório de informação” que Diels legara ao seu antigo mentor. Goering sorriu.

— Você está bem informado. Como quiser. Ele se voltou e falou com o ajudante-de-ordem. — Cuide disso com prioridade. E se certifique de que Herr Gunther receba uma transcrição diária.

— Sim, senhor, disse o homem. Escrevi um número num pedaço de papel e entreguei a ele. Goering então se levantou.

— Este é o seu caso mais importante, disse ele, pondo a mão levemente no meu ombro. Ele me acompanhou até a porta. Rienacker seguia a curta distância. — E se for bem-sucedido, minha generosidade será pródiga.

E se eu não fosse bem-sucedido? No momento, preferi esquecer esta possibilidade.

* * *

Doze

ERA QUASE dia quando voltei ao meu apartamento. O esquadrão “raspa-tinta” já trabalhava duro nas ruas, apagando as pichações noturnas dos comunistas: A FRENTE VERMELHA VENCERÁ e VIDA LONGA PARA THAELMAN E TORGLER, antes que a cidade acordasse para o novo dia. Eu não dormira mais que duas horas quando o som de sirenes e apitos me arrancou violentamente dos meus devaneios tranquilos. Era um treinamento contra ataque aéreo. Enterrei a cabeça sob o travesseiro e tentei ignorar as batidas do supervisor de área na minha porta; mas eu sabia que teria de justificar minha ausência mais tarde, e seria multado caso não arranjasse uma explicação verificável.

Trinta minutos depois, quando os apitos e sirenes deram o som de tudo-livre, não havia o menor sentido em voltar para a cama. Portanto, comprei um litro extra de leite e preparei uma enorme omelete. Inge chegou ao meu escritório depois das nove. Sem maior cerimônia, ela se sentou do outro lado da minha mesa e observou-me terminar algumas anotações.

— Viu o seu amigo? Perguntei após um momento.

— Fomos ao teatro.

— Ah, é? O que foram ver? Eu me descobri querendo saber tudo, inclusive detalhes que nada tinham a ver com o possível conhecimento do homem acerca de Paul Pfarr.

— A Base Wauah. Espetáculo muito fraco, mas Otto pareceu adorar. Ele insistiu em pagar as entradas, de modo que não precisei

recorrer à caixinha.

— O que fizeram depois?

— Fomos à Cervejaria Baarz. Detestei. Um verdadeiro antro de nazistas. Todo mundo de pé e saudando o rádio quando tocava a canção de Horst Wessel DEUTSCHLAND UBER ALES. Tive de fazer a saudação também, coisa que detesto. Fez-me parecer como se estivesse chamando um táxi. Otto bebeu bastante e se tornou muito falador. Eu realmente também passei da conta... Tive uma tremenda ressaca esta manhã. Ela acendeu um cigarro. — De qualquer modo, Otto conheceu Pfarr vagamente. Diz que lá no DAF, Pfarr foi quase tão popular quanto um cadarço de bota, e não é difícil saber por quê. Pfarr estava investigando corrupção e fraude nos sindicatos. Em consequência de suas investigações, dois tesoureiros do Sindicato dos Trabalhadores em Transportes foram demitidos e mandados para campos de concentração, um após o outro; o presidente do comitê lojista da Koch Strasse de Ullstein, das grandes estamparias, foi considerado culpado de desvio de verbas e executado; Rolf Togotzes, caixa do Sindicato dos Metalúrgicos, foi mandado para Dachau; e muito mais. Se um homem tinha inimigos, era Paul Pfarr. Parece que o DAF ficou cheio de rostos sorridentes quando se soube que ele estava morto.

— Alguma ideia do que ele estava investigando por ocasião de sua morte?

— Não. Aparentemente, ele fazia as coisas com muita discrição. Gostava de trabalhar através de informantes, acumulando provas até ficar pronto para fazer acusações formais.

— Ele tinha colegas lá?

— Apenas uma estenógrafa, uma garota chamada Marlene Sahn. Otto, o meu amigo, se pode ser chamado assim, foi bastante íntimo dela e saiu com ela umas duas vezes. Não resultou em muita coisa. Essa é a história da vida dele, acho. Mas ele se lembrou do endereço dela. Inge abriu a bolsa e consultou uma pequena agenda. — Nollendorfstrasse, 23. Ela provavelmente saberá o que ele estava levantando.

— Parece um mulherengo, esse seu amigo Otto. Inge riu.

— É o que ele disse sobre Pfarr. Tinha absoluta certeza de que Pfarr estava traindo a mulher, que tinha uma amante. Ele o viu diversas vezes com uma mulher no mesmo clube noturno. Disse que Pfarr pareceu embaraçado ao ser flagrado. Otto disse que era um bocado bonita, se bem que um tanto vulgar. Ele acha que seu nome era Vera, ou Eva, ou algo parecido.

— Ele contou isso à polícia?

— Não. Diz que nunca perguntaram. No todo, ele prefere não se envolver com a Gestapo, a menos que seja inevitável.

— Você quer dizer que ele não foi sequer interrogado?

— Aparentemente não. Sacudi a cabeça.

— Fico imaginando qual é o jogo deles. Pensei por um minuto, depois acrescentei: — Obrigado por fazer isto, a propósito. Espero que não tenha sido muito incômodo. Ela fez que não com a cabeça.

— E quanto a você? Perguntou. — Parece cansado.

— Trabalhei até tarde. E não dormi de todo muito bem. Esta manhã houve um maldito treinamento de ataque aéreo.

Tentei massagear para dar um pouco de vida ao topo de minha cabeça. Não contei a ela a respeito de Goering. Não havia necessidade de que soubesse mais. Era até mais seguro para ela que assim fosse. Naquela manhã ela usava um vestido de algodão verde-escuro com um colarinho claro e punhos engomados de renda branca. Por um breve momento, me alimentei na fantasia de que ela havia erguido a saia para mim e me familiarizado com a curva de suas nádegas e a profundidade do seu sexo.

— Esta garota, a amante de Pfarr. Vamos tentar encontrá-la? Perguntou Inge. Sacudi a cabeça.

— Os tiras adorariam ouvir sobre isso. E então poderia ficar embaraçoso. Eles estão bastante ansiosos em encontrá-la, e eu não desejaria me envolver com eles.

Peguei o telefone e pedi uma ligação para o número da residência de Six. Quem atendeu foi Farraj, o mordomo.

— Herr Six está? Ou Herr Haupthändler? É Bemhard Gunther quem fala.

— Lamento, senhor, mas ambos saíram para um encontro esta manhã. Depois acredito que irão assistir à abertura dos Jogos Olímpicos. Posso transmitir um recado a qualquer um deles, senhor?

— Sim, pode. Diga-lhes que estou chegando lá.

— Isso é tudo, senhor?

— Sim, eles saberão o que quero dizer. E não esqueça de dar o recado aos dois, Farraj, por favor.

— Sim, senhor. Repus o fone no gancho.

— Pronto, falei. — É hora de agirmos.

Pagamos dez pfenig no metrô para irmos até a Estação do Zoo, repintada para parecer especialmente animada para a quinzena dos Jogos Olímpicos. Até as paredes das casas que davam fundos para a estação tinham recebido uma nova mão de cal. Mas acima da cidade, e onde o dirigível Hindenburg zumbia barulhentemente de um lado para outro rebocando a bandeira da Olimpíada, o céu havia reunido um bando mal-humorado de nuvens cinza-escuras. Quando deixamos a estação, Inge olhou para cima e disse:

— Seria bem feito para eles se chovesse. Melhor ainda, se chovesse por toda a quinzena.

— É a única coisa que eles não podem controlar, comentei, ao nos aproximarmos do alto da Kurfurstenstrasse. — Agora então, enquanto Herr Haupthändler está ausente com seu patrão, proponho dar uma olhada nos aposentos dele. Espere por mim no restaurante Aschinger. Inge começou a protestar, mas continuei falando: — Latrocínio é um crime grave, e não quero você por perto se as coisas saírem errado. Entendeu? Ela franziu o cenho, depois assentiu.

— Malvado, resmungou, enquanto eu me afastava.

O número 120 era um bloco de cinco andares de apartamentos de aspecto caro, do tipo que tinha uma pesada porta preta, polida tão intensamente que podia ser usada como espelho no camarim de uma banda negra de jazz. Chamei o diminuto zelador com a enorme aldrava de latão em forma de estribo de montaria. Ele parecia quase tão alerta quanto uma preguiça na árvore. Agitei a credencial da Gestapo diante de seus olhinhos remelentos. Ao mesmo tempo sibilei “Gestapo” para ele e, afastando-o bruscamente para o lado, me adiantei com rapidez para o saguão. O zelador transpirava medo por cada um de seus poros pastosos.

— Qual é o apartamento de Herr Haupthändler? Ao perceber que não ia ser preso e enviado para um campo de concentração, o zelador se descontraíu levemente.

— Segundo andar, apartamento cinco. Mas ele não está em casa no momento. Estalei os dedos para ele.

— Me dê sua chave-mestra.

Com mãos ansiosas e sem hesitação, ele fez surgir um molho de chaves e tirou uma. Arrebatei-a dos seus dedos trêmulos.

— Se Herr Haupthändler retornar, ligue o telefone, deixe tocar uma vez e depois reponha no gancho. Entendeu?

— Sim, senhor, disse ele com um audível arquejo.

Haupthändler morava numa suíte impressionantemente ampla de cômodos em dois níveis, com portais em arco e um reluzente assoalho de tábuas coberto com espessos tapetes orientais. Tudo estava arrumado e bem polido, de tal forma que o apartamento dificilmente parecia habitado, afinal. No quarto de dormir havia duas amplas camas gêmeas, uma penteadeira e um pufe. O esquema de cores era pêssego, verde-jade e cogumelo, a primeira cor predominando. Não gostei. Em cada uma das camas havia uma mala de mão aberta, e sobre o chão espalhavam-se sacolas vazias de várias lojas de departamentos, incluindo C & A,

Grunfeld's, Gerson's e Tietz. Vasculhei as malas. A primeira em que olhei era de mulher e fiquei surpreso com o fato de que tudo dentro dela era, ou pelo menos parecia, novo em folha. Alguns dos trajés ainda continham a etiqueta de preço e até mesmo as solas dos sapatos estavam sem uso. Em contraste, a outra mala, que presumi pertencer ao próprio Haupthändler, nada continha de novo, exceto uns poucos objetos de toalete. Não havia nenhum colar de diamantes. Mas sobre a penteadeira estava uma pastinha do tamanho de uma carteira contendo duas passagens aéreas da Lufthansa para o voo de domingo à noite rumo a Croydon, em Londres. Passagens de ida e volta emitidas em nome de Herr e Frau Teichmüller.

Antes de deixar o apartamento de Haupthändler, liguei para o Adlon Hotel. Quando Hermine atendeu, agradei a ela por ter me ajudado com a história da princesa Mushmi. Eu não sabia se o pessoal de Goering no Forschungsamt já havia grampeado o telefone; não havia estalidos audíveis, nem qualquer ressonância extra na voz de Hermine. Mas eu sabia que, se já houvessem realmente colocado um grampo no telefone de Haupthändler, então, mais tarde, eu veria uma transcrição de minha conversa com Hermine. Era uma maneira tão boa quanto qualquer outra para testar até que ponto ia realmente a cooperação do primeiro-ministro. Deixei os aposentos de Haupthändler e voltei ao térreo. O zelador emergiu do seu escritório para receber de volta a chave-mestra.

— Você não dirá a ninguém sobre minha vinda aqui, do contrário, vai ser pior para você. Entendido?

Ele assentiu em silêncio. Eu o saudei animadamente, algo que os homens da Gestapo nunca fazem, preferindo permanecer tão indistinguíveis quanto possível, mas estava agindo assim em benefício do efeito.

— Hei, Hitler, falei.

— Heil, Hitler, repetiu o zelador e, retribuindo a saudação, conseguiu deixar cair as chaves.

* * *

— Teremos até a noite de domingo para reverter esta coisa, disse eu, me sentando à mesa de Inge. Expliquei sobre as passagens aéreas e as duas malas. — O engraçado é que a mala da mulher estava repleta de coisas novas.

— O seu Herr Haupthändler dá a impressão de saber cuidar de uma garota.

— Tudo era novo. A cinta-liga, a bolsa, os sapatos. Não havia um artigo naquela mala que parecesse ter sido usado antes. E agora, o que isto lhe diz? Inge encolheu os ombros. Ainda estava zangadinha por ter sido deixada para trás.

— Talvez ele tenha arranjado um novo emprego, vendendo roupas femininas de porta em porta. Ergui as sobrancelhas. — Tudo bem, então, corrigiu ela. — Talvez esta mulher que ele está levando para Londres não tenha boas roupas.

— É mais provável que não tenha roupa nenhuma, repliquei.

— Um tipo de mulher um tanto estranho, não diria?

— Vá até lá em casa comigo. Eu lhe mostrarei uma mulher sem roupa nenhuma. Por um breve segundo me entretive com a ideia. Mas prossegui: — Não, estou convencido de que a misteriosa namoradina de Haupthändler está estreando nesta viagem um guarda-roupa inteiramente novo. Como uma mulher sem passado.

— Ou, concluiu Inge, — Uma mulher que está recomeçando a vida. A teoria tomava forma em minha mente mesmo enquanto Inge estava falando. Com grande convicção, ela acrescentou: — Uma mulher que teve de romper os laços com sua existência anterior. Uma mulher que não podia ir em casa e pegar suas coisas, porque não haveria tempo. Não, isto não pode ser o certo. Afinal, ela tem até domingo à noite. Portanto, talvez tenha medo de ir em casa, pois alguém pode estar lá à espera. Assenti em aprovação, e estava prestes a desenvolver esta linha de

raciocínio, mas descobri que Inge se antecipara. — Talvez, continuou, — Esta mulher seja a amante de Pfarr, aquela que a polícia está procurando. Vera, ou Eva, esqueci o quê.

— Haupthändler metido nisto com ela? Sim, faz sentido, disse eu pensativamente. — Pfarr pode ter dado o fora na amante ao descobrir sua esposa grávida. A perspectiva da paternidade sabidamente leva alguns homens a recuperar o bom senso. Mas também, por acaso, a estragar os planos de Haupthändler, que poderia ter tido ambições em relação a Frau Pfarr. Talvez Haupthändler e essa tal Eva tenham se unido para representar o papel do amante injustiçado... Em série, por assim dizer... E também faturar algum dinheiro na barganha. Não é improvável que Pfarr possa ter contado a Eva sobre as joias de sua esposa. Levantei-me, terminando o meu drinque.

— Então Haupthändler talvez esteja escondendo Eva em algum lugar.

— Com este são três os “talvez”. Mais do que eu costumo ter durante o almoço. Mais um pouco e ficarei empanzinado. Consultei o relógio. — Vamos, podemos pensar mais um pouco nisso no caminho.

— No caminho para onde?

— Kreuzberg. Ela apontou um dedo bem manicurado para mim.

— Desta vez não vou ficar em algum lugar seguro enquanto você se diverte sozinho. Entendido? Sorri para ela e dei de ombros.

— Entendido.

Kreuzberg, a Colina da Cruz, fica ao sul da cidade, no Viktoria Park, perto do aeroporto de Tempelhof. É onde os artistas de Berlim se reúnem para vender seus quadros. Distanto apenas um quarteirão do parque, Chamissoplatz é uma praça circundada por casarões altos e cinzentos parecidos com fortalezas. A Pensão Tillesen ocupava a esquina do 17, mas, com suas janelas fechadas cheias de cartazes do Partido e pichações dos comunistas não parecia receber inquilinos desde que Bismarck deixou crescer o primeiro bigode. Fui até a porta da frente e descobri que estava fechada. Abaixando-me, espiei através da caixa de correspondência, mas não havia sinal de vida.

Na porta ao lado, no escritório de Heinrich Billinger, contador “alemão”, o carvoeiro estava entregando alguns briquetes de lignita no que parecia uma bandeja de padaria. Perguntei a ele se lembrava de quando a pensão havia fechado. Ele limpou a sobrancelha enegrecida de fuligem e cuspiu enquanto tentava recordar.

— Ela nunca foi o que se poderia chamar de uma pensão regular, disse por fim. Ele olhou intrigado para Inge e, escolhendo as palavras com cuidado, acrescentou: — Era mais o que se poderia chamar de uma casa de má fama. Não o tipo de bordel de entra-e-sai, você sabe. Apenas o tipo de lugar em que uma marafona podia levar seus clientes. Lembro de ter visto alguns homens saindo de lá há apenas duas semanas. O dono nunca comprou carvão regularmente. Só a bandeja avulsa de vez em quando. Mas não sei lhe dizer quando fechou. Se é que fechou. Não julgue pela aparência. Ela sempre teve esta aparência.

Conduzi Inge até um beco de paralelepípedos nos fundos, perfilado com garagens e boxes. Gatos vadios sarnentos estavam sentados em cima dos muros de tijolos; um colchão jazia abandonado a uma porta, suas entranhas de ferro se esparramando pelo chão; alguém havia tentado tocar fogo nele, o que me fez lembrar das molas enegrecidas nas fotografias periciais que Illmann tinha me mostrado. Paramos ao lado do que achei ser a garagem da pensão e olhei através do exaustor, mas foi impossível distinguir alguma coisa.

— Voltarei num minuto, disse eu a Inge, e escalei o cano de escoamento ao lado da garagem até o telhado de ferro corrugado.

— Veja o que vai fazer, advertiu ela.

Andei cautelosamente de quatro pelo telhado bastante enferrujado, não ousando ficar de pé e concentrando todo o meu peso em um ponto. Nos fundos do telhado, olhei para baixo, para um pequeno pátio que levava à pensão. A maior parte das janelas dos quartos estava coberta

com cortinas de filó encardidas, e não havia sinal de vida em nenhum deles. Procurei por um caminho de descida, mas não havia cano e o muro contíguo, do escritório contábil, era baixo demais para ter qualquer utilidade. Era uma sorte que a parte dos fundos da pensão obscurecesse a visão da garagem de qualquer um que, absorto em monótonas operações contábeis, desse uma olhada fortuita. Não havia escolha senão pular, embora a altura fosse de mais de quatro metros. Eu o fiz, mas isto deixou as solas dos meus pés ardendo por vários minutos, como se tivessem sido surradas com tiras de borracha. A porta dos fundos não estava trancada e, exceto por uma pilha de pneus velhos, a garagem estava vazia. Abri as portas duplas, deixei Inge entrar e fechei-as novamente. Por um momento ficamos em silêncio, olhando um para o outro na semiescuridão, e quase me atrevi a beijá-la. Mas havia lugares melhores para se beijar uma mulher do que uma garagem abandonada em Kreuzberg. Atravessamos o pátio. Quando alcançamos a porta dos fundos da pensão, experimentei a maçaneta. A porta continuou fechada.

— E agora? Disse Inge. — Um pé-de-cabra? Uma gazua?

— Alguma coisa parecida, respondi e chutei a porta.

— Muito sutil, disse ela, observando a porta girar nas dobradiças, se abrindo. — Presumo que tenha concluído que não há ninguém aqui. Sorri para ela.

— Quando olhei pela caixa de correio vi uma pilha de correspondência não aberta na bandeja. Entrei. Inge hesitou por bastante tempo até que olhei para ela. — Está tudo bem. Não há ninguém aqui. Não tem havido por um bom tempo, aposto.

— Então, o que estamos fazendo aqui?

— Apenas dando uma olhada, é tudo.

— Você faz parecer como se estivéssemos numa loja de departamentos, disse ela, me seguindo pelo sombrio corredor.

O único som era o de nossas passadas, as minhas fortes e decididas, e as dela nervosas e na ponta dos pés. No fim do corredor, parei e relanceei para uma cozinha grande e extremamente malcheirosa.

Dezenas de pratos sujos se amontoavam em pilhas desalinhas. Carne e queijo estragados jaziam sobre a mesa da cozinha. Um inseto inchado zumbiu junto à minha orelha. Um passo para dentro e o mau cheiro foi insuportável. Atrás de mim ouvi Inge tossir como se estivesse a ponto de vomitar. Corri até a janela e a escancarei. Por um momento ficamos ali, usufruindo o ar puro. Depois, olhando para o chão, vi alguns papéis diante da estufa. Uma das portas do incinerador estava aberta. Inclinei-me para dar uma olhada. Por dentro, a estufa estava cheia de papel queimado, a maioria nada mais do que cinza; mas, aqui e ali, havia margens e beiradas não inteiramente consumidas pelo fogo.

— Veja se pode salvar alguma coisa disso, falei. — Parece que alguém estava com pressa de apagar seus rastros.

— Alguma coisa em particular?

— Qualquer coisa legível. Fui até a porta da cozinha.

— Aonde vai?

— Dar uma olhada lá em cima. Apontei para o elevador de transportar comida. — Se precisar de mim, é só gritar pelo poço. Ela assentiu em silêncio e arregaçou as mangas.

Em cima, e no mesmo nível da porta da frente, havia ainda mais bagunça. Gavetas abertas na mesa, seu conteúdo esparramado pelo carpete puído; e as portas de cada armário haviam sido arrancadas das dobradiças, me recordando a bagunça apartamento de Goering na Deríflingerstrasse. A maior parte das tábuas do assoalho do quarto tinha sido levantada, e algumas das chaminés mostravam sinais de terem sido vasculhadas com uma vassoura. Segui então para a sala de jantar. Sangue havia salpicado o papel de parede branco como uma enorme esfoladura, e no tapete vi uma mancha de sangue do tamanho de um prato. Pisei em algo um tanto duro e me abaixei para pegar o que parecia uma bala de revólver. Era um peso de chumbo, incrustado com sangue. Sopesei-o em minha mão e o enfiei no bolso do casaco.

Mais sangue manchava o peitoril de madeira do elevador de comida. Enfiei a cabeça no poço a fim de gritar para Inge e me senti nauseado, tão forte era o odor de putrefação. Recuei. Havia alguma coisa fedendo no poço do elevador, e não era um desjejum esquecido. Cobrindo boca e nariz com o lenço, enfiei de novo a cabeça no poço. Olhando para baixo, vi que o elevador estava preso entre os dois andares. Olhando acima, vi que, enquanto cruzava a roldana, uma das cordas que sustentava o elevador tinha sido obstruída com um pedaço de pau. Sentado no peitoril, com a metade superior do corpo dentro do poço, estiquei o braço e puxei o pedaço de pau. A corda raspou meu rosto e, abaixo de mim, o elevador mergulhou até bater na cozinha com um forte estrondo. Ouvei o grito chocado de Inge; e a seguir ela gritou de novo, só que desta vez o grito foi mais alto e contínuo. Saí em disparada da sala de jantar, desci as escadas até o térreo e vi Inge parada no corredor, apoiada debilmente na parede fora da cozinha.

— Você está bem? Ela ofegou audivelmente.

— É horrível.

— O quê? Perguntei. Passei pela porta e ouvi Inge dizer:

— Não entre aí, Bernie. Mas já era tarde demais.

O corpo se assentava de um lado sobre o elevador, encolhido em posição fetal como um aventureiro audacioso pronto a descer as cataratas de Niágara dentro de um barril. Enquanto eu olhava para o corpo, a cabeça pareceu se virar e levei um instante para perceber que estava coberta de bichos de varejeira, uma máscara cintilante de vermes que se alimentavam no rosto enegrecido. Tive engulhos fortes e repetidos. Cobrindo boca e nariz mais uma vez, me adiantei para olhar mais de perto, próximo o bastante para que pudesse ouvir o leve som sussurrado, como uma brisa suave através de folhas orvalhadas, de centenas de pequeninas bocas. De meu modesto conhecimento de perícia criminal, eu sabia que, logo após a morte, as varejeiras não só depositavam suas larvas nas partes mais úmidas de um cadáver, como os olhos e a boca, mas também em feridas abertas. Pelo número de vermes

se alimentando na parte superior do crânio e na têmpora direita, parecia mais do que provável que a vítima tivesse sido espancada até a morte. Pelas roupas, eu podia dizer que o corpo era de um homem e, a julgar pela óbvia qualidade dos sapatos, bastante rico. Pus a mão dentro do bolso direito do seu casaco e vasculhei. Alguns trocados e fragmentos de papel caíram no chão, mas nada havia que pudesse identificá-lo. Tateei a área em torno do bolso da lapela, mas parecia estar vazio. E não ousei comprimir minha mão na parte que ia do joelho até a cabeça bichada para me certificar. Um pensamento me ocorreu quando recuei até a janela para respirar um ar decente.

— O que está fazendo, Bernie? A voz de Inge parecia mais forte agora.

— Simplesmente permaneça onde está, eu lhe disse. — Não vai demorar muito. Só quero ver se posso descobrir quem é o nosso amigo.

Eu a ouvi inspirar fundo e o rascar de um fósforo enquanto acendia um cigarro. Achei um par de tesouras de cozinha e voltei ao elevador, onde cortei longitudinalmente a manga do casaco do homem, acima do antebraço. Contra o tom verde-arroxeadado e a disposição marmórea das veias, a tatuagem ainda era claramente visível, subindo até seu antebraço como um enorme inseto negro que, em vez de se banquetear na cabeça com as moscas menores e vermes, escolhera jantar sozinho, em um pedaço maior da carniça. Nunca entendi por que os homens se tatuam. Poderiam pensar em algo melhor para fazer do que deformar o próprio corpo. Contudo, isto toma relativamente fácil a identificação de alguém, e me ocorreu que não levaria muito tempo até que todo cidadão alemão fosse submetido à tatuagem compulsória. Mas, nesse exato momento, a águia imperial alemã identificava Gerhard Von Oreis tão certamente quanto se ele me exibisse sua carteira do Partido e o passaporte. Inge olhou pela porta.

— Tem alguma ideia de quem seja? Arregacei a manga e pus o braço no incinerador.

— Sim, tenho, disse eu, tateando na cinza fria. Meus dedos tocaram alguma coisa dura e comprida, que recolhi e examinei objetivamente. Não se queimara muito. Não era o tipo de madeira que pegava fogo facilmente. A extremidade mais grossa estava quebrada, revelando outro peso de chumbo e um encaixe vazio para aquele que eu havia encontrado sobre o carpete na sala de jantar. — Chamava-se Gerhard Von Oreis e era um marchand da classe alta. Parece que recebeu sua comissão, permanentemente. Alguém penteou seu cabelo com isto.

— O que é isto?

— Um taco de bilhar quebrado, expliquei, e o joguei de volta na estufa.

— Não deveríamos comunicar à polícia?

— Não temos tempo de ajudá-los a sair do seu apuro. Não agora, de qualquer modo. Só serviria para perdermos o resto do fim de semana respondendo a perguntas imbecis. Eu também pensava que não seria nada mau receber mais dois dias de honorários de Goering, mas guardei isso para mim.

— E quanto a ele... O homem morto? Olhei para o corpo bichado, depois dei de ombros.

— Ele não tem pressa, falei. — Além disso, você não vai querer estragar o piquenique, não é? Recolhemos os pedaços de papel que Inge conseguira salvar de dentro da estufa e tomamos um táxi para o escritório.

Servi conhaque para nós dois. Inge bebeu grata, segurando o cálice com ambas as mãos, como uma criancinha ansiosa por limonada. Sentei-me na poltrona ao lado dela e pus o braço ao redor de seus ombros trêmulos, puxando-a para mim, a morte de Von Oreis acelerando nossa ânsia crescente de proximidade.

— Acho que não estou acostumada com cadáveres, disse ela, com um sorriso embaraçado. — Pelo menos com cadáveres horrivelmente decompostos que aparecem de repente em elevadores de comida.

— Sim, deve ter sido um choque terrível para você. Lamento que tenha visto aquilo. Devo admitir que ele estava um pouco passado. Ela encolheu os ombros de leve.

— É difícil crer que algum dia tenha sido humano, afinal. Parecia tão... Tão vegetal; como um saco de batatas podres.

Resisti à tentação de fazer outra piada de mau gosto. Em vez disso, fui até minha mesa, depus os pedaços de papel catados na estufa da pensão e examinei-os. Eram contas, na maior parte, mas havia um, quase intocado pelas chamas, que me interessou um bocadinho.

— O que é isso? Perguntou Inge. Peguei o pedaço de papel entre o indicador e o polegar.

— Um contracheque. Ela se levantou e olhou mais de perto.

— De um envelope de pagamento feito pela Gesellschaft Reichsautobahnen a um dos seus operários de construção de rodovias.

— Qual?

— Um sujeito chamado Hans Jurgen Bock. Até recentemente, ele esteve em cana junto com outro de nome Kurt Mutschmann, um arrombador.

— E você acha que esse Mutschmann poderia ter sido o que abriu o cofre de Pfarr, certo?

— Ele e Bock são membros do mesmo círculo, tal como o proprietário do simulacro de hotel que acabamos de visitar.

— Mas se Bock está no mesmo círculo de Mutschmann e Tillessen, o que está fazendo na construção de uma rodovia?

— Boa pergunta. Encolhi os ombros e acrescentei: — Será que está tentando andar na linha? O que quer que esteja fazendo, devemos falar com ele.

— Talvez ele possa nos dizer onde encontrar Mutschmann.

— É possível.

— E Tillessen. Sacudi a cabeça.

— Tillessen está morto, expliquei. — Von Oreis foi morto, espancado com um taco de bilhar quebrado. Poucos dias atrás, no

necrotério da polícia, vi o que aconteceu com a outra metade daquele taco de bilhar. Foi enfiado no nariz de Tillessen, até o cérebro. Inge fez uma careta, incomodada.

— Mas como sabe que era Tillessen?

— Não tenho certeza, admiti. — Mas sei que Mutschmann está escondido, e que foi Tillessen quem lhe deu guarida quando saiu da prisão. Não creio que Tillessen deixaria um corpo apodrecendo em sua própria pensão se tivesse possibilidade de evitar. A última coisa que ouvi é que a polícia ainda não conseguiu fazer uma identificação positiva do cadáver, portanto estou presumindo que deva ser Tillessen.

— Mas por que não poderia ser Mutschmann?

— Não vejo como. Há dois dias, meu informante me contou que havia um contrato pedindo a cabeça de Mutschmann, e durante esse tempo o corpo com o taco enfiado no nariz já tinha sido pescado no Rio Landwehr. Não, só poderia ser Tillessen.

— E Von Oreis? Ele também não era membro desse círculo?

— Não desse, mas de um outro, muito mais poderoso. Ele trabalhava para Goering. Ainda assim, não sei explicar por que teria estado lá.

Bochechei o conhaque pela boca como se fosse um colutório e, depois que o engoli, peguei o telefone e liguei para a Reichsbahn. Falei com o encarregado da folha de pagamento.

— Meu nome é Rienacker, disse eu. — O Kriminalinspektor Rienacker, da Gestapo. Estamos ansiosos para descobrir o paradeiro de um operário chamado Hans Jurgen Bock, referência de pagamento 30-4-232564. Ele talvez possa nos ajudar na captura de um inimigo do Reich.

— Sim, disse docilmente o funcionário. — O que deseja saber?

— Obviamente, a seção da estrada onde ele está trabalhando, ou se estará de serviço hoje.

— Poderia esperar um minuto? Vou verificar os registros. Vários minutos se passaram.

— É uma peça e tanto, essa que você está encenando, disse Inge. Cobri o bocal com a mão.

— É um homem valente que se recusa a cooperar com alguém que liga alegando ser da Gestapo.

O funcionário voltou ao telefone e me disse que Bock estava numa turma de trabalho além da divisa da Grande Berlim, no trecho Berlim-Hanover.

— Especificamente, na seção entre Brandemburgo e Lehnin. Sugiro que entre em contato com o canteiro, a uns dois quilômetros deste lado de Brandemburgo. Fica a uns setenta quilômetros. Você dirige até Potsdam, depois pega a Zeppelin Strasse. Após cerca de quarenta quilômetros, pega a A-Bohm em Lehnin.

— Obrigado, disse eu. — E é provável que ele esteja de serviço hoje?

— Não sei com certeza. Muitos costumam trabalhar aos sábados. Mas, mesmo que não esteja trabalhando, provavelmente o encontrará no alojamento dos operários. Eles moram no canteiro.

— Você foi muito útil, disse eu e acrescentei com a pompa que é típica dos agentes da Gestapo: — Relatarei ao seu superior a eficiência que demonstrou.

* * *

Treze

— É bem típico dos malditos nazistas, disse Inge. — Construir as Estradas do Povo antes dos Carros do Povo.

Seguíamos a via expressa Avus para Potsdam e Inge estava se referindo ao carro, várias vezes protelado, Força Através da Alegria, o Kdf-Wagen. Era um assunto que lhe interessava enormemente.

— Se quer minha opinião, isso é pôr a carroça na frente dos bois. Quero dizer, quem precisa dessas estradas faraônicas? Não há nada de errado com as estradas que temos agora. Não há tantos carros na Alemanha. Ela se virou de lado no seu assento para me olhar melhor enquanto continuava a falar. — Tenho um amigo, um engenheiro, que me disse que estão construindo uma autobahn que corta o Corredor Polonês e que está projetada para cruzar a Tchecoslováquia. Pergunto: para que isso senão para um exército se deslocar? Pigarreei antes de responder, o que me deu mais dois segundos para pensar a respeito.

— Não vejo muito valor militar nas autobahns, e não existe nenhuma a oeste do Reno, na direção da França. De qualquer modo, numa estrada de longa extensão em linha reta, um comboio de caminhões seria um alvo fácil para ataque aéreo. Esta última observação provocou uma risada curta e zombeteira da minha companheira de viagem.

— É exatamente por isso que estão formando a Luftwaffe... Para proteger os comboios. Dei de ombros.

— Talvez. Mas se você está procurando o verdadeiro motivo por que Hitler construiu estas estradas, então é muito mais simples, é uma maneira muito fácil de reduzir a taxa de desemprego. Um homem que recebe benefício do Estado se arrisca a perdê-lo caso se recuse a trabalhar nas autobahns. Por isso ele aceita. Vai ver que foi isso o que aconteceu com Bock.

— Você deveria dar uma olhada algum dia desses em Wedding e Neukolln, disse ela, se referindo aos redutos remanescentes de Berlim de simpatizantes dos comunistas.

— Bem, é claro que existem aqueles que sabem tudo sobre o pagamento irrisório e as condições nas autobahns. Suponho que um monte deles acha melhor abrir mão do benefício do que correr o risco de ser mandado para trabalhar nas estradas.

Estávamos chegando a Potsdam pela Neue Königstrasse. Potsdam. Um santuário onde os residentes mais antigos da cidade acendiam velas aos dias gloriosos e passados da pátria e à sua juventude; o casulo silencioso e descartado da Prússia imperial. Parecendo mais francesa do que alemã, é um autêntico museu, onde as velhas maneiras de fala e sentimento são preservados com reverência, onde o conservadorismo é absoluto e onde as janelas são polidas tal como os vidros nos retratos do Kaiser. Dois quilômetros estrada abaixo para Lehnin, o pitoresco cede lugar abruptamente ao caótico. Onde uma vez existira um dos mais lindos campos nos arredores de Berlim, havia agora escavadeiras e o vale castanho rasgado, que era a metade já construída do trecho Lehnin-Brandemburgo da rodovia. Mais perto de Brandemburgo, num agrupamento de barracões de madeira e equipamento de escavação ocioso, parei e pedi a um operário que me indicasse o barracão do capataz. Ele apontou para um homem parado a poucos metros de distância.

— Se procura o capataz, ali está ele. Agradei e estacionei o carro. Saltamos.

O capataz era um homem entrançado e de rosto avermelhado, de altura mediana. Tinha uma barriga maior do que a de uma mulher no fim da gravidez: ela pendia sobre a cintura de suas calças como a mochila de um alpinista. Ele se virou para nos encarar quando nos aproximamos e, quase como se estivesse se preparando para brigar comigo, puxou as calças para cima, limpou o queixo hirsuto com as costas da mão do tamanho de uma pá e passou a maior parte do peso do corpo para o pé mais recuado.

— Olá, falei, antes de ficarmos ao seu alcance. — É o capataz? Ele não respondeu. — Meu nome é Gunther, Bernhard Gunther. Sou investigador particular e esta é a minha assistente, Fraulein Inge Lorenz.

Entreguei a ele minha identificação. O capataz assentiu para Inge e depois dirigiu o olhar de volta ao meu documento. Havia uma literalidade quase simiesca no seu comportamento.

— Peter Welser, disse ele. — O que posso fazer por vocês?

— Eu gostaria de falar com Herr Bock. Tenho a esperança de que ele possa nos ajudar. Estamos procurando uma pessoa desaparecida. Welser riu e puxou as calças de novo.

— Puxa, essa é realmente engraçada. Ele sacudiu a cabeça e depois cuspiu na terra. — Só esta semana já tive três operários desaparecidos. Será que eu deveria contratar vocês para que tentassem descobri-los, hem? Tornou a rir.

— Bock era um deles?

— Graças a Deus, não. Ele é um operário danado de bom. Um ex-presidiário tentando levar uma vida honesta. Espero que não vá tirar isso dele.

— Herr Welser, só quero fazer uma ou duas perguntas, não xeretar a vida dele e levá-lo de volta à prisão na mala do meu carro. Ele está aqui agora?

— Sim, está. Muito provavelmente em seu barracão. Eu os levarei lá.

Nós o seguimos até um dos vários barracões de madeira de um só andar construídos ao lado do que havia sido uma floresta e que agora se destinava a ser a autobahn. Ao final dos degraus do barracão, o capataz se virou e disse:

— Esses camaradas são meio rudes. Talvez seja melhor a senhorita não entrar. São homens imprevisíveis. Alguns podem até estar sem roupa.

— Esperarei no carro, Bernie, disse Inge. Olhei para ela e encolhi os ombros em sinal de desculpas, antes de seguir Welser escadas acima. Ele ergueu o trinco de madeira e entramos.

Lá dentro, as paredes e o chão estavam pintados de amarelo desbotado. Contra a parede se alinhavam os beliches para doze operários, três deles sem colchões e três ocupados por homens só de cuecas. No centro do barracão havia uma estufa bojuda feita de ferro fundido preto, sua chaminé subindo direto através do teto, e junto a ela uma grande mesa de madeira na qual quatro homens estavam sentados, jogando cartas a alguns pfennigs. Welser falou a um dos jogadores:

— Este sujeito é de Berlim, explicou. — Gostaria de lhe fazer umas perguntas.

Um homem corpulento, com a cabeça do tamanho de um cepo de árvore, examinou cuidadosamente a palma de sua enorme mão direita, olhou para o capataz e depois para mim, desconfiado. Outro homem se levantou do seu beliche e começou a varrer o chão distraidamente com uma vassoura.

Já tive melhores apresentações no meu tempo, e não me surpreendeu ver que isto não deixou Bock exatamente à vontade. Eu estava a ponto de proferir minha própria versão à inadequada apresentação de Welser, quando Bock saltou da cadeira e minha

mandíbula, bloqueando o caminho dele, foi devidamente deslocada. Não propriamente um soco, mas o suficiente para acionar uma pequena caldeira a vapor entre meus ouvidos e me derrubar para o lado. Um ou dois segundos depois, ouvi uma breve e surda pancada metálica, como se alguém golpeasse uma bandeja de latão com uma concha de sopa. Quando recuperei os sentidos, olhei em torno e vi Welser de pé sobre o corpo semiconsciente de Bock. Na mão segurava uma pá de carvão, com a qual tinha evidentemente acertado a cabeça do grandalhão. Houve um arrastar de cadeiras e pés de mesa quando os parceiros de carteador de Bock se levantaram.

— Relaxem, todos vocês, disse Welser. — Este cara não é a porra de um tira, é um investigador particular. Ele não veio prender Jans. Tudo o que quer é lhe fazer umas poucas perguntas. Está procurando por uma pessoa desaparecida. Ele apontou para um dos homens na mesa de jogo. — Você aí, me ajude a levantá-lo. A seguir me olhou. — Você está bem? Perguntou, e assenti vagamente.

Welser e o outro se abaixaram e ergueram Bock de onde jazia junto à porta. Pude ver que não era fácil, o homem parecia pesado. Sentaram-no numa cadeira e esperaram que sacudisse a cabeça para clareá-la. Enquanto isso, o capataz disse aos homens no barracão que saíssem por dez minutos. Os que estavam deitados nos beliches não se opuseram e pude sentir que Welser era um homem que costumava ser obedecido, e depressa. Quando Bock voltou a si, Welser lhe disse o mesmo que dissera aos outros do barracão. Desejei que o tivesse feito logo de início.

— Estarei lá fora, se precisar de mim, disse Welser e, empurrando o último homem para fora, nos deixou a sós.

— Se você não é tira, então deve ser um dos rapazes do Red.

Bock falava com a boca meio enviesada, e notei que sua língua era várias vezes maior do que a boca. A ponta permanecia enfiada em algum

ponto da bochecha, de modo que tudo o que eu via era a grande massa cor-de-rosa que era a parte mais grossa da sua língua.

— Olhe aqui, continuou ele com mais veemência. — Não sou um idiota completo. Não sou tão estúpido a ponto de ser morto para proteger Kurt. Realmente não faço a menor ideia de onde esteja. Tirei meu maço de cigarros e ofereci um a ele. Acendi em silêncio.

— Ouça, comecei, — Para início de conversa, não sou um dos capangas do Red. Sou de fato investigador particular, como disse Welser. Mas tenho a língua solta e, a menos que responda a todas as minhas perguntas, seu nome irá para um dos rapazes escolhidos a dedo lá na Alex e você vai pagar o pato pelo presunto que está empacotado na Pensão Tillesen. Bock enrijeceu. — E se você se mover desta cadeira, quero ir para o inferno se não lhe quebro a porra do pescoço.

Puxei uma cadeira e pus um dos pés sobre o assento, de modo a me apoiar sobre o joelho enquanto olhava para ele.

— Você não pode provar que estive perto daquele lugar, replicou. Sorri para ele.

— Oh, não posso? Dei uma longa tragada no cigarro e soprei a fumaça na cara dele. E prossegui: — Na sua última visitinha à espelunca de Tillesen, você amavelmente esqueceu seu contracheque. Encontrei-o no incinerador, junto com a arma do crime. Foi graças a ele que consegui rastreá-lo até aqui. Claro que não está mais lá agora, mas eu poderia facilmente repô-lo no lugar. A polícia ainda não achou o corpo, mas é só porque ainda não tive tempo de contar a eles. Aquele contracheque deixa você numa situação difícil. Junto à arma do crime, é mais do que suficiente para botá-lo em cana.

— O que você quer? Sentei-me diante dele.

— Respostas, falei. — Olhe, meu chapa, se lhe perguntar o nome da capital da Mongólia é melhor me dar uma resposta, ou pedirei a porra de sua cabeça por isso. Entende? Ele deu de ombros. — Mas

começaremos com Kurt Mutschmann e o que vocês dois fizeram quando saíram de Tegel. Bock suspirou pesadamente e depois assentiu.

— Eu saí primeiro. Decidi tentar andar na linha. Isto aqui não é lá grande coisa, mas pelo menos é um emprego. Eu não queria voltar para a prisão. Costumava voltar para Berlim nas folgas de fim de semana, entende? Ficava na espelunca de Tillessen. Ele é um cafetão, ou era. Às vezes até me arranjava uma carne fresca. Ele prendeu o cigarro no canto da boca e esfregou o topo da cabeça. — Seja como for, um mês depois que saí, Kurt concluiu sua pena e foi ficar com Tillessen. Fui vê-lo e ele me disse que o círculo ia arranjar seu primeiro bico de roubo. Bem, na mesma noite em que o vi, Red Dieter e dois de seus capangas apareceram. Ele mais ou menos chefia o círculo, você entende. Trouxeram com eles aquele cara mais velho e começaram a trabalhar nele lá na sala de jantar. Permaneci afastado, no meu quarto. Algum tempo depois, Red aparece e diz a Kurt que quer que ele arrombe um cofre, e que me quer como chofer. Bem, nenhum de nós dois ficou feliz com isso. Eu, porque já estava farto desse tipo de coisa. E Kurt porque é um profissional. Ele não gosta de violência, confusão. Gosta também de dispor do seu tempo. Nada de sair por aí fazendo um serviço sem qualquer planejamento.

— Este cofre: Red Dieter soube sobre ele pelo homem que estava sendo espancado na sala de jantar? Bock confirmou. — O que aconteceu depois?

— Decidi que não queria participar. Então, saí pela janela, passei a noite no albergue na Frobestrasse e voltei para cá. Aquele cara, o que eles surraram, ainda estava vivo quando saí. Eles o mantiveram vivo até descobrirem se tinha dito a verdade. Ele tirou a guimba de cigarro da boca e atirou-a no chão de madeira, esmagando-a com o calcanhar. Deilhe outro cigarro. — Bem, a coisa que eu soube depois é que o serviço deu errado. Parece que Tillessen foi o chofer. Depois, os rapazes de Red o mataram. Teriam matado Kurt também, só que ele deu o fora.

— Eles traíram Red?

— Ninguém é tão estúpido.

— Você está abrindo o bico, não está?

— Quando estive em cana lá em Tegel, vi um bocado de gente morrer naquela guilhotina. Prefiro correr meus riscos com Red. Quando eu morrer, quero que seja inteiro.

— Conte mais sobre o serviço.

— Red disse que era só arrombar um cofre. Fácil para um profissional de verdade como o Kurt. Ele abriria até o coração de Hitler. O serviço era no meio da noite. Abrir o cofre e tirar alguns papéis. Só isso.

— Nada de diamantes?

— Diamantes? Ele nunca me falou nada sobre pedras.

— Tem certeza?

— Claro que tenho. Ele só ia pegar documentos. Nada mais.

— Sabe que documentos eram esses? Bock sacudiu a cabeça.

— Apenas documentos.

— E sobre os assassinatos?

— Ninguém falou em assassinatos. Kurt não pegaria o serviço se achasse que teria de empacotar alguém. Não era um cara desse tipo.

— E quanto a Tillessen? Era do tipo que atira em pessoas na cama?

— Nem pensar. Não fazia o estilo dele, afinal. Tillessen era apenas um cafetão de merda. Só era bom para bater nas putas. Assustava-se como um coelho ao ver um berro.

— Talvez eles tenham ficado de olho grande e tiraram mais vantagem do que seria de supor.

— É você quem diz. A porra do detetive é você.

— E desde então nunca mais falou ou teve notícias de Kurt?

— Ele é esperto demais para me procurar. Se tiver algum juízo, a esta altura estará escondido.

— Ele tem amigos?

— Uns poucos. Mas não os conheço. A esposa o largou, de modo que pode esquecê-la. Ela torrou cada pfennig que ele ganhou e, quando acabou, arranjou outro homem. Kurt preferiria morrer antes de ter que pedir ajuda àquela puta.

— Talvez ele já esteja morto. Sugeri.

— Não o Kurt, disse Bock, seu rosto armado contra a hipótese. — Ele é um cara esperto, cheio de expedientes. Arranjará um jeito de sair dessa.

— Talvez, disse eu, e depois: — Uma coisa que não me entra na cabeça é você regenerado, ainda mais ao vir terminar trabalhando aqui. Quanto ganha por semana? Bock deu de ombros.

— Cerca de quarenta marcos. Ele percebeu a muda surpresa no meu rosto. Era menos até do que eu tinha imaginado. — Não é muito, não?

— Então, qual é a vantagem? Por que não está quebrando cabeças para Red Dieter?

— Quem diz que já fiz isso?

— Você entrou em cana por agredir os grevistas do aço, não foi?

— Aquilo foi um erro. Eu precisava de dinheiro.

— Quem pagou?

— Red.

— E o que havia naquilo para ele?

— Dinheiro, como no meu caso. Só que muito mais. Gente como ele nunca é apanhada. Pensei nisso lá na prisão. O pior de tudo é que agora que resolvi andar na linha, parece que o resto do país decidiu sair. Vou para a prisão e quando saio descubro que os idiotas escrotos elegeram um bando de gângsteres. O que acha disso?

— Não me inclua no meio, meu chapa. Votei nos socialdemocratas. Você algum dia soube quem estava pagando a Red para boicotar a greve do aço? Ouviu talvez algum nome? Ele encolheu os ombros.

— Acho que foram os patrões. Não é preciso contratar um detetive para descobrir isso. Mas nunca ouvi nomes.

— Mas foi uma coisa definitivamente organizada.

— Oh, sim, foi organizada direitinho. E funcionou. Eles voltaram ao trabalho, não?

— E você foi para a prisão.

— Fui apanhado. Nunca tive muita sorte. Acabar neste lugar aqui é a prova disso.

Puxei minha carteira e tirei uma nota de cinquenta, que dei a ele. Bock abriu a boca para me agradecer.

— Esqueça, disse eu, e me levantei. Segui até a porta do barracão e dei meia-volta, dizendo: — Esse seu Kurt era do tipo de deixar aberto um cofre que arrombou? Bock dobrou a nota de cinquenta e sacudiu a cabeça.

— Ninguém jamais foi tão caprichoso num serviço como Kurt Mutschmann. Assenti.

— Foi o que pensei.

* * *

— Você vai ficar de olho inchado pela manhã, disse Inge. Ela pegou meu queixo e virou minha cabeça para dar uma olhada melhor no hematoma no meu malar. — É melhor me deixar pôr alguma coisa nisso.

Ela foi até o banheiro. Tínhamos parado no meu apartamento no caminho de volta de Brandemburgo. Eu a ouvi abrir a torneira por um instante e, ao retornar, pressionou uma compressa fria no meu rosto. Enquanto permanecia de pé ali, eu sentia sua respiração acariciar minha orelha e inalei profundamente a névoa de perfume na qual ela se movia.

— Isto vai ajudar a parar a inchação, disse ela.

— Obrigado. Uma mandíbula torta é péssimo para os negócios. Por outro lado, talvez pensem apenas que sou do tipo determinado... Você sabe, o tipo que nunca abandona um caso.

— Fique parado, disse ela com impaciência.

Seu ventre se esfregou contra mim e percebi com alguma surpresa que tive uma ereção. Ela pestanejou rapidamente e imaginei que também tinha notado; mas não recuou. Em vez disso, quase

involuntariamente, se esfregou em mim mais uma vez, só que com pressão maior do que antes. Ergui minha mão e aninhei seu amplo seio na palma aberta. Após cerca de um minuto, tomei seu mamilo entre o indicador e o polegar. Não foi difícil achá-lo. Era tão duro quanto a tampa de um bule de chá, e igualmente tão grande. Ela se afastou então.

— Talvez devêssemos parar agora, disse.

— Se pretendia parar a inchação, agora é tarde demais, respondi. Seus olhos me percorreram levemente quando falei isso. Enrubescendo um pouco, ela cruzou os braços através dos seios e fletiu o comprido pescoço contra a espinha dorsal.

Apreciando toda a decisão de minhas próprias ações, me aconcheguei a ela e olhei vagarosamente de seu rosto para baixo, passando pelos seios e ventre, pelas coxas até a bainha do vestido verde de algodão. Abaixando-me, agarrei a bainha. Nossos dedos se esfregaram enquanto ela tomava a bainha de mim e a segurava na cintura, onde eu a havia colocado. A seguir, me ajoelhei diante dela, meus olhos se detendo nas suas roupas íntimas por vários segundos antes que eu estendesse a mão e puxasse suas calcinhas até os tornozelos. Ela apoiou uma das mãos no meu ombro e se livrou delas, suas coxas longas e lisas tremendo levemente enquanto se movia. Olhei acima para o panorama que tinha cobiçado, e depois mais além, para o rosto que sorria e a seguir desaparecia enquanto o vestido se erguia acima da cabeça, revelando os seios, o pescoço e depois a cabeça de novo, que sacudiu sua cascata de reluzente cabelo preto como um pássaro batendo as penas das asas. Ela deixou o vestido cair no chão e ficou de pé à minha frente, nua exceto pela cinta-liga, as meias e os sapatos. Sentei-me sobre meus quadris e, com uma excitação que ansiava por ser liberada, observei-a se virar lentamente diante de mim, exibindo o perfil dos pelos púbicos e os mamilos eretos, a extensa rampa de suas costas e as duas metades gêmeas das nádegas, e a seguir, mais uma vez, a intumescência do seu ventre, a flâmula negra que parecia morder o ar com a sua própria excitação, e as pernas lisas e trêmulas.

Eu a carreguei para o quarto, onde passamos o resto da tarde, os acariciando, explorando e desfrutando alegremente um banquete na carne um do outro. A tarde se arrastou preguiçosa para a noite, com sono leve e ternas palavras; e quando nos levantamos de minha cama, tendo satisfeito nosso desejo, descobrimos nossos apetites ainda mais vorazes. Levei-a para jantar no Peltzer Grill, e depois para dançar no Germania Roof, perto da Hardenbergstrasse. O Roof estava apinhado com a alta sociedade de Berlim, muitos deles em uniforme. Inge olhou em volta, para as paredes de vidro azul, o teto iluminado com pequenas estrelas azuis e apoiado em pilastras de cobre polido, e para os tanques ornamentais com seus nenúfares. Sorriu excitadamente.

— Não é simplesmente maravilhoso?

— Não imaginava que este fosse o seu tipo de lugar, disse eu, sem muita convicção.

Mas Inge não me ouviu. Pegou-me pela mão, me conduzindo para a menos apinhada das duas pistas de dança circulares. A orquestra era boa. Enlacei Inge bem apertado e inspirei o perfume de seus cabelos. Eu me congratulava por tê-la trazido aqui, e não a um dos clubes com os quais estava mais familiarizado, como o Johnny's ou o Golden Horseshoe. Depois recordei que Neumann dissera que o Germania Roof era um dos pontos preferidos de Red Dieter. Assim, quando Inge foi ao toalete, chamei o garçom e lhe passei cinco marcos.

— Isto me garante duas respostas para duas perguntas simples, certo? Ele deu de ombros e embolsou o dinheiro. — Dieter Helíferich está na casa hoje?

— O Red Dieter?

— Que outras cores há?

Ele não pareceu entender e deixei passar. O garçom pareceu pensativo por um momento, como se imaginando se o líder do círculo

Força Alemã se importaria ou não em ser identificado dessa maneira. Ele tomou a decisão certa.

— Sim, ele está aqui esta noite. Prevendo minha próxima pergunta, acenou por cima do ombro na direção do bar. — Está sentado no reservado mais afastado da orquestra. Ele começou a recolher copos vazios da mesa e, baixando a voz, acrescentou: — Não se fazem muitas perguntas sobre Red Dieter. E esta é de graça.

— Só mais uma pergunta, disse eu. — Com o que Dieter costuma esquentar as tripas? O garçom, que tinha a cara de limão chupado de um rapaz esquentado, olhou para mim piedosamente, como se tal pergunta não merecesse qualquer resposta.

— Red só bebe champanhe.

— Quanto mais baixa a vida, mais sofisticado o gosto, não é? Leve uma garrafa para a mesa dele, com os meus cumprimentos. Passei-lhe meu cartão e uma nota. — E guarde o troco, se houver.

Ele deu mais uma olhada em Inge quando ela voltou do toalete. Não o censurei, ele não era o único; havia um homem sentado no bar que também parecia achá-la merecedora de atenção. Dançamos mais uma vez e observei o garçom entregar a garrafa de champanhe na mesa de Red Dieter. Eu não podia vê-lo no assento, mas vi meu cartão sendo passado a ele e o garçom acenando em minha direção.

— Olhe, disse eu a ela, — Tem uma coisa que preciso fazer. Não vai demorar, mas terei que deixá-la sozinha por um instante. Se quiser alguma coisa, peça ao garçom. Ela olhou ansiosamente para mim enquanto a conduzia de volta à mesa.

— Mas aonde está indo?

— Preciso falar com alguém, aqui mesmo. Só vai demorar alguns minutos. Ela sorriu para mim e disse:

— Por favor, tenha cuidado. Inclinei-me à frente e beijei-a na face.

— Como se eu estivesse andando na corda bamba.

Havia um toque de Fatty Arbuckle no ocupante solitário do último reservado. Seu pescoço gordo repousava sobre dois rolos do tamanho de roscas fortemente pressionadas contra o colarinho da camisa social. O rosto era vermelho que nem presunto cozido, e especulei se esta era a explicação para o seu apelido. A boca de Red Dieter Helfferich se fixava num ângulo rígido como se ele houvesse estado mastigando um enorme charuto. Quando falava era numa voz de urso-pardo de tamanho mediano, rosnando de dentro de uma pequena caverna e sempre à beira do ultraje. Quando sorria, a boca era uma mistura entre pré-maia e alto-gótico.

— Investigador particular? Nunca conheci um.

— O que só prova que não há muitos de nós por aí. Importa-se que me junte a você? Ele olhou para o rótulo da garrafa.

— Este é um bom champanhe. O mínimo que posso fazer é ouvi-lo. Sente-se... Ele ergueu a mão e examinou meu cartão mais uma vez, para criar efeito, — ...Herr Gunther.

Serviu uma taça para cada um de nós e ergueu a dele num brinde. Encapuzados debaixo de sobranceiras do tamanho e forma de torres Eiffel na horizontal estavam olhos que eram amplos demais para a minha tranquilidade, cada qual revelando uma íris parecendo lápis quebrado.

— Aos amigos ausentes, disse ele. Assenti e bebi meu champanhe.

— Como Kurt Mutschmann, talvez.

— Ausentes, mas não esquecidos. Ele soltou uma risada arrogante, tripudiante, e bebeu também. — Poderia parecer que ambos gostaríamos de saber onde ele está. Simplesmente para descansar a cabeça, parando de nos preocupar com ele, não é?

— Deveríamos estar preocupados?

— São tempos perigosos para um homem na linha de trabalho do Kurt. Bem, tenho certeza de que não preciso lhe dizer isso. Você sabe muito bem, sendo um ex-tira, não é, seu picada de pulga? Ele mexeu a

cabeça apreciativamente. — Tenho de aplaudir o seu cliente, picada de pulga. Ele demonstrou verdadeira inteligência ao botar você na jogada, em vez dos seus ex-colegas. Tudo o que ele quer são seus vidros de volta, sem perguntas. Você pode chegar mais perto, pode negociar. Talvez ele vá pagar até uma pequena recompensa, não é?

— Está muito bem-informado.

— Estou, se isto é tudo o que o seu cliente quer; e até este ponto eu o ajudarei, se puder. Seu rosto ficou sombrio. — Mas Mutschmann... Ele é meu. Se o seu cliente tem quaisquer ideias equivocadas de vingança, diga para esquecer. Essa caça é minha. Trata-se simplesmente de manter os negócios em boa ordem.

— É tudo o que você quer? Pôr ordem na casa? Está esquecendo o pequeno assunto dos documentos de Von Oreis, não está? Você lembra... Aqueles que seus rapazes estavam aflitos para falar a respeito com ele: onde os havia escondido, ou quem os tinha passado para ele. O que planejava fazer com os papéis quando os conseguisse? Tentar uma chantagenzinha de primeira classe? Pessoas como o meu cliente, talvez? Ou queria ter alguns políticos no seu bolso para os tempos de vacas magras?

— Você próprio está muito bem-informado, picada de pulga. Como eu disse, seu cliente é um homem esperto. É uma sorte para mim que ele tenha recorrido a você em vez da polícia. Sorte para mim, sorte para você; porque se fosse um tira, sentado aí me dizendo o que acabou de dizer, já seria praticamente um homem morto. Espichei o pescoço fora do reservado para saber se Inge estava bem. Pude ver com facilidade o seu cabelo negro reluzente. Ignorava friamente um palhaço uniformizado que gastava saliva à toa. — Obrigado pelo champanhe, picada de pulga. Você correu um grande risco vindo falar comigo. E não teve que desembolsar muito por sua aposta. Pelo menos está saindo com seu dinheiro de volta. Ele sorriu.

— Tudo bem, a emoção do jogo era tudo o que eu queria, comentei. O gângster pareceu achar engraçado.

— Não tente de novo. Pode ficar viciado.

Movi-me para sair, mas ele segurou meu braço. Esperei que me ameaçasse, mas, em vez disso, disse:

— Ouça, eu detestaria que você pensasse que eu o embromei. Não me pergunte por que, mas vou lhe prestar um favor. Talvez porque goste do seu sangue-frio. Não olhe agora, mas, sentado ali no bar, está um cara grande e pesado, de terno marrom, cabelo cortado à escovinha. Dê uma boa olhada nele quando voltar para a sua mesa. É um matador profissional. Seguiu você e a garota até aqui. Você deve ter pisado nos calos de alguém. Tudo indica que deva ser o ganha-pão dele esta semana. Duvido que ele vá tentar qualquer coisa aqui... Em consideração a mim, entende. Mas lá fora... O fato é que não gosto muito desses pistoleiros baratos vindo aqui. Cria má impressão.

— Obrigado pelo aviso, apreciei muito. Acendi um cigarro. — Há uma saída dos fundos aqui? Não gostaria que minha garota fosse ferida. Ele assentiu.

— Passando pelas cozinhas e descendo as escadas de emergência. No final há uma porta que dá para um beco. É bem tranquilo lá, apenas uns poucos carros estacionados. Um deles, o esporte cinza-claro, é o meu. Ele me entregou um chaveiro. — Há um berro no porta-luvas, se precisar. E só deixar as chaves depois no cano de descarga. E cuidado para não arranhar a pintura. Embolsei as chaves e me levantei.

— Foi muito agradável falar com você, Red. Picada de pulga... Essa é boa; você nem nota quando leva a primeira picada, mas depois de um certo tempo não há nada mais irritante. Red Dieter franziu o cenho.

— Caia fora daqui, Gunther, antes que eu mude de ideia a seu respeito.

Ao voltar para minha mesa, olhei para o bar. O homem de terno marrom era fácil o bastante de ser distinguido, e o reconheci como o que estava olhando antes para Inge. Em nossa mesa, Inge estava achando fácil, se não particularmente agradável, resistir ao charme desprezível de um oficial das SS bem-apessoado mas um tanto baixo.

— Devagar com o andor, baixinho, disse eu, me avultando sobre sua diminuta figura como uma fragata abordando um barco de pesca, — Ou condecorarei seu beijo, e não será com uma Cruz de Cavaleiro e folhas de carvalho. Tirei do bolso uma nota de cinco marcos amarrotada e joguei-a sobre a mesa.

— Não pensava que você fosse do tipo ciumento, comentou Inge enquanto seguíamos para a porta.

— Pegue o elevador e desça direto, disse eu a ela. — Quando estiver lá fora, vá para o carro e espere por mim. Há uma arma sob o assento. Melhor mantê-la empunhada, por via das dúvidas. Relanceei para o bar, onde o homem estava pagando sua conta. — Olhe, não tenho tempo de explicar agora, mas não tem nada a ver com o nosso atirado amiguinho de uniforme.

— E onde estará você? Perguntou ela. Entreguei-lhe as chaves do meu carro.

— Vou sair por outro caminho. Tem um grandalhão de terno marrom que está tentando me matar. Se o vir se aproximando do carro, siga para casa e telefone para o Krimmalinspdor Bruno Stahlecker, lá na Alex. Entendeu? Ela assentiu.

Por um momento fingi que ia segui-la, depois mudei abruptamente de direção, caminhando com rapidez através das cozinhas e saindo pela porta de incêndio. Três lances abaixo, ouvi passos atrás de mim na escadaria bastante escura. Enquanto seguia às cegas para baixo, imaginei se podia pegá-lo; mas eu não estava armado e ele estava. Mais ainda: ele era um profissional. Tropecei e caí, me ergui de novo mesmo enquanto atingia o patamar, esticando o braço para o corrimão e me retorcendo mais um lance abaixo, ignorando a dor nos cotovelos e antebraços, com os quais eu havia amortecido a queda. No topo do último lance, vi uma luz debaixo de uma porta e pulei. A distância era maior do que eu pensava, mas aterrissei bem, de quatro. Atingi o umbral da porta e disparei pelo beco.

Havia vários carros, todos estacionados numa fileira ordenada, mas não foi difícil achar o Bugatti Royale cinza de Red Dieter. Abri a porta e verifiquei o porta-luvas. Dentro dele havia vários papélotes enrolados contendo pó branco e um grande revólver de cano longo, do tipo que abre uma janela numa porta de mogno com 8cm de espessura. Não tinha tempo de ver se estava carregada, mas não achava que Red fosse do tipo de manter uma arma só porque gostava de brincar de mocinho-e-bandido. Joguei-me ao chão e rolei para debaixo do estribo do carro estacionado junto ao Bugatti, um grande Mercedes conversível. Nesse instante, meu perseguidor irrompeu pela porta de incêndio, colado à parede sombreada para se proteger. Fiquei completamente imóvel, esperando que ele se adiantasse para o centro do beco iluminado pelo luar. Os minutos se passaram, sem qualquer som ou movimento nas sombras, e após um momento adivinhei que ele avançara ao longo da parede sob a proteção das sombras, até ficar bem distante dos carros para atravessar o beco em segurança antes de voltar atrás.

O salto de um sapato arranhou um paralelepípedo atrás de mim e prendi a respiração. Foi apenas o meu polegar que se moveu, lenta e firmemente, puxando para trás o cão do revólver com um clique quase inaudível, e depois soltando a trava de segurança. Virei-me lentamente e olhei ao longo do meu corpo. Vi um par de sapatos atrás de onde eu estava deitado, alinhadamente emoldurados pelos pneus traseiros do carro. Os pés do homem o conduziram para a minha direita, atrás do Bugatti. Percebendo que ele estava perto da porta entreaberta, deslizei na direção oposta, para a minha esquerda, saindo de debaixo do Mercedes. Permanecendo curvado abaixo do nível das janelas do carro, fui até a traseira e espiei em volta de seu enorme porta-malas. Um vulto de terno marrom estava agachado ao lado do pneu traseiro do Bugatti, exatamente na mesma posição que eu, mas virado na direção oposta. Não estava a mais de dois metros de distância. Avancei silenciosamente, nivelando o revólver à distância de um braço do seu chapéu.

— Largue isso, mandei. — Ou abrirei um túnel na sua maldita cabeça, juro por Deus. O homem congelou, mas a arma continuou na sua mão.

— Não tem problema, amigo, disse ele, soltando o punho de sua automática, uma Mauser, de modo que ela ficou pendendo de seu dedo indicador pela guarda do gatilho. — Importa-se se eu travar a arma? A bichinha tem um gatilho muito sensível. A voz soou baixa e fria.

— Primeiro puxe a aba do chapéu sobre o rosto. Depois trave a arma como se tivesse a mão enfiada num saco de areia. Lembre-se, desta distância dificilmente posso errar. E seria uma pena manchar a bela pintura do carro de Red com os seus miolos.

Ele puxou o chapéu até que ficasse bem sobre os olhos. Após ter puxado a trava de segurança da Mauser, ele deixou a arma cair no chão, onde retiniu inofensiva nos paralelepípedos.

— Red lhe disse que eu estava seguindo você?

— Cale a boca e vire, ordenei. — E mantenha as mãos no alto. O terno marrom se virou e jogou a cabeça para trás sobre os ombros, num esforço para ver além da aba do seu chapéu.

— Vai me matar? Perguntou.

— Depende.

— De quê?

— De se vai ou não me contar quem é que está pagando suas despesas.

— Talvez a gente possa fazer um acordo.

— Não me parece que você esteja em condições de negociar. Ou abre o bico ou ganha um par de narinas extras. É simples assim. Ele sorriu.

— Você não atiraria em mim a sangue-frio, disse.

— Oh, não? Encostei a arma duramente em seu queixo e depois arrastei o cano na carne do seu rosto até enfiá-lo debaixo do malar. — Não esteja tão certo. Você me pegou com disposição para usar esta coisa, de modo que é melhor mexer sua língua agora, ou nunca mais a mexerá.

— Mas e daí, se eu abrir o bico? Vai me deixar ir?

— E ter você de novo nos meus calcanhares? Deve estar pensando que sou idiota.

— O que posso fazer para convencê-lo de que não? Afastei-me dele e pensei por um momento.

— Jure pela vida da sua mãe.

— Juro pela vida da minha mãe, disse ele prontamente.

— Ótimo. Quem é o seu cliente?

— Vai me deixar ir se eu contar? -Vou.

— Jure pela vida da sua mãe.

— Juro pela vida da minha mãe.

— Tudo bem, então, disse ele. — Foi um cara chamado Haupthändler.

— Quanto ele está lhe pagando?

— Trezentos agora e...

Ele não terminou a frase. Adiantando-me, eu o golpeei friamente com a coronha do revólver. Foi um golpe cruel, desferido com força suficiente para deixá-lo sem sentidos por um bom tempo.

— Minha mãe morreu, disse eu.

Depois, peguei a arma dele e, pondo as duas armas no bolso, corri de volta ao meu carro. Os olhos de Inge se arregalaram quando ela viu a sujeira de óleo cobrindo o meu terno. Meu melhor terno.

— O elevador não serve para você? O que fez? Pulou lá de cima?

— Mais ou menos isso. Tateei debaixo do assento do motorista, procurando o par de algemas que guardava junto à minha arma. Depois, percorri os setenta metros de volta ao beco.

O terno marrom jazia inconsciente onde eu o havia deixado. Saltei do carro e o arrastei até um muro a curta distância do beco, onde o algemei a grades de ferro que guarneciam uma janela. Ele gemeu um

pouco quando o movi, por isso eu soube que não o havia matado. Voltei até o Bugatti e devolvi o revólver de Red ao porta-luvas. Ao mesmo tempo, me servi dos papелotes de pó branco. Eu não imaginava que Red Dieter fosse do tipo de guardar sal de cozinha no seu porta-luvas, mas, de qualquer modo, dei uma cheirada, o suficiente para identificar cocaína. A quantidade não valia mais que cem marcos. E parecia como se fosse para uso pessoal de Red. Tranquei o carro e enfeei as chaves dentro do cano de descarga, como ele pedira. Depois, caminhei de volta até o terno marrom e enfeei dois papелotes no seu bolso da lapela.

— Isto interessaria ao pessoal lá da Alex, disse comigo mesmo. Incapaz de matá-lo a sangue-frio, não pude pensar em nenhum meio melhor para garantir que ele não terminaria o serviço que havia começado.

Acordos só se fazem com pessoas conhecidas e que não empunhem nada mais mortal que um cálice de scknapps.

* * *

Quatorze

NA MANHÃ seguinte estava garoando, uma chuva fina e morna como o jato de um borrifador de jardim. Levantei-me ativo e descansado e fiquei olhando pela janela. Sentia-me tão cheio de vida quanto uma matilha de cães de trenó. Nosso café da manhã foi uma frigideira de mexido mexicano e dois cigarros. Acho até que estava assoviando ao me barbear. Ela entrou no banheiro e ficou olhando para mim. Parecíamos estar fazendo um bocado disso.

— Levando em conta que alguém tentou matá-lo na noite passada, disse ela, — Você está com uma notável disposição de ânimo esta manhã.

— Eu sempre digo que não há nada melhor do que uma escaramuça com a Dona Morte para renovar o gosto pela vida. Sorri para ela e acrescentei: — Isto é uma boa mulher.

— Ainda não me disse por que ele fez aquilo.

— Porque estava sendo pago, respondi.

— Por quem? O homem no clube? Enxuguei o rosto e procurei por algum fio de barba que houvesse escapado. Não achei nenhum e guardei a navalha.

— Lembra de que ontem de manhã telefonei para a casa de Six e pedi ao mordomo que desse um recado tanto ao patrão quanto a Haupthändler? Inge assentiu.

— Sim. Você mandou avisar a eles que estava chegando perto.

— Eu estava esperando que isso assustaria Haupthändler a ponto dele jogar seu trunfo. Bem, ele o fez. Só que com mais rapidez do que eu

esperava.

— Então acha que ele pagou àquele homem para matar você?

— Sei que o fez. Inge me seguiu até o quarto, onde vesti uma camisa, e me observou atrapalhado com as abotoaduras no braço que eu havia ralado e no qual ela fizera curativo. — Sabe, continuei, — Na noite passada me fiz muitas perguntas enquanto as ia respondendo. Não existe lógica em nada, absolutamente. É como tentar resolver um quebra-cabeça com nada mais que dois conjuntos de peças. Houve duas coisas roubadas do cofre de Pfarr; algumas joias e alguns papéis. Mas não parece que uma coisa se encaixe com a outra. E há também as peças que têm nelas o retrato de um assassino, que não se encaixam com aquelas pertencentes ao roubo.

Inge pestanejou lentamente como um gato esperto e me olhou com o tipo de expressão que faz um homem se sentir bobo por não ter pensado nisso primeiro. Era irritante observar, mas quando ela falou percebi o quão estúpido eu era realmente.

— Talvez nunca tenha havido apenas um quebra-cabeça, disse ela. — Talvez você estivesse tentando resolver um, quando houve dois o tempo todo. Levei um momento ou dois para absorver aquilo, ajudado no fim com a palma da minha mão batendo na testa.

— Merda, é claro. A observação dela tinha a força da revelação. Não era só um crime com que eu estava me defrontando, tentando compreender. Eram dois.

Estacionamos na Nollendorfplatz, à sombra da S-Bahn. Acima, um trem sacolejava através da ponte com um barulho que dominava toda a praça. Era alto, mas não o bastante para perturbar a fuligem das grandes chaminés de fábrica de Tempelhof e Neukölln que se entranhava nas paredes dos edifícios que circundavam a praça, edifícios que tinham visto dias melhores. Caminhando para oeste, na direção da Schöneberg de classe média baixa, encontramos o bloco de apartamentos de cinco andares onde Marlene Sahn morava e subimos até o quarto andar. O

jovem que nos abriu a porta estava de uniforme, de alguma companhia especial das SS que não consegui identificar. Perguntei-lhe se Fräulein Sahm morava lá. Ele confirmou e disse que era irmão dela.

— E quem são vocês?

Passei-lhe o meu cartão e perguntei se poderia falar com sua irmã. Ele pareceu mais do que um pouco irritado com a intrusão e imaginei se estivera mentindo ao dizer que era irmão de Marlene. Ele passou a mão pela ampla cabeça de cabelo cor de palha e olhou para trás por sobre o ombro antes de chegar para o lado.

— Minha irmã está repousando agora, explicou. — Mas perguntarei a ela se deseja recebê-lo, Herr Gunther.

Ele fechou a porta atrás de nós e tentou fixar no rosto uma expressão mais hospitaleira. Larga e de lábios grossos, a boca era quase negroide e sorria amplamente agora, mas inteiramente independente dos dois olhos azuis frios que adejavam de mim para Inge como se acompanhando um jogo de tênis.

— Esperem aqui um instante, por favor. Quando nos deixou a sós, Inge apontou acima do aparador, de onde pendiam três retratos do Fuhrer. Ela sorriu.

— Não parece que eles estejam correndo muitos riscos até onde concerne à sua lealdade.

— Você não sabia? Estão em promoção na Woolword's. Compre dois ditadores e leve um grátis.

Sahm retornou, acompanhado por sua irmã, Marlene, uma loura alta e bonita com um melancólico nariz curvado e um maxilar caído que emprestavam certa modéstia às suas feições. Mas seu pescoço era tão musculoso e bem definido que parecia quase inflexível; e seu antebraço bronzeado era o de um arqueiro ou de um hábil tenista. Enquanto ela

avançava pelo corredor, captei um vislumbre de uma panturrilha bem musculosa que tinha o formato de uma lâmpada elétrica. Ela era construída como uma lareira rococó. Eles nos indicaram uma modesta saleta e, com exceção do irmão, que permaneceu encostado no vão da porta, olhando desconfiado para mim e Inge, todos nos sentamos num sofá barato de couro branco. Por trás das portas de vidro de uma cristaleira havia troféus suficientes para uma dupla de atletas campeões colegiais.

— Vocês têm uma coleção bem impressionante aqui, comentei meio sem jeito, para ninguém em particular. Às vezes acho que minha pouca conversa fica uns dois centímetros mais curta.

— Sim, é, disse Marlene, com um ar dissimulado que poderia ter passado por modéstia. O irmão não tinha tantas reservas, se é que tinha alguma.

— Minha irmã é uma atleta. E se não fosse uma infeliz contusão, estaria competindo pela Alemanha na Olimpíada. Eu e Inge emitimos sons de simpatia. Depois, Marlene pegou meu cartão e leu de novo.

— Em que posso ajudá-lo, Herr Gunther? Indagou ela. Recostei-me de volta no sofá e cruzei as pernas antes de entrar com minha conversa mole.

— Fui incumbido pela Seguradora Germania de fazer algumas investigações em relação às mortes de Paul Pfarr e sua esposa. Qualquer pessoa que os conheceu poderia nos ajudar a descobrir exatamente o que aconteceu e capacitar meu cliente a fazer um acordo rápido.

— Sim, disse Marlene com um longo suspiro. — Sim, é claro. Esperei que ela dissesse alguma coisa antes que eu tivesse finalmente que instigá-la.

— Creio que você foi secretária de Herr Pfarr no Ministério do Interior.

— Sim, certamente que fui. Ela não estava revelando mais do que o semblante de um jogador de pôquer.

— Ainda trabalha lá?

— Sim, confirmou, com um dar de ombros indiferente. Arrisquei um olhar para Inge, que se limitou a erguer para mim uma sobrancelha perfeitamente pintada a lápis à guisa de resposta.

— O departamento de Herr Pfarr para investigar corrupção no Reich e no DAF ainda existe? Ela examinou a biqueira dos sapatos por um segundo; depois olhou francamente para mim pela primeira vez desde que eu a tinha visto.

— Quem lhe contou sobre isso? Perguntou ela. Seu tom era firme, mas podia se dizer que tinha sido apanhada de surpresa. Ignorei sua pergunta, tentando pegá-la no contrapé.

— Acha que ele foi morto... Porque alguém não gostou de vê-lo xeretando e botando a boca no trombone?

— Eu... Eu... Não faço ideia de por que ele foi morto. Olhe aqui, Herr Gunther, eu acho...

— Ouviu alguma vez falar de um homem chamado Gerhard Von Oreis? Ele é amigo do primeiro-ministro, além de ser um chantagista. Você sabe, qualquer coisa que ele tenha passado para o seu chefe lhe custou a vida.

— Não acredito que... Começou ela, e depois se controlou. — Não posso responder a qualquer de suas perguntas. Mas continuei insistindo:

— E quanto à amante de Paul, Eva, Vera, ou qualquer coisa assim? Tem alguma ideia de por que ela estaria se escondendo? Quem sabe? Talvez esteja morta também. Seus olhos tremeram como xícara e pires num vagão-restaurant de trem. Ela arfou para mim e se levantou, as mãos agarradas rigidamente nos seus flancos.

— Por favor, disse ela, os olhos começando a se encharcar de lágrimas. O irmão se desencostou da porta e veio para a minha frente, bem à maneira de um árbitro interrompendo uma luta de boxe.

— Já basta, Herr Gunther, disse ele. — Não vejo razão para que eu permita que interrogue minha irmã desta maneira.

— Por que não? Perguntei, me levantando. — Aposto que ela vê isso o tempo todo na Gestapo. E um monte de coisas até piores.

— Mesmo assim, me parece bastante claro que ela não deseja responder a suas perguntas.

— Estranho, repliquei. — Eu tinha quase chegado à mesma conclusão. Peguei Inge pelo braço e segui em direção à porta. Mas enquanto saíamos me virei e acrescentei: — Não estou de lado nenhum, e a única coisa que estou tentando é obter a verdade. Se mudar de opinião, por favor, não hesite em me procurar. Não entrei nesse negócio para lançar ninguém aos lobos.

* * *

— Nunca imaginei que você fosse do tipo quixotesco, disse Inge quando estávamos de novo lá fora.

— Eu? Repliquei. — Ei, espere aí. Cursei a Escola Dom Quixote de Investigação. Consegui nota máxima em Sentimentos Nobres.

— Muito mau que não tenha obtido uma em Interrogatório disse ela. — Você sabe, ela realmente vacilou quando você sugeriu que a amante de Pfarr poderia estar morta.

— Bem, o que você queria que eu fizesse? Que apontasse uma arma para obrigá-la a falar?

— Eu só quis dizer que foi muito ruim que ela não tivesse falado, isso é tudo. Talvez ela mude de ideia.

— Eu não contaria com isso, retruquei. — Se ela trabalha para a Gestapo, então é lógico que não é do tipo que fica sublinhando versículos na Bíblia. E reparou naqueles músculos? Aposto que ela é o melhor homem deles com um chicote ou cassetete de borracha.

Tomamos o carro e dirigimo-nos para leste pela Bulowstrasse. Parei do lado de fora do Parque Viktoria.

— Vamos caminhar um pouco, convidei. — Eu poderia aguentar isso com um pouco de ar puro. Inge farejou o ar suspeitosamente. Estava pesado com o fedor que vinha da fábrica de cerveja Schultheis.

— Ar puro? Lembre-me de não deixar que você nunca me compre nenhum perfume, disse ela.

Subimos a colina até o mercado de quadros, onde a turma que se fazia passar por jovens artistas berlinenses punha à venda suas obras impecavelmente acadêmicas. Inge estava previsivelmente desdenhosa.

— Já viu alguma vez uma merda tão completa? Zombou ela. — Com todos esses quadros de camponeses musculosos enfardando milho e arando campos, seria de pensar que estamos vivendo num conto dos irmãos Grimm.

Assenti lentamente. Eu gostava quando ela se empolgava com um assunto, mesmo se sua voz soasse tão alta e suas opiniões fossem do tipo que poderia jogar nós dois num campo de concentração. Quem sabe, com um pouco mais de tempo e paciência, ela pudesse me obrigar a reexaminar minha própria opinião um tanto prosaica sobre o valor da arte. Mas, tal como era, eu tinha algo mais em que pensar. Tomei-a pelo braço e a conduzi até uma coleção de telas retratando tropas de choque de queixos rígidos, expostas diante de um artista que parecia o próprio estereótipo ariano. Falei baixinho:

— Desde que deixamos o apartamento de Sahn, tive a impressão de que estávamos sendo seguidos. Ela olhou em torno com cautela. Havia umas poucas pessoas circulando, mas nenhuma que parecesse especialmente interessada em nós. — Duvido que consiga apontá-lo, disse eu. — Não se ele for bom no que faz.

— Acha que é da Gestapo?

— Eles não são os únicos cães de caça nesta cidade, mas acho que é mais possível que seja. A Gestapo está ciente do meu interesse neste caso e eu não duvidaria que me levassem para dar um passeio com eles.

— Bem, o que vamos fazer? O rosto de Inge parecia ansioso, mas sorri de volta para ela.

— Você sabe, sempre acho que não há nada mais divertido do que iludir alguém que está na nossa cola. Em especial se é da Gestapo.

* * *

Quinze

SÓ HAVIA dois itens na correspondência da manhã, ambos entregues em mãos. Longe do olhar inquisitivo de gato faminto de Gruber, eu os abri para descobrir que o menor continha um solitário quadrado de cartolina que era um ingresso para as provas de atletismo do dia na Olimpíada. Virei-o e no verso vi escritas as iniciais “M.S.” e “duas horas”. O envelope maior ostentava o selo do Ministério da Aeronáutica e trazia uma transcrição das ligações que Haupthändler e Jeschonnek tinham dado e recebido nos seus respectivos telefones durante o sábado. Exceto aquela que eu mesmo fizera do apartamento de Haupthändler, não havia nada. Joguei o envelope e seu conteúdo na cesta de lixo e me sentei, especulando se Jeschonnek já havia comprado o colar e o que eu iria fazer se me visse obrigado a seguir Haupthändler até o aeroporto de Tempelhof naquela mesma noite. Por outro lado, se Haupthändler já se desfizera do colar, eu não podia imaginar que ele estivesse esperando pelo voo de domingo à noite para Londres só pelo prazer. Parecia mais provável que o acordo envolvesse moeda estrangeira e que Jeschonnek necessitara de tempo para levantar o dinheiro. Fiz um café para mim e fiquei aguardando a chegada de Inge. Olhei pela janela e, vendo que o tempo estava encoberto, sorri ao imaginar o júbilo de Inge à possibilidade de outra pancada de chuva caindo sobre a Olimpíada do Fuhrer. Só que agora eu ia me molhar também. Como é que ela havia chamado? “O mais ultrajante conto-do-vigário na história dos tempos modernos.” Eu estava procurando minha capa de chuva no armário quando Inge entrou.

— Meu Deus, preciso de um cigarro, disse ela, jogando sua bolsa sobre uma cadeira e pegando um do maço em minha mesa. Um tanto divertida, ela olhou para minha capa velha e acrescentou: — Está planejando usar essa coisa?

— Sim. Fräulein Músculos deu notícias, afinal. Na correspondência havia um ingresso para as competições de hoje. Ela quer se encontrar comigo no estádio, às duas. Inge olhou pela janela.

— Tem razão, riu ela, — Você vai precisar da capa. Vai chover à beça. Ela se sentou e pôs os pés sobre minha mesa. — Bem, eu simplesmente ficarei aqui, tomando conta da loja.

— Estarei de volta, o mais tardar, às quatro, avisei. — Depois, temos que ir ao aeroporto. Ela franziu o cenho.

— Oh, sim, eu estava esquecendo. Haupthändler está planejando voar para Londres esta noite. Perdoe-me se pareço ingênua, mas o que vai exatamente fazer quando chegar lá? Simplesmente ir até ele e seja lá quem o esteja acompanhando e perguntar quanto obtiveram pelo colar? Será que abrirão suas malas e deixarão você dar uma olhada em todo o seu dinheiro em pleno aeroporto?

— Nada na vida real é tão simples assim. Nunca existem pequenos indícios que o capacitem a perceber a trapaça em questão de minutos.

— Você fala de um jeito quase triste sobre isso, disse ela.

— Eu tinha um ás na manga que achava que iria tornar as coisas um pouco mais fáceis.

— E o ás caiu da manga, não é?

— Mais ou menos isso.

O som de passos na antessala me fez parar. Houve uma batida à porta e um motociclista, um cabo do Corpo Aéreo Nacional-Socialista, entrou trazendo um enorme envelope amarelo-claro do mesmo tipo daquele que eu jogara mais cedo na cesta de lixo. O cabo bateu os calcanhares e perguntou se eu era Herr Bernhard Gunther. Eu disse que era, peguei o envelope das mãos enluvadas do cabo e assinei seu recibo de entrega, após o que ele fez a saudação de Hitler e saiu com a mesma presteza com que chegara. Abri o envelope do Ministério da

Aeronáutica. Continha várias páginas datilografadas com as transcrições das ligações feitas por Jeschonnek e Haupthändler no dia anterior. Jeschonnek, o negociante de diamantes, fora o mais ativo dos dois, falando com várias pessoas a respeito da compra ilegal de uma grande quantidade de dólares americanos e libras esterlinas.

— Na mosca, disse eu, lendo a transcrição da última chamada de Jeschonnek.

Tinha sido para Haupthändler, e é claro que também apareciam na transcrição as ligações do outro homem. Era o retalho de prova que eu estivera esperando: a prova que transformava teoria em fato, estabelecendo um elo definido entre o secretário particular de Six e o negociante de diamantes. Melhor do que isso, eles discutiam hora e lugar para um encontro.

— E então? Disse Inge, incapaz de conter sua curiosidade por um momento mais. Sorri para ela.

— Meu ás na manga. Alguém simplesmente o pegou. Há um encontro marcado entre Haupthändler e Jeschonnek num endereço em Grunewald esta tarde às cinco. Jeschonnek vai comparecer levando uma valise cheia de moeda estrangeira.

— O informante que você tem lá é danado de bom, disse ela, franzindo o cenho. — Quem é ele? Hanussen, o Vidente?

— Meu homem é mais do que um empresário. Ele dirige o espetáculo, e desta vez, de qualquer modo, vou poder assisti-lo.

— E ele, por acaso, tem alguns membros amistosos das tropas de choque para indicar a você o assento certo, não?

— Você não gosta disso.

— Se eu começar a ficar mal-humorada será de azia, certo? Acendi um cigarro. Mentalmente, tirei cara-ou-coroa e perdi. Ia me abrir com ela.

— Lembra do homem morto no elevador de comida?

— Como se eu descobrisse ser leprosa, disse ela, estremeendo visivelmente.

— Hermann Goering me contratou para tentar encontrá-lo. Fiz uma pausa, à espera do seu comentário, e então ela encolheu os ombros por sob o olhar fixo e confuso. — É isso. Ele concordou em pôr uma escuta em dois telefones... De Jeschonnek e de Haupthändler. Peguei a transcrição e agitei diante do rosto dela. — E aqui está o resultado. Entre outras coisas, isto significa que agora tenho meios de dizer ao pessoal dele onde encontrar Von Oreis.

Inge não disse nada. Dei uma longa e furiosa tragada no meu cigarro e depois o apaguei como se estivesse batendo pregos numa estante.

— Permita que lhe diga uma coisa: não se pode dizer não a ele, se quiser terminar de fumar seu cigarro com ambos os lábios.

— Não, suponho que não.

— Acredite, ele não é um cliente que eu teria escolhido. Sua ideia de proteção é um capanga armado com uma submetralhadora.

— Mas por que não me falou sobre isso, Bernie?

— Quando Goering confia em alguém como eu, o jogo é alto. Achei que era mais seguro você não ficar sabendo. Mas agora, bem, não posso exatamente evitar isso, posso? Mais uma vez, brandi a transcrição diante dela. Inge sacudiu a cabeça.

— Claro que você não poderia dizer não a ele. Eu não pretendia parecer inconveniente, só que fiquei... Bem, um tanto surpresa. É muito obrigada por querer me proteger, Bernie. Estou simplesmente contente por você poder contar a alguém sobre aquele pobre homem.

— Vai ficar tudo certo agora, disse eu.

Rienacker me pareceu cansado e irritado quando liguei para ele.

— Espero que tenha alguma novidade, seu embromador, disse ele,
— Porque a paciência do Hermann Gordo costuma ser mais rala do que

a geleia no pão-de-ló de uma padaria de judeu. Portanto, se este é apenas um telefonema social, então estou propenso a ir visitá-lo com um pouco de merda de cachorro na sola do sapato.

— O que há com você, Rienacker? Repliquei. — Está tendo que partilhar uma lousa no necrotério ou coisa parecida?

— Deixe de merda, Gunther, e ande logo com isso.

— Tudo bem. Abra bem os ouvidos. Acabei de encontrar o cara. Ele já deu o que tinha que dar.

— Morto?

— Como a Atlântida. Você o encontrará pilotando um elevador de comida num hotel abandonado na Chamissoplatz. Basta seguir o faro do seu nariz.

— E os papéis?

— Só encontrei um monte de cinzas no incinerador.

— Faz ideia de quem o matou?

— Lamento, mas isso é trabalho de vocês. Tudo o que eu tinha a fazer era encontrar seu amigo aristocrata. Diga a seu patrão que mandarei minha conta pelo correio.

— Obrigado mesmo, Gunther, disse Rienacker, parecendo menos do que satisfeito. — Você conseguiu... Eu o cortei com um curto adeus e desliguei.

Deixei as chaves do carro com Inge, dizendo para me encontrar em frente à casa de praia de Haupthändler às 4:30 daquela tarde. Eu estava pretendendo tomar o S-Bahn especial para o Estádio do Reich na estação do zoológico; mas primeiro, para me certificar de não estar sendo seguido, escolhi um caminho particularmente tortuoso para chegar à estação. Subi rapidamente a Königstrasse e peguei o bonde para Spittel Market, onde caminhei duas vezes em volta da Fonte Spindler Brunnen antes de pegar o U-Bahn. Saltei uma estação antes da Friedrichstrasse, onde subi de novo para o nível da rua. Durante o horário comercial, a Friedrichstrasse tem o trânsito mais congestionado de Berlim, quando o ar fica com gosto de aparas de lápis. Esquivando-me de guarda-chuvas e americanos aglomerados em volta de seus guias

de viagem, e escapando por pouco de ser atropelado por um furgão da Rudesdorfer Peppermint, atravessei a Tauberstrasse e a Jägerstrasse, passando pelo Hotel Kaiser e o edifício-sede das Indústrias Siderúrgicas Six. Depois, continuando a subir a Unter den Linden, me espremi entre um engarrafamento de tráfego na Französische Strasse e, na esquina da Behrenstrasse, me enfiei na Galeria Kaiser, repleta de lojas careiras do tipo muito procurado pelos turistas, e que leva a um trecho da Unter den Linden próximo ao Hotel Westminster, onde muitos deles se hospedam. Se você está a pé, é sempre um bom lugar para se livrar de alguém que o esteja seguindo. Emergindo na Unter den Linden, atravessei a avenida e tomei um táxi até a Estação do Zoo, onde embarquei no trem especial para o Estádio do Reich.

O estádio, da altura de um edifício de dois andares, parecia menor do que eu esperara, e imaginei como toda aquela gente que circulava pelo perímetro iria se acomodar. Foi só depois de entrar que percebi que era realmente maior por dentro, devido ao campo se situar vários metros abaixo do nível do solo. Achei o meu assento, que ficava mais próximo à pista de atletismo e perto de uma mulher matronal que sorriu e acenou polidamente enquanto eu me sentava. O assento à minha direita, que imaginei estaria ocupado por Marlene Sahn, se encontrava vazio no momento, embora já passasse de duas horas. No exato momento em que eu consultava meu relógio, o céu despejou o mais pesado aguaceiro do dia, e fiquei muito grato por dividir o guarda-chuva da matrona. Para ela, era a sua boa ação daquele dia. Ela apontou para o setor oeste do estádio e me entregou seus binóculos.

— É lá que o Fuhrer irá sentar, disse.

Agradei a ela e, embora não estivesse nem um pouco interessado, focalizei um tablado repleto de homens trajando sobrecasacas e o indefectível complemento de oficiais da SS, todos ficando tão molhados quanto eu. “Inge deveria estar satisfeita”, pensei. Do Fuhrer mesmo, nem sinal.

— Ontem ele só chegou quase às cinco horas, explicou a matrona. — Embora não se pudesse censurá-lo se sequer aparecesse, com esse tempo horrível que tem feito. Ela acenou para o meu colo vazio. — Você não tem um programa. Não quer saber a ordem das provas? Eu disse que queria, mas, para meu embaraço, descobri que ela não pretendia me emprestar seu programa, mas sim lê-lo em voz alta. — A primeira prova esta tarde é a corrida de quatrocentos metros com barreiras. Depois temos as semifinais e a final dos cem metros rasos. Se quiser saber minha opinião, não creio que os alemães tenham a menor chance contra o negro americano, Owens. Eu o vi correr ontem e ele parece uma gazela.

Eu já ia fazer uma observação impatriótica sobre a chamada Raça Superior quando Marlene Sahn se sentou ao meu lado, me salvando assim da minha boca potencialmente traiçoeira.

— Obrigada por ter vindo, Herr Gunther. Desculpe aquilo de ontem. Fui um tanto rude. O senhor estava apenas tentando ajudar, não é?

— Certamente.

— A noite passada nem consegui dormir pensando no que contou a respeito... Ela hesitou um instante. — ...A respeito de Eva.

— A amante de Paul Pfarr? Ela assentiu. — Vocês são amigas?

— Não amigas íntimas, você entende, mas sim, amigas. E, logo de manhã cedo, decidi depositar minha confiança no senhor. Pedi que me encontrasse aqui porque estou certa de estar sendo observada. Eis por que me atrasei. Tive de me certificar de tê-los despistado.

— A Gestapo?

— Bem, é claro que não me refiro ao Comitê Olímpico Internacional, Herr Gunther. Sorri a esta observação, ela também.

— Não, claro que não, disse eu, apreciando o modo pelo qual a modéstia que cedia lugar à impaciência a tornava ainda mais atraente.

Por baixo da capa cor de terracota que estava desabotoando no pescoço, ela usava um vestido de algodão azul-escuro, com um decote que me permitia uma visão dos primeiros poucos centímetros de um colo profundo e bem queimado de sol. Ela começou a remexer dentro de sua espaçosa bolsa de couro marrom.

— Pois bem, disse ela nervosamente. — Sobre Paul. Após a morte dele tive de responder a um bocado de perguntas, sabe?

— Sobre o quê? Era uma pergunta estúpida, mas ela não o disse.

— Tudo. Acho que a certa altura eles até mesmo insinuaram que eu poderia ser a amante dele. Ela tirou da bolsa uma agenda verde-escura e a entregou a mim. — Mas guardei isto. É a agenda de Paul, ou, mais exatamente, a que ele conservava particularmente para si, e não a oficial, que deixava aos meus cuidados: esta eu entreguei à Gestapo.

Revirei a agenda nas mãos, não me aventurando a abri-la. Six, e agora Marlene. Era estranho o modo como as pessoas escondem coisas da polícia. Ou talvez não fosse. Tudo dependia de quão bem se conhecesse a polícia.

— Por quê? Perguntei.

— Para proteger Eva.

— Então por que simplesmente não a destruiu? Eu teria pensado que seria o mais seguro para ela e para você também. Ela franziu o cenho enquanto tentava explicar alguma coisa que talvez só houvesse entendido parcialmente.

— Suponho ter pensado que, nas mãos adequadas, poderia haver alguma coisa aqui capaz de identificar o assassino.

— E se resultasse que a sua amiga Eva tivesse algo a ver com o crime? Seus olhos cintilaram e ela falou com raiva:

— Nem por um segundo acredito nisso, replicou. — Ela não era capaz de prejudicar ninguém. Franzi meus lábios e assenti, circunspecto.

— Conte-me sobre ela.

— Tudo no devido tempo, Herr Gunther, disse, e sua boca se contraiu.

Eu não achava que Marlene Sahn fosse do tipo de se deixar levar pela paixão ou pelos seus gostos, e especulei se a Gestapo preferia recrutar essa espécie de mulher, ou se simplesmente as afetava dessa maneira.

— Antes de mais nada, gostaria de lhe esclarecer uma coisa.

— À vontade.

— Depois da morte de Paul, eu mesma fiz discretas investigações sobre o paradeiro de Eva, porém sem sucesso. Mas chegarei lá também. Antes de lhe contar tudo, quero que me dê sua palavra de que, se conseguir encontrá-la, tentará convencê-la a desistir. Se for presa pela Gestapo, será muito ruim para ela. Isto não é um favor que estou pedindo, o senhor entende. É o meu preço por abastecê-lo com a informação que vai ajudá-lo em sua própria investigação.

— Tem minha palavra. Darei a ela cada chance que puder. Mas devo lhe dizer: neste exato momento, tudo indica que ela esteja envolvida até o pescoço. Creio que está planejando partir para o exterior esta noite, de modo que é melhor começar a falar. Não resta muito tempo.

Por um momento, Marlene mordeu o lábio pensativamente, seus olhos fitando de modo vago os atletas que se preparavam na linha de largada. Ela permaneceu ausente ao zumbido de empolgação no público e que cedeu lugar ao silêncio quando o juiz de largada ergueu sua pistola. Enquanto ele disparava, ela começou a me contar o que sabia.

— Bem, para começar, seu nome não é Eva. Este é o nome que Paul lhe deu. Ele está sempre fazendo isso, dando nomes novos às pessoas. Ele gostava de nomes arianos, como Siegfried e Brunhilde. O nome verdadeiro de Eva era Hannah Roedl, mas Paul dizia que Hannah era um nome judeu e que iria sempre chamá-la de Eva. A multidão deu

um grande rugido quando o americano venceu a primeira prova com barreiras. — Paul era infeliz com a esposa, mas nunca me contou por quê. Eu e ele éramos bons amigos, e ele me fazia muitas confidências, mas nunca o ouvi falar sobre a esposa. Uma noite ele me levou a um clube de jogo e foi lá que deparei com Eva, que estava trabalhando como crupiê. Fazia meses que eu não a via. Conhecemo-nos trabalhando para a Receita. Ela era muito boa com números. Acho que foi por isso que se tornou crupiê, em primeiro lugar; depois pelo salário e a chance de conhecer algumas pessoas interessantes.

Ergui as sobrancelhas ao ouvir esta: para começar, sempre achei que as pessoas que jogam em cassinos não passavam de idiotas; mas nada comentei, não desejando interrompê-la.

— Seja como for, eu a apresentei a Paul, e deu para notar a atração mútua. Paul era um homem bonito e Eva era simplesmente uma verdadeira e vistosa beleza. Encontrei-a de novo um mês depois e ela me contou que estava tendo um caso com Paul. De início fiquei chocada; e a seguir pensei que, na verdade, aquilo não era da minha conta. Durante um tempo, talvez uns seis meses, eles continuaram se vendo bastante. E então Paul foi morto. A agenda pode lhe fornecer as datas e todo esse tipo de coisa. Abri a agenda e procurei a data da morte de Paul. Li as entradas escritas na página.

— Pelo que está anotado aqui, ele tinha um encontro com ela no dia de sua morte. Marlene não disse nada. Comecei a virar as páginas. — E tem mais um nome que reconheço, continuei. Gerhard Von Oreis. O que sabe sobre ele? Acendi um cigarro e acrescentei: — Já é hora de me contar tudo sobre o seu pequeno departamento na Gestapo, não acha?

— Departamento de Paul, do qual ele muito se orgulhava, o senhor sabe. Ela suspirou profundamente. — Um homem de grande integridade.

— Claro. O tempo todo com esta outra mulher, mas o que realmente queria era voltar para a esposa em casa.

— Engraçado, mas é absolutamente verdade, Herr Gunther. É exatamente o que ele queria. Acho que ele nunca deixou de amar Grete. Mas, por algum motivo, começou também a odiá-la. Dei de ombros.

— Bem, ninguém está livre disso. Talvez ele simplesmente gostasse de abanar o traseiro.

Ela permaneceu alguns minutos em silêncio depois dessa, enquanto era disputada a prova seguinte. Para delírio da multidão, o representante alemão, Nottbruch, venceu. A matrona ficou muito empolgada, se levantando do assento e acenando com seu programa. Marlene remexeu na bolsa de novo e extraiu um envelope.

— Isto é a cópia de uma carta originalmente incumbindo Paul de montar seu departamento, disse ela, passando-a para mim. — Achei que o senhor gostaria de ler. Ajuda a pôr as coisas em perspectiva, explicar por que Paul fez o que fez. Li a carta, que dizia:

Reichsfuhrer SS e Chefe da polícia alemã no Ministério do Interior do Reich

O-KdSg2(o/RV)n82211/35

Berlim NW7

6 de novembro de 1935

Unter den Linden, 74

Tel. Local 120034

Linha-tronco 120037

Carta expressa para o Hauptsturmfuhrer Doctor Paul Pfarr

Escrevo-lhe sobre uma questão muito séria. Refiro-me à corrupção entre os servidores do Reich. Um princípio deve ser aplicado: os servidores públicos devem ser honestos, decentes, leais e companheiros dos membros do nosso próprio sangue. Aqueles indivíduos que atentarem contra este princípio, que desviem nem que seja um único marco, serão impietosamente punidos. Não ficarei ocioso, vendo a podridão se desenvolver.

Como sabe, já tomei medidas para expurgar a corrupção entre as fileiras da SS e inúmeros desonestos foram eliminados. É desejo do Fuhrer que você seja designado para investigar e expurgar a corrupção na Frente Alemã do Trabalho, onde a fraude é endêmica. Para este fim, está promovido ao posto de Hauptsturmfuhrer, se reportando diretamente a mim. Quaisquer que sejam as formas de corrupção, nós iremos extingui-las. E, ao fim do dia, diremos que executamos nossa tarefa por amor ao nosso povo.

Heil, Hitler!

Heinrich Himmler

— Paul era muito diligente, disse Marlene. — Foram feitas prisões e os culpados foram punidos.

— Eliminados, disse eu, citando o Reichsfuhrer. A voz dela endureceu.

— Eram inimigos do Reich, disse.

— Sim, é claro. Esperei que continuasse e, ao vê-la um tanto incerta a meu respeito, acrescentei: — Eles tinham de ser punidos. Não estou discordando de você. Por favor, prossiga. Marlene assentiu.

— Finalmente, ele voltou sua atenção para o Sindicato dos Siderúrgicos, e muito cedo ficou sabendo de certos rumores a respeito do seu próprio sogro, Hermann Six. No começo, ele fez pouco caso. E depois, da noite para o dia, ficou determinado a destruí-lo. Após um certo tempo, virou uma obsessão.

— Quando foi isso?

— Não me lembro da data. Mas lembro que foi mais ou menos à época em que ele começou a trabalhar até tarde, e sem atender os telefonemas da esposa. E não muito depois que começou a sair com Eva.

— E como foi exatamente que o Papai Six se comportou mal?

— Funcionários corruptos do DAF tinham depositado o Fundo de Previdência do Sindicato dos Siderúrgicos no banco de Six...

— Quer dizer que ele também tem um banco?

— É acionista majoritário do Deutsches Kommerz. Em troca, Six concedia empréstimos pessoais de pai para filho àqueles mesmos funcionários.

— E o que é que Six ganha com isso?

— Pagando juros baixos sobre o depósito, em detrimento dos trabalhadores, o banco se torna capaz de melhorar o seu balanço.

— Tudo certo e em ordem, então.

— Isto é só a metade da coisa, disse ela, com um risinho um tanto ultrajado. — Paul também suspeitava que seu sogro estava desviando fundos do sindicato. E que estava fazendo uma ciranda com os investimentos do sindicato.

— Ciranda, repeti. — O que vem a ser isso?

— Vender repetidamente ações e comprar outras a fim de, a cada vez, reclamar as percentagens legais. A comissão, se assim prefere. Que seria rachada entre o banco e os dirigentes sindicais. Mas tentar provar isso já é outra história. Paul tentou pôr um grampo no telefone de Six, mas a pessoa encarregada dessas coisas se recusou. Paul disse que alguém mais já estava grampeando o telefone dele e não queria partilhar a escuta. Então, Paul procurou outra maneira de flagrá-lo. Descobriu que o primeiro-ministro tinha um agente confidencial munido de informações capazes de comprometer Six, bem como muitos outros. Seu nome era Gerhard Von Oreis. No caso de Six, Goering estava usando estas informações para ficar a par da linha econômica. De qualquer modo, Paul conseguiu se encontrar com Von Oreis e lhe ofereceu um monte de dinheiro só para dar uma olhada no que ele tinha sobre Six. Mas Von Oreis recusou. Paul disse que ele estava com medo.

Ela olhou em torno enquanto a multidão ficava mais empolgada, na expectativa da semifinal dos cem metros rasos. Com os obstáculos removidos da pista, vários velocistas se aqueciam agora, inclusive o homem que o público viera ver: Jesse Owens. Por um momento, a atenção dela se concentrou inteiramente no atleta negro.

— Não é soberbo? Disse ela. — Owens, quero dizer. É fora de série.

— Mas Paul conseguiu os documentos, não? Ela assentiu.

— Paul era muito determinado, disse ela, distraída. — Em ocasiões como essas ele podia ser totalmente implacável.

— Não duvido.

— Há um departamento da Gestapo na Prinz Albrecht Strasse que lida com associações, clubes e o DAF. Paul os convenceu a emitir uma “etiqueta vermelha” para Von Oreis, de modo que ele pudesse ser preso imediatamente. Não só isso, mas eles cuidariam para que Von Oreis fosse preso por uma Força de Emergência e levado para a sede da Gestapo.

— O que é uma Força de Emergência?

— Matadores. Ela sacudiu a cabeça. — Você não gostaria de cair nas mãos deles. Acreditavam que assustariam Von Oreis o suficiente para convencê-lo de que Himmler era mais poderoso do que Goering, que ele devia temer mais a Gestapo do que o primeiro-ministro. Afinal, para começar, Himmler não havia afastado Goering e assumido o controle da Gestapo? E depois havia o caso do ex-chefe da Gestapo de Goering, Diels, traído por seu antigo mentor. Disseram tudo isso a Von Oreis. Disseram que aconteceria o mesmo com ele e que sua única chance era cooperar, do contrário estaria incorrendo no desagrado do Reichsführer SS, o que certamente equivaleria a um campo de concentração. Claro que Von Oreis ficou convencido. Nas mãos deles, quem não ficaria? Ele forneceu tudo o que tinha a Paul, e Paul ficou de posse de inúmeros documentos, que passou várias noites examinando em sua casa. E então foi morto.

— E os documentos foram roubados.

— Sim.

— Sabe de alguma coisa contida naqueles documentos?

— Não em detalhes. Eu mesma nunca os vi. Só sabia o que ele me contava. Ele dizia que os documentos provavam, além de qualquer sombra de dúvida, que Six estava mancomunado com o crime organizado.

Ao tiro da pistola, Jesse Owens avançou numa boa largada, e nos primeiros trinta metros dominava fluentemente a prova. No assento ao

meu lado, a matrona estava de novo em pé. “Ela estivera errada”, pensei, ao descrever Owens como uma gazela. Observando o alto e gracioso negro acelerar pela pista, zombando das ridículas teorias da superioridade ariana, pensei que Owens era simplesmente um homem, para quem os outros homens não passavam de um doloroso embaraço. Correr daquele jeito era o objetivo de sua vida, e se algum dia houvesse uma raça superior, ela certamente não excluiria alguém como Jesse Owens. Sua vitória provocou uma tremenda saudação do público alemão, e achei reconfortante que a única raça que estavam ovacionando fosse a única que tinham visto. “Talvez”, pensei, a Alemanha não quisesse ir para a guerra, afinal. Olhei para aquela parte do estádio reservada para Hitler e outros dignitários do Partido, a fim de ver se estavam presentes para testemunhar a profundidade do sentimento popular sendo demonstrada em benefício do negro americano. Mas nem havia sinal dos líderes do Terceiro Reich.

Agradei a Marlene por ter vindo e a seguir saí do estádio. Viajando de táxi para o sul, na direção dos lagos, dediquei um pensamento ao pobre Gerhard Von Oreis. Preso e aterrorizado pela Gestapo, para ser libertado e quase imediatamente capturado, torturado e morto pelos capangas de Red Dieter. Isso é o que eu chamo de falta de sorte. Cruzamos a ponte Wannsee e seguimos ao longo da costa. Um letreiro preto à frente da praia dizia “Proibido para Judeus”, o que levou o chofer do táxi a dizer:

— É de morrer de rir, não? “Proibido para Judeus”. Não há ninguém aqui. Não com um tempo desses. Ele soltou uma risada escarninha para seu prazer.

Do lado oposto ao Restaurante Pavilhão Sueco, uns poucos otimistas mantinham a esperança de que o tempo melhorasse. O chofer continuou a escarnecer deles e do clima alemão enquanto dobrava a Koblanck Strasse e depois descia a Lindenstrasse. Mandei que parasse na esquina da Hugo-Vogel Strasse.

Era uma área residencial tranquila, bem ordenada e arborizada, consistindo de casas de tamanho médio e grande, com gramados caprichados na frente e sebes bem aparadas. Localizei meu carro estacionado, mas não pude ver sinal de Inge. Procurei-a em torno ansiosamente enquanto esperava por meu troco. Sentindo que havia algo errado, dei uma gorjeta generosa ao chofer, que perguntou se eu queria que ele esperasse. Sacudi a cabeça e depois recuei, enquanto ele descia a rua ruidosamente. Fui até meu carro, estacionado uns trinta metros rua abaixo do endereço de Haupthändler. Verifiquei a porta. Não estava trancada, de modo que me sentei e esperei um pouco, aguardando que ela voltasse. Pus a agenda que Marlene Sahm tinha me dado dentro do porta-luvas, depois tateei debaixo do assento em busca da arma que deixava ali. Coloquei-a no bolso da capa e saí do carro.

O endereço que eu tinha era uma coisa marrom-escura, de dois andares e de aspecto dilapidado. A pintura estava descascando das persianas fechadas e havia um cartaz de “À Venda” no jardim. O lugar parecia não ser ocupado há um bom tempo. Simplesmente o tipo de lugar que alguém escolhe para se esconder. Um gramado desigual circundava a casa e um pequeno muro a separava da rua, na qual estava estacionado um Adler azul reluzente, de frente para a ladeira. Pulei por cima do muro, me desviei cuidadosamente de um cortador de grama enferrujado e me ocultei debaixo de uma árvore. Próximo à esquina dos fundos da casa, saquei a Walther e puxei o cursor para carregar a câmara e engatilhar a arma.

Quase dobrado em dois, rastejei debaixo do nível da janela até a porta dos fundos, que estava levemente entreaberta. De algum lugar no interior do bangalô pude ouvir o som de vozes abafadas. Empurrei a porta com o cano da minha arma e meus olhos depararam com um rastro de sangue no piso da cozinha. Fui caminhando silenciosamente para dentro, meu estômago caindo desconfortavelmente para o chão, como uma moeda atirada num poço, preocupado com a possibilidade

de que Inge pudesse ter decidido dar uma olhada por sua própria conta e estivesse ferida, ou coisa pior. Inspirei fundo e pressionei o aço frio da automática contra a face. A friagem da arma percorreu todo o meu rosto, descendo pela nuca até minha alma. Abaixei-me em frente à porta da cozinha para olhar pelo buraco da fechadura. Do outro lado da porta havia um corredor vazio sem carpete e várias portas fechadas. Girei a maçaneta.

As vozes vinham de um cômodo na frente da casa e eram nítidas o bastante para que eu as reconhecesse como sendo de Haupthändler e Jeschonnek. Após uns dois minutos, soou também uma voz de mulher. Por um instante pensei que fosse Inge, até que ouvi essa mulher rir. Agora que eu estava mais impaciente para saber o que tinha sido feito de Inge do que recuperar os diamantes roubados de Six e ganhar a recompensa, decidi que era hora de enfrentar os três. Eu ouvira o suficiente para indicar que não estavam esperando nenhum problema, mas, ao irromper porta adentro, disparei um tiro acima de suas cabeças, para o caso de que estivessem dispostos a tentar alguma reação.

— Fiquem exatamente onde estão, ordenei, achando que já estavam mais do que avisados e pensando que só um tolo sacaria uma arma agora.

Gert Jeschonnek foi esse tolo. É difícil na maioria das vezes acertar um alvo em movimento, especialmente um que está atirando de volta. Minha primeira preocupação foi pará-lo, sem me importar de que maneira. Do modo como aconteceu, só o parei morto. Eu desejaria não tê-lo acertado na cabeça, só que não me foi dada a oportunidade. Sendo bem-sucedido em matar um homem, agora eu tinha outro com quem me preocupar, porque àquela altura Haupthändler já estava sobre mim, lutando para me tomar a arma. Ao cairmos para o chão, ele gritou para a garota que estava de pé, claudicante, junto à lareira:

— Pegue a arma!

Ele se referia àquela que caíra da mão de Jeschonnek quando estourei seus miolos, mas por um momento a garota não teve muita certeza de que arma deveria pegar, se a minha ou a que estava no chão. Ela hesitou por tempo bastante para que seu amante repetisse a ordem. No mesmo instante, fustiguei a Walther no rosto dele. Foi uma raquetada poderosa, que teve o efeito de uma cortada num jogo de tênis e o enviou para se estatelar inconsciente contra a parede. Virei-me a tempo de ver a garota pegando a arma de Jeschonnek. Não era hora para cavalheirismo, mas tampouco eu queria atirar nela. Em vez disso, arremeti agilmente à frente e soquei-a na mandíbula.

Com a arma de Jeschonnek em segurança no bolso de minha capa, me abaixei para dar uma olhada nele. Não era preciso ser um papa-defunto para saber que estava morto. Existem maneiras mais asseadas de limpar os ouvidos de um homem do que um projétil de 9mm. Enfiei um cigarro em minha boca seca e me sentei à mesa para esperar que Haupthändler e a garota voltassem a si. Suguei a fumaça por entre os dentes cerrados, defumando meus pulmões e quase não exalando de todo, exceto em pequenas baforadas nervosas. Sentia-me como se alguém estivesse tocando violão com minhas tripas.

O cômodo era escassamente mobiliado, com apenas um sofá puído, uma mesa e duas cadeiras. Sobre a mesa, pousado num quadrado de feltro, estava o colar de Six. Joguei fora o cigarro e puxei os diamantes em minha direção. As pedras, retinindo umas nas outras como um punhado de bolas de gude, pareciam frias e pesadas em minha mão. Era difícil imaginar uma mulher usando aquilo: o colar parecia tão desconfortável quanto uma peça de cutelaria. Junto à mesa havia uma pasta. Peguei-a e olhei dentro. Estava cheia de dinheiro, dólares e libras esterlinas, como eu esperava e dois passaportes falsos nos nomes de Herr e Frau Rolf Teichmuller, os mesmos que eu tinha visto nas passagens aéreas no apartamento de Haupthändler. Eram boas falsificações, mas não difíceis de conseguir desde que se conhecesse alguém na divisão de

passaportes e se estivesse preparado para pagar caro. Eu não havia pensado nisso antes, mas agora parecia que, com todos aqueles judeus afluindo ao escritório de Jeschonnek para financiar sua fuga da Alemanha, um serviço de falsificação de passaportes seria um bico lógico e altamente lucrativo.

A garota gemeu e se levantou. Massageando a mandíbula e soluçando baixinho, ela foi ajudar Haupthändler enquanto ele próprio se retorcia para o lado. Ela o segurou pelos ombros enquanto ele limpava o sangue da boca e do nariz. Folheei o seu passaporte novo. Não sei se ela poderia ser descrita como uma beleza, como fizera Marlene Sahn, mas certamente era bem-apessoada, de uma maneira polida e inteligente, de modo algum a garota de programa barata que imaginei ao saber que ela trabalhava como crupiê.

— Lamento ter precisado esmurrá-la, Frau Teichmuller, disse eu.
— Ou Hannah, ou Eva, ou seja lá quem for ou como alguém a está chamando no momento. Ela me fitou com um asco mais do que suficiente para secar seus olhos, e de quebra os meus.

— Você não é tão esperto, disse. — Não posso entender por que esses dois idiotas pensaram que fosse necessário tirar você do caminho.

— Neste exato momento, eu teria pensado que isso era óbvio. Haupthändler cuspiu no chão e disse:

— O que acontece então agora? Dei de ombros.

— Depende. Talvez possamos inventar uma história: crime passional, ou algo parecido. Tenho amigos lá na Alex. Talvez eu possa obter um acordo, mas primeiro você tem que me ajudar. Havia uma mulher trabalhando comigo... Alta, cabelos castanhos, bem-feita de corpo e usando casaco preto. Vi sangue na cozinha e fiquei preocupado com ela, especialmente porque parece estar desaparecida. Imagino que saibam alguma coisa a respeito, não? Eva deu uma risada de escárnio.

— Vá para o inferno, disse Haupthändler.

— Por outro lado... Continuei, decidindo assustá-lo mais um pouco, — ...Bem, assassinato premeditado é um crime capital. Quase

certo quando há um monte de dinheiro envolvido. Vi um homem ser decapitado uma vez... Na Prisão do Lago Ploetzen. Goelpl, o carrasco estatal, usa até luvas brancas e casaca para fazer o serviço. É um toque um tanto sutil, não acha?

— Deixe cair a arma, Herr Gunther, se não se importa.

A voz à porta era paciente mas imperiosa, como se dirigida a uma criança travessa. Mas fiz como me foi ordenado. Eu sabia que não se podia discutir com uma submetralhadora e um breve olhar para sua cara de luva de boxe me disse que ele não hesitaria em me matar até se eu contasse uma piada sem graça. Quando entrou na sala foi seguido por mais dois homens, ambos portando pistolas.

— Vamos lá, disse o homem com a submetralhadora. — De pé, vocês dois. Eva ajudou Haupthändler a se erguer. — E de cara para a parede. Você também, Gunther. O papel de parede era ordinário. Um tanto escuro e triste demais para o meu gosto. Olhei fixamente para ele por vários minutos, enquanto me revistavam.

— Se você sabe quem eu sou, então sabe que sou investigador particular. Esses dois são procurados por homicídio.

Não vi o cassetete tanto quanto o ouvi cortar o ar em direção à minha cabeça. Na fração de segundo antes de atingir o chão e perder a consciência, disse a mim mesmo que já estava ficando de saco cheio de ser nocauteado.

* * *

Dezesseis

GLOCKENSPIEL e bumbo baixo. Qual era a melodia de novo? Aninha de Tharau é aquela que amo? Não, mais parecia a melodia do bonde 51 para a Estação de Schonhauser Allee. A campainha tocava e o bonde sacolejava enquanto corria através de Schillerstrasse, Pankow, Breite Strasse. O sino olímpico gigante na grande torre do relógio tocando para a abertura e o encerramento dos Jogos. A pistola do juiz de largada e a multidão gritando enquanto Joe Louis disparava em direção a mim e me fazia beijar a lona pela segunda vez no mesmo assalto. Um monoplano Junker quadrimotor rugia através do céu noturno para Croydon, levando meus miolos mexidos junto com ele. Ouvi a mim mesmo dizendo:

— Apenas me deixem cair no Lago Ploetzen.

Minha cabeça latejava como um dobermann nervoso. Tentei erguê-la do chão do carro e descobri que minhas mãos estavam algemadas atrás de mim; mas a dor súbita e violenta me fez esquecer de qualquer coisa exceto não mover de novo a cabeça...

...Cem mil botas em passo de ganso marchavam pela Unter den Linden, com um homem direcionando um microfone para elas a fim de captar o som imponente de um exército triturando o solo como um cavalo gigante. Um alarme de ataque aéreo. Fogo de barragem sendo despejado sobre as trincheiras inimigas para dar cobertura ao avanço. Justamente quando estávamos chegando ao topo, uma das grandes

explodiu bem acima de nossas cabeças e nos derrubou. Agachando-me num buraco de granada cheio de franceses incinerados, com minha cabeça dentro de um piano de cauda, meus ouvidos repicando quando os martelos batiam nas cordas, esperei que o som da batalha terminasse...

Grogue, me senti sendo puxado do carro e depois sendo meio carregado meio arrastado para um prédio. As algemas foram removidas e me vi sentado numa cadeira e seguro nela para não cair. Um homem cheirando a ácido carbólico e usando uniforme vasculhou meus bolsos. Enquanto ele puxava os forros para fora, senti o colarinho do paletó grudado no meu pescoço. Quando o toquei, descobri que era sangue de onde eu havia sido golpeado. Depois disso, alguém deu uma rápida olhada na minha cabeça e disse que eu estava bem o bastante para responder a umas poucas perguntas, embora pudesse igualmente ter dito que eu estava pronto para acertar a tacada. Eles me deram um café e um cigarro.

— Sabe onde você está? Tive que me impedir de mover a cabeça antes de murmurar que não.

— Você está no posto Königs Weg da Kripo, no Grunewald. Beberiquei meu café e assenti lentamente. — Sou o Kriminalinspektor Hingen, disse o homem. — E este é o Wachmeister Wentz. Ele oscilou a cabeça para o homem uniformizado de pé a seu lado, o tal que cheirava a carbólico. — Talvez não se importe em nos contar o que aconteceu.

— Se o seu gorila não me tivesse batido com tanta força, seria mais fácil me lembrar, ouvi a mim mesmo coaxar. O inspetor olhou para o sargento, que deu de ombros, confuso.

— Nós não batemos em você.

— Como é que é?

— Eu disse: nós não batemos em você. Cautelosamente, toquei minha nuca e depois inspecionei o sangue seco nas pontas dos meus dedos.

— Suponho que fiz isto quando estava penteando o cabelo, não?

— Você é que está dizendo, replicou o inspetor, e me ouvi suspirar.

— O que está havendo aqui? Não entendo. Vocês viram minha identidade, não viram?

— Sim, disse o inspetor. — Olhe, por que não começa do início? Faça de conta que não sabemos absolutamente nada. Resisti à tentação um tanto óbvia e comecei a explicar o melhor que pude.

— Estou trabalhando num caso, disse eu. — Haupthändler e a garota são procurados por assassinato...

— Espere um minuto, interrompeu ele. — Quem é esse Haupthändler? Senti que franzira o cenho e tentei me concentrar com mais empenho.

— Não, agora me lembro. Eles haviam trocado o nome para Teichmuller. Haupthändler e Eva tinham passaportes novos, forjados por Jeschonnek. O inspetor girou nos calcanhares ao ouvir isso.

— Agora estamos chegando a algum lugar. Gert Jeschonnek. O corpo que encontramos, certo? Ele se virou para o sargento, que tirou de uma sacola a minha Walther PPK, pendurada na extremidade de um pedaço de cordão.

— Esta arma é sua, Herr Gunther? Perguntou o sargento.

— Sim, é, respondi cansado. — Está tudo bem, eu o matei. Foi legítima defesa. Ele estava sacando sua arma. Ele estava lá para fazer um negócio com Haupthändler. Ou Teichmuller, como se chama agora. Mais uma vez vi o inspetor e o sargento trocaram aquele olhar. Estava começando a ficar preocupado.

— Conte-nos sobre esse Herr Teichmuller, pediu o sargento.

— Haupthändler, corriji, furioso. — Vocês o pegaram, não? O inspetor franziu os lábios e sacudiu a cabeça. — E a garota, Eva? Ele cruzou os braços e me encarou decididamente.

— Escute aqui, Gunther. Não venha com essa merda para cima de nós. Um vizinho relatou ter ouvido um tiro. Encontramos você inconsciente, um cadáver e duas pistolas, ambas disparadas, e um monte de dinheiro estrangeiro. Nada de Teichmullers, Haupthändler ou Eva.

— E nada de diamantes? Ele sacudiu a cabeça.

O inspetor, um homem gordo e ensebado de aspecto fatigado e com dentes manchados de tabaco, se sentou diante de mim e me ofereceu outro cigarro. Ele tirou um para si e acendeu os dois em silêncio. Quando voltou a falar, sua voz soou quase amistosa.

— Você já foi um tira, não foi? Assenti doloridamente. — Achei que tinha reconhecido o nome. Você era um dos melhores também, pelo que posso lembrar.

— Obrigado, falei.

— Assim sendo, não preciso lhe dizer como é que isto vai parecer no meu relatório.

— Ruim, não é?

— Pior do que isso. O inspetor ficou rolando o cigarro entre os lábios por um momento e recuou quando a fumaça ardeu nos seus olhos. — Quer que eu chame um advogado para você?

— Não, obrigado. Mas já que está disposto a fazer um favor para um ex-tira, há uma coisa que poderia fazer. Tenho uma assistente, Inge Lorenz. Talvez pudesse telefonar para ela e avisá-la de que estou preso.

Ele me deu papel e lápis e escrevi três números de telefone. O inspetor parecia um sujeito decente e eu queria lhe contar que Inge havia desaparecido depois de ter dirigido meu carro até Wannsee. Mas isto faria com que dessem busca no meu carro e encontrassem a agenda de Marlene Sahn, o que fatalmente a incriminaria. Talvez Inge tivesse passado mal e pegado um táxi para algum lugar, sabendo que eu estaria lá para buscar o carro. Talvez.

— E quanto aos seus amigos na polícia? Alguém lá na Alex, talvez?

— Bruno Stahlecker, disse eu. — Ele pode testemunhar que sou gentil com crianças e cachorros abandonados, porém não mais que isso.

— Isso é muito ruim.

Pensei por um momento. A única coisa que eu podia fazer era ligar para os dois meliantes da Gestapo que haviam vasculhado meu

escritório e passar a eles o que eu descobrira. Era mais do que óbvio que não tinham sido bem-sucedidos comigo, e imaginei que ligar para eles provavelmente me valeria uma viagem, com todas as despesas pagas, para um campo de concentração, tal como deixar que o inspetor me acusasse do assassinato de Gert Jeschonnek.

Não sou um apostador, mas esta era minha última cartada.

* * *

O Kriminalkommissar Jost sugou pensativamente o seu cachimbo.

— É uma teoria interessante, disse. Dietz parou de brincar com seu bigode pelo tempo suficiente para bufar de desdém. Jost olhou para seu Inspektor por um momento e a seguir para mim. — Mas, como pode ver, meu colega a considera um tanto improvável.

— Isso é simplificar demais as coisas, seu conversa-fiada, resmungou Dietz.

Desde que assustara minha secretária e espatifara minha última garrafa de bebida de qualidade, ele parecia ter ficado mais feio. Jost era um homem alto e de expressão ascética, com um rosto que ostentava a expressão permanentemente sobressaltada de um cervo, e um pescoço esquelético que sobrava do colarinho da camisa, como uma tartaruga dentro de uma carapaça que não era a sua. Ele se permitiu um sorriso fino como uma gilete. Estava a ponto de pôr o subordinado firmemente em seu devido lugar.

— Mas então a teoria não é seu ponto forte, disse. — É Um homem de ação, não é, Dietz?

Dietz reagiu com um olhar carrancudo e o sorriso do comissário se alargou um pouco. Em seguida, ele retirou os óculos e começou a limpá-los de um modo que poderia servir para lembrar a qualquer outro na

sala de interrogatório que ele via seu próprio intelectualismo como algo superior a uma vitalidade que era meramente física. Recolocando os óculos, ele tirou o cachimbo da boca e deu um bocejo que beirava a exaustão.

— O que não quer dizer que homens de ação não tenham lugar na Sipo. Mas depois de tudo o que é dito e feito, é ao homem inteligente que cabe tomar as decisões. Por que você supõe que a seguradora Germania não vê utilidade em nos informar da existência desse colar? A maneira como ele passou imperceptivelmente para esta pergunta quase me pegou desprevenido.

— Talvez ninguém tenha solicitado a eles, repliquei esperançoso. Houve um prolongado silêncio.

— Mas o local foi pilhado, disse Dietz, de um jeito um tanto ansioso. — Normalmente, a seguradora nos teria informado.

— Por que deveria? Não houve pedido de pagamento de seguro. Mas só como garantia eles me contrataram, para o caso de haver.

— Está nos dizendo que eles sabiam que havia um colar valioso naquele cofre, disse Jost, — E mesmo assim estavam preparados para não pagar por ele? Que estavam preparados para reter uma prova valiosa?

— Mas pensou em perguntar a eles? Repeti mais uma vez. — Ora, vamos, cavalheiros. É de homens de negócios que estamos falando, não de uma organização de caridade. Por que deveriam eles se apressar em se livrar do seu dinheiro, a ponto de pressionar alguém a fazer uma reclamação e tomar várias centenas de milhares de Reichsmarks de suas mãos? E a quem eles pagariam?

— Ao parente mais próximo, disse Jost.

— Sem saber quem tinha direito, e ao quê? É pouco provável. Afinal, havia outros itens de valor naquele cofre que nada tinham a ver com a família Six, não é mesmo? Jost parecia desconcertado. — Não, Kommissar, acho que seus homens estiveram preocupados demais com os papéis pertencentes a Herr Von Oreis para se incomodar em

descobrir o que mais havia no cofre de Herr Pfarr. Dietz não estava gostando nem um pouco disso.

— Não banque o esperto para cima de nós, disse. — Você não está em condições de nos acusar de incompetência. Já conseguimos o bastante para irmos chutando você até o campo de concentração mais próximo. Jost apontou a haste do cachimbo para mim.

— Pelo menos nisso ele está certo, Gunther, disse ele. — Quaisquer que sejam nossas deficiências, é você quem está com o pescoço no cepo. Ele sugou o cachimbo, mas estava vazio. Começou a reenchê-lo. — Verificaremos sua história, disse, e ordenou a Dietz que telefonasse para o balcão da Lufthansa em Tempelhof para ver se havia uma reserva no voo noturno para Londres em nome de Teichmuller. Quando Dietz disse que havia, Jost acendeu seu cachimbo e disse, entre duas baforadas: — Tudo bem, Gunther, você está livre.

Dietz estava fora de si, embora isto fosse a única coisa a se esperar; mas até mesmo o Inspektor do posto policial de Grunewald pareceu um tanto intrigado com a decisão do Kommissar. De minha parte, fui pego de surpresa como qualquer um deles com essa inesperada reviravolta nos acontecimentos. Levantei-me inseguro, esperando que Jost fizesse um aceno a Dietz para me nocautear outra vez. Mas ele se limitou a ficar sentado, baforando seu cachimbo e me ignorando. Atravessei a sala em direção à porta e girei a maçaneta. Ao sair, vi que Dietz teve de desviar o olhar, receando perder o controle e cair em desgraça diante do seu superior. Dos poucos prazeres que me restaram aquela noite, a perspectiva da raiva de Dietz foi de fato o mais saboroso.

Quando eu estava saindo do posto policial, o sargento me disse que não obtivera resposta de nenhum dos números telefônicos que eu lhe dera. Lá fora na rua, meu alívio por ter sido solto rapidamente cedeu lugar à apreensão por Inge. Eu estava cansado, e pensei que provavelmente precisava de uns poucos pontos em minha cabeça, mas quando fiz parar um táxi, me vi dizendo ao chofer que me levasse ao local onde Inge havia deixado o meu carro em Wannsee.

Não havia nada no carro que me desse qualquer pista do seu paradeiro, e o carro da polícia estacionado em frente à casa de veraneio de Haupthändler cancelava qualquer esperança que eu pudesse ter alimentado de vasculhar o local em busca de qualquer vestígio dela, sempre na suposição de que tinha entrado lá. Tudo o que pude fazer foi circular por Wannsee por algum tempo, na esperança de que pudesse vê-la.

Meu apartamento parecia especialmente vazio, mesmo com o rádio ligado e todas as luzes acesas. Telefonei para o apartamento de Inge em Charlottenburg, mas ninguém atendeu. Liguei para o escritório, até mesmo chamei Muller, no Margenpost; mas ele sabia muito pouco sobre Inge Lorenz, quem eram seus amigos, se tinha parentes e onde eles moravam. Estava igual a mim. Servi-me de um conhaque duplo e bebi de um gole só, esperando me anestésiar contra o novo tipo de desconforto que estava sentindo, o tipo que estava no fundo de minhas entranhas: preocupação. Esquentei um pouco de água para um banho. Na hora em que já estava no ponto, acrescentei outra grande quantidade de água e já estava pronto para esquentar uma terceira. A banheira estava quente o bastante para cozinhar um iguana, mas mal percebi, tal a minha preocupação com Inge.

A preocupação cedeu lugar à perplexidade enquanto eu tentava compreender por que Jost tinha me deixado ir baseado em um interrogatório que dificilmente tinha durado mais que uma hora. Ninguém me convenceria de que acreditou em tudo que eu lhe contara, apesar de sua pretensão de ser algo como um criminologista. Eu conhecia sua reputação, e ela não era a de um Sherlock Holmes contemporâneo. Pelo que eu ouvira falar dele, Jost tinha a imaginação de um cavalo de tiro castrado. Libertar-me com base em uma vaga consulta por telefone ao balcão da Lufthansa no aeroporto ia de encontro a tudo em que ele acreditava.

Enxuguei-me e fui para a cama. Fiquei desperto por algum tempo, remexendo nas gavetas empenadas da mesa dilapidada de minha mente, esperando descobrir alguma coisa que esclarecesse melhor as coisas. Não descobri, e não creio que fosse conseguir. Mas, se Inge estivesse deitada a meu lado, poderia ter dito a ela que meu palpite era de que eu estava livre porque Jost tinha superiores interessados a qualquer custo nos documentos de Von Oreis, mesmo que isso significasse usar um suspeito de duplo homicídio para consegui-los.

Eu lhe diria também que estava apaixonado por ela.

* * *

Dezessete

ACORDEI me sentindo mais oco do que uma canoa feita de tronco escavado e desapontado por não ter uma ressaca braba para ocupar meu dia.

— Como se sente? Murmurei para mim mesmo, ao me levantar da cama, e apertei meu crânio à procura de uma dor de cabeça. — Eu como o pão que o diabo amassou e nem sequer tenho direito a uma trepada decente.

Na cozinha, preparei um bule de café que poderia ter sido comido com garfo e faca e depois tomei um banho. Fiz uma barba malfeita, me encharquei com um pouco de colônia e quase desmaiei. Mais uma vez, ninguém atendeu no apartamento de Inge. Amaldiçoando a mim mesmo e à minha pretensa especialidade em achar pessoas desaparecidas, liguei para Bruno na Alex e pedi a ele para descobrir se a Gestapo teria prendido Inge, o que me parecia a explicação mais lógica. Quando falta um carneiro no rebanho, você não precisa sair caçando um tigre se mora na mesma montanha com uma alcateia de lobos. Bruno prometeu apurar, mas eu sabia que ele levaria vários dias até descobrir alguma coisa. Não obstante, perambulei pelo apartamento o resto da manhã, na esperança de que Bruno ou a própria Inge pudessem ligar.

Olhei até me faltar para o teto e as paredes, e até mesmo voltei a pensar no caso Pfarr. Na hora do almoço eu já estava animado para começar a fazer mais perguntas. Não foi preciso um muro de tijolos cair

sobre mim para eu perceber que só havia um homem capaz de me dar um monte de respostas. Desta vez os enormes portões de ferro batido da propriedade de Six estavam trancados. Uma corrente havia sido enrolada e presa com cadeado em torno das barras centrais; e o pequeno cartaz de “Afastese” havia sido substituído por outro onde se lia: “Afastese. Não Ultrapasse.” Era como se de repente Six tivesse ficado mais nervoso a respeito de sua própria segurança.

Estacionei junto ao muro e, tendo colocado no bolso a arma que guardava na minha mesinha-de-cabeceira, saltei do carro e subi no teto. O topo do muro foi fácil de alcançar e me impulsionei para ficar escarranchado nele. Um olmo forneceu uma fácil descida para o solo. Pelo que recordo, houve pouco ou nenhum rosnado, e mal ouvi as patas dos cães enquanto eles galopavam através das folhas caídas. No último segundo ouvi uma respiração pesada e ofegante que me arrepiou os pelos da nuca. O cachorro já estava pulando na minha garganta quando atirei. O disparo soou fraco sob as árvores, quase fraco demais para matar algo tão feroz quanto o dobermann. No mesmo instante em que ele caiu morto a meus pés, o vento já estava carregando o barulho para longe, para a direção oposta à casa. Soltei a respiração que prendera inconscientemente enquanto atirava e, com o coração batendo como um garfo numa tigela cheia de clara de ovo, me virei instintivamente, lembrando que os cães eram dois.

Por um ou dois segundos, as folhas farfalhando nas árvores camuflaram o rosnado baixo do outro. O cão avançou indeciso, surgindo na clareira entre as árvores e mantendo distância de mim. Recuei enquanto ele se aproximava lentamente do companheiro morto. Quando ele baixou a cabeça para farejar a ferida aberta no outro, disparei. O cachorro ganiu quando a bala o derrubou. Ele continuou respirando por alguns instantes e depois ficou imóvel. Saí do meio das árvores e desci o longo declive na direção da casa. O pavão estava gritando em algum lugar e pensei em atirar nele também, se tivesse a má sorte de aparecer. Matar não me saía da cabeça. É bastante comum num

homicídio o assassino ir se aquecendo para o alvo principal ao liquidar umas poucas vítimas inocentes ao longo do caminho, tais como os bichos de estimação da família.

Investigação se resume em formar encadeamentos, fabricar elos: com Paul Pfarr, Von Oreis, Bock, Mutschmann, Red Dieter Helfferich e Hermann Six, eu tinha uma extensão de alguma coisa forte o bastante para pôr meu peso em cima. A de Paul Pfarr, Eva, Haupthändler e Jeschonnek era mais curta, e inteiramente diferente. Não que eu pretendesse matar Six. Mas se eu fosse malsucedido em obter umas poucas respostas diretas, então não descartaria essa possibilidade. Portanto, foi com algum embaraço que, com esses pensamentos cruzando minha mente, me aproximei do milionário em pessoa, parado debaixo de um grande abeto. Ele fumava um charuto e cantarolava baixinho.

— Oh, é você, disse ele, nem um pouco perturbado ao me ver surgir em sua propriedade de arma na mão. — Pensei que fosse o caseiro. Suponho que queira receber seu dinheiro. Por um breve instante, fiquei sem saber o que responder. Depois, disse:

— Matei os cães. Pus a arma de volta no bolso.

— É mesmo? Sim, achei que tinha ouvido dois tiros. Se ele sentiu qualquer temor ou irritação com a informação que lhe dei, não o demonstrou. — É melhor entrarmos, disse, e começou a caminhar lentamente em direção à casa, eu seguindo-o a curta distância.

Quando a casa chegou ao alcance de nossa visão, vi o BMW azul de Use Rudel estacionado do lado de fora e imaginei se iria vê-la. Mas foi a presença de um enorme toldo no gramado que me levou a quebrar o silêncio entre nós.

— Planejando uma festa?

— Ha? Ah, sim, uma festa. É o aniversário de minha esposa. Apenas uns poucos amigos, você sabe.

— Tão em cima do funeral? Meu tom soou amargo, e vi que isso não escapou à observação de Six. À medida que caminhávamos, ele inspecionou primeiro o céu e depois o solo antes de explicar.

— Bem, eu não... Começou, se interrompeu e depois prosseguiu. — Ninguém pode chorar uma perda indefinidamente. A vida tem de continuar. Recobrando um pouco de sua pose, acrescentou: — Achei que não seria justo minha esposa cancelar seus planos. E, é claro, ambos temos uma posição na sociedade.

— Não devemos esquecer isto, não é? Comentei. Ao chegarmos à porta da frente, ele não disse nada, e imaginei se ia pedir socorro. Ele empurrou a porta e entramos no vestíbulo.

— Não há mordomo hoje? observei.

— É o seu dia de folga, explicou Six, mal ousando me fitar nos olhos. — Mas há uma copeira, se você desejar algum refresco. Deve estar bem afogueado depois de sua pequena emoção.

— Qual delas? Graças ao senhor tive várias “pequenas emoções”. Ele sorriu debilmente.

— Refiro-me aos cães.

— Oh, sim, os cães. Sim, fico inteiramente afogueado quando isso acontece. Eram cachorros grandes. Mas sou um excelente atirador, muito embora só diga isto para mim mesmo. Entramos na biblioteca.

— Também gosto de atirar, mas só por esporte. Acho que nunca atirei em nada maior que um faisão.

— Ontem, atirei num homem, disse eu. — O segundo nestas semanas. Desde que comecei a trabalhar para o senhor, Herr Six, isto se tornou mais ou menos um hábito para mim.

Ele ficou de pé desajeitadamente à minha frente, as mãos apertadas por trás do pescoço. Quando por fim falou, soou embaraçado, como se estivesse a ponto de despedir um empregado velho e fiel que tinha sido flagrado roubando.

— Sabe, foi bom você ter vindo. Eu ia justamente falar com Schemm, meu advogado, esta tarde, para que ele providenciasse seu

pagamento. Mas já que está aqui, posso preencher um cheque. Assim dizendo, ele foi até sua mesa com tal entusiasmo que imaginei que tivesse uma arma na gaveta.

— Eu preferiria receber em dinheiro, se não se importa, falei. Ele olhou para o meu rosto, depois para a minha mão empunhando a coronha da automática dentro do bolso.

— Sim, claro que prefere. A gaveta continuou fechada. Ele se inclinou na cadeira e puxou para trás uma ponta do tapete para revelar um pequeno cofre embutido no chão.

— Essa é uma caixinha bem conveniente. Não se pode ser cauteloso demais nestes dias, comentei, saboreando minha própria falta de tato. — Não se pode sequer confiar nos bancos, não é? Espiei inocentemente do outro lado da mesa. — À prova de fogo, não é? Os olhos de Six se estreitaram.

— Vai me perdoar, disse ele, — Mas parece que perdi meu senso de humor. Ele abriu o cofre e retirou vários maços de notas. — Creio que combinamos cinco por cento. Quarenta mil fechariam nossa conta?

— O senhor poderia tentar, disse eu, enquanto ele colocava oito maços sobre a mesa. A seguir, ele fechou o cofre, puxou de volta o tapete e empurrou o dinheiro em minha direção.

— São todas de cem, acho, disse ele. Peguei um dos maços e rasguei o papel que o embrulhava.

— Desde que tenham o retrato de Herr Liebig estampado nelas, repliquei. Sorrindo debilmente, Six se levantou.

— Acho que não precisamos mais nos encontrar, Herr Gunther.

— Não está esquecendo alguma coisa? Ele começou a se mostrar impaciente.

— Não creio, disse, mal-humorado.

— Oh, mas estou certo de que está. Pus um cigarro na boca e risquei um fósforo. Baixando a cabeça em direção à chama, dei duas rápidas tragadas e joguei o fósforo no cinzeiro. — O colar. Six continuou em silêncio. — Já o recuperou, não? Ou pelo menos sabe onde está, e quem se apoderou dele. O nariz dele se enrugou de nojo, como se detectasse um mau cheiro.

— Você não vai ficar maçante a esse respeito, vai, Herr Gunther? Espero que não.

— E quanto àqueles papéis? A prova de seu envolvimento com o crime organizado que Von Oreis passou para o seu genro? Ou imagina que Red Dieter e seus associados vão convencer os Teichmullers a lhes contar onde eles estão? É isso?

— Nunca ouvi falar desse Red Dieter, ou...

— Claro que ouviu, Six. Ele é um escroque, como você. Durante as greves do aço ele foi o gângster a quem pagou para intimidar seus operários. Six gargalhou e acendeu seu charuto.

— Um gângster, disse. — Francamente, Herr Gunther, sua imaginação está indo longe demais. Agora que já foi generosamente pago, eu ficaria muito grato se fosse embora. Sou um homem muito ocupado e tenho um bocado de coisas a fazer.

— Deve ser difícil sem um secretário para ajudar. E se eu lhe dissesse que o homem chamado Teichmuller, aquele no qual os capangas de Red estão provavelmente metendo porrada neste exato momento, não é outro senão o seu secretário particular, Hjalmar Haupthändler?

— Isso é ridículo, retrucou ele. — Hjalmar está visitando alguns amigos em Frankfurt. Dei de ombros.

— A questão se resume aos rapazes de Red perguntarem a Teichmuller qual é o seu verdadeiro nome. Talvez ele já lhes tenha dito. Mas como Teichmuller é o nome no seu novo passaporte, eles poderiam ser perdoados por não acreditar nele. Ele comprou o passaporte do mesmo homem a quem planejava vender os diamantes. Um para ele e outro para a garota. Six escarneceu de mim.

— E essa garota também tem um nome verdadeiro? Perguntou.

— Oh, sim. Ela se chama Hannah Roedl, embora o seu genro preferisse chamá-la de Eva. Eles foram amantes, pelo menos foram até que ela o matou.

— Isso é mentira. Paul nunca teve uma amante. Era devotado à minha Grete.

— Não me venha com essa, Six. O que foi que você fez a eles para que Paul virasse as costas para ela? Que o fez odiar você tanto para

desejar colocá-lo atrás das grades?

— Repito: eles eram devotados um ao outro.

— Admito ser possível que eles possam ter se reconciliado pouco antes de terem sido mortos, ao descobrirem que sua filha estava grávida.

Six riu. — E aí a amante de Paul decidiu se precaver.

— Ora, você está sendo ridículo, disse ele. — Você se intitula um detetive e não sabe que minha filha era fisicamente incapaz de ter filhos. Meu queixo caiu.

— Tem certeza disso?

— Bom Deus, homem! Acha que isto é algo que eu poderia esquecer? Claro que tenho certeza.

Contornei a mesa de Six e olhei para as fotografias emolduradas sobre ela. Peguei uma, olhei detidamente para a mulher na foto e a reconheci de imediato. Era a mulher da casa de veraneio em Wannsee; a mulher que eu socara; a mulher que eu tinha imaginado ser Eva e que agora usava o nome de Frau Teichmuller; a mulher que com toda a probabilidade havia matado o marido e sua amante: era a filha de Six, Grete.

Um detetive deve esperar cometer suas gafes; mas não há humilhação pior do que ficar frente a frente com a prova de sua própria estupidez; e é ainda muito mais mortificante quando você descobre que a prova esteve encarando-o no rosto o tempo todo.

— Herr Six, isto vai parecer loucura, eu sei, mas agora acredito que, pelo menos até ontem à tarde, sua filha estava viva, e se preparando para voar para Londres com o seu secretário particular. A face de Six ficou sombria e por um momento pensei que ele fosse me atacar.

— Do que diabo está falando agora, seu maldito idiota? Rugiu. — O que quer dizer com “viva”? Minha filha está morta e enterrada.

— Suponho que ela deve ter chegado inesperadamente em casa e flagrado Paul e a amante na cama, ambos no maior porre. Grete atirou neles e depois, percebendo o que tinha feito, telefonou para a única

pessoa com quem podia contar: Haupthändler. Ele estava apaixonado por ela. Teria feito qualquer coisa por ela, o que incluía ajudá-la a escapar impune de um duplo homicídio. Six se sentou pesadamente. Estava pálido e trêmulo.

— Não acredito nisso, disse. Mas estava claro que ele achava minha explicação totalmente plausível.

— Acho que foi ideia dele queimar os corpos e fazer parecer como se sua filha é que tivesse morrido na cama com o marido, e não a amante. Ele tirou a aliança de Grete e colocou-a no dedo da outra mulher. A seguir, ele teve a brilhante ideia de retirar os diamantes do cofre para dar a impressão de latrocínio. Eis por que deixou a porta aberta. Os diamantes serviriam para financiar sua nova vida em outro lugar. Vidas novas e novas identidades. Mas o que Haupthändler não sabia era que alguém já tinha ido ao cofre naquela noite e retirado certos papéis que eram comprometedores para você. O cara era um especialista, um arrombador recém-saído da prisão. Um profissional caprichoso também. Não do tipo que usa explosivos ou comete negligências como deixar a porta de um cofre aberta. Bêbados como estavam, aposto que Paul e Eva sequer o teriam ouvido. Um dos rapazes de Red, claro. Red costumava levar a cabo seus pequenos esquemas astuciosos, não é? Enquanto Von Oreis, o homem de Goering, tivesse os documentos, as coisas eram meramente inconvenientes. O primeiro-ministro é um pragmático. Ele podia usar a prova de sua criminalidade passada a fim de garantir sua utilidade para ele e fazê-lo seguir a linha econômica do Partido. Mas quando Paul e os Anjos Negros se apossaram deles, aí o negócio ficava totalmente preocupante. Você sabia que Paul queria destruí-lo. Acuado, você precisava fazer alguma coisa. Assim, como de hábito, recorreu a Red Dieter para cuidar do caso. Mas depois, com Paul e a garota mortos e os diamantes desaparecidos do cofre, você achou que o homem de Red ficara ambicioso e levara mais do que deveria pegar. Não sem razão, concluiu que foi ele quem matou sua filha e pediu a Red para ajeitar as coisas. Red conseguiu matar um dos dois ladrões, o homem que dirigiu o carro. Mas o outro, o que tinha aberto o cofre, conseguiu escapar e, portanto, ainda estava de posse dos

papéis e, na sua suposição, dos diamantes. Foi aí que entrei na história. Como não podia ter certeza de que não havia sido o próprio Red quem lhe passara a perna, você provavelmente não lhe contou sobre os diamantes, tal como não contou à polícia.

Six tirou o charuto apagado do canto de sua boca e pousou-o, sem ser fumado, sobre o cinzeiro. Ele estava começando a parecer muito velho.

— Tenho que estender a mão para você, continuei. — Seu raciocínio foi perfeito: se encontrasse o homem com os diamantes, encontraria o homem com os documentos. E quando descobriu que Hellferich não o havia enganado, você o mandou me seguir. Eu o levei ao homem com os diamantes e, você achou, também com os documentos. Neste exato momento, os seus associados da Força Alemã estão provavelmente tentando convencer Herr e Frau Teichmuller a lhes contar onde está Mutschmann, o homem que realmente está de posse dos documentos. E é claro que eles não sabem do que diabo Red está falando. Red não gosta disso. Não é um homem paciente e não preciso lembrar a você o que isto significa.

O magnata do aço fitava perdidamente o espaço, como se não ouvisse uma palavra do que eu dizia. Agarrei-o pelas abas do casaco, fazendo-o levantar da cadeira, e lhe dei uma bofetada.

— Ouviu o que eu disse? Sua filha está nas mãos daqueles torturadores e assassinos. A boca de Six continuou murcha como um saco de água quente vazio. Dei-lhe outra bofetada. — Temos que impedi-los. Portanto, diga: para onde os levaram? Soltei-o e o empurrei para longe de mim.

— Para o rio, disse ele. — Para o Grosse Zug, perto de Schmöckwitz. Peguei o telefone.

— Qual é o número?

— Não tem telefone, arfou ele. — Oh, Deus, o que vamos fazer?

— Teremos que ir até lá. Poderíamos ir de carro, mas seria mais rápido de barco. Six pulou da cadeira.

— Tenho uma lancha num ancoradouro próximo. De carro, chegaremos lá em cinco minutos.

Parando somente para pegar as chaves da lancha e um latão de gasolina, subimos no BMW e seguimos para as praias do lago. A água estava mais concorrida do que na véspera. Uma brisa constante estimulava a presença de um grande número de pequenos iates, cujas velas brancas cobriam a superfície da água como as asas de centenas de mariposas. Ajudei Six a retirar a lona verde da lancha e pus gasolina no tanque enquanto ele conectava a bateria e dava partida no motor. A lancha rugiu para a vida na terceira vez em que foi solicitada e o casco de cinco metros de madeira polida retesou as cordas do cais, pronto para subir o rio. Lancei para Six o primeiro cabo e, tão logo desatei o segundo, pulei rapidamente para dentro da lancha ao lado dele. A seguir, ele girou o timão para um lado, bateu na alavanca de aceleração e saltamos à frente. Era uma lancha potente e tão rápida quanto qualquer embarcação que a polícia fluvial pudesse ter. Disparamos rio acima na direção de Spandau, Six agarrado firmemente ao timão branco, alheio ao efeito que a ampla esteira da lancha estava causando nas outras embarcações no canal. As marolas batiam contra os cascos dos barcos ancorados sob árvores, fazendo seus proprietários sacudir os punhos e proferir gritos que eram abafados pelo ruído do enorme motor da lancha. Seguimos para leste sobre o Spree.

— Rogo a Deus para que não estejamos atrasados demais, gritou Six. Ele recuperara totalmente seu antigo vigor e olhava resolutivo à frente, o homem de ação, com apenas um leve enrugamento na face dando a medida da sua ansiedade. — Costumo ser um excelente juiz do caráter humano, disse ele, como se à guisa de explicação, — Mas se serve de consolo para você, Herr Gunther, receio que o tenha subestimado gravemente. Não havia esperado que fosse tão obstinadamente inquisitivo. Para ser franco, achei que faria exatamente o que lhe foi

pedido. Mas você não é o tipo de homem que segue estritamente o que lhe foi dito para fazer, é?

— Quando você arranja um gato para pegar o rato na sua cozinha, certamente não espera que ele ignore os ratos no porão.

— Suponho que não.

Continuamos para leste rio acima, passando pelo Tiergarten e pela Ilha do Museu. Na hora em que viramos para o sul na direção do Parque Treptower e Kópenick, pedi a Six que revelasse o que é que o genro tivera contra ele. Para minha surpresa, ele não relutou em responder; nem demonstrou o ponto de vista indignado, com tons róseos, que havia caracterizado todas as suas observações anteriores a respeito de membros de sua família, vivos e mortos.

— Já que está tão bem familiarizado com meus assuntos pessoais, Herr Gunther, não é necessário que eu lhe recorde que Use é minha segunda esposa. Casei com Lisa, minha primeira mulher, em 1910, e no ano seguinte ela engravidou. Infelizmente, as coisas correram mal e a criança nasceu morta. Como se não bastasse, não havia nenhuma possibilidade de ela ter outro filho. No mesmo hospital estava uma mãe solteira que dera à luz uma criança quase na mesma ocasião. Ela não tinha meios de cuidar da criança, portanto eu e minha mulher a convencemos a deixar que adotássemos sua filha. Que era Grete. Enquanto minha mulher foi viva, nunca contamos a ela que era adotada. Mas depois que ela morreu, Grete descobriu a verdade e se dedicou a tentar localizar sua verdadeira mãe. Por essa época, claro que já estava casada com Paul e era devotada a ele. Paul, por sua vez, nunca foi digno dela. Desconfio que estava muito mais interessado no nome e dinheiro de minha família do que em minha filha. Mas, para todo mundo, eles eram tidos como o autêntico casal feliz. Bem, tudo mudou da noite para o dia quando Grete encontrou sua mãe verdadeira. A mulher era uma cigana de Viena, que trabalhava numa cervejaria na Potsdamer Platz. Se isso foi um choque para Grete, representou o fim do mundo para aquele merdinha do Paul. Devido a algo chamado

impureza racial, seja lá o que isto signifique, os ciganos disputam com os judeus o campeonato de impopularidade. Paul reclamou comigo por não ter informado a Grete mais cedo. Mas quando a vi pela primeira vez, não vi um bebê cigano e sim uma linda e saudável criança, e uma jovem mãe que se mostrou tão ansiosa quanto nós para que a adotássemos e déssemos à menina o melhor que a vida podia oferecer. Não que tivesse feito diferença se ela fosse a filha de um rabino. Ainda assim a teríamos adotado. Bem, você lembra como era naquele tempo, Herr Gunther. As pessoas não faziam distinções como fazem atualmente. Éramos todos simplesmente alemães. Mas é claro que Paul não via dessa maneira. Tudo em que podia pensar era que Grete agora representava uma ameaça à sua carreira nas SS e no Partido. Ele riu amargamente.

Chegamos a Grunau, sede do Berlim Regatta Club. Num amplo lago do outro lado de algumas árvores, ia ser disputada uma prova de remo da Olimpíada. Acima do ruído do motor da lancha podia ser ouvido o som de uma banda de metais e um sistema de alto-falantes descrevendo os eventos da tarde.

— Não houve jeito de convencê-lo, continuou Six. — Naturalmente, perdi a paciência com ele. Chamei-o e a seu adorador Führer de todos os palavrões que conhecia e depois disso nos tornamos inimigos. Não havia nada que eu pudesse fazer por Grete. Observei o ódio dele lhe partir o coração. Insisti com ela para que o abandonasse, mas ela não o fazia. Recusava-se a crer que ele não voltasse a amá-la. E, portanto, continuou com ele.

— Mas, enquanto isso, ele planejava destruir você, seu próprio sogro.

— Exato, disse Six. — Enquanto ficava o tempo todo lá na confortável casa que meu dinheiro tinha bancado para eles. Se Grete o matou, como você diz, então certamente ela se antecipou. Se não o tivesse feito, eu mesmo poderia ficar tentado a providenciar isso.

— Como ele pretendia acabar com você? Perguntei. — Que prova havia lá que lhe fosse tão comprometedora? A lancha alcançou a junção de Langer See e Seddinsee. Six reduziu a velocidade e manobrou a embarcação para o sul, na direção da península escarpada que era Schmōckwitz.

— É óbvio que sua curiosidade não conhece limites, Herr Gunther. Mas desculpe desapontá-lo. Sua ajuda é bem-vinda, mas não vejo razão por que eu deveria responder a todas as suas perguntas. Encolhi os ombros.

— Não creio que faça muita diferença agora.

A Grosse Zug era uma estalagem situada numa das duas ilhas entre os pântanos Kōpenick e Schmōckwitz. Com menos de duzentos metros de comprimento e não mais que cinquenta de largura, a ilha era solidamente guarnecida por altos pinheiros. Junto à margem havia mais cartazes de “Privativo” e “Mantenha Distância” do que na porta do camarim de um artista.

— Que lugar é este?

— É a colônia de férias do círculo Força Alemã. É usada para suas reuniões mais secretas. Você pode ver por que, claro. É um lugar isolado.

Ele começou a conduzir a lancha em torno da ilha, procurando algum ponto onde atracar. No lado oposto encontramos um pequeno molhe, ao qual estavam amarrados diversos barcos. Junto a um aclave herboso havia um agrupamento de garagens de barco caprichosamente pintadas e mais além a própria Grosse Zug. Peguei uma corda e arremessei-a da lancha para o ancoradouro. Six desligou o motor.

— Devemos ser cautelosos ao nos aproximarmos do local, disse ele, ao se juntar a mim no molhe e atando a frente da lancha. — Alguns desses caras são propensos a atirar primeiro e perguntar depois.

— Sei bem como eles são.

Saímos do molhe e subimos o aclive em direção às garagens de barco. Excetuando os outros barcos, não havia nada a indicar que houvesse mais alguém na ilha. Porém, mais perto das garagens, dois homens armados emergiram de detrás de um barco emborcado. Seus rostos ostentavam expressões frias o bastante para que eu pudesse dizer a eles que era portador da peste bubônica. É o tipo de confiança que só um condenado pode fazer.

— Já chega, disse o mais alto dos dois. — Isto aqui é propriedade particular. Quem são vocês e o que estão fazendo aqui? Ele não ergueu a espingarda do seu antebraço, onde ela estava aninhada como um bebê adormecido, mas daquela distância nem precisaria erguê-la para disparar um tiro. Six forneceu as explicações.

— É desesperadamente importante que eu fale com Red. Ele bateu com o punho na palma da mão enquanto falava, o que o fez parecer quase melodramático, pensei. — Meu nome é Hermann Six. Posso garantir a vocês que ele me receberá. Mas, por favor, se apressem. Eles continuaram parados ali, em dúvida.

— O chefe sempre nos avisa se está esperando alguém. E ele não disse nada a respeito de vocês dois.

— Mesmo assim, pode acreditar que ele vai ficar uma fera se descobrir que você nos mandou embora.

O homem da espingarda olhou para seu parceiro, que assentiu e seguiu na direção da estalagem. E disse:

— Vamos esperar aqui até essa história ser esclarecida. Agitando as mãos nervosamente, Six gritou atrás do homem:

— Por favor, vá depressa. É uma questão de vida ou morte! O da espingarda riu. Imaginei que ele achava que questões de vida ou morte eram da alçada de seu chefe. Six achou um cigarro e o enfiou nervosamente na boca. Retirou-o da boca sem acendê-lo.

— Por favor, disse ao capanga, — Vocês estão mantendo um casal aqui? Os... Os...

— Os Teichmullers, completei. O sorriso do capanga desapareceu sob uma pantomima idiota.

— Eu não sei de nada, disse ele, entediado.

Continuamos olhando com ansiedade para a estalagem. Tinha dois andares, paredes caprichosamente pintadas de branco, venezianas pretas, jardineiras cheias de gerânios nas janelas e uma alta mansarda. Enquanto observávamos, começou a sair fumaça da chaminé e, quando a porta afinal se abriu, quase esperei que saísse uma velha carregando uma bandeja de pães de especiarias. O da espingarda nos instou à frente.

Passamos em fila indiana pela porta, o capanga à retaguarda. Os dois canos serrados provocavam um arrepio em minha nuca: quem já viu alguém ser baleado a curta distância com uma escopeta pode entender por quê. Havia um pequeno corredor com dois cabides de chapéus, só que ninguém se preocupou em pendurar o seu. Mais além havia uma pequena sala, onde alguém tocava piano como se lhe faltasse dois dedos. No extremo oposto havia um bar circular e algumas banquetas. Atrás, uma infinidade de troféus esportivos; imaginei quem os teria conquistado e por que façanha. Os Maiores Assassinos do Ano, talvez, ou O Mais Perfeito Nocauteador com Cassetete. Eu mesmo tinha uma indicação para aquele prêmio, se pudesse encontrá-lo. Mas provavelmente eles tinham acabado de trazê-los para tornar o local mais parecido com o que se propunha ser: a sede de uma associação beneficente de ex-presidiários. O parceiro do homem da espingarda grunhiu:

— Por aqui. E nos conduziu por uma porta ao lado do bar.

Do outro lado da porta estava o que parecia ser um escritório. Uma lâmpada de latão pendia de um dos caibros do teto. Havia uma comprida chaise-longue de nogueira no canto junto à janela e, ao lado dela, uma escultura de bronze de uma garota nua, parecendo como se a modelo tivesse sofrido um grave acidente com uma serra circular. Havia

mais obras de arte nas paredes apaineladas, mas do tipo que normalmente só se encontra nas páginas dos manuais das parteiras. Red Dieter, as mangas da camisa preta arregaçadas e o colarinho aberto, se ergueu do sofá forrado de couro verde e atirou seu cigarro na lareira. Olhando primeiro para Six e depois para mim, ele pareceu incerto quanto a se devia ser receptivo ou preocupado. Não teve tempo de fazer uma escolha. Six se adiantou e agarrou-o pela garganta.

— Pelo amor de Deus, o que foi que você fez com ela? De um canto da sala outro homem veio em meu auxílio e, cada um de nós agarrando um dos braços do magnata, conseguimos afastá-lo.

— Calma aí! Gritou Red. Ele se recompôs e tentou controlar sua justificada indignação. Depois relanceou em torno de si mesmo, como se para constatar se sua dignidade continuava intacta. Six continuava a gritar:

— Minha filha, o que fez com minha filha? O gângster franziu o cenho e olhou intrigado para mim.

— Do que diabo ele está falando?

— Das duas pessoas que seus rapazes carregaram da casa de veraneio ontem, falei apressado. — O que fizeram com elas? Olhe, não há tempo para explicar agora, mas a garota é a filha dele. Ele pareceu incrédulo.

— Você quer dizer que ela não morreu, afinal?

— Vamos, homem, instei.

Red praguejou, seu rosto escurecendo como um minguante bico de gás, os lábios tremendo como se tivesse acabado de mascar vidro quebrado. Uma veia fina e azul sobressaía em sua testa quadrada como um ramo de hera num muro de tijolos. Ele apontou para Six.

— Mantenham-no aqui, resmungou. Red abriu caminho a cotoveladas entre os homens lá fora como um irado lutador de vale-tudo. — Se for mais um dos seus truques, Gunther, cortarei pessoalmente a porra do seu nariz.

— Não sou tão estúpido. Mas, se isso acontecer, há uma coisa que está me intrigando. Red parou na porta da frente e olhou para mim. Seu rosto estava da cor de sangue, quase púrpura de raiva.

— E o que é?

— Eu tinha uma garota trabalhando comigo, chamada Inge Lorenz. Ela desapareceu das imediações da casa de veraneio em Wannsee, não muito antes dos seus rapazes me golpearem na cabeça.

— E por que vem perguntar a mim?

— Você já sequestrou duas pessoas, portanto mais uma terceira não seria peso demais para sua consciência suportar. Red quase cuspiu na minha cara.

— Que porra é essa de consciência? Disse ele, e passou através da porta.

Fora da estalagem, me apressei atrás dele na direção de uma das garagens de barcos. Um homem ia saindo, abotoando a braguilha. Interpretando mal os passos decididos do chefe, ele sorriu.

— Vai dar uma nela também, chefe? Red se aproximou do homem, olhou confuso para ele por um segundo e depois o esmurrou firme no estômago.

— Cale sua boca estúpida, rosnou, e seguiu seu caminho até a porta da garagem de barcos. Passei pelo corpo arquejante do capanga e o segui para dentro.

Vi um comprido cavalete sobre o qual estavam pousados vários barcos de oito remos e, amarrado a ele, um homem nu até a cintura. Sua cabeça pendia para baixo e havia inúmeras queimaduras em seu pescoço e ombros. Imaginei que fosse Haupthändler, embora ao me aproximar eu pudesse constatar que seu rosto estava tão fortemente castigado que a identificação ficava impossível. Dois homens estavam ociosamente nas imediações, sem dar atenção ao cativo. Ambos fumavam cigarros e um deles usava soqueiras de metal.

— Onde está a porra da garota? Gritou Red. Um dos torturadores de Haupthändler apontou com um polegar por sobre o ombro.

— Na próxima porta, com meu irmão.

— Ei, chefe, disse o outro capanga. — Esse babaca ainda não abriu o bico. Quer que a gente trabalhe nele mais um pouco?

— Deixem o pobre-diabo em paz, resmungou Red. — Ele não sabe de nada. Estava quase escuro na garagem adjacente, e meus olhos levaram vários segundos para se acostumar.

— Franz! Onde diabo está você? — Chamou Red.

Ouvimos um leve gemido e o entrechoque de carne contra carne. Em seguida, os vimos: a enorme figura de um homem, suas calças arriadas até os tornozelos, vergado sobre o corpo nu e silencioso da filha de Hermann Six, amarrada de rosto para baixo em cima de um barco emborcado.

— Saia de cima dela, seu sacana escroto! Gritou Red.

O homem, que era do tamanho de um armário de bagagens, não fez qualquer movimento para cumprir a ordem, nem mesmo quando foi repetida em tom mais alto e mais próximo. Olhos fechados, a cabeça de caixa de sapato lançada para trás da balastrada que eram seus ombros, o pênis enorme entrando e saindo quase convulsivamente do ânus de Grete Pfarr, os joelhos vergados como os de um homem cujo cavalo escapou de debaixo dele, Franz nem deu atenção. Red o golpeou duramente na têmpora. Foi o mesmo que ter socado uma locomotiva. Logo a seguir, ele sacou uma pistola e, quase casualmente, estourou os miolos do seu capanga. Franz desabou no chão de pernas cruzadas, feito uma chaminé desmoronada, sua cabeça jorrando um penacho de fumaça cor de vinho, o pênis ainda ereto inclinado para um lado como o mastro de um navio destroçado contra os recifes.

Red empurrou o corpo para o lado com a ponta do sapato e comecei a desamarrar Grete. Diversas vezes ele olhou embaraçado para

os fundos vergões em suas nádegas e coxas causados por um chicote curto. A pele estava fria e ela cheirava fortemente a sêmen. Não havia meio de dizer quantas vezes fora estuprada.

— Puta merda, olhe o estado dela, grunhiu Red, sacudindo a cabeça. — Como podemos deixar que Six veja uma coisa dessas?

— Esperemos que esteja viva, disse eu e, tirando o casaco, esparramei-o pelo chão. Nós a deitamos sobre o casaco e pressionei o ouvido para auscultar seu peito nu. Havia batimentos, mas achei que ela estava em choque profundo.

— Ela vai ficar boa?

Red falava de modo ingênuo, como um escolar perguntando sobre seu coelho de estimação. Ergui os olhos para ele e vi que ainda empunhava a arma. Atraídos pelo disparo, vários homens da Força Alemã se agrupavam incomodamente nos fundos da garagem. “Ele matou Franz”, ouvi um deles dizer. E outro: “Não precisava fazer isso.” Pressenti que ia haver encrenca. Red também. Ele se voltou para os capangas.

— A garota é filha de Six. Vocês todos conhecem Six. E um homem rico e poderoso. Mande Franz deixá-la em paz, mas ele não quis ouvir. Ela não podia mais aguentar. Ele a teria matado. Ela mal respira agora.

— Mas não precisava matar Franz, disse um deles.

— É, ecoou outro. — Podia ter dado uma coronhada nele.

— O quê?! O tom de Red era incrédulo. — A cabeça dele era mais dura do que o carvalho de uma porta de convento!

— Agora já não é. Red se virou para mim. Com um olho nos seus homens, ele murmurou:

— Está com sua ferramenta?

— Sim, respondi. — Olhe, não vamos ter nenhuma chance aqui. Nem ela. Temos que alcançar um barco.

— E quanto a Six? Abotoei meu casaco sobre o corpo nu de Grete e a peguei nos braços.

— Ele pode aproveitar suas chances. Helfferich sacudiu a cabeça.

— Não, eu voltarei para buscar ele. Espere por nós no cais o máximo que puder. Se eles começarem a atirar, então pode dar o fora. E, caso eu não consiga, fique sabendo que nada sei sobre sua garota, picada de pulga.

Caminhamos lentamente em direção à porta, Red liderando o caminho. Seus homens recuaram sombriamente para nos dar passagem. Lá fora nos separamos e caminhei de volta pela ladeira relvada rumo ao molhe e à lancha. Pousei a filha de Six no assento traseiro. Havia um tapete num compartimento. Tirei-o para cobrir o corpo inconsciente. Especulei que, se e quando voltasse a si, Grete seria capaz de revelar alguma coisa acerca de Inge Lorenz. Seria Haupthändler um pouco mais cooperativo? Eu estava justamente pensando em voltar para buscá-lo quando, da direção da estalagem, ouvi vários disparos de pistolas. Desatracuei a lancha, dei partida no motor e saquei a arma do bolso. Com a outra mão, agarrei o molhe para evitar que a lancha se afastasse demais à deriva.

Segundos depois, ouvi outra rajada de disparos e o que soava como um rebitador trabalhando ao longo da popa. Empurrei à frente o acelerador e girei o timão para me afastar do cais. Estremecendo de dor, relanceei para minha mão, imaginando que eu havia sido atingido, mas em vez disso descobri uma enorme lasca de madeira do molhe cravada na palma de minha mão. Retirando a maior parte dela, me virei e descarreguei o resto de minhas balas na direção dos vultos que apareciam agora no cais que se distanciava. Para minha surpresa, eles próprios se jogaram de bruços no chão, mas, por trás de mim, algo mais pesado que uma pistola tinha aberto fogo. Foi apenas uma rajada de aviso, mas a grande metralhadora cortou através das árvores e da madeira do cais como pingos de chuva metálicos, espalhando lascas, cortando galhos e picotando a folhagem. Olhando de novo à frente, só

tive tempo de reverter o motor e manobrar para sair do caminho da lancha da polícia. Depois, desliguei o motor, ergui instintivamente as mãos acima da cabeça e joguei a arma no chão da lancha. Foi então que notei o nítido orifício no centro da testa de Grete, da qual uma mecha de cabelo gotejante de sangue estava agora repartindo ao meio suas feições sem vida.

* * *

Dezoito

OUVIR a sistemática destruição de outro espírito humano causa um efeito depressivo previsível nas fibras de qualquer um. Imagino que era o que pretendiam fazer comigo. A Gestapo tem tudo planejado. Eles deixam você ouvir sobre a agonia de outro para amolecê-lo por dentro; e só então começam a trabalhar no exterior. Não há nada pior do que fazer suspense sobre o que vai acontecer, se estão esperando pelos resultados de alguns testes no hospital ou pelo machado do carrasco. Você só quer terminar logo com isso. À minha própria maneira modesta, era uma técnica que eu costumava usar na Alex quando fazia os suspeitos suarem até que ficavam no ponto para contar alguma coisa. Esperar por alguma coisa faz com que a imaginação intervenha para criar seu próprio inferno particular.

Mas eu especulava o que era que eles queriam de mim. Queriam saber sobre Six? Esperavam que eu soubesse onde estavam os papéis de Von Oreis? E se me torturassem e eu ficasse sem saber o que queriam que eu contasse a eles? Por volta do terceiro ou quarto dia isolado em minha cela imunda, comecei a especular se meu próprio sofrimento teria um fim. Em outras ocasiões eu me intrigava quanto ao que havia acontecido com Six e Red Helfferich, que foram presos comigo, e com Inge Lorenz. Na maior parte do tempo eu me limitava a olhar para as paredes. Estranhamente, havia pouco ou nenhum insulto aos nazistas. Mais comuns eram recriminações entre os comunistas e os socialdemocratas quanto a qual dessas “mulheres decaídas” foi

responsável por permitir que Hitler se elegeisse, em primeiro lugar: os socialistas acusavam os comunistas e vice-versa.

O sono não vinha facilmente. Havia um catre malcheiroso, que evitei na minha primeira noite de encarceramento, mas, à medida que passavam os dias e o balde de dejetos se tornava mais fedorento, parei de ser tão exigente. Foi só no quinto dia, quando dois guardas SS chegaram para me tirar da cela, que percebi o quanto eu cheirava mal; mas isso não era nada comparado ao fedor deles, que era o fedor da morte. Fizera-me marchar através de uma comprida passagem fedendo a mijó até um elevador que nos levou cinco andares acima, até um silencioso e bem acarpetado corredor que, com suas paredes apaineladas de carvalho e sinistros retratos do Fuhrer, de Himmler, Canaris, Hindenburg e Bismarck, tinha o aspecto de um clube exclusivo de cavalheiros. Passamos por uma porta dupla de madeira da altura de um bonde e entramos num amplo escritório onde trabalhavam diversas estenógrafas, que não prestaram qualquer atenção em mim. Um jovem Hauptsturmführer da SS contornou uma espécie de mesa ornamentada e me olhou sem interesse.

— Quem é esse? Perguntou. Batendo os calcanhares, um dos guardas se desmanchou em atenção e disse ao oficial quem eu era. — Esperem aqui, disse o Hauptsturmführer. Ele foi até uma porta de mogno polido do outro lado da sala, onde bateu e esperou. Ouvindo uma resposta, enfiou a cabeça no vão da porta e disse alguma coisa. Depois se voltou e acenou com a cabeça para os guardas, que me empurraram à frente.

Era um grande e suntuoso escritório de pé-direito alto e mobiliário caro forrado de couro. Foi aí que percebi que não ia ser a conversa rotineira da Gestapo baseada numa peça teatral com a participação dos dois pontos gêmeos, usando cassetetes e soqueiras em vez do texto. Mas não por enquanto. Eles não se arriscariam a derramar nada no carpete. Na extremidade do escritório havia uma porta envidraçada, um

conjunto de estantes e uma mesa, por trás da qual, sentados em confortáveis poltronas, estavam dois oficiais da SS. Eram altos, esguios e elegantes, com sorrisos arrogantes, cabelos da cor de queijo tilsit e pomos-de-adão pronunciados. O mais alto falou primeiro, mandando que os guardas e o ajudante-de-ordem deixassem a sala.

— Herr Gunther. Por favor, se sente.

Ele apontou para uma cadeira diante da mesa. Olhei para a porta que se fechava atrás e a seguir me adiantei, as mãos nos bolsos. Como haviam tomado meu cinto e cordões de sapatos na prisão, era o único jeito de manter as calças no lugar. Eu nunca me encontrara com oficiais superiores da SS antes e por isso não tinha certeza da patente daqueles dois que me encaravam; mas imaginei que um era provavelmente coronel e o outro, o que continuou falando, devia ser general. Nenhum dos dois parecia ter mais de 35 anos.

— Fuma? Disse o general. Estendeu-me deu uma cigarreira e a seguir jogou os fósforos para mim. Acendi meu cigarro e traguei, agradecido. — Por favor, pode se servir se quiser outro.

— Obrigado.

— Gostaria também de uma bebida?

— Eu não recusaria um champanhe. Ambos sorriram simultaneamente. O segundo oficial, o coronel, fez surgir uma garrafa de schnapps e serviu um copo cheio.

— Receio que não tenhamos nada tão fino aqui, disse ele.

— O que tiverem, então.

O coronel se levantou e me trouxe o schnapps. Não perdi tempo. Virei o copo, limpei meus dentes e engoli com cada músculo do pescoço e da garganta. Senti a bebida fluir direto pelas minhas entranhas abaixo.

— É melhor lhe servir outro, disse o general. — Ele parece estar com os nervos um tanto abalados. Estendi o copo para ser reenchido.

— Meus nervos estão ótimos, repliquei, segurando meu copo. —
Eu simplesmente gosto de beber.

— Parte da sua imagem?

— E que imagem seria?

— Ora, a do detetive particular, é claro. O homenzinho maltrapilho no escritório mal mobiliado, que bebe como um suicida que perdeu a coragem e que chega em socorro da linda mas misteriosa dama de preto.

— Alguém da SS, talvez, sugeri. Ele sorriu.

— Você poderia não acreditar, disse, — Mas sou fanático por histórias de detetive. Deve ser interessante.

O rosto dele tinha uma configuração fora do comum. Suas feições centrais eram protuberantes, com nariz aquilino, que tinha o efeito de fazer o queixo parecer fraco; acima do nariz fino estavam olhos azuis vítreos um tanto juntos demais e levemente oblíquos, que lhe emprestavam um ar cínico e aparentemente cansado do mundo.

— Tenho certeza de que os contos de fadas são um pouco mais interessantes.

— Mas não no seu caso, certamente. Em particular, o caso em que estive trabalhando para a Seguradora Germania.

— Pelo que, interveio o coronel, — Podemos agora substituir o nome de Hermann Six.

Do mesmo tipo físico de seu superior, era mais bem-apegoado, embora parecesse menos inteligente. O general relanceou para uma pasta que estava aberta sobre a mesa diante dele, como se só para indicar que eles sabiam tudo o que havia a saber sobre mim e meus negócios.

— Exatamente, murmurou ele. Após um breve instante, ele ergueu os olhos para mim e disse: — Por que você deixou a Kripo?

— Erva, respondi. Ele olhou confuso para mim.

— Erva?

— É, você sabe: gaita, grana... Dinheiro. Por falar nisso, eu tinha quarenta mil marcos nos bolsos quando me registrei neste hotel. Gostaria de saber o que aconteceu com eles. E com uma garota que estava trabalhando comigo. Chama-se Inge Lorenz. Ela desapareceu. O general olhou para seu oficial subalterno, que sacudiu a cabeça.

— Receio que nada sabemos sobre qualquer garota, Herr Gunther, disse o coronel. — As pessoas vivem desaparecendo em Berlim. Você, mais do que ninguém, deveria saber disso. Quanto ao seu dinheiro, porém, está inteiramente a salvo conosco no momento.

— Obrigado, mas, sem querer parecer ingrato, eu gostaria, o mais breve possível, de guardá-lo dentro de uma meia debaixo do meu colchão. O general uniu suas longas e finas mãos de violinista, como se a ponto de rezar uma prece, e pressionou as pontas dos dedos contra os lábios, em meditação.

— Diga-me, algum dia já pensou em entrar para a Gestapo? Perguntou. Imaginei se era minha vez de tentar um pequeno sorriso.

— Sabe, até que não seria má ideia antes que eu fosse obrigado a dormir aqui por uma semana. Eu posso cheirar um pouco, mas não tão mal. Ele fungou, um tanto divertido.

— A capacidade de falar duro como a sua contraparte ficcional é uma coisa, Herr Gunther, disse ele. — Ser duro é totalmente diferente. Suas declarações demonstram tanto uma espantosa falta de avaliação acerca da gravidade de sua situação, quanto autêntica coragem. Ele ergueu as sobranceiras finas e douradas e começou a brincar com a insígnia do Cavaleiro Alemão no seu bolso da lapela. — Sou por natureza um homem cínico. Acho que todos os policiais são, concorda? Assim, normalmente eu me inclinaria a cobrar o primeiro tributo pela sua bravata. Contudo, neste caso em particular, prefiro acreditar na força do seu caráter. Por favor, não me decepcione dizendo algo realmente idiota. Ele fez uma pausa. — Estou mandando você para um campo de concentração.

Minha carne ficou mais gelada do que uma vitrine de açougue. Bebi o que restava do meu schnapps e ouvi a mim mesmo dizendo:

— Ouça, se isto é por causa daquela ridícula conta de leite... Ambos começaram a rir, apreciando meu óbvio mal-estar.

— Dachau, disse o coronel. Apaguei o meu cigarro e acendi outro. Eles viram minha mão tremer enquanto segurava o fósforo. — Não se preocupe, disse o general. — Estará trabalhando para mim. Ele contornou a mesa e se sentou na beirada, diante de mim.

— E quem é você?

— Sou o Obergruppenfuhrer Heydrich. Ele acenou para o coronel e cruzou os braços. — E este é o Standartenfuhrer Sohst, da Força de Emergência.

— Prazer em conhecê-los. Mas eu não tinha. A Força de Emergência eram os assassinos especiais da Gestapo que Marlene Sahn mencionara.

— Estive de olho em você por algum tempo, disse ele. — E depois daquele infeliz incidente na casa de praia em Wannsee o mantive sob observação constante, na esperança de que pudesse nos conduzir a certos papéis. Tenho certeza de que sabe a quais papéis me refiro. Em vez disso, você nos deu a próxima coisa mais interessante: o homem que planejou o seu roubo. Nos últimos poucos dias, enquanto foi nosso hóspede, estivemos verificando sua história. Havia o operário da rodovia, Bock, que nos contou onde procurar pelo tal Kurt Mutschmann... O arrombador que está de posse agora dos papéis.

— Bock? Sacudi a cabeça. — Não acredito. Ele não é do tipo de entregar um amigo.

— É inteiramente verdade, posso lhe assegurar. Oh, eu não quis dizer que ele nos contou exatamente onde encontrá-lo, mas nos colocou na pista certa, antes que morresse.

— Ele foi torturado?

— Sim. Ele nos contou que Mutschmann certa vez lhe disse que se um dia fosse realmente procurado, a ponto de ficar desesperado, provavelmente pensaria em se esconder numa prisão, ou num campo de concentração. Bem, é claro que, com uma gangue de criminosos no seu

encalço, sem falar de nós mesmos, então ele devia estar exatamente desesperado.

— É um velho truque, explicou Sohst. — Você evita a prisão por uma coisa se deixando prender por outra.

— Acreditamos que Mutschmann foi preso e mandado para Dachau três noites após a morte de Paul Pfarr, disse Heydrich. Com um leve sorriso, acrescentou: — De fato, ele estava quase implorando para ser preso. Parece que o pegaram com a mão na massa, pintando slogans comunistas nas paredes de uma delegacia da Kripo em Neukölln.

— Um campo de concentração não é tão ruim para um comuna, zombou Sohst. — Em comparação com os judeus e pederastas. Ele provavelmente estará livre em dois anos. Sacudi a cabeça.

— Não entendo, disse eu. — Por que simplesmente não pedem ao comandante de Dachau para interrogar Mutschmann? Por que diabo precisam de mim para isso? Heydrich cruzou os braços e balançou a perna calçada de bota de modo que a ponta quase batesse na minha rótula.

— Envolver o comandante de Dachau significaria também ter que informar Himmler, o que não quero fazer. O Reichsführer é um idealista. Ele sem dúvida consideraria seu dever utilizar esses papéis para punir aqueles que achasse culpados de crimes contra o Reich. Assenti, ao me lembrar da carta de Himmler para Paul Pfarr que Marlene Sahn me mostrara no Estádio Olímpico. — Eu, por outro lado, sou um pragmático, e preferiria usar os papéis de um modo um tanto mais tático, como e onde eu tiver necessidade.

— Em outras palavras, você mesmo não é avesso a uma pequena chantagem, estou certo? Heydrich sorriu levemente.

— Você enxerga muito fácil através de mim, Herr Gunther. Mas deve compreender que esta é uma operação secreta. Estritamente uma questão de segurança. Em hipótese alguma deve mencionar esta conversa com alguém.

— Mas não existe ninguém entre os SS em Dachau em quem você possa confiar?

— Claro que existe, disse Heydrich. — Mas o que espera que ele faça? Que vá marchando até Mutschmann e pergunte a ele onde escondeu os papéis? Ora, Herr Gunther, seja sensato!

— Então, você quer que eu descubra Mutschmann e faça amizade com ele.

— Exatamente. Construa sua confiança. Descubra onde ele escondeu os papéis. E, tendo feito isso, você se identificará para o meu homem.

— Mas como irei reconhecer Mutschmann?

— A única fotografia é a da ficha dele na prisão, disse Sohst, entregando o retrato, que examinei detidamente. — Já tem três anos, e sua cabeça já deverá ter sido pelada, é claro, portanto a foto não ajuda muito. Não só isto, mas provavelmente estará muito mais magro. Um campo de concentração tende a mudar um homem. Há porém uma coisa que o ajudaria a identificá-lo: ele tem um carço bem nítido no punho direito, que dificilmente poderia ocultar. Devolvi a fotografia.

— Não é muito para começar, disse eu. — E se por acaso eu recusar?

— Você não pode, disse Heydrich vivamente. — Como vê, vai para Dachau de qualquer maneira. A diferença é que, trabalhando para mim, pode ter certeza de sair. Sem falar em ter seu dinheiro de volta.

— Parece que não tenho muita escolha. Heydrich riu.

— É exatamente esta a questão, disse ele. — Você não tem. Se pudesse escolher, recusaria. Qualquer um o faria. É por isso que não posso enviar um de meus agentes. Isto é a necessidade de segredo. Não, Herr Gunther, como um ex-policia, acho que preenche os requisitos à perfeição. Tem tudo a ganhar, ou tudo a perder. Você decide.

— Já tive casos melhores, respondi.

— Deve esquecer quem você é agora, disse Sohst rapidamente. — Nós lhe arranjamos uma nova identidade. — Você agora é Willy Krause, operador do mercado negro. Aqui estão seus novos papéis. Ele me passou uma nova identidade, com minha antiga fotografia dos tempos da polícia. — Há mais uma coisa, disse Heydrich. — Lamento que a verossimilhança exija uma certa atenção na sua aparência, para ficar de

acordo quanto a ter sido preso e interrogado. É raro um homem chegar em Columbia Haus sem um machucado feio. Meus homens lá embaixo providenciarão isso. Para sua própria proteção, é claro.

— Muito imaginativo, comentei.

— Você passará uma semana em Columbia e depois será transferido para Dachau. Heydrich se levantou. — Desejo-lhe boa sorte. Agarrei a cintura de minha calça e me levantei. — Não esqueça: esta é uma operação da Gestapo. Não deve comentá-la com ninguém. Heydrich se virou e apertou um botão para chamar os guardas.

— Diga-me só uma coisa, pedi. — O que aconteceu com Six, Helfferich e o resto deles?

— Não vejo problema em lhe contar, disse ele. — Bem, Herr Six está sob prisão domiciliar. Até o momento, não foi acusado de nada. Ainda se acha chocada demais com a ressurreição e subsequente morte da filha para responder a quaisquer perguntas. Um caso trágico. Herr Haupthändler, infelizmente, morreu no hospital anteontem, sem nunca ter recuperado a consciência. Quanto ao criminoso conhecido como Red Dieter Helfferich, foi decapitado na prisão do Lago Ploetzen às seis horas desta manhã, e toda a sua gangue enviada para o campo de concentração de Sachsenhausen. Ele sorriu tristemente para mim. — Duvido que advenha qualquer dificuldade para Herr Six. Ele é um homem importante demais para sofrer qualquer dano permanente por causa do que aconteceu. Portanto, como pode ver, de todos os atores principais neste infeliz caso, você é o único que continua vivo. Só resta saber se pode concluir esse caso com sucesso, não apenas como questão de orgulho profissional, mas também pela sua própria sobrevivência.

Os dois guardas me conduziram de volta para o elevador, e a seguir para minha cela, mas apenas para me surrar. Tentei lutar, mas, fraco pela falta de comida decente e sono adequado, fui incapaz de opor mais do que uma débil resistência. Eu daria conta de um deles sozinho, mas juntos eram mais do que uma parada indigesta. Depois fui levado para a casa de guarda da SS, que era quase do tamanho de um salão de conferências. Perto da porta dupla reforçada se sentava um grupo de

guardas SS, jogando cartas e bebendo cerveja, suas pistolas e cassetetes pousados em outra mesa, tal como brinquedos confiscados por um mestre-escola rigoroso. De cara para a parede mais afastada e esperando numa fila, estavam cerca de vinte prisioneiros aos quais fui obrigado a me juntar. Um jovem Sturmman da SS se pavoneava ao longo da fila, gritando para alguns prisioneiros e chutando-os na bunda. Quando um velho caiu no chão de pedra, o Sturmman o chutou até que ele perdesse os sentidos. E o tempo todo novos prisioneiros se juntavam à fila. Depois de uma hora devia haver pelo menos uns cem.

Fomos conduzidos através de um longo corredor até um pátio de paralelepípedos, onde nos embarcaram em caminhões. Nenhum guarda SS seguiu conosco nos caminhões, mesmo assim ninguém falava, cada qual sentado quietamente, entregue às lembranças de casa e dos entes queridos que talvez nunca mais fossem rever. Saltamos dos caminhões quando chegamos a Columbia Haus. Podia-se ouvir o som de um avião decolando do aeroporto de Tempelhof ali perto, e, enquanto ele sobrevoava os cinzentos muros troianos da antiga prisão militar, todos olhamos invejosamente para o céu, cada um de nós desejando ser um dos passageiros do avião.

— Andando, seus escrotos! Gritou um guarda.

Com muitos pontapés e socos, fomos reunidos no primeiro andar e alinhados em cinco colunas diante de uma pesada porta de madeira. Um bando de carcereiros nos olhava com atenta e sádica atenção.

— Estão vendo a porra daquela porta? Gritou o Rottenfuhrer, seu rosto retorcido maldosamente para um lado, como um tubarão faminto. — Lá dentro vocês acabam como homens pelo resto de seus dias. Colocamos seus bagos num torno, estão sabendo? E vocês param de ter saudades de casa. Afinal, como podem querer voltar para suas esposas e namoradas se não têm mais nada para dar a elas?

Ele irrompeu em risos, acompanhado por todo o bando de carcereiros. Alguns arrastaram o primeiro da fila aos chutes e gritos e a porta se fechou atrás deles. Vi que os outros prisioneiros tremiam de medo; mas imaginei que aquela era a ideia que o cabo fazia de uma piada. Quando chegou minha vez, demonstrei uma calma deliberada enquanto me carregavam até a porta. Uma vez lá dentro, anotaram meu nome e endereço, analisaram minha ficha por vários minutos e, após ter sido achincalhado por minhas supostas atividades no mercado negro, fui surrado novamente. De volta ao núcleo principal da prisão, fui levado cheio de dores para minha cela. No caminho, me surpreendi ao ouvir um enorme coro masculino cantando SE VOCÊ AINDA TEM MÃE. Só mais tarde é que descobri a razão da existência do coro: suas apresentações eram feitas para abafar os gritos que vinham do porão, onde os SS surravam os prisioneiros nas nádegas mas com chicotes molhados.

Como ex-tira, eu já tinha visto o interior de um bom número de prisões: Tegel, Sonnenburg, Lago Ploetzen, Brandemburgo, Zellengefängnis, Brauweiler; cada uma delas um lugar duro, de disciplina rígida; mas nenhuma chegava perto da brutalidade e imundície desumanizante que era Columbia Haus, e não demorei muito a imaginar se Dachau poderia ser pior. Havia aproximadamente mil prisioneiros em Columbia. Para alguns, como eu, era uma curta estada em trânsito, a caminho de um campo de concentração; para outros, era uma longa estada em trânsito para ter o mesmo destino. Boa parte deles só iria sair dentro de um caixão. Como recém-chegado de curta estada, eu tinha uma cela exclusiva. Mas, como esfriava à noite e não havia cobertores, eu bem que gostaria de um pouco de calor humano à minha volta.

O desjejum era pão de centeio dormido e um café de péssima qualidade. O jantar era pão e papa de batata. A latrina era um fosso atravessado por uma tábua e você era obrigado a cagar na companhia de nove outros prisioneiros a cada vez. Certa ocasião, um guarda serrou a

tábua e alguns foram terminar no meio da merda. Eles apreciavam uma boa brincadeira em Columbia Haus. Eu já estava lá havia seis dias quando, por volta da meia-noite, me mandaram embarcar num caminhão repleto de prisioneiros rumo à estação ferroviária de Putlitzstrasse, de onde seguiríamos de trem para Dachau.

Dachau se situa a quinze quilômetros ao noroeste de Munique. Alguém no trem me contou que foi o primeiro campo de concentração do Reich. Parecia ser inteiramente apropriado, dada a reputação de Munique como o berço do nacional-socialismo. Construído em volta do que restava de uma antiga fábrica de explosivos, Dachau se situa de modo anômalo, perto de terras de fazenda na aprazível área rural da Baviera. Na verdade, a área rural é tudo o que existe de aprazível na Baviera. O povo, certamente, não é. Estava certo de que Dachau não ia me desapontar a esse respeito, ou a qualquer outro. Em Columbia Haus diziam que Dachau servira de modelo para todos os campos posteriores; que tinha até uma escola especial onde os SS aprendiam a ser mais brutais. Não era mentira.

Ajudaram-nos a desembarcar com os habituais chutes e coronhadas e fomos conduzidos rumo leste para a entrada do campo. Esta era guardada por uma enorme casa da guarda debaixo da qual havia um portão com o lema “O Trabalho Liberta” inscrito no meio de uma grade de ferro. A legenda provocou risos de desdém entre os outros prisioneiros, mas ninguém ousou dizer nada com medo de ser chutado. Eu podia pensar num monte de coisas que nos libertam, mas o trabalho certamente não era uma delas: depois de cinco minutos em Dachau, a morte parece uma aposta melhor. Fomos marchando até uma praça aberta que era uma espécie de campo de parada, flanqueada ao sul por um extenso prédio com telhado inclinado. Ao norte, e correndo entre fileiras aparentemente intermináveis de barracões-prisão, havia uma estrada reta e larga perfilada por altos choupos.

Meu coração se apertou quando comecei a apreciar a magnitude da tarefa que tinha diante de mim. Dachau era enorme. Levaria meses para eu sequer encontrar Mutschmann, sem falar em fazer amizade com ele convincentemente o bastante para saber onde havia escondido os papéis. Comecei a especular se tudo aquilo não era a maior peça de sadismo por parte de Heydrich. O comandante do campo saiu do comprido barracão para nos recepcionar. Como todo mundo na Baviera, ele tinha um bocado a aprender acerca de hospitalidade. Só tinha principalmente castigos a oferecer. Disse que ao redor havia árvores mais que suficientes para pendurar todos nós. Encerrou o discurso nos prometendo o inferno e não duvidei que cumpriria sua palavra. Mas pelo menos havia ar fresco. É uma das duas coisas que se pode dizer em favor da Baviera: a outra tem a ver com o tamanho das tetas de suas mulheres.

Eles tinham a alfaiataria mais original em Dachau. E uma barbearia. Recebi um belo macacão listrado, um par de tamancos e cortei o cabelo. Eu teria pedido um pouco de brilhantina, mas poderia pingar no chão. As coisas começaram a melhorar quando ganhei três cobertores, o que representou uma melhora em relação a Columbia Haus, e fui designado para um barracão ariano, que alojava 150 homens. Os barracões judeus abrigavam o triplo disso. Era verdade o que diziam: sempre havia alguém em situação pior do que você. Isto é, a não ser que você tivesse a suprema infelicidade de ser judeu. A população judaica em Dachau nunca era ampla, mas em todos os aspectos os judeus pegavam a banda podre. Exceto talvez nos questionáveis meios de alcançar a liberdade. Em um barracão ariano a média de mortes era de uma por noite; num barracão judeu chegava a sete ou oito. Dachau não era lugar para se ser judeu.

Geralmente os prisioneiros refletiam todo o espectro de oposição ao nazismo, sem mencionar aqueles contra os quais os nazistas eram implacavelmente hostis. Havia comunistas e socialistas, sindicalistas, juizes, advogados, médicos, professores, oficiais militares, soldados republicanos da guerra civil espanhola, testemunhas de Jeová, franco-

maçons, padres católicos, ciganos, judeus, espíritas, homossexuais, vadios, ladrões e assassinos. Com exceção de alguns russos e uns poucos ex-membros do governo austríaco, todo mundo em Dachau era alemão. Conheci um recluso que era judeu. Era também homossexual. Como se não bastasse, era também comunista. O que formava três triângulos. Sua sorte não era melhor do que correr atrelado à porra de uma motocicleta.

Duas vezes por dia éramos reunidos para a parada, e depois da chamada vinham as Esmolas de Hindenburg, açoites. Amarravam o infeliz a um cepo e lhe davam uma média de 25 chicotadas na bunda nua. Vi vários se cagarem durante a surra. Na primeira vez senti vergonha por eles; mas depois alguém me disse que era a melhor maneira de prejudicar a concentração do verdugo. A parada era minha melhor oportunidade de observar todos os outros prisioneiros. Eu mantinha um registro mental daqueles homens que eu havia eliminado, e dentro de um mês conseguira catalogar mais de trezentos homens. Nunca esqueço um rosto. É uma das coisas fundamentais para um bom policial, e uma das coisas que me fez entrar para a Kripo, em primeiro lugar. Só que desta vez minha vida dependia disso. Mas sempre chegava mais gente para atrapalhar minha metodologia. Eu me sentia como Hércules tentando lavar o estrume nas estrebarias de Augias.

Como se pode descrever o indescritível? Como você pode falar de alguma coisa que o deixa emudecido de horror? Havia muitos, bem mais articulados do que eu, que se mostravam simplesmente incapazes de encontrar as palavras. É um silêncio nascido da vergonha, pois mesmo os inocentes são culpados. Privado de todos os direitos humanos, o homem reverte ao estado animal. O faminto rouba do faminto e a sobrevivência pessoal é a única coisa levada em conta que esmaga, até mesmo censura, a experiência. Trabalho suficiente para destruir o espírito humano era a meta de Dachau, tendo a morte súbita como subproduto. A sobrevivência vinha através do sofrimento dos outros: você se via momentaneamente a salvo quando era outro homem que estava sendo espancado ou linchado; por uns poucos dias você

poderia comer a ração do homem no catre ao lado depois que ele morresse durante o sono. Para continuar vivo era necessário primeiro morrer um pouco.

Logo após minha chegada a Dachau, fiquei encarregado de uma turma de trabalho judia numa obra a noroeste do complexo. A tarefa era encher carrinhos de mão com pedras pesando cerca de trinta quilos e empurrá-los colina acima até o lugar da construção, uma distância de várias centenas de metros. Nem todos os SS em Dachau eram filhos da puta: alguns deles eram comparativamente moderados e conseguiam ganhar dinheiro dirigindo pequenos negócios paralelos, utilizando a mão-de-obra barata e a variedade de aptidões fornecidas por um campo de concentração. Assim, era do seu interesse não forçar os prisioneiros a trabalhar até a morte. Mas os SS encarregados da construção eram autênticos filhos da puta. A maioria se compunha de camponeses bávaros, outrora desempregados; o sadismo deles era de um tipo menos refinado do que o praticado pelos seus colegas urbanos em Columbia. Mas era igualmente eficaz. O meu serviço era fácil: como chefe de turma, não era obrigado a carregar pedra; mas para os judeus sob o meu comando era uma tarefa fatigante. Os SS estavam sempre elaborando cronogramas deliberadamente rígidos para o acabamento de um alicerce, ou uma parede, e o não-cumprimento da meta significava ficar sem comida ou água. Aqueles que desmaiavam de exaustão eram fuzilados onde caíam. No começo eu lhes dava uma ajuda, coisa que os guardas achavam extremamente divertido; e não que o trabalho se tornasse um pouquinho mais leve como resultado de minha participação. Um dos guardas me disse:

— Você é algum protetor de judeus ou coisa parecida? Não entendo. Você não é obrigado a ajudá-los, então por que se incomoda? Por um momento não tive resposta. Depois, disse:

— Você não entende. É por isso que tenho de me incomodar. Ele pareceu um tanto intrigado, depois franziu o cenho. Por um momento

pensei que ele ia tomar como ofensa, mas, em vez disso, se limitou a rir e disse:

— Bem, você está cavando a porra da sua própria cova. Depois de algum tempo percebi que ele tinha razão. O trabalho pesado estava me matando, tal como matava os judeus sob meu comando. Portanto, parei. Sentindo-me envergonhado, ajudei um deles que tinha desmaiado, escondendo-o debaixo de dois carrinhos vazios até que se recuperasse para continuar trabalhando. E continuei a fazer isso, embora soubesse que me arriscava a ser açoitado. Em Dachau havia alcaguetes por toda a parte. Os outros reclusos tinham me avisado a respeito, o que parecia irônico, já que eu mesmo estava a meio caminho de me tornar um informante.

Não fui flagrado no ato de esconder um judeu que havia desmaiado, mas começaram a me interrogar a respeito, de modo que concluí que havia sido dedurado, tal como me preveniram. Fui sentenciado a 25 chibatadas. Não temi a dor tanto quanto temia ser mandado para o hospital do campo depois da punição. Uma vez que a maioria dos pacientes estava sofrendo de disenteria e tifo, o hospital era um lugar a ser evitado a qualquer preço. Até mesmo os SS evitavam entrar lá. “Devia ser fácil”, pensei, contrair alguma coisa e ficar doente. E aí eu talvez nunca encontrasse Mutschmann. A parada raramente durava mais de uma hora, mas na manhã de minha punição durou mais de três.

Fui amarrado para o açoite e me abaixaram as calças. Tentei evacuar, mas a dor era tão terrível que não pude me concentrar o suficiente para fazê-lo. Não apenas isso, mas não havia nada para evacuar. Quando recebi minhas esmolas, me desamarraram e, por um momento, me ergui livre do cepo antes de desmaiar. Por um longo tempo olhei fixamente para a mão do homem que pendia à beira do catre acima do meu. Ela nunca se movia, nem mesmo havia um retorcer dos dedos, e imaginei se estava morto. Sentindo-me irresponsavelmente

impelido a levantar e olhar para ele, me ergui apoiado no estômago e gritei de dor. Meu grito trouxe um homem para junto do catre.

— Caramba, arquejei, sentindo o suor escorrer pela minha testa.
— Agora está doendo mais do que na hora.
— Acho que é por causa do remédio.

O homem tinha seus quarenta anos, dentes de coelho e cabelo que provavelmente tomara por empréstimo do forro de um colchão velho. Estava terrivelmente magro, com o tipo de corpo que pareceria mais adequado a um recipiente de formol, e havia uma estrela amarela costurada em seu jaleco de prisão.

— Remédio? Houve um alto tom de descrença em minha voz quando falei.

— Sim, disse o judeu. — Cloreto de sódio. E então, mais rapidamente: — Sal de cozinha para você, meu amigo. Cobri seus vergões com ele.

— Bom Deus, falei. — Não sou a porra de um omelete.

— Pode ser, replicou ele, — Mas eu sou a porra de um médico. Coça que nem uma camisinha cheia de urtiga, eu sei, mas é praticamente a única coisa que posso receitar que evitará que os vergões infeccionem. Sua voz era fluente e patusca, como a de um ator cômico. — Está com sorte. Você eu posso curar. Gostaria de dizer o mesmo sobre o resto desses pobres-diabos. Infelizmente pouco se pode fazer com um dispensário roubado de uma cozinha de campanha.

Olhei para o beliche acima e para o pulso que pendia da beirada. Nunca houvera uma ocasião em que eu olhara para uma deformação humana com tanto prazer. Havia um caroço naquele pulso. O doutor acompanhou meu olhar e subiu no meu catre para examinar o dono do pulso. Depois tornou a descer e olhou para minhas nádegas nuas.

— Eu vou curá-lo, disse. Acenei com a cabeça para cima.

— O que há de errado com ele?

— Por quê? Ele o esteve incomodando?

— Não, só queria saber.

— Diga-me: já teve icterícia?

— Sim.

— Ótimo. Você não vai pegar, se não o beijar nem tentar foder com ele. De qualquer modo, providenciarei para que o mudem para outro beliche, caso ele mije em você. A transmissão se dá através de produto excretório.

— Transmissão? De quê?

— Hepatite. Vou botar você no beliche de cima e ele no de baixo. E você pode lhe dar água se ele ficar com sede.

— Claro, disse eu. — Como se chama ele? O doutor suspirou fracamente.

— Realmente, não tenho a menor ideia.

Mais tarde, quando, com considerável desconforto, fui passado pelos enfermeiros para o beliche de cima, enquanto seu ocupante anterior vinha para baixo, olhei pela beirada para o homem que representava meu único meio de sair de Dachau. Não era uma visão estimulante. Pelo que recordava da fotografia na sala de Heydrich, teria sido impossível identificar Mutschmann a não ser pelo caroço, tão amarela era sua lividez e tão depauperado o seu corpo. Ele tremia debaixo do cobertor, delirante de febre, gemendo ocasionalmente de dor quando a cáibra dilacerava suas entranhas. Observei-o por um instante e, para meu alívio, ele recobrou a consciência, mas só pelo tempo suficiente para tentar, sem sucesso, vomitar. Depois apagou de novo. Ficou claro para mim que Mutschmann estava morrendo.

Sem contar o doutor, que se chamava Mendelssohn, e três ou quatro enfermeiros, eles próprios padecendo de uma variedade de doenças, havia cerca de sessenta homens e mulheres no hospital do campo, que pouco mais era que uma capela mortuária. Descobri que só havia dois tipos de pacientes: os doentes, que sempre morriam, e os

feridos, que às vezes também adoeciam. Antes de escurecer naquela noite, Mendelssohn veio inspecionar meus vergões.

— Pela manhã lavarei seu traseiro e colocarei mais sal, disse ele e depois olhou desinteressado para Mutschmann.

— E quanto a ele? Perguntei. Era uma pergunta idiota e só serviu para despertar a curiosidade do judeu. Seus olhos se estreitaram quando me encarou.

— Já que pergunta, eu disse a ele para evitar álcool e comida temperada e se fartar do resto, disse secamente.

— Acho que entendi o quadro.

— Não sou um homem insensível, amigo, mas não há nada que eu possa fazer para ajudá-lo. Com uma dieta rica em proteínas, vitaminas, glicose e metionina, ele poderia ter alguma chance.

— Quanto tempo lhe resta?

— Ele ainda recobra a consciência de vez em quando? Assenti e Mendelssohn suspirou. — É difícil dizer. Mas uma vez que sobrevenha o coma, é questão de um dia ou dois. Não tenho sequer um pouco de morfina para dar a ele. Nesta clínica, a morte é a habitual cura disponível para os pacientes.

— Vou me lembrar disso.

— Não adoça, meu amigo. Há tifo aqui. No minuto em que se descobrir desenvolvendo uma febre, tome duas colheres cheias de sua própria urina. Parece que funciona.

— É o que farei, se encontrar uma colher limpa. E obrigado pelo aviso.

— Bem, lá vai outro, já que está com tão boa disposição de ânimo. A única razão para o comitê do campo se reunir aqui é porque os guardas não aparecem a não ser em casos excepcionais. Ao contrário do que indica sua aparência exterior, os SS não são imbecis. Só um louco permaneceria aqui por mais tempo que o necessário. Tão logo você possa se levantar sem muita dor, meu conselho é para que caia fora daqui.

— O que o faz ficar? O juramento de Hipócrates? Mendelssohn encolheu os ombros.

— Nunca ouvi falar nisso, disse.

Dormi por um instante. Eu precisava me manter desperto e observar Mutschmann caso ele voltasse à consciência. Suponho que estivesse esperando por uma dessas cenas tocantes que se veem no cinema, quando o moribundo é impelido a aliviar sua alma para o homem agachado junto ao seu leito de morte. Já escurecera quando acordei, e acima do som dos outros pacientes tossindo e roncando, ouvi o ruído inconfundível da ânsia de vômito de Mutschmann no beliche abaixo. Espichei-me e o vi à luz do luar, apoiado num cotovelo e apertando o estômago.

— Você está bem? Perguntei.

— Claro, ofegou ele. — Acho que vou viver para sempre, que nem a porra de uma tartaruga das ilhas Galápagos. Ele grunhiu de novo e disse dolorosamente, através dos dentes cerrados: — São essas malditas cáibras no estômago.

— Gostaria de um pouco de água?

— Água, sim. Minha língua está seca como...

Ele teve outra ânsia de vômito. Desci cautelosamente, enchi a concha no balde de água e trouxe até junto ao leito. Com os dentes chocalhando como botão de telégrafo, Mutschmann bebeu ruidosamente. Ao terminar, deu um suspiro e deitou de costas.

— Obrigado, amigo, disse ele.

— Esqueça isso. Você faria o mesmo por mim. Eu o ouvi tossir de um modo que parecia uma risada.

— Faria, o cacete, replicou. — Eu ficaria com medo de pegar alguma coisa, seja lá o que for que já peguei. Você por acaso sabe? Pensei por um momento. Depois, contei-lhe.

— Você pegou hepatite. Ele ficou em silêncio por dois minutos e me senti envergonhado. Devia tê-lo poupado da aflição.

— Obrigado por ser honesto comigo, disse. — E o que houve com você?

— Esmolas de Hindenburg.

— Por quê?

— Ajudei um judeu na minha turma de trabalho.

— Foi uma besteira. Eles já estão todos mortos, de qualquer forma. Arrisque-se por alguém que tenha meia chance, mas não por um judeu. A sorte deles já se foi há muito.

— Bem, você não parece exatamente com alguém que ganhou na loteria. Ele riu.

— É pra lá de verdade. Nunca imaginei ficar doente. Achava que ia atravessar ileso esse buraco fodido. Tinha um serviço mole na sapataria.

— É uma mudança brusca, admiti.

— Estou morrendo, não estou?

— Não é o que o doutor diz.

— Não me venha com compaixão. Posso ler isso nas entrelinhas. Mas, mesmo assim, obrigado. Puxa, eu daria tudo por um cigarrinho.

— Eu também.

— Até fumo de rolo serviria. Ele fez uma pausa e depois disse: — Tem uma coisa que quero lhe contar. Tentei esconder o tom de urgência que me entalava a garganta.

— É mesmo? O quê?

— Não trepe com nenhuma mulher neste campo. Tenho quase certeza de que foi o que me fez adoecer.

— Não, não o farei. E obrigado por me avisar.

No dia seguinte, troquei minha ração por alguns cigarros e esperei Mutschmann sair do seu delírio, que durou a maior parte do dia. Quando ele finalmente recuperou a consciência, me falou como se tivéssemos interrompido a conversa poucos minutos antes.

— Como está passando? E os vergões?

— Doendo, disse eu, levantando de meu catre.

— Posso apostar. Aquele sargento escroto sabe manejar a porra de um chicote. Ele inclinou o rosto magro na minha direção e disse: — Sabe, parece que já vi você em algum lugar.

— Bem, vejamos, respondi. — Foi no Rot Weiss Tennis Club? No Herrenklub? No Excelsior, talvez?

— Você está me embromando. Acendi um dos cigarros e o pus entre seus lábios.

— Eu apostaria que foi na Ópera... Sou um aficionado, sabia? Ou será que foi no casamento de Goering? Seus lábios finos se esticaram em um simulacro de sorriso. A seguir, ele sugou a fumaça de tabaco como se fosse oxigênio puro.

— Você é um tremendo mágico, disse ele, saboreando o cigarro. Tirei-o de seus lábios por um segundo antes de recolocá-lo. — Não, não foi em nenhum desses lugares. Eu me lembrarei.

— Claro que sim, disse eu, esperançoso de que não lembrasse. Por um momento pensei em mencionar a Prisão Tegel, mas não o fiz. Doente ou não, ele poderia se lembrar de modo diferente, e aí estaria tudo acabado com ele.

— O que você é? Socialista? Comuna?

— Operador do mercado negro. E você? O sorriso se alargou tanto que foi quase um ricto.

— Estou me escondendo.

— Aqui? De quem?

— De todo mundo.

— Bem, você escolheu um inferno como esconderijo. É louco, por acaso?

— Ninguém pode me encontrar aqui. Deixe-me perguntar uma coisa: onde você esconderia um pingo de chuva? Fitei-o intrigado até que ele respondeu: — Debaixo de uma cachoeira. Caso não saiba, isto é filosofia chinesa. Quero dizer, você nunca encontraria o pingo de chuva, não é?

— Não, suponho que não. Mas você devia estar desesperado comentei.

— Ficar doente... Foi pura falta de sorte... Mas pelo tempo que eu sumiria de circulação... Um ano ou dois... Por esse tempo... Eles já teriam desistido de me procurar.

— Quem teria? Por que estavam atrás de você?

Suas pálpebras se fecharam e o cigarro caiu de seus lábios inconscientes. Puxei o cobertor até seu queixo e apaguei o cigarro, na esperança de que ele se recuperasse por tempo suficiente para fumar a outra metade. Durante a noite, a respiração dele ficou cada vez mais fraca e, pela manhã, Mendelssohn declarou que ele estava à beira do coma. Não havia nada que eu pudesse fazer senão deitar de bruços, olhar para baixo e esperar. Pensei um bocado em Inge, mas pensei principalmente em mim mesmo. Em Dachau, os procedimentos fúnebres são simples: queimam o morto no forno crematório e ponto final. Mas, enquanto eu observava os venenos causando seu pavoroso efeito sobre Kurt Mutschmann, destruindo seu fígado e baço de tal maneira que todo o seu corpo se encheu de infecção, meus pensamentos se voltaram para a minha pátria e sua doença igualmente apavorante. Foi só agora, em Dachau, que fui capaz de julgar exatamente quanto da atrofia alemã havia necrosado; e, tal como o pobre Mutschmann, não haveria nenhuma morfina quando as dores piorassem.

Havia umas crianças em Dachau, nascidas de mulheres lá aprisionadas. Algumas nunca conheceram outra vida que não a do campo. Elas brincavam livremente no complexo, toleradas por todos os guardas e até mesmo estimadas por alguns. Podiam ir a qualquer parte, exceto o barracão do hospital. A punição para a desobediência era uma boa surra. Mendelssohn estava escondendo uma criança com a perna quebrada debaixo de um dos beliches. O garoto sofrera uma queda ao brincar na pedreira, e já estava ali por três dias, com a perna numa tala, quando os SS vieram procurá-lo. Ele ficou tão assustado que enrolou a língua e se sufocou até morrer. Quando a mãe do menino morto veio vê-lo e recebeu a triste notícia, Mendelssohn foi o modelo perfeito de

simpatia profissional. Mais tarde, porém, quando ela se foi, eu o vi chorando baixinho a um canto.

— Ei, você aí.

Tive um sobressalto ao ouvir a voz abaixo de mim. Não que eu tivesse adormecido; simplesmente não observara Mutschmann como deveria ter feito. Agora não fazia ideia de por quanto tempo ele estivera consciente. Desci com cuidado e me ajoelhei junto a seu catre. Ainda sentia muita dor para sentar. Ele sorriu de modo terrível e agarrou meu braço.

— Lembrei agora, disse ele.

— Ah, é? Repliquei, esperançoso. — E do que foi que se lembrou?

— De onde já vi sua cara.

Tentei parecer despreocupado, embora meu coração disparasse no peito. Se ele achasse que eu era um tira, então eu podia esquecer tudo. Um ex-presidiário nunca fica amigo de um tira. Se fôssemos abandonados em alguma ilha deserta, mesmo assim ele cuspiria em minha cara.

— Oh? Disse eu, descontraído. — Onde foi, então? Pus a guimba do cigarro entre seus lábios e a acendi.

— Você era o detetive do hotel, arquejou. — Do Adlon. Uma vez vasculhei o local para fazer um serviço. Ele deu uma risada rouca. — Estou certo?

— Você tem boa memória, repliquei, acendendo um cigarro para mim. — Isso já faz um bocado de tempo. Ele apertou mais o meu braço.

— Não se preocupe. Não vou contar a ninguém. De qualquer modo, não é ser exatamente um tira, é?

— Você disse que estava estudando o local. Qual era sua linha específica de criminalidade?

— Era um arrombador.

— Não me lembro de que o cofre do hotel tenha sido arrombado algum dia. Pelo menos, enquanto trabalhei lá.

— É porque não levei nada, disse ele, orgulhoso. — Oh, eu abri realmente. Mas não havia nada que valesse a pena levar. Verdade.

— Isso é o que você diz. Sempre houve pessoas ricas hospedadas no hotel, e sempre tinham valores. Era muito raro não haver alguma coisa naquele cofre.

— É verdade. Eu simplesmente dei azar. Não havia nada que eu pudesse carregar e de que pudesse um dia me livrar. A questão é essa, entende? Não faz sentido levar uma coisa que você não pode negociar.

— Tudo bem, acredito em você.

— Não estou me gabando. Eu era o melhor. Não havia nada que eu não pudesse arrombar. Olhe aqui, aposto que você esperaria que eu fosse rico, não? Dei de ombros.

— Talvez. Eu também esperaria que você acabasse na prisão, onde está.

— É porque sou rico que estou escondido aqui. Eu lhe disse isto, não disse?

— Sim, você mencionou alguma coisa. Aproveitei a deixa e emendei: — E o que arranjou que faz de você tão rico e procurado? Dinheiro? Joias? Ele emitiu outra risada curta.

— Melhor que isso, disse. — Poder.

— De que espécie?

— Documentos. Juro, há um monte de gente que pagaria um dinheirão para pôr as mãos no que consegui.

— O que tem nesses papéis? Sua respiração se tornou mais superficial do que uma garota de capa de Der Junggeselle.

— Não sei exatamente, disse. — Nomes, endereços, informações. Mas você é um cara inteligente, poderia fazer essa coisa render.

— Você não os tem aí, tem?

— Não seja idiota. Estão a salvo, lá fora. Tirei o cigarro apagado de sua boca e o joguei no chão. Depois lhe dei a guimba do meu. — Seria um vexame... Isto nunca ter sido usado, disse ele ofegante. — Você foi

legal... Comigo. Por isso vou lhe prestar um favor... Vai fazê-los suar, não vai? Lá fora... Isto valerá... Um caminhão de grana... Para você. — Cheguei mais perto para ouvi-lo melhor. — Pegue-os... Meta o dedo na sujeira deles.

Suas pálpebras se fecharam. Peguei-o pelos ombros e tentei fazê-lo voltar à consciência. Voltar à vida. Fiquei ajoelhado junto dele por algum tempo. No resto de mim que ainda sentia as coisas, houve uma terrível e aterrorizante sensação de abandono. Mutschmann tinha sido mais jovem do que eu, e mais forte, também. Não era difícil imaginar a mim mesmo sucumbindo à doença. Eu perdera um bocado de peso e meus dentes estavam frouxos nas gengivas. O homem de Heydrich, o Oberschutze Burger da SS, era o encarregado da carpintaria, e imaginei o que aconteceria comigo se eu o procurasse e lhe desse a senha que me tiraria de Dachau. O que Heydrich faria quando descobrisse que eu não sabia onde estavam os papéis de Von Oreis? Mandar-me de volta? Ordenar minha execução? E se eu não desse sinal de vida? Ele presumiria que eu fora malsucedido e mandaria que me soltassem? Do meu breve encontro com Heydrich e pelo pouco que ouvira dele, parecia improvável. Ter chegado tão perto e falhado no último momento era quase mais do que eu podia suportar.

Após um momento, estiquei o braço e puxei o cobertor para cobrir o rosto amarelado de Mutschmann. Um pequeno toco de lápis caiu no chão. Olhei para ele por vários segundos até que um pensamento me cruzou a mente e um lampejo de esperança mais uma vez brilhou em meu coração. Puxei o cobertor de cima do corpo de Mutschmann. As mãos estavam firmemente fechadas. Consegui abri-las, uma após outra. Na mão esquerda havia um pedaço de papel pardo, do tipo usado pelos prisioneiros da sapataria para embrulhar as botas consertadas dos SS. Abri o papel imediatamente. Como já esperava, a escrita era quase ilegível e levei uma hora para decifrar o que dizia.

*Setor de achados e perdidos, Departamento de Trânsito de Berlim.
Saarlandstrasse.*

Você perdeu pasta em julho na Leipzigerstrasse. Feita de couro cru castanho, com fecho de metal, mancha de tinta na alça. Iniciais em ouro K.M. Contém cartão-postal da América. Uma novela de faroeste, Olá Surehand, de Karl May, e papéis comerciais. Obrigado, K.M.

Era talvez o mais estranho bilhete de volta para casa que alguém já teve.

* * *

Dezenove

PARECIA haver uniformes por toda a parte. Até mesmo os jornaleiros estavam usando quepes e sobretudos das SÁ. Não havia desfile e certamente não havia mais nada de judeu na Unter den Linden que pudesse ser boicotado. Talvez só agora, depois de Dachau, é que eu percebia plenamente a verdadeira força do aperto que o nacional-socialismo mantinha sobre a Alemanha.

Eu estava seguindo para meu escritório. Situado incongruentemente entre a embaixada grega e a Galeria de Arte Schultze, e guarnecido por dois guardas SÁ, passei pelo Ministério do Interior, de onde Himmler enviara seu memorando sobre corrupção para Paul Pfarr. Um carro parou à porta principal e dele saltaram dois oficiais e uma garota de uniforme que reconheci como Marlene Sahn. Parei e ia começar a dizer alô quando pensei melhor. Ela passou por mim sem sequer um olhar. Se me reconheceu, foi bem hábil em disfarçar. Virei-me para observá-la enquanto seguia os dois homens para o interior do edifício. Acho que não fiquei ali parado por mais de dois minutos, mas foi tempo suficiente para ser desafiado por um homem gordo com a aba do chapéu abaixada.

— Documentos, disse ele abruptamente, não se preocupando em exibir suas credenciais.

— Quem diz? O homem aproximou de mim o rosto gordo e mal barbeado e sibilou:

— Eu digo.

— Ouça, está redondamente enganado se acha que é dono do que é astutamente conhecido como personalidade imperiosa. Portanto, deixe de merda e me mostre alguma credencial. Uma carteira da Sipo apareceu diante do meu nariz.

— Vocês rapazes estão ficando relaxados, disse eu. Exibi meus documentos. Ele os arrebatou para examinar.

— O que está fazendo rondando por aqui?

— Rondando? Quem está rondando? Repliquei. — Só parei para admirar a arquitetura.

— Por que ficou olhando para aqueles oficiais que saltaram do carro?

— Não estava olhando para eles. Olhava para a garota. Adoro mulheres de uniforme.

— Circulando, disse ele, devolvendo meus documentos.

O alemão comum parece ser capaz de tolerar o comportamento mais ofensivo de qualquer um que use uniforme ou exiba algum tipo de insígnia oficial. Não deixo de me considerar um alemão razoavelmente típico em tudo, mas devo admitir: sou naturalmente predisposto a ser refratário à autoridade. Suponho que se possa dizer que é uma estranha postura para um ex-policiaL.

Na Kónigstrasse, os coletores para o Alívio de Inverno já estavam a postos, sacudindo suas caixinhas sob os narizes dos passantes, embora novembro mal tivesse começado. No início a proposta do Alívio tinha sido ajudar a superar os efeitos do desemprego e da depressão, mas agora, e quase universalmente, era visto como nada mais do que chantagem financeira e psicológica pelo Partido: o Alívio levantava fundos, porém, mais importante, criava um clima emocional no qual as

peessoas eram treinadas para se sacrificar pelo bem da pátria. A cada semana a coleta ficava a cargo de uma organização diferente. Esta semana era a vez dos ferroviários.

O único ferroviário de quem já gostei foi o pai da minha ex-secretária Dagmarr. Eu mal acabara, a contragosto, de dar vinte pfennigs para um dos coletores, quando fui abordado por outro na próxima esquina. O pequeno distintivo de vidro que se ganhava por contribuir não protegia o cidadão de abordagens posteriores, mas sim o marcava como um bom potencial. Ainda assim, não foi isso que me fez xingar o homem, gordo como só um ferroviário pode ser, e afastá-lo do meu caminho. Foi a visão da própria Dagmarr desaparecendo atrás da coluna sacrificial que fica em frente ao prédio da prefeitura. Ela se virou ao ouvir meus passos apressados e me viu antes que a alcançasse. Ficamos parados meio sem jeito diante do monumento em forma de urna, com seu enorme lema pintado em letras brancas, dizendo: “Sacrifício pelo Alívio de Inverno”.

— Bernie, disse ela.

— Olá. Eu estava exatamente pensando em você. Sentindo-me um tanto constrangido, toquei no seu braço. — Lamento muito pelo que soube de Johannes. Ela lançou-me um sorriso corajoso e puxou o casaco marrom de lã para cobrir o pescoço.

— Perdeu um bocado de peso, Bemie. Esteve doente?

— É uma longa história. Tem tempo para um café?

Fomos ao Alexanderquelle, na Alexanderplatz, onde pedimos café de verdade, bolo de verdade, geleia e manteiga de verdade.

— Dizem que Goering descobriu um novo processo para fazer manteiga do carvão, comentei.

— Não parece então que ele esteja comendo nem uma coisa nem outra. Ri polidamente. — E não se pode comprar uma cebola em nenhum lugar de Berlim. Papai diz que estão usando cebolas na

fabricação de gás tóxico para os japoneses usarem contra os chineses. Após um momento, lhe perguntei se podia falar sobre Johannes.

— Receio que não haja realmente muito a contar, disse ela.

— Como aconteceu?

— Tudo o que sei é que morreu num ataque aéreo sobre Madri. Um dos seus companheiros veio me contar. Do Reich recebi uma breve mensagem que dizia: “Seu marido morreu pela honra da Alemanha.” “Uma ova”, pensei. Ela sorveu seu café. — Depois tive que procurar alguém no Ministério da Aeronáutica e assinar um compromisso de que não comentaria o que aconteceu e que não usaria luto. Pode imaginar isto, Bernie? Eu sequer poderia usar luto por meu próprio marido. Era o único meio para que eu pudesse receber uma pensão. Ela sorriu amargamente e acrescentou: — “Você não é nada, sua nação é tudo.” Bem, eles certamente acham. Ela pegou seu lenço e assoou o nariz.

— Nunca subestime os nacional-socialistas quando tendem para o panteístico, comentei. — Indivíduos são irrelevantes. Nestes dias, sua própria mãe toma seu desaparecimento como certo. Ninguém se importa.

“Ninguém exceto eu”, pensei. Por várias semanas após minha soltura de Dachau, o desaparecimento de Inge Lorenz foi meu único caso. Mas às vezes até mesmo Bemie Gunther dá com os burros n'água. Procurar alguém na Alemanha no final do outono de 1936 era como despejar no chão o conteúdo de uma gaveta e depois rearrumá-la de modo que as coisas não fiquem mais facilmente à mão, ou mesmo pareçam pertencer a outro lugar. Gradualmente, meu senso de urgência foi consumido pela indiferença geral. Os ex-colegas de Inge no jornal deram de ombros e disseram que, de fato, não a haviam conhecido muito bem. Vizinhos sacudiam a cabeça a respeito de tais coisas. Otto, seu admirador no DAF, achava que ela provavelmente apareceria em breve. Eu não podia culpar nenhum deles. Perder mais um fio de cabelo de uma cabeça que já perdera tantos parece meramente inconveniente.

Partilhando noites solitárias e silenciosas com uma garrafa amiga, eu com frequência tentava imaginar o que poderia ter acontecido com ela: um acidente de trânsito; algum tipo de amnésia, talvez; um distúrbio emocional ou mental; um crime que houvesse cometido e que exigisse um desaparecimento imediato e permanente. Mas eu sempre era levado de volta a sequestro e assassinato e à hipótese de que o que tinha acontecido se relacionava ao caso em que eu estivera trabalhando. Mesmo depois de decorridos dois meses, quando se poderia ter esperado que a Gestapo admitisse alguma coisa, Bruno Stahlecker, mais tarde transferido para um pequeno e insignificante posto da Kripo em Spreewald, foi malsucedido em descobrir qualquer registro de Inge como tendo sido executada ou enviada para um campo de concentração. E não importa quantas vezes eu tivesse retornado à casa de Haupthändler em Wannsee, na esperança de descobrir qualquer coisa que me desse uma pista do que acontecera, em nada resultou.

Até que o contrato de aluguel de Inge expirasse, voltei com frequência ao seu apartamento em busca de coisas secretas que ela não julgara conveniente partilhar comigo. Enquanto isso, a lembrança dela ficava mais distante. Não dispondo de uma fotografia, esqueci seu rosto e percebi o quão pouco conhecera sobre ela, além dos rudimentares retalhos de informação. Sempre parecera haver tempo de sobra para descobrir tudo o que havia a ser descoberto. As semanas se transformaram em meses. Eu sabia que minhas chances de encontrar Inge diminuía numa proporção inversa quase aritmética. E, à medida que a pista ficava mais fria, o mesmo se dava com a esperança. Eu sentia, sabia, que nunca mais a veria.

Dagmarr pediu mais café e conversamos sobre o que cada um de nós estava fazendo. Mas nada falei sobre Inge ou sobre o tempo que passei em Dachau. Há coisas que não podem ser discutidas no café da manhã.

— Como vão os negócios? Perguntou ela.

— Comprei um carro novo, um Opel.

— Você deve estar fazendo tudo certo, então.

— E quanto a você? Como vive?

— Voltei a morar com meus pais. Faço serviços de datilografia em casa, disse ela. — Teses de estudantes, esse tipo de coisa. Ela conseguiu sorrir. — Papai se preocupa por eu fazer isso. Gosto de datilografar à noite, e o som da máquina já atraiu rondas da Gestapo três vezes em três semanas. Estão procurando gente que escreve para jornais de oposição. Felizmente, o tipo de coisa que estou batendo é tão reverente ao nacional-socialismo que fica fácil me livrar deles. Mas papai se preocupa com os vizinhos. Ele diz que vão começar a crer que a Gestapo está atrás de nós por alguma coisa.

Algum tempo depois sugeri que fôssemos ver um filme.

— Sim, disse ela, — Mas não pense que eu aguentaria um daqueles filmes patrióticos. Saindo do café, compramos um jornal.

Na primeira página havia uma foto dos dois Hermanns, Six e Goering, apertando as mãos. Goering sorria amplamente, Six estava sério. Parecia que o primeiro-ministro ia afinal garantir o suprimento de matérias-primas para a indústria siderúrgica alemã. Passei para a seção de entretenimentos.

— Que tal A Imperatriz Escarlate, no Tauenzienpalast? — Sugeri. Dagmarr disse que já vira duas vezes.

— E este aqui? Perguntou ela. — A Maior Paixão, com Use Rudel? É o seu novo filme, não é? Você gosta dela, não gosta? A maioria dos homens parece gostar.

Pensei no jovem ator, Walther Kolb, que Use Rudel tinha enviado para matar por ela e que acabou morto por mim. O cartaz do filme estampado no jornal mostrava-a usando hábito de freira. Mesmo descontando meu conhecimento pessoal dela, achei a caracterização

questionável. Mas nada me surpreende agora. Cresci acostumado a viver num mundo desconjuntado, como se golpeado por um enorme terremoto, de modo que as ruas não eram mais planas nem os edifícios retos.

— Sim, falei. — Ela é legal.

Caminhamos para o cinema. As vitrines vermelhas do Der Sturmer estavam de volta nas esquinas e, para variar, o jornal de Streicher parecia mais virulento do que nunca.

Fim